UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS JUDAICOS E ÁRABES

Emil Eskenazy Lewinger

Yehudim, djidios, evraioi, židovi, juden.

A história da família judia Eskenazy da antiga Iugoslávia.

Versão Corrigida

São Paulo

2019

Emil Eskenazy Lewinger

Yehudim, djidios, evraioi, židovi, juden.

A história da família judia Eskenazy da antiga Iugoslávia

Volume I

Versão corrigida da dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras Orientais sob a orientação da Profa. Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

L672y Lewinger, Emil Eskenazy
 Yehudim, djidios, evraioi, židovi, juden. A
 história da família judia Eskenazy da antiga
 Iugoslávia / Emil Eskenazy Lewinger ; orientadora
 Maria Luiza Tucci Carneiro. - São Paulo, 2019.
 215 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de
concentração: Estudos Judaicos e Árabes.

1. Sefaraditas. 2. Holocausto. 3. Testemunho. 4.
Refugiado. 5. Iugoslávia. I. Carneiro, Maria Luiza
Tucci, orient. II. Título.

TERMO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA

DECLARO, pelo presente termo, estar **ciente** da Resolução CoPGr-7569, de 03/10/2018, abaixo descrita:

Resolução CoPGr-7569, de 03/10/2018 - Regulamenta a manutenção de Dissertações e Teses em acervo reservado na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP prevista no 3º do artigo 83 do Regimento de Pós-Graduação (Resolução 7493, de 27/03/2018).

O Pró-Reitor de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, usando de suas atribuições legais e de acordo com a aprovação do Conselho de Pós-Graduação, em Sessão de 26/09/2018, baixa a seguinte

RESOLUÇÃO:

Artigo 1º - A Dissertação ou Tese será incorporada, tanto à Biblioteca da Unidade quanto à Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP, pela Secretaria de Pós-Graduação da Unidade, ressalvada a manutenção em acervo reservado prevista nesta Resolução.

Artigo 2º - O aluno que tiver interesse em resguardar patentes, direitos autorais e outros direitos, próprios ou alheios, relativos ao seu trabalho, poderá solicitar à Comissão de Pós-Graduação (CPG) de sua Unidade, mediante requerimento devidamente justificado e anuência de seu orientador, a manutenção, em acervo reservado, da versão integral de sua Dissertação ou Tese na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP.

1º - O pedido previsto no caput - deverá ser entregue com a anuência do orientador do aluno no momento do depósito da Dissertação e Tese.

2º - Colhido o parecer de um de seus membros, a CPG analisará o pedido, deferindo-o, se julgar conveniente.

Artigo 3º - Em caso de deferimento do pedido pela CPG, o aluno deverá entregar a versão eletrônica completa de sua Dissertação ou Tese, acompanhada de uma versão simplificada que contenha apenas o título e o resumo do trabalho.

Artigo 4º - Deferido o pedido, a versão completa da Dissertação ou Tese permanecerá em acervo reservado pelo prazo de 02 (dois) anos, durante o qual a versão simplificada ficará disponibilizada na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP.

Parágrafo Único - Transcorrido o prazo previsto no caput, e se ainda presentes as circunstâncias previstas no artigo 2º, o aluno poderá solicitar novamente a manutenção da versão completa do trabalho em acervo reservado, por novo período de 02 (dois) anos, findo o qual a sua Dissertação ou Tese passará a ser disponibilizada integralmente na Biblioteca da Unidade e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP.

Artigo 5º - Ultrapassado o prazo previsto no parágrafo único do artigo 4º, em casos excepcionais, devidamente justificados, a fim de resguardar direitos de terceiros ou propriedade intelectual de interesse da Universidade, a CPG poderá deferir a prorrogação da retenção da Dissertação ou Tese em acervo reservado por novos períodos de 02 (dois) anos desde que haja parecer prévio favorável da Agência USP de Inovação quando houver questão afeta à inovação tecnológica.

Parágrafo Único - Para fins de aplicação do previsto no caput, não se consideram casos excepcionais os relacionados a direitos próprios do aluno ou de terceiros oriundos de interesses comerciais relacionados à eventual publicação da Dissertação ou Tese.

Artigo 6º - Os casos omissos nesta Resolução serão resolvidos pelo Conselho de Pós-Graduação.

Artigo 7º - Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, 03 de outubro de 2018.

Nome: MARIA LUIZA Tucci Carneiro Assinatura

03.10.2018

Protocolo

DECLARO, pelo presente **TERMO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA**, assinado por mim nesta data, que estou ciente dos termos da **Resolução 7569, de 03/10/2018**.

Dedico essa dissertação a aqueles que me inspiraram a entender essas histórias de sobrevivências. Dedico aos que foram seus atores e que, infelizmente, não estão mais conosco: Vivetta, minha mãe; Ivo, meu pai, Nissim e Streia, meus avôs.

Dedico a quem me inspira em vida, Tania.

Agradecimentos

A Professora Doutora Maria Luiza Tucci Carneiro, minha orientadora, pela criteriosa e dedicada orientação e correção de minha dissertação. Sua experiência e conhecimento foram fundamentais para o meu trabalho.

As Professoras Doutoras Nanci Rozenchan e Rachel Mizrahi, membras da minha banca de qualificação, pelas relevantes contribuições ao meu trabalho.

A Schelly Levi, judia iugoslava hoje residente em Miami, na Flórida, sobrevivente do Holocausto e membra do grupo de refugiados do qual meus familiares fizeram parte. Sem ela, muito da história de minha família durante a Segunda Guerra Mundial seria por mim desconhecida.

A Anna Pizzuti, dedicada pesquisadora italiana, que sem nenhum apoio institucional e nenhuma relação direta com os judeus e o Holocausto, criou uma fabulosa base de dados dos judeus refugiados que foram internados na Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Foi através desses dados que comecei a entender a história de fuga de minha família.

A Barbara Panic e demais membros do Museu Judaico de Belgrado que me receberam em julho de 2016, fornecendo preciosas informações sobre a comunidade judaica de Belgrado e, especificamente, os registros de nascimento, casamento e morte dos membros de minha família.

A Jasna Ciric, ex-presidente da Comunidade Judaica de Niš e mantenedora do site *elmondosefarad*, que me “presenteou” com uma parte da história de minha família totalmente desconhecida, informações e fotos de ancestrais que viveram e atuaram na comunidade de Niš desde meados do século XIX.

A Biljana S. Weil, minha “nova prima”, que colaborou com a busca de informações sobre os judeus de Belgrado, me apresentou com volumes da coleção *We Survived* e foi minha guia quando da visita a cidade.

Ao Dr. Marcos Toyansk, por ter me convidado a apresentar minha pesquisa, ainda em andamento, no Centro de Formação do SESC.

A Raissa Maria Londeiro, minha amiga, que deu o pontapé inicial, convidando-me no ano de 2015 a apresentar minha pesquisa a minha futura orientadora.

A todos os demais que colaboraram, meu Muito Obrigado,
Пуно вам хвала.

.

...À minha árvore genealógica (perdoe-se-me a presunção de designar assim, sendo tão minguada a substância da sua seiva) não faltavam apenas alguns daqueles ramos que o tempo e os sucessivos encontros da vida vão fazendo romper do tronco central, também lhe faltava quem ajudasse as suas raízes a penetrar nas camadas subterrâneas mais fundas, quem apurasse a consistência e o sabor dos seus frutos, quem ampliasse e robustecesse a sua copa para fazer dela abrigo de aves migrantes e amparo de ninhos.

José Saramago

De como a personagem foi mestre e o autor seu aprendiz.

Discurso pronunciado na Academia Sueca em 7 de dezembro de 1998 quando do recebimento do Prêmio Nobel de Literatura.

RESUMO

LEWINGER, Emil Eskenazy. *Yehudim, djidios, evraioi, židovi, juden. A história da família judia Eskenazy da antiga Iugoslávia*. 2019. 215f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Letras Orientais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Esta dissertação reconstitui a trajetória da família de Nissim, Streia e Vivetta Eskenazy, judeus sefaraditas sérvios, sobreviventes da Segunda Guerra Mundial. A primeira parte da pesquisa (Raízes) traz a história de quatro famílias tipicamente sefaraditas, Eskenazy, Ozmo, Russo e Romano, os antepassados de Nissim e Streia, desde meados do século XIX até antes da Segunda Guerra Mundial. A segunda parte da pesquisa (Ruptura) procura esclarecer o processo histórico que deu origem à invasão nazista na Iugoslávia, a partir de seis de abril de 1941 e quais podem ter sido as ações e decisões dos Eskenazy nesse período. A terceira parte da pesquisa (Travessia ou Travessias?) traz o detalhamento dos percursos dos Eskenazy em busca de um “porto-seguro” durante a guerra. A quarta e última parte da pesquisa (Refúgio) detalha a busca de refúgio dos Eskenazy após a guerra e, finalmente, como chegaram ao Brasil. Além de colaborar com o arquivo de testemunhos do *ArqShoah*, da Universidade de São Paulo, nossa pesquisa é inédita em termos de língua portuguesa, pois o judaísmo e o Holocausto na Iugoslávia foram, até hoje, pouco estudados e debatidos para além das suas fronteiras e, em casos esporádicos, em Israel. Para colaborar com esse debate, além dos quatro capítulos centrais da dissertação, apresentamos em anexo uma história resumida do judaísmo na região.

Palavras Chave: Sefaraditas, Holocausto, Testemunho, Refugiado, Iugoslávia.

ABSTRACT

LEWINGER, Emil Eskenazy. *Yehudim, djidios, evraioi, židovi, juden. The History of the Jewish Family Eskenazy from ancient Yugoslavia*. 215p. 2019. Thesis (Master Degree) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Letras Orientais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

This thesis reconstructs the trajectory of the family of Nissim, Streia and Vivetta Eskenazy, Serbian Sephardic Jews, survivors of Second World War. The first part of the document (Roots) tells the story of four typically Sephardic families, Eskenazy, Ozmo, Russo and Romano, the ancestors of Nissim and Streia, from the mid-19th century until Second World War eve. The second part of the document (Rupture) tries to clarify the historical process that gave rise to the Nazi invasion in Yugoslavia in April 6, 1941 and what may have been the actions and decisions of the Eskenazy in that period. The third part of the document (Crossing or Crossings?) details the Eskenazy routes in search of a safe haven during the war. The fourth and final part of the document (Refuge) details the Eskenazy search for refuge after the war, and finally how they arrived in Brazil. In addition to collaborating with the ArqShoah testimonial archive from Universidade de São Paulo, our research is unprecedented in terms of Portuguese language, since Judaism and the Holocaust in Yugoslavia have until now been little studied and debated beyond its borders and, in sporadic cases, in Israel. To support this debate, in addition to the four central chapters of the thesis, we have attached a brief history of Judaism in the region.

Key Words: Sefardim. Holocaust, Testimony, Refugee, Yugoslavia.

SIGLAS E ABREVIATURAS

ARQSHOAH- Arquivo Virtual sobre Holocausto e Antissemitismo.

CIP- Congregação Israelita Paulista.

FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

ICES - Independent Commission Of Experts Switzerland (Comissão Especial de estudo dos refugiados na Suíça durante a Segunda Guerra Mundial).

JHM – Jewish Historical Museum (Museu Histórico Judaico de Belgrado).

JIM - Jevrejski Istorijski Muzej (Museu Histórico Judaico de Belgrado).

LEER – Laboratório de Estudos de Etnicidade e Racismo.

NDH - Nezavisna Država Hrvatska (Estado Independente da Croácia).

ONG – Organização Não Governamental.

SD –SIPO – Sicherheitspolizei (Polícia de Segurança).

SD-GESTAPO - Geheime Staatspolizei (Polícia Secreta do Estado).

SS – Schutzstaffel (Tropa de Proteção).

USHMM (United States Holocaust Memorial Museum) – Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos.

WIZO - Women's International Zionist Organization (Organização Sionista Internacional Feminina).

WJC – World Jewish Congress (Congresso Judaico Mundial)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
I. RAÍZES.....	40
1.1. A família Ozmo	43
1.2. A família Russo	47
1.3. A família Eskenazy.....	53
1.4. A família Romano	56
1.5. A família de Samuel Ozmo e Vinuca Russo	57
1.6. A família de Haim Eskenazy e Matilda Romano	65
1.7. A família de Nissim Eskenazy e Streia Ozmo.....	71
II. RUPTURA.....	74
2.1. A ocupação alemã de Belgrado	74
2.2. O destino da família Eskenazy	81
III. TRAVESSIA OU TRAVESSIAS?	88
3.1. De Belgrado a Dalmácia.....	88
3.2. Da Dalmácia (Split) a Bardi	95
3.3. De Bardi a Suíça e a Gabiatti.....	102
IV. REFÚGIO(S).....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
ARQUIVOS e BIBLIOTECAS.....	129
FONTES	131
BIBLIOGRAFIA	138
ANEXOS.....	150

INTRODUÇÃO

As histórias dos indivíduos e, especificamente as histórias de famílias, têm um espaço importante a preencher em campos periféricos que a História não consegue alcançar. Para Marx e Engels, “Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”¹. Nesse sentido, a vida daqueles que não são as “autoridades protagonistas” das histórias locais onde vivem, nem sempre é valorizada pela historiografia ou, até mesmo, por eles próprios, que não percebem a dimensão real das suas trajetórias.

Ginzburg, ao tratar da história da pintura na Itália, enfatiza que não identificar essa periferia significa, em última análise, resignar-se a escrever eternamente a história do ponto de vista daqueles que foram os seus protagonistas². Interessante notar que, para Ginzburg, não é arriscado supor que a tendência crescente dessas reconstruções, identificadas como micro-históricas, possa estar ligada a uma crescente dúvida sobre os processos macro-históricos³, como no caso deste estudo que indaga a história da antiga Iugoslávia, território em que um primeiro regime, invasor, exterminou um grupo de indivíduos e onde o regime seguinte não teve entre suas prioridades tornar domínio público as informações sobre o grupo aniquilado. A investigação e reconstrução da história desses grupos se tornam, portanto, duplamente necessárias.⁴

Segundo Le Goff, a história dita “nova”, que se esforça por criar uma narrativa científica a partir da memória coletiva, pode ser considerada como “uma revolução da memória”, que atua em torno de alguns eixos fundamentais, ou seja, “uma problemática

¹ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. O 18 de Brumário de Louis Bonaparte In: *Obras Escolhidas*. Lisboa: Avante. 1982, p.7.

² GINZBURG, Carlo. *A Micro-História e outros Ensaios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 54-55.

³ Idem, p. 172.

⁴ Não foram encontrados registros históricos mostrando tentativas explícitas do governo iugoslavo de tirar do domínio público informações sobre os judeus que viveram naquele país antes da Segunda Guerra Mundial. Por outro lado, a maioria do que se preservou sobre o judaísmo iugoslavo foi devido à atuação das pequenas comunidades judaicas que permaneceram no país após a Segunda Guerra Mundial. Um ponto exemplifica como, no mínimo, houve certo descaso com a história dos judeus. O maior campo de concentração na Sérvia, Sajmiste, continua até hoje como um lugar sem o devido tratamento histórico, um local praticamente abandonado em plena Belgrado. Os registros sobre aqueles que pereceram nesse local ficaram “perdidos” por mais de 65 anos, até que em 2012 foram encontrados em um depósito que estava sendo desmontado. Esses documentos foram tratados pelo Arquivo Histórico da Sérvia e em Janeiro de 2017 se tornaram públicos na Internet, revelando as fichas de identidade de uma parte considerável dos judeus que pereceram em Sajmiste, abrindo um novo campo de pesquisa histórica.

abertamente contemporânea... e uma iniciativa decididamente de retrospectiva”⁵. Mas como criar uma história científica num contexto de catástrofe humana no qual a memória foi propositalmente apagada? Como buscar a identidade individual ou coletiva de um grupo ou família que viveu num dado lugar ou tempo, se a sua memória foi praticamente erradicada? Como escrever sobre uma família que preferiu não (ou não teve tempo de) compartilhar a sua história de vida e sobrevivência?

O historiador José Carlos B. Meihy propõe a recuperação da memória individual através da História Oral, método que permite a inclusão de histórias e versões mantidas por segmentos populacionais antes desprezados ou que tenham interpretações próprias, variadas e não oficiais, de acontecimentos que se manifestam na sociedade contemporânea.⁶

Para Marcio Seligmann-Silva, nas “catástrofes históricas”, como nos genocídios ou em violentas perseguições em massa de determinadas parcelas da população, a memória do trauma é sempre uma busca de compromisso entre o trabalho de memória individual e outro construído pela sociedade⁷. Assim, no caso das histórias de famílias judaicas, devido à escala crescente do genocídio nazista a partir da *Noite dos Cristais* em 9-10 de novembro de 1938, muitas vezes se faz necessária a busca pelas pequenas “migalhas”, pelas histórias dos poucos sobreviventes, por arquivos, livros, listas, documentos, fotos, etc., na tentativa da reconstrução de uma história que alcance esse compromisso ao qual refere Seligmann-Silva. Para o autor, apesar de existir um volume considerável de estudos sobre o Holocausto, grande parte das memórias individuais, das histórias familiares, perdeu-se para sempre, fato que se agrava a cada dia com o falecimento dos últimos sobreviventes⁸. Como exemplo, citamos a trajetória do teatrólogo e sobrevivente do Holocausto Sami Feder - reconstituída em tese de doutorado pela pesquisadora Leslie Marko - onde fica evidente a quase total ausência de fontes históricas que suportem o relato do sobrevivente. Há, segundo Marko, uma espécie de

⁵ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 467.

⁶ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*, 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 9.

⁷ SELIGMANN-SILVA, Marcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, v.20, n. 1: p. 65-82. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2017.

⁸ Optamos por utilizar a nomenclatura “Holocausto” ao nos referirmos ao extermínio dos judeus da Europa durante a Segunda Guerra Mundial.

“erosão” na trajetória de Sami Feder e a reconstituição de sua vida somente foi possível através das informações disponíveis em sua autobiografia.⁹

No caso específico a ser estudado nesta pesquisa, ou seja, o de famílias judaicas na região da antiga Iugoslávia, essa busca é agravada por alguns fatores:

- Pela destruição massiva das comunidades judaicas pelos nazistas e pelos colaboradores locais, como os Ustashi¹⁰. Existem controvérsias sobre o número de judeus mortos, mas o percentual é um dos mais altos no Holocausto: cerca de 90% morreu em campos de concentração e extermínio. Segundo depoimento da curadora do Museu Judaico de Belgrado, Barbara Panic, desses 90%, pelo menos 15 a 20%, provavelmente nunca poderão ser identificados, já que as famílias foram totalmente aniquiladas e sequer recordadas nos primeiros anos após a guerra, por não serem conhecidas de nenhum dos sobreviventes ou mesmo por não terem sido membras ativas nas comunidades e, portanto não estarem registradas em documentos comunitários¹¹. Outros, por sua vez, residiam em localidades onde não existiam comunidades judaicas¹²;

⁹ MARKO, Leslie Evelyn Ruth. *Teatro de Sami Feder: espaço poético de resistência nos tempos do Holocausto (1933-1950)*. Tese (Doutorado em Estudos Judaicos) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. p. 112.

¹⁰ Ustashi é o nome dado em Sérvio aos membros do movimento *Ustaa*. De acordo com Tomic, a organização Ustaa (Insurgentes) foi criada em 1929 em resposta à ditadura real de Alexander Karadjordjevic e, durante os anos entre 1929 a 1941, explorou a profunda exasperação do povo croata com o Estado Iugoslavo. Seu discurso nacionalista, vindo tanto dos militantes do Partido Camponês Croata como da hierarquia católica, logo tomou a forma de um racismo militante, com a adoção das leis de Nuremberg contra judeus e romanis (ciganos), como já ocorria em toda a Europa sujeita ao Terceiro Reich. Com a invasão nazista a Iugoslávia em 6 de abril de 1941, o movimento Ustaa declarou a independência da Croácia quatro dias depois, em 10 de abril. Apesar desta pesquisa abordar apenas as populações judaicas na Iugoslávia, é fundamental destacar que entre 1941 e 1944 foram mortos 1,9 milhões de sérvios, representando 30% da população dessa etnia. Desejando resolver a questão sérvia, as autoridades croatas recorreram à expulsão dos sérvios ortodoxos de territórios croatas, à sua assimilação ao catolicismo pela conversão forçada e, finalmente, à sua exterminação física. Só no campo de extermínio de Jasenovac, entre maio e agosto de 1941 foram mortas 180.000 pessoas, entre judeus, ciganos, sérvios, ortodoxos e outros grupos. TOMIC. Y. Massacres in desmembered Yugoslavia - 1941-1945. *Online Enciclopédia of Mass Violence*. Paris: SciencePo. Disponível em: http://www.massviolence.org/Article?id_article=523. Acesso em 04 mar. 2017.

¹¹ Cf. Testemunho de Barbara Panic - curadora do Museu Judaico de Belgrado.

¹² Durante a pesquisa foram encontrados diversos depoimentos de judeus sobreviventes do Holocausto que viviam em cidades onde existiam comunidades muito pequenas, de menos de 10 membros e, até alguns casos nos quais o sobrevivente afirma que a sua família era a única naquela cidade. Como exemplo, temos o testemunho de Raul Teitelbaum (JHM – Jewish Historical Museum. *We Survived*. Belgrade: Federation of Jewish Communities of Serbia. v. 2. 2006. p. 184-212). Nascido na cidade de Prizren, na região que hoje em dia é o Kosovo, seu pai era o médico Josef Teitelbaum, formado em Viena e que, devido a sua origem Sérvia, durante a Primeira Guerra Mundial foi proibido de exercer sua profissão em território austríaco, tendo migrado para Prizren antes de 1921, primeiramente como médico do exército e, posteriormente convidado a permanecer como o médico da cidade. Eles eram a única família judia na cidade.

- Por um relativo desinteresse no estudo do judaísmo na antiga Iugoslávia. Mesmo com o alto percentual de mortos, a comunidade representava uma parcela muito pequena do judaísmo europeu. Segundo o Instituto Yad Vashem, de um total aproximado de 9.797.000 de judeus europeus no começo de 1939, apenas 79.000 viviam na Iugoslávia, ou seja, em torno de 0,8%.¹³. São raras as publicações sobre judaísmo no país e, até o momento, não encontramos nenhum estudo compreensivo sobre o judaísmo e judeus na antiga Iugoslávia, escrito em língua portuguesa.¹⁴

Apesar destas lacunas, os fatores que dificultam a busca estimularam a pesquisa. A carência de dados e o interesse restrito pela história da comunidade judaica na Iugoslávia revelam a necessidade de estudos extensos e sistemáticos. Reforçando os fatores expostos, o meu interesse como pesquisador do Núcleo de Estudos Arqshoah-Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação do Departamento de História da FFLCH-Universidade de São Paulo, e dadas as raízes históricas da minha família na antiga Iugoslávia, contribuíram para a construção desta dissertação.

A ideia da pesquisa com foco na história da minha família com uma abordagem acadêmica foi sugerida em uma reunião com a equipe do Núcleo de Estudos Arqshoah onde fui apresentar à minha futura orientadora, a pesquisa informal que desenvolvia sobre a história das famílias Eskenazy e Lewinger, minhas famílias materna e paterna, incluindo os seus percursos de sobrevivência durante a Segunda Guerra Mundial. Dessa reunião, surgiu o convite para me candidatar a uma vaga de Mestrado junto ao Programa

¹³ Informação disponível em: <http://www.yadvashem.org/yv/ru/education/faq.asp>. Acesso em: 02 Mar. 2017.

¹⁴ Essa informação foi validada por buscas realizadas no Google Scholar e nas plataformas Scopus e Scielo em 15/09/2015 e em 01/03/2017, com as palavras-chave “judaísmo”, “judeu”, “Iugoslávia”. É importante citar que encontramos alguns artigos acadêmicos brasileiros que abordam casos envolvendo judeus que nasceram na Iugoslávia, mas o fato de eles serem judeus e ao mesmo tempo iugoslavos não foi o objetivo principal dos trabalhos, como nos seguintes artigos: BARKAY, R. De quem é a memória: O relato da trajetória de uma família iugoslava nos campos da Itália durante a Segunda Guerra Mundial. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. v. 7, n. 12, 2013 e em REIS, A. C.; SCHUCHMANN, L. V. A constituição social da memória: lembranças de uma testemunha da Segunda Guerra Mundial. *Psicologia em Revista*, v. 16, n. 2, p. 388-408, 2010. Mesmo nos trabalhos mais completos sobre judeus sefarditas no Brasil, como a obra de Rachel Mizrahi, apenas é mencionado que alguns sobreviventes judeus iugoslavos de origem sefardita migraram para o Brasil e formaram uma congregação junto aos demais judeus sefarditas, primordialmente vindos de países de língua árabe, como Egito, Síria, Líbano e outros. Em relação a judeus iugoslavos ashkenazitas, nenhuma referência foi encontrada. MIZRAHI, Rachel, Imigrantes judeus do Oriente Médio e sua inserção em São Paulo e no Rio de Janeiro, In: LEWIN, Helena (Org.), *Identidade e cidadania, Como se expressa o judaísmo brasileiro*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.

de Pós-graduação em Estudos Judaicos nessa mesma unidade da Universidade de São Paulo. Pesquisas similares vêm sendo desenvolvidas por pesquisadores do Arqshoah dedicados ao registro de testemunhos de sobreviventes do Holocausto e refugiados do nazifascismo. A reconstrução sistemática das trajetórias desses personagens é hoje uma referência histórico-metodológica para a reconstituição da memória coletiva e individual, assim como para os estudos sobre a resistência e violência genocida perpetrada pela Alemanha nazista, como têm enfatizado Maria Luiza Tucci Carneiro, Marcio Seligmann-Silva, Leslie Marko, dentre outros.

A pesquisa por novas informações intensificou-se, a partir do início de 2016, quando foi feito o contato com pesquisadores e visitas a vários arquivos que, de alguma maneira, tinham relação com a história dos judeus iugoslavos. Nesse mesmo ano, dada a diversidade de informações disponíveis, coube a decisão, em comum acordo com minha orientadora, de concentrar a pesquisa apenas na família Eskenazy, judeus sefaraditas, e deixar para um futuro próximo o detalhamento da família Lewinger, judeus ashkenazitas, considerando que estavam sendo abordados dois percursos históricos muito distintos, ainda que movidos pelas mesmas causas - a violência nazista contra os judeus.

Portanto, definimos como objeto principal desta pesquisa o estudo das raízes, ruptura, travessia e refúgio de minha família materna, através das histórias familiares de meus avôs Nissim Eskenazy Romano (a partir desse ponto chamado simplesmente de Nissim) e Streia Ozmo Russo de Eskenazy (doravante chamada simplesmente de Streia) e de minha mãe Vivetta Lewinger (nascida Eskenazy, doravante chamada de Vivetta), sobreviventes do Holocausto, que imigraram para o Brasil em finais dos anos 1960. Com isso, pretendemos colaborar para os estudos históricos dos judeus e do judaísmo da antiga Iugoslávia, majoritariamente na região da Sérvia, nas cidades de Belgrado e Niš.¹⁵

Esta pesquisa envolve quatro famílias tipicamente sefaraditas¹⁶: Eskenazy, Romano, Ozmo e Russo¹⁷. Essa especificidade é importante, pois a Iugoslávia foi um dos únicos países da Europa onde coexistiram duas comunidades judaicas bem distintas, uma

¹⁵ O nome da cidade, Niš (Ниш, em sérvio), deve ser pronunciado como Nish.

¹⁶ Nessa dissertação utilizaremos a forma portuguesa de escrever os nomes das origens judaicas, ou seja, sefaraditas e ashkenazitas.

¹⁷ Utilizaremos as formas escritas para os nomes e sobrenomes de acordo com os documentos de identidade brasileiros dos pesquisados. No entanto, em documentos históricos, existem variações, como por exemplo, o sobrenome Russo ter sido escrito como Ruso ou como Rosso. Em todos os casos onde houver alterações, faremos uma referência para o sobrenome que adotamos como padrão.

maioria de sefaraditas nas regiões da Sérvia, Bósnia e Macedônia e uma maioria de ashkenazitas nas regiões da Croácia e da Eslovênia.

Além desta reconstituição, apresentamos em anexo uma breve história do judaísmo na região, considerando os raros estudos publicados sobre o judaísmo iugoslavo, importante para compreendermos a identidade, as tradições e a cultura das famílias estudadas.

Sobre a memória dos judeus iugoslavos

Segundo o historiador Jacques Le Goff, a memória coletiva tem papel fundamental na luta das forças sociais pelo poder. Ter controle sobre a memória e o esquecimento é (e sempre foi) uma das grandes preocupações das classes, grupos e indivíduos que dominam as sociedades históricas. O autor considera que os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva, razão pela qual devemos estar atentos aos “apagamentos” dos registros ou, até mesmo, dos desvios de documentos essenciais para a construção da história de grupos sociais historicamente oprimidos como os judeus.¹⁸

Nesse mesmo sentido Pierre Vidal Naquet denuncia o revisionismo histórico segundo o qual o genocídio perpetrado pelos nazistas contra judeus e ciganos não existiu e pertence ao domínio do mito, que foi uma fraude fabricada ou, ao menos, que os números e dados trazidos são propositalmente um exagero criado pela comunidade judaica internacional. Segundo o autor, esse revisionismo circula sob diversas formas, como panfletos, brochuras, revistas, livros e artigos acadêmicos escritos por pesquisadores renomados.¹⁹

A busca de informações relativas à história dos judeus e do judaísmo da antiga Iugoslávia revela, como poucas, as dificuldades criadas para que essa memória não seja divulgada. Segundo Ivan Ceresnjes, a memória da presença judaica na Europa Oriental tem sido cada vez mais destruída como parte desse processo que é intencional e, em muitos casos, há negligência com a preservação dos locais de importância histórica,

¹⁸ Idem, p. 426.

¹⁹ VIDAL NAQUET, Pierre. Teses sobre o Revisionismo. In: *Os Assassinos da Memória – O revisionismo da história*. Campinas: Papirus, 1988. p. 117-134.

assim como os memoriais já edificadas. As antigas repúblicas da Iugoslávia são locais “ideais” para se compreender esse processo, que lá ocorre de maneira mais acelerada e complexa do que em outros países. Além da degradação física dos marcos históricos, há também tentativas de alteração da memória coletiva dos cidadãos. Após o desaparecimento do comunismo, a explosão de nacionalismos destruiu a Federação Iugoslava. Em cada um dos sete países independentes, reescreveu-se (e continua se reescrevendo) sua história e, em alguns casos, como na Bósnia-Herzegovina, a situação é ainda mais complexa, já que a região é habitada por três grupos étnico-religiosos diversos - muçulmanos, sérvios e croatas - que estão escrevendo suas histórias paralelas, que podem diferir umas das outras de muitas maneiras.

A memória do Holocausto é também fragmentada de acordo com o contexto nacional. Mesmo sendo o Holocausto um evento sem precedentes, esse entendimento se perde em sociedades como a dos países da antiga Iugoslávia onde pouca pesquisa foi realizada desde a Segunda Guerra Mundial. Um exemplo é o da manipulação do número de vítimas da guerra. No caso do campo de concentração de Jasenovac, os números apresentados podem variar de 50.000 a 1.200.000, incluindo bósnios, sérvios, judeus e outros. Essa variação atende a diversos interesses políticos, econômicos e sociais.²⁰

Esse processo de manipulação e apagamento da história teve início com a ocupação nazista na Iugoslávia que, de maneira muito rápida e “eficiente”, destruiu parte considerável das informações das comunidades judaicas. A invasão alemã às principais cidades iugoslavas em abril de 1941 e a descrença em um pior desfecho dessa invasão por parte das populações judaicas locais, impediram a guarda de arquivos comunitários em quantidade expressiva. Não fosse o povo judaico um povo de memória por excelência, como ressalta Le Goff, nem mesmo informações básicas teriam sido preservadas.²¹

Existem maneiras, através das quais se podem apagar, esquecer ou perder memórias, seja ou não propositalmente. Para além da questão puramente biológica, ou seja, o fato de a cada dia existir menos sobreviventes do Holocausto, alguns exemplos demonstram que não é apenas uma questão de tempo, mas também de como tais informações foram registradas e conservadas.

²⁰ CERESNJES, Ivan, *The destruction of the memory of jewish presence in eastern Europe. A case study: former Yugoslavia*. Disponível em <http://jcpa.org/article/thedestructionofthefemoryofjewishpresenceineasterneuropeacasestudyformeryugoslavia/>. Acesso em: 10 jan. 2017.

²¹ LE GOFF, Jacques, op. cit.p. 438-439.

Em Belgrado, a maioria das informações salvas e que podem ser recuperadas, são parte do acervo do Museu Histórico Judaico, limitando-se às bases de dados de nascimentos, casamentos e mortes. Existem apenas uma centena de caixas-arquivo e um pequeno museu, que tenta sintetizar com o pouco que sobrou, o histórico da vida judaica na cidade e na antiga Iugoslávia como um todo. A imigração da maioria dos sobreviventes para Israel em 1948 dispersou ainda mais a comunidade, cujo número de sobreviventes do Holocausto é relativamente pequeno.

Por outro lado, em Belgrado há uma situação inusitada. Os dois cemitérios judaicos, um maior, da comunidade de judeus sefarditas (atualmente o único em uso) e um menor, na mesma rua, da comunidade de judeus ashkenazitas, permaneceram praticamente intocados pelos ocupantes nazistas, o que colabora com a pesquisa dos membros da comunidade judaica antes da Segunda Guerra Mundial. Além de intactos, parte considerável dos túmulos possui a(s) foto(s) dos (as) falecidos(as), algo raro para o judaísmo ortodoxo tradicional. Em meados do século XIX, quando a fotografia foi descoberta, diversos sábios rabínicos foram consultados sobre a permissão de colocação de fotografias nas lápides e, baseando-se na lei bíblica contra a criação de ídolos, retratação de anjos ou as esferas celestiais e contra esculpir a forma humana, foi decidido pela estrita proibição de imagens humanas em lápides.²²

Em janeiro de 2017 foi disponibilizada uma nova base de dados virtual, relativa ao Campo de Concentração e Extermínio de Sajmiste, em Belgrado²³, resultado da compilação de seis caixas de documentos encontradas entre arquivos-mortos variados pertencentes ao Arquivo Histórico da Sérvia e sem uso desde a Segunda Guerra Mundial. Nas palavras dos pesquisadores que as encontraram, essa descoberta representa um novo patamar no exame do que foi o fenômeno do Holocausto. Por outro lado, essa descoberta

²² De acordo com o grupo rabínico Chabad, as principais decisões estão em Yoreh Deah 141; Responsa of the Chatam Sofer 6:4; Responsa of Maharam Schick, Yoreh Deah 170; Responsa Mateh Levi 68. Disponível em: http://www.chabad.org/library/article_cdo/aid/1222460/jewish/Can-We-Put-a-Photo-on-the-Tombstone.htm. Não é conhecida referência sobre se houve ou não algum tipo de discussão religiosa em Belgrado sobre essa proibição. Quando da visita do pesquisador a Belgrado, em julho de 2016, durante um encontro informal com o presidente da *Chevra Kadisha* (Sociedade que cuida do Cemitério) isso foi questionado. Ele deixou claro que a comunidade considera essas lápides como uma das principais memórias do que foi a comunidade e o sentido histórico suplanta o sentido religioso. É importante ressaltar que a presença de fotografias em túmulos do Cemitério de Belgrado não é um caso isolado e que alguns cemitérios judeus europeus ainda têm lápides com fotografias. Em Israel não são conhecidos casos de cemitérios que permitam essa prática. No Cemitério Israelita de Vila Mariana identificamos alguns casos, mesmo que atualmente isso seja proibido pela *Chevra Kadisha*.

²³ Informações do site *Escalating into Holocaust* disponível em: <http://www.arhiv-beograda.org/holokaust/?lang=en>. Acesso em: 10 de março de 2017.

revela o descaso (seja ele intencional ou não) com que esses arquivos foram tratados após a Segunda Guerra Mundial. Não há como afirmar que o processo de esquecimento foi proposital, visto que teria sido muito mais fácil simplesmente destruir fisicamente essas fichas. Mas, mesmo assim, não devemos descartar tal intenção.

Historiografia sobre o tema

Rara é a historiografia que possa ser considerada abrangente em termos de judeus e judaísmo na região da Iugoslávia. Mais rara ainda é a historiografia sobre o tema produzida em idiomas que não o Sérvio-Croata e o Hebraico. O fato de não existir textos nos principais idiomas da comunidade acadêmica limita de maneira significativa a possibilidade de ampliação do campo de pesquisa sobre o assunto. Por exemplo, no caso do judaísmo húngaro - que após o polonês era o maior na Europa na época do Holocausto - há uma dezena de publicações originariamente escritas em inglês, que permite o acesso e o conhecimento dos interessados sobre tal comunidade. Podemos citar a obra *The Jews of Hungary: History, Culture, Psychology*, escrita por Raphael Patai em 1996, que além de ser uma das mais completas obras sobre o judaísmo húngaro, talvez seja uma das obras mais completas já escritas sobre uma comunidade judaica específica.²⁴

Em relação à Iugoslávia, consideramos importante citar o projeto editorial *Toledot Yehudei Yugoslavia*, coordenado por Yakir Eventov, com o patrocínio da *Sochnut* (A Agência Judaica) que inicialmente pretendia conter dois volumes. O primeiro volume *A history of Yugoslav Jews. Vol. I. From ancient times to the end of the 19th century*, foi publicado em 1971, em hebraico, com resumos em inglês e sérvio²⁵. Além desse primeiro volume, dedicado à historiografia dos judeus na Iugoslávia até finais do século XIX,

²⁴ PATAI, Raphael. *The Jews of Hungary: History, Culture, Psychology*. Wayne, MI: Wayne State University Press, 1996.

²⁵ Não há uma “explicação oficial” para a não publicação do segundo volume. Shulamit Berezinski (anteriormente Sofi Bencion), um dos membros da família Eskenazy - que imigrou para Israel antes da Segunda Guerra Mundial e que terá sua história detalhada nessa dissertação - participou como revisora do primeiro volume. Segundo relato da mesma (do início dos anos 1980), como o projeto tinha tido como base financeira fundos comunitários, dificilmente teria sequência. Em 1991, após o falecimento de Eventov, Zvi Loker, pesquisador ligado ao projeto original, publicou com fundos privados um segundo volume, *A History of Yugoslav Jews - II: Jews in Croatia and Bosnia Herzegovina in Modern Times / Essays and Articles* (apenas em Hebraico) que, pelo próprio título, já mostra que houve uma redução do escopo do projeto inicial de Eventov, com a exclusão da região da Sérvia, onde viviam em torno de 30% dos judeus iugoslavos no início do século XX e que correspondiam a mais de 50% dos judeus sefarditas do país. Apesar do ineditismo e completude desse projeto, nenhum dos dois volumes teve reedições ou revisões críticas, não fazendo parte de nenhum acervo acadêmico brasileiro e, raramente é encontrado em sites internacionais de venda de livros usados. EVENTOV, Yakir. *Toledot Yehudei Yugoslavia. A history of Yugoslav Jews, v. I - From ancient times to the end of the 19th century*. Tel-Aviv: Davar, 1971.

estava previsto um segundo volume que abarcaria o período do início do século XX até os anos 1970, incluindo a historiografia direcionada à participação dos judeus na Primeira Guerra Mundial, da emergência do sionismo, da invasão alemã e consequente processo de extermínio das comunidades judaicas durante a Segunda Guerra Mundial, do destino dos sobreviventes e da reconstrução das comunidades judaicas na Iugoslávia no pós-guerra, volume nunca foi publicado.

Na introdução do volume I, Eventov enfatiza que havia chegado o momento no qual a história dos judeus nos Balcãs Orientais precisava ser reconstituída sob o viés da historiografia israelense já que essa parte da história do povo judeu ainda não havia praticamente sido explorada ou contada²⁶. Para o autor, o seu livro era a primeira tentativa de “preencher esse vazio” (*filling the gap*) e havia sido escrito com a esperança de que o assunto chamasse o interesse dos historiadores, acadêmicos e público leigo em geral.

Em 1979, Harriet Pass Freidenreich publicou *Jews of Yugoslavia: A Quest for Community*, cujo prefácio reafirma que historiadores judeus sabem muito pouco sobre a Iugoslávia e que os historiadores iugoslavos prestaram pouca atenção aos judeus de seu país. Nesse sentido, a autora considera seu estudo como um empreendimento em território até então inexplorado, projetado para ajudar a preencher uma lacuna na historiografia judaica e iugoslava além de servir a um propósito mais amplo, ou seja, enriquecer ainda mais o campo da investigação comunitária judaica²⁷. Não é conhecido nenhum outro título abrangente sobre a história dos judeus na Iugoslávia após a publicação da obra de Freidenreich.

Especificamente sobre os judeus e o judaísmo de Belgrado, há atualmente apenas uma obra abrangente sobre o tema, *Until 'The Final Solution', The Jews in Belgrade, 1521- 1942*, de Jennie Lebel, publicado em 2007²⁸. Trata-se de uma tradução do original em Sérvio, um trabalho extremamente completo, resultado de mais de duas décadas de pesquisa da autora, uma referência para esta dissertação. Além de ser um relato detalhado

²⁶ Idem, p. 432.

²⁷ FREIDENREICH, Harriet Pass. *Jews from Yugoslavia: A Quest for Community*. Philadelphia. The Jewish Publication Society, 1979, p. xi

²⁸ LEBEL, Jennie. *Until 'the final solution'. The Jews in Belgrade, 1521-1942*. New Jersey: Avoitainu, 2007. Em 1926, Ignjat Slang, rabino chefe ashkenazita de Belgrado, publicou *Jevreji u Beogradu* (Judeus em Belgrado) uma obra bastante abrangente sobre o tema para aquela época. Dada a questão do idioma e da distância histórica entre o livro e os dias de hoje, principalmente se levarmos em conta que a comunidade foi destruída pelo Holocausto, não consideramos o livro para nossa pesquisa.

da vida judaica em Belgrado, presta-se como compêndio de eventos, locais, pessoas (mais de 1.000 nomes citados), documentos (mais de 500 referências), etc.

Existem também outras obras que tratam de momentos específicos da história do judaísmo iugoslavo, entre as quais podemos citar:

- A coleção *Zbornik*, projeto editorial que começou em princípios dos anos 1970 e hoje está em sua décima edição. Em cada livro, são tratadas questões históricas específicas de determinadas comunidades judaicas da Iugoslávia. Por exemplo, informações sobre a família Ozmo, um dos objetos da nossa pesquisa, foram encontradas no volume 4, de 1979, no qual a história dos judeus de Smederevo é detalhada a partir do século XVI²⁹. Outro exemplo se encontra no volume 6, de 1992, dedicado à história dos judeus de Belgrado e onde também foram encontradas referências históricas sobre as mesmas famílias³⁰. A coleção é escrita em Sérvio, o que torna o seu uso restrito a pesquisadores que compreendem o idioma;
- A coleção *We Survived*, projeto editorial que começou nos anos 1990 e que hoje está no seu quinto volume, sendo que apenas os volumes 2 e 3 estão traduzidos para o inglês e os demais aguardam fundos para tradução do sérvio para o inglês. Trata-se de uma série de entrevistas com mais de uma centena de sobreviventes do Holocausto e, portanto, serve de suporte para a descrição histórica da Iugoslávia no período da Segunda Guerra Mundial³¹;
- Sobre o Holocausto, além de Lebel, é conhecida apenas uma obra traduzida para o inglês que trata do evento em Belgrado, *Historiography Of The Holocaust In Yugoslavia (Istoriografija holokausta u Jugoslaviji)*, resultado das pesquisas de mestrado e doutorado do Bispo Jovan Culibrk na Universidade de Jerusalém. Segundo Koljanin, em crítica do livro publicada em 2011, no site histórico do campo de concentração de Jasenovac:

²⁹ JIM – Jevrejski Istorijiski Musej. *Zbornik. Studije, Arhivska I Memoarska Grada o Jevrejima Jugoslavie*. Beograd: Federation of Jewish Communities in Yugoslavia. v.4, 1979.

³⁰ Idem, v. 6, 1992.

³¹ JHM., op. cit.

Este trabalho de Jovan Ćulibrk traz para a historiografia um estudo minucioso e conscientemente escrito, que terá de ser consultado por qualquer pessoa que queira conhecer não só o tema da historiografia do Holocausto na Iugoslávia, mas também o próprio Holocausto, porque este livro é também uma valiosa contribuição para a historiografia do Holocausto em geral. Tais trabalhos são raros mesmo dentro de muito mais desenvolvidas historiografias. O valor especial deste estudo é que ele foi escrito de acordo com as exigências metodológicas contemporâneas e as tendências da historiografia do Holocausto.³²

Vale ainda destacar *Voices of Yugoslav Jewry*, publicado por Paul Benjamin Gordiejew em 1999, cujo tema principal é a história do judaísmo na Iugoslávia após a Segunda Guerra Mundial, período que não faz parte do nosso escopo³³. É possível que existam outras obras sobre o tema, no entanto constatamos que nada foi publicado nos seguintes idiomas: português, espanhol, inglês, francês, hebraico e sérvio³⁴.

Metodologia da pesquisa

A metodologia adotada nesta pesquisa foi primordialmente qualitativa. Nosso objetivo foi reconstituir um processo histórico específico, ou seja, a trajetória dos membros família Eskenazy que, durante o Holocausto, teve suas vidas interrompidas ou alteradas pela violência totalitária. Trata-se, em geral, de um processo investigativo em que, gradualmente, procuramos entender um fenômeno social contrastando, comparando, replicando, catalogando e classificando o objeto de estudo. A pesquisa qualitativa sugere uma imersão no universo daquilo ou daqueles que são os objetos de pesquisa e, através de interação contínua, a busca das perspectivas e significados endossados/assumidos por estes personagens frente ao contexto histórico analisado³⁵. Nessa direção, procuramos interpretar os documentos que, por seu ineditismo, nos instigaram a formular hipóteses

³² KOLJANIN, Milan. Crítica do livro *Historiography of the Holocaust in Yugoslavia* de Jovan Ćulibrk. Disponível em <http://www.jasenovac-info.com/biblioteka/RecenzijaKoljaninEng.pdf>. Acesso em 30 de janeiro de 2017.

³³ GORDIEJEW, P.B. *Voices of Yugoslav Jewry (Sunny Series in Anthropology and Judaic Studies)*. Albany, NY: State University of New York Press, 1999.

³⁴ Durante visita de pesquisa a Belgrado, em Julho de 2016, pude participar de um Congresso sobre judaísmo balcânico com as participações de Harriet Pass Freidenreich e Jovan Ćulibrk. Conversei com Harriet, que ainda atua como professora emérita na Temple University e, atualmente, pesquisa o papel das mulheres nas comunidades sefarditas. Tratando do assunto de historiografia e bibliografias sobre o assunto, a autora validou informalmente a lista de referências e, ao mesmo tempo, encorajou-me a “continuar” a pesquisa, aumentando o interesse pelo tema nas comunidades acadêmicas.

³⁵ CRESWELL, J. W. *Research Design: Qualitative, quantitative and mixed method approach*, 2ed. New York: Sage Publications. 2002.

preciosas para a construção de novos saberes sobre a trajetória de várias famílias da antiga Iugoslávia assim como sobre as ações genocidas dos nazistas e colaboracionistas.

Para Antônio Carlos Gil, em sua obra *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, quando o tema escolhido é bastante genérico, tornam-se necessários seu esclarecimento e delimitação, o que exige revisão da literatura, discussão com especialistas e outros procedimentos. O produto final desse processo favorece a identificação do objeto passível de investigação mediante procedimentos sistematizados³⁶. O que não se pode desprender desta pesquisa é que tenha um caráter conclusivo, seja descritivo ou causal, já que segundo Mattar, o que se pretende é tomar conhecimento, adquirir familiaridade e procurar compreender melhor fenômenos com a dimensão histórica do Holocausto. Ou seja: esta pesquisa continua aberta, sugerindo novas e amplas abordagens.³⁷

Inicialmente, avaliamos que a escolha ideal e mais abrangente para o registro dos testemunhos seria através do uso da técnica da História Oral, que, segundo Meihy, tendem a facilitar a compreensão das identidades e dos processos de suas construções narrativas³⁸. Ainda segundo o autor, todos são personagens históricos, o cotidiano e os grandes atos se equiparam à medida que se intrelaçam para garantir a lógica da vida coletiva. Numa pesquisa onde se procura entender a inserção de indivíduos em suas comunidades, preservando as suas identidades, tal abordagem é adequada. No entanto, todos aqueles que poderiam participar dessa reconstrução através de depoimentos sobre as famílias pesquisadas já faleceram, com exceção de Schelly Levi que, na época era uma criança de 6 anos.

O “início” desta pesquisa se deu informalmente nos anos 70 e 80, quando alguns dos episódios foram relatados por membros das famílias por mim pesquisadas, sobreviventes do Holocausto. Para Meihy, “a memória pode atuar na direção de evitar que a história seja esquecida”, um dos objetivos que nos mobilizou à medida que procurámos saber mais³⁹. O fato de termos um intervalo de quase quarenta anos entre os relatos e a nossa pesquisa nos remete ao alerta de Creswell, que afirma que é preciso sempre ter em mente que, em toda pesquisa qualitativa, o pesquisador filtra os dados através de uma lente pessoal e subjetiva e essa subjetividade deve ser monitorada a cada

³⁶ GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6ed. São Paulo: Ática, 2008, p. 27.

³⁷ MATTAR, Fauze. *Pesquisa de Marketing*. São Paulo: Atlas, 1996.

³⁸ MEIHY, José Carlos Sebe Bom, op.cit, p. 31-34.

³⁹ Idem, p. 67-68.

instante⁴⁰. Para tanto, é necessário que toda e qualquer história relatada informalmente tenha como ser validada através de documentos e, preferencialmente de fontes primárias.

Segundo Robert Yin, a pesquisa histórica e a análise de documentos de arquivos são, dentre os procedimentos de coleta de dados, as formas mais adequadas para tratar problemas que pretendam responder questões do tipo “quem”, “onde”, “quanto”, “como” e “por que?” , diretrizes que, de uma maneira ou de outra, moveram nossa pesquisa⁴¹. Essas devem ser as estratégias de pesquisa assumidas quando não temos a possibilidade de controlar qualquer evento pesquisado e quando não é possível contar com os recursos da observação ou da entrevista que irá gerar um testemunho formal. A tabela na próxima página, compilada e adaptada de Creswell, mostra os procedimentos de coleta de dados, nas formas utilizadas nesta pesquisa⁴²:

⁴⁰ CRESWELL, J. W. op. cit. p. 200.

⁴¹ YIN, R. K. *Estudo de Caso, Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Arimed, 2003.

⁴² CRESWELL, J. W., op. cit., p. 201.

TABELA 1: Proposta de coleta de dados qualitativos

<i>Tipo de Procedimento de Coleta de Dados</i>	<i>Opções dentro do tipo</i>	<i>Vantagens do Tipo de Procedimento</i>	<i>Limitações do Tipo de Procedimento</i>
<i>Documentos</i>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Documentos públicos como registros, minutas e jornais.</i> • <i>Documentos privados como diários ou cartas.</i> • E-mails 	<ul style="list-style-type: none"> • Permitem ao pesquisador entender a linguagem e as palavras dos envolvidos. • Podem ser acessados e analisados dependendo da conveniência do pesquisador. • Representam dados que são inteligíveis • Como evidência escrita, economiza tempo e custo de transcrição ao pesquisador. 	<ul style="list-style-type: none"> • A informação pode estar protegida, indisponível para o acesso público ou privado. • Requer do pesquisador a busca dessa informação em lugares que podem ser de difícil acesso. • Pode requerer a transcrição ótica por fotografia ou escaneamento. • Os materiais podem estar incompletos. • Os materiais podem não ser autênticos ou de acurácia duvidosa.
<i>Materiais Audiovisuais</i>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Fotografias</i> • <i>Vídeos</i> • <i>Objetos de arte</i> • <i>Softwares</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Pode ser um método não intrusivo de coleta de dados. • Permite “ao participante” compartilhar sua realidade. • Captura a atenção visualmente, algo que pode ser mais eficiente que registros escritos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pode ser de difícil interpretação. • A informação pode estar protegida, indisponível para o acesso público ou privado. • A presença de um observador (como um fotógrafo) pode ser perturbadora

Fonte: adaptada de CRESWELL, J. W. *Research Design: Qualitative, quantitative and mixed method approach*. 2ed, New York: Sage, 2002, p. 186.

Em relação à documentação reunida para a escrita desta dissertação, procuramos levar em consideração o público leitor que procura detalhes sobre a história do judaísmo iugoslavo, além de estimular outros pesquisadores a trazer a história de famílias para o mundo virtual assim como para os arquivos físicos. Pretende-se disponibilizar futuramente toda a documentação selecionada para este estudo na Base de Dados do Arqshoah e outros ambientes que favoreçam o acesso público.⁴³

Sobre os estudos histórico-familiares

Nossa pesquisa teve como proposta a realização de um estudo histórico-familiar indo além da construção de uma “simples” genealogia. Segundo Darby e Clough, genealogia é a busca sistemática de indivíduos (sejam eles ancestrais ou não) e suas informações-chave, como datas e locais de nascimento, casamento e morte⁴⁴. Para os autores, a pesquisa histórico-familiar vai além, suplementando esses dados com informações sobre residência, educação, *status* social e político, iconografia, textos, documentos, vídeos, etc., numa procura pela inserção dessas pessoas nas famílias, comunidades e locais em que viveram.

Assim, procuramos demonstrar o processo de reconstrução histórico-familiar adotado como metodologia, mostrando como os Eskenazy, poderiam servir de referência para a reconstituição da vida comunitária dos judeus iugoslavos; especificamente dos membros das comunidades sefaraditas que viviam em Belgrado e Niš antes da Segunda Guerra Mundial. Segundo nossa hipótese, o entendimento detalhado das trajetórias de vida de certos indivíduos ou grupo de indivíduos pode contribuir para o entendimento dos círculos maiores, de suas comunidades e das relações dessas comunidades com os demais indivíduos e comunidades que existiam nos locais onde viveram os pesquisados. No caso de comunidades praticamente destruídas pelas ações nazistas durante o Holocausto, essa talvez seja uma das poucas alternativas disponíveis.

⁴³ Um detalhamento maior sobre essas opções e como elas podem ser endereçadas é feito no próximo item “Cadastramento da documentação e base de dados”.

⁴⁴ DARBY, P.; CLOUGH, P. Investigating the information-seeking behaviour of genealogists and family historians. *Journal of Information Science*, v.39, n. 1: p. 73–84. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0165551512469765>. Acesso em: 23 set. 2016.

Cadastramento da documentação e base de dados

Reconstruções histórico-familiares geram um volume de dados praticamente incontrolável se não classificadas através de uma ferramenta de gestão de informações. Existem hoje em dia centenas de ferramentas que auxiliam de forma mais simples ou mais sofisticada, no cadastramento, busca e apresentação de dados relacionais, como exigem as informações familiares. Quando iniciamos nossa pesquisa, essas informações eram totalmente individualizadas, ou seja, na maioria dos casos não se conhecia as reais conexões entre os indivíduos, fossem elas intrafamiliares, por casamento com outras famílias ou mesmo dentro das comunidades onde eles habitavam como um todo. Nesse sentido, a ferramenta onde cadastrariamos as informações deveria permitir a visualização dessas relações, conforme o seguinte modelo gráfico:

Modelo gráfico de estrutura familiar

Outras características desejáveis devem ser

- Uma ferramenta que permita a catalogação de todo e qualquer dado, seja uma imagem ou outra tipologia de documento que reúnam informações sobre cada indivíduo selecionado para a nossa pesquisa;
- Fácil acesso, preferencialmente disponível via internet, para que pudesse ser utilizada em praticamente qualquer local, seja para cadastramento de novas informações seja para busca das informações já disponíveis;
- Esse fácil acesso não poderia ser parte de um ambiente exclusivo do pesquisador, ou seja, ao fim (e mesmo durante a pesquisa) os dados deveriam fazer parte de

um repositório com acesso possível a qualquer indivíduo que buscasse informações que essa pesquisa trouxesse;

- Flexível na qualidade e quantidade da informação mínima, uma vez que a disponibilidade de informações para cada personagem estudado poderia variar desde um simples nome de uma pessoa que se sabia ser filho de alguém (em muitos casos nem esse nome pode estar disponível, existindo apenas a informação que um dado indivíduo tinha x filhos ou y irmãos) até informações completas como datas e locais de nascimento, casamento e morte, profissão, fotografias, documentos pessoais, links para as fontes de dados ou para informações adicionais que eventualmente não pudessem (ou não tivéssemos interesse) que fossem cadastradas no repositório;
- Flexível para alterações e adições de informações, ou seja, durante a pesquisa pudéssemos começar apenas com um nome e, através da busca em arquivos, entrevistas, etc., somar informações mais precisas ou detalhadas, acrescentadas ou alteradas no repositório de maneira o mais simples possível;
- Fazer parte de um repositório maior, ou seja, permitir que dados já disponíveis nesse repositório, cadastrados anteriormente por outros usuários, caso possuíssem alguma comunalidade com as informações levantadas nessa pesquisa, pudessem ser incorporadas rapidamente à pesquisa. Por exemplo, supondo que descendentes de uma família judia que morou em Belgrado antes da Segunda Guerra Mundial e que migrou para Israel, tenha desenvolvido um projeto sobre suas raízes familiares (conhecido em Israel como projeto *Shorashim*) e utilizado a mesma ferramenta virtual para cadastrar os dados relativos a seus antepassados, necessitamos que tais informações de uma maneira ou de outra, estejam disponíveis para pesquisas. Como esses antepassados possuíam vínculos com as comunidades estudadas, é fundamental que a ferramenta identifique a disponibilidade dessa informação e permita incluí-la em um único repositório de dados, trazendo novos dados para as pesquisas em andamento conforme as figuras abaixo:

Repositório Antes da união de dados

Após a união de dados

A nossa opção foi pela ferramenta GENI, adequada aos pré-requisitos definidos acima, ou seja:

- Permite uma catalogação de indivíduos e de suas relações de uma forma rápida e em diversos níveis de qualidade e quantidade de dados;
- Permite a alteração e inclusão de novos dados descobertos no decorrer da pesquisa;
- É uma ferramenta disponibilizada na Internet, que permite o acesso fácil de qualquer local e por outros usuários. Importante frisar que se trata de uma ferramenta

“madura”, que existe há mais de dez anos e hoje possui uma base de dados de mais de cem milhões de indivíduos cadastrados, além de mais de dez mil pesquisadores usuários.⁴⁵;

- Possui também uma ferramenta de coincidência que, durante o cadastramento de dados, averigua se há repetição de dados (nomes, datas, troncos familiares, etc.) além de possibilitar, então, a união desses dados.

Arquivos Digitais e Fontes

As principais fontes selecionadas para este estudo foram classificadas por tipologia, levando em consideração que o tema é pouco estudado pela historiografia especializada no assunto e que, para cada período histórico ou local, não há mais do que uma ou duas fontes a serem consultadas. Ao final da dissertação, detalhamos a relação das fontes selecionadas por tipologia com o propósito de gerar um suporte que possibilite a ampliação deste universo heurístico.

Apesar de cada uma das fontes ter a sua individualidade, o processo de averiguação e coleta dos dados se deu de forma iterativa, ou seja, possibilitando novas pesquisas ou completando informações que pareciam já esgotadas em termos de conteúdo. O inventário das fontes para a escrita desta dissertação foi realizado a partir das seguintes bases de dados:

- **Central Database Of Shoá do Instituto do Holocausto Yad Vashem**, de Jerusalém, que possui o acervo das fichas de judeus mortos durante a Segunda Guerra Mundial. Criado em 1955, essa Base de Dados possui em torno de quatro milhões de fichas baseadas em relatos preenchidos por sobreviventes e/ou seus familiares, complementados com informações geradas a partir de arquivos das comunidades judaicas. No caso de nossa pesquisa, serviu para a coleta de documentos relativos a membros das famílias pesquisadas que pereceram no Holocausto, além de permitir a criação de novas fichas relativas a indivíduos até então desconhecidos, vítimas do Holocausto e que não estavam, cadastrados no Yad Vashem;

⁴⁵ Informações disponíveis em <https://www.geni.com/corp/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017.

- **Chevra Kadisha - Sociedade Cemitério Israelita de Belgrado**, na Sérvia. Possui em sua Base de Dados a identificação de todos os túmulos do cemitério com sua localização física, permitindo também o acesso a um banco de imagens desses sepulturas. Foi uma importante ferramenta de busca de fontes documentais daqueles membros das famílias aqui pesquisadas e que faleceram antes da Segunda Guerra Mundial. O costume da comunidade permitia a construção de lápides coletivas, registro que favorece a compreensão de parentescos entre os falecidos. Além disso, grande parte dos túmulos possui fotografias dos falecidos possibilitando a reconstrução de imagens identitárias dos indivíduos que, até então, eram conhecidos apenas através de seus nomes e documentos correlatos;

- **Ebrei stranieri internati in Italia durante il periodo bellico**, idealizada pela pesquisadora italiana Anna Pizzuti. Trata-se de uma Base de Dados sobre os judeus internados na Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Esse suporte foi construído através da compilação de uma série de documentos originais do governo fascista italiano durante a guerra. Para cada registro, há informações de nascimento e seus familiares, incluindo, principalmente, a rota percorrida pelos internados desde seu ponto de partida, em seu país de origem, até a sua saída da Itália, seja ela durante ou ao término da guerra. A Itália foi uma das principais rotas de fuga dos judeus iugoslavos, incluindo diversos membros das famílias aqui pesquisadas. Essa base de dados possibilitou a descoberta do fato de que alguns membros dessas famílias fizeram parte do único grupo de origem judaica aceito como refugiado durante Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial e que, com o fim da mesma, em 1946, receberam visto de entrada e cidadania americana⁴⁶. Além da base de dados propriamente dita, o pesquisador tem a possibilidade de colaborar com as pesquisas realizadas por Anna Pizzuti, principalmente na busca dos percursos dos refugiados judeus na Itália durante a Segunda Guerra Mundial;

- **Campo de Concentração e Extermínio de Sajmiste** do Arquivo Histórico de Belgrado: Possui o registro de um grande número de judeus que passaram pelo campo e ali pereceram, principalmente mulheres e crianças. Essa base de dados

⁴⁶ GRUBER, Ruth. *Haven: The Dramatic Story of 1,000 World War II Refugees and How They Came to America*, New York: Open Road Media, 2010.

contém parte dos documentos pessoais das vítimas digitalizados, principalmente registros públicos de vida, onde são especificados datas e locais de nascimento, filiação, familiares, movimentações, etc. Essa base e seus respectivos documentos vieram a público apenas em Janeiro de 2017 e contém preciosas informações sobre indivíduos e, no caso de mulheres, auxilia no entendimento de suas relações paternas, possibilitando outras formas de compreensão de suas identidades. Muitos desses registros eram, até então, de acesso restrito, visto que a maioria das mulheres adotava o sobrenome do marido, quando do casamento, apagando os rastros com suas famílias de origem⁴⁷;

- **Genteam.at:** contém, entre outras informações, os registros das comunidades judaicas em Viena e outras cidades da Áustria. Especificamente para nossa pesquisa, interessam os registros da comunidade sefaradita radicada naquela cidade desde meados do século XVIII até o período anterior a Segunda Guerra Mundial. Dentre os documentos digitalizados encontramos registros de casamento e nascimento⁴⁸. A partir dessa base, encontramos algumas informações sobre alguns membros das famílias Ozmo e Eskenazy que passaram pela cidade;
- **Museu Histórico Judaico de Belgrado:** possui bases de dados de nascimentos e casamentos na comunidade judaica da cidade, desde meados do século XIX. Através desse banco, foi possível encontrar registros de pessoas, até então, praticamente desconhecidas ou cuja existência nos remetia apenas aos cônjuges, filhos, pais, etc., ou muitas vezes, sequer tinham um nome. Em julho de 2016

⁴⁷ Um exemplo interessante é o caso de uma mulher conhecida como Tereza Levi, que constava em bancos de dados do Yad Vashem como falecida, sem maiores informações. Tendo encontrado sua ficha na base de dados de Sajmiste, é possível verificar a cidade de nascimento e o sobrenome de solteira, no caso Tereza Rosenberg, nascida em Vienna (Beč em Servo-croata). Com essa informação, tornou-se possível pesquisar suas origens, através da base de dados de judaísmo austríaco Genteam.at.

⁴⁸ De acordo com N. M. Gelber essa comunidade, também chamada de Comunidade Turca de Viena (Turkische Israelitengemeinde), foi criada alguns anos após a assinatura do Tratado de Paz de Passarowitz, entre o imperador austríaco Carlos VI e o sultão otomano Ahmed Khan em 1718 e que em seu artigo 1º permitia livre passagem e, posteriormente, moradia para súditos de ambos as “nações”. Esse tratado foi ratificado no Tratado de Paz de Belgrado em 1739. Entre os que mais se beneficiaram desses acordos podemos encontrar um grupo de comerciantes judeus de origem sérvia, que se estabeleceram em Viena ou se valiam das relações comerciais nessa Comunidade para casar seus filhos e filhas. GELBER, N. M. The Sephardic Community in Vienna. *Jewish Social Studies*. v. 10, n. 4, p. 359-396.

estive no Museu Histórico Judaico, em Belgrado, onde foi possível levantar grande parte da documentação disponível sobre a família Eskenazy;

- **Familysearch.org:** base de dados genealógica da Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias (os Mormons, que apesar de conter registros digitalizados de comunidades judaicas de diversos países europeus, ainda não dispõe de dados sobre a Sérvia (apesar de conter os registros da Croácia). Para a nossa pesquisa, a base *Familysearch.org* possibilitou o acesso aos registros migratórios de membros das famílias pesquisadas, principalmente para os Estados Unidos e o Brasil;
- **SephardicGen:** reúne várias bases de dados sobre judeus e judaísmo de origem sefaradita, favorecendo a identificação das informações relativas ao censo judaico de Belgrado de 1856;
- **Gemeente Amsterdam Stadarachief:** reúne documentos dos arquivos históricos da cidade de Amsterdã, que contêm os registros históricos da comunidade judaica portuguesa, além dos registros de imigrantes de outras comunidades, como a de Belgrado.

Sobre a tipologia das fontes

Dentre as fontes orais que possibilitaram a reconstituição das histórias da família Eskenazy, citamos:

- Entrevistas realizadas via Skype e Whataspp com **Schelly Levi**, a única sobrevivente, ainda viva, do grupo de refugiados do qual a família Eskenazy fez parte durante a Segunda Guerra Mundial. Além do seu relato propriamente dito, ela disponibilizou fotografias e descreveu o roteiro de fuga, ajudando sobremaneira a entender parte considerável da travessia, que será detalhada no capítulo III. Foi um processo de duas vias, visto que Schelly era uma criança na época, com apenas seis anos, e muitas de suas lembranças estavam fragmentadas. Em 2017, quando iniciamos tais entrevistas com Schelly com o objetivo de

garantir o registro do seu testemunho, ela estava com 81 anos, residindo em Miami, nos Estados Unidos. Com o auxílio de documentos, livros e outras fontes encaminhados por mim à Schelly, suas memórias foram reavivadas e se “(re)organizaram”, ajudando-nos a reconstruir conjuntamente o percurso desses refugiados entre os anos de 1941 e 1944;

- Entrevista via Messenger com **Jasna Ciric**, ex-presidente da comunidade judaica de Niš. Há vinte anos, ela desenvolve um trabalho de sistematização dos arquivos históricos judaicos dessa cidade e de outras da antiga Iugoslávia, compilados no site “**elmondo sefarad**”. As informações coletadas nesse site, como listas de membros da comunidade, listas de famílias e outros documentos nos ajudaram a compreender as origens de partes das famílias radicadas na cidade de Niš e que são objeto da nossa pesquisa;
- Informações reunidas e sistematizadas por Emil Eskenazy Lewinger a partir das lembranças de **Streia Eskenazy**, realizadas em São Paulo entre 1990-1999.

Com relação às demais fontes é importante informar que estão disponíveis nos seguintes idiomas: Sérvio (uma parte considerável em alfabeto cirílico), Inglês, Hebraico, Alemão (principalmente em gótico e alemão cartorial, usado em registros civis), Italiano e Búlgaro. O acesso e a leitura foram favorecidos pelo fato deste autor dominar o Inglês e ter conhecimentos intermediários de Hebraico, Italiano e Sérvio. Nesse último idioma, quando a fonte está em caracteres cirílicos, por exemplo, no caso de lápides do Cemitério Judaico de Belgrado, o processo foi realizado letra a letra, inicialmente um processo muito lento, mas que se tornou mais eficiente com o decorrer da pesquisa permitindo um aumento exponencial na leitura de documentos e compreensão histórica das comunidades pesquisadas⁴⁹. No caso do idioma Alemão (na escrita cartorial), encontrado em livros de registro de nascimento, casamento e morte digitalizados pelo site familysearch.com para comunidades das regiões da antiga Iugoslávia que, antes da Primeira Guerra Mundial faziam parte do Império Austro-húngaro, contei com o suporte de pesquisadores amadores da comunidade *Jewish Genealogy Portal*, atualmente a maior comunidade virtual sobre esse assunto, com quase 20.000 inscritos, hospedada no Facebook. No caso do Búlgaro, encontrado em documentos oficiais da comunidade judaica da cidade de Niš, que esteve sob

⁴⁹ Não foi encontrado nenhum curso no Brasil de leitura de cirílico sérvio, que difere do cirílico russo ou búlgaro, ou seja, o aprendizado tem que ser feito por auto-estudo.

domínio Búlgaro durante a Primeira Guerra Mundial, teve o apoio de pesquisadores israelenes, fluentes no idioma.

Além das questões tratadas acima, uma das principais dificuldades enfrentadas na busca de fontes relativas ao judaísmo na Iugoslávia e, principalmente, em relação às vítimas do Holocausto, ocorreram no campo da qualidade das informações. São principalmente problemas de completude, repetição e falta de acurácia. Tal situação pode ser explicada, ainda que em parte, pela ausência de informações por parte daqueles que, após a Segunda Guerra Mundial e com a constatação de que a maioria dos judeus iugoslavos havia morrido, tentaram criar uma base de dados que rememorasse os falecidos. Em muitos casos, os poucos familiares que sobreviveram tentaram detalhar informações, mas em uma parte significativa dos casos, quem se encarregou de listar os mortos e, posteriormente, transferir as informações para a Base de Dados do Yad Vashem foram indivíduos que conheciam pouco sobre os falecidos. Mesmo assim, apesar da enorme importância histórica desses registros, os mesmos possuem um volume considerável de inconsistências: Dados incompletos, como por exemplo, um registro ter apenas as informações que quem a preencheu conhecia, em muitos casos sem datas, nomes de parentes, etc. Provavelmente eram apenas conhecidos, talvez frequentassem os mesmos ambientes, mas não sabiam em muitos casos nada além do nome e idade aproximada da pessoa;

Baruh Barukh	Baruh Barukh	Beograd, Yugoslavia	Page of Testimony	murdered	
--------------	--------------	---------------------	-------------------	----------	--

Baruh Baruh was born in Yugoslavia. He was a merchant and married. Prior to WWII he lived in Beograd, Yugoslavia. During the war he was in Beograd, Yugoslavia.

Baruh was murdered in the Shoah.

This information is based on a Page of Testimony (displayed here) submitted by his acquaintance, V Koen Kohen

[More Details](#)

Exemplo de dados incompletos. Fonte: Yad Vashem Database

- Dados redundantes, ou seja, a mesma vítima, por ser conhecida ou familiar de diversas pessoas, foi cadastrada diversas vezes e, muitas vezes, com dados diferentes;

Mosche Moshe	Loewy Levi	1904	Belgrade, Yugoslavia	Page of Testimony	murdered
Misha	Levi	1905	Belgrade, Yugoslavia	List of persecuted persons	murdered
Mosa Moshe Moritz	Levy Levi	1906	Belgrad, Yugoslavia	Page of Testimony	murdered

Exemplo de dados repetidos. Fonte: Yad Vashem Database

- Dados inconsistentes, como por exemplo, no caso de pessoas que pressupuseram a idade, lugar de nascimento e familiares de certos mortos no Holocausto, visto que não tinham conhecimento desses dados. Outro exemplo é o das pessoas que conheciam os falecidos apenas pelos seus apelidos. Nesse caso, as fichas têm reduzido valor de pesquisa, já que nessas comunidades os apelidos se repetiam, por força da tradição. Por exemplo, o primeiro filho/a das famílias era sempre apelidado de “*Buko/a*”, diminutivo de *Behor/a*, que em Hebraico significa primogênito/a. Em 08/03/2017, havia mais de 80 registros na Base de Dados do Yad Vashem com o nome “*Buko*” e falecidos em Belgrado, muitos deles provavelmente com outras fichas com seus nomes reais⁵⁰;

4 Results for: ✖ Last / Maiden Name = levi ✖ First Name = buko ✖ Place = belgrade						
Page 1 of 1						
First Name	Last Name ▲	Birth Year	Place of Residence ⓘ	Source	Fate based on...	Map
Bucha	Levi	1915	Nish, Yugoslavia	Page of Testimony	murdered
Haim Bore Khaim	Levi		Beograd, Yugoslavia	Page of Testimony	murdered
Bucco Buki Buko	Levy Levi		Belgrade, Yugoslavia	Page of Testimony	murdered

Bucco Buko	Lewi Levi		Belgrad, Yugoslavia	Page of Testimony	murdered

Exemplo de dados inconsistentes. Fonte: Yad Vashem Database.

- Dados incorretos, como por exemplo, no caso de pessoas que não morreram no Holocausto e por terem migrado para outras regiões, nunca haviam voltado às cidades de origem e nem se comunicado com membros dessa comunidade, sendo dadas como mortas. O próprio Nissim Eskenazy Romano se enquadra nesse caso: possuía uma ficha no Yad Vashem, pois imigrou para o Brasil diretamente da Itália, sem nunca ter voltado a Belgrado e nem se comunicado com alguém que por lá ficou, sendo dado como morto.

Podemos afirmar que a reconstrução da trajetória da família Eskenazy exigiu uma busca sistemática de fontes que nos induziram a buscar por suas raízes em suas comunidades

⁵⁰Informação disponível em:

http://yvng.yadvashem.org/index.html?language=en&s_lastName=&s_firstName=buko&s_place=belgrade. Acesso em: 08 mar. 2017.

de origem até as comunidades de destino, no caso o Brasil. Para o estudo deste período intermediário (comunidade de origem à comunidade de destino), identificamos momentos de rupturas que culminaram com múltiplos processos de travessias. Fotografias e documentos oficiais de identificação, como os censos demográficos, passaportes e vistos diplomáticos, foram essenciais para a reconstituição das rotas de fuga e do destino de cada membro das famílias aqui estudadas: Ozmo, Russo, Eskenazy e Romano.

I. RAÍZES

*No tengo otra moneda que el recuerdo,
otra constancia
que conversar a solas con mi ayer.*
Jorge de Arco ⁵¹

Streia Ozmo Russo (doravante Streia) e Nissim Eskenazy Romano (doravante Nissim) casaram-se em 28 de dezembro de 1929, na Sinagoga Bet Israel, em Belgrado⁵². Era a sinagoga “*de los djidios de ariba*”, aqueles que haviam saído do Dorcol, antigo bairro judaico de Belgrado, para residir na região central da cidade, em Zuruk⁵³. A construção do templo, iniciada em 1908, foi um dos pontos culminantes no processo de integração dos judeus à sociedade local. O casamento de Streia e Nissim selou a união de quatro famílias judias sefaraditas: Ozmo, Russo, Eskenazy e Romano.

Sinagoga Bet-Israel. Belgrado. s.d . Fotógrafo desconhecido.
Disponível em: http://www.makabijada.com/dopis/bet_israel.htm.
Acesso em: 15 de Janeiro de 2018.

⁵¹ DEL ARCO, Jorge. *Las horas sumergidas*. Sevilla: Algaida poesá, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5997659.pdf>. Acesso em 08 jan. 2019.

⁵² Os nomes judaicos sefaraditas na Sérvia adotavam o modelo que ainda é usado na maioria dos países de língua espanhola, ou seja, o sobrenome paterno vinha antes do sobrenome materno. Registro 45/1929 do Livro de Casamentos da Comunidade Judaica de Belgrado. Acessado através da base de dados do Museu Judaico de Belgrado em 4 jul. 2016. Cf. informações reunidas e sistematizadas por Emil Eskenazy Lewinger a partir das lembranças de Streia Eskenazy, o documento religioso (*Ketubá*) e demais fontes materiais do casamento, provavelmente foram deixadas em Belgrado e, provavelmente, destruídos durante a guerra.

⁵³ Para mais detalhes sobre a comunidade judaica de Belgrado, vide Anexo A: *A questão da comunidade e do antissemitismo, Fim do Século XIX até a década de 1930*.

Cada uma dessas famílias seguiu um percurso distinto, mas ao mesmo tempo, teve seus destinos cruzados em diversos momentos do século XIX e princípios do século XX. Como industriais e comerciantes judeus sefaraditas, instalavam-se onde era possível estabelecer e prosperar seus negócios, onde seus filhos pudessem ter educação laica e alguma educação judaica e, por fim, onde vivessem em relativa segurança. A partir de informações de diversas fontes (livros, artigos, bases de dados, fotos, etc.) reconstituímos essas trajetórias, a provável origem dos sobrenomes, as origens geográficas das famílias, quem eram os membros das mesmas, e as suas micro-histórias até a ruptura causada pelo ataque alemão a Belgrado em 6 de abril de 1941.

Árvore Genealógica dos antepassados de Vivetta Lewinger. Informação do site GENI. Disponível em: <https://www.geni.com/family-tree/index/6000000009948875605#6000000009949022283>. Acesso em: 13 Ago. 2017.

1.1. A família Ozmo

Os judeus sempre deram grande importância aos nomes e sobrenomes. Para a autora sérvia Jennie Lebel, os nomes marcavam a conexão com o passado histórico e as tradições familiares. Sobrenomes, por sua vez, serviam para indicar profissões, origens geográficas ou *status* dos antepassados. Alguns dos sobrenomes tinham conotação religiosa, principalmente no caso dos descendentes de sacerdotes do Templo de Jerusalém (Cohen) ou de seus auxiliares (Levi).⁵⁴

Entretanto, a utilização do nome da cidade de origem como sobrenome, entre os judeus da antiga Iugoslávia, é relativamente recente. Segundo Lebel, a maioria dos judeus não tinham sobrenomes até meados do século XIX. Como a variabilidade de nomes era muito pequena, alguns membros passaram a receber “apelidos” que os distinguiam de seus correligionários, como o nome da sua cidade de nascimento, alguma característica física, etc⁵⁵. Assim, de maneira ilustrativa, citamos a história de um mercador chamado Isaac ben Jakov cuja família tinha vindo da França, razão pela qual recebeu o apelido de Isaac ben Jakov Há-Sarfati (Isaac filho de Jakov que veio da França). Uma geração adiante, um descendente (Jakov ben Isaac Sarfati) aboliu o denotativo “ben Isaac Ha”, passando a se chamar Jakov Sarfati. Daí em diante, a família adotou Sarfati como sobrenome.⁵⁶

Ao contrário de outros sobrenomes sefarditas encontrados em praticamente quase todos os países onde residiram como, por exemplo, Eskenazy, Dayan, Douek ou Ovadia, o sobrenome Ozmo é bastante raro. Antes da Segunda Guerra Mundial, havia famílias apenas na Itália (incluindo a ilha de Corfu e, posteriormente o Egito) e nos países da antiga Iugoslávia, primordialmente na região da Sérvia e da Bósnia. Após a guerra, há registros

⁵⁴LEBEL, Jennie, op. cit., p. 375.

⁵⁵Idem, p. 376.

⁵⁶Segundo Danon e Stosic um exemplo dessa mutação de sobrenomes é o da família Poljokan. O patriarca da família, Salomon Levi, teve um acidente onde perdeu a visão de um olho. Quando se assentou na cidade bósnia de Banja Luka era conhecido como Samuel Levi Poljokan, que em bósnio quer dizer “aquele que perdeu uma das vistas, caolho”. Esse sobrenome era tão popular que seus descendentes aboliram o sobrenome Levi e passaram a ser conhecidos apenas por Poljokan. Há em Belgrado um caso similar, de antigas famílias de judeus da cidade que tinham o sobrenome Levi que, para se distinguir de outras famílias com o mesmo sobrenome que chegavam a cidade, passaram a se auto-denominar “Kadmon-Levi” (Levi “original” ou “antigo”, em Hebraico). Essa denominação passou a fazer parte de seus sobrenomes nas gerações seguintes, tendo alguns membros abolido o sobrenome Levi, passando apenas a utilizar o sobrenome Kadmon. DANON, J.; STOSIC. V. *Memoars on Holocaust of the jews from Bosanska Krajina*. Banja Luka, Bosnia: Zavod distrofičara, p. 424.

dessa família na Itália, Israel, Iugoslávia e, em pequeno número, nos Estados Unidos e Brasil.⁵⁷

Uma hipótese sobre a origem desse sobrenome refere-se à cidade de Osimo, na região do Marche, Itália, próxima ao porto de Ancona⁵⁸. As cidades dessa região, por muitos anos, projetaram-se como importantes centros de comércio regional. Mercadores da Península Itálica, incluindo judeus, tornaram-se parte fundamental do comércio de mercadorias e transporte de passageiros entre Europa e Império Otomano⁵⁹. Existem documentos históricos demonstrando que judeus da cidade de Osimo fizeram parte desse comércio⁶⁰. Segundo Lebel, há pelo menos uma fonte histórica que traz tal registro: o relato da passagem do mercador Jacob von Betzek por Belgrado, de meados do século XVI, no qual ele registrou a presença de “*muitos mercadores Turcos, Raguseanos, Cristãos e Judeus*”⁶¹. Pode-se inferir que, alguns mercadores judeus permaneceram em território hoje correspondente a Sérvia e usaram o rio Danúbio como via de transporte de suas mercadorias, instalando-se nos principais centros comerciais ao longo do curso do rio, incluindo a cidade de Belgrado.

De acordo com Stramiglioni, há informações que comprovam a presença de judeus na cidade de Osimo a partir do ano do século XIV, com direito a moradia regulamentada em 1302 e a presença física mencionada em 1360. Em 1515, um pequeno grupo de judeus sefarditas, provenientes da Lombardia, também se estabeleceu em Osimo. A partir de meados do século XVI, com a instituição do gueto (1551) e algumas ocorrências de perseguição de judeus casados com cristãos (1570, 1571), essa pequena comunidade judaica, que na época não contava com mais de 40 a 50 pessoas, migrou em sua totalidade em direção a outras cidades Italianas.⁶²

O primeiro registro documental da presença da família (já usando a grafia Ozmo) na Sérvia é de 1856. No Censo Judaico de Belgrado aparece o nome de Jakov Ozmo de 26

⁵⁷ FAIGUEBOIM, Guilherme; CAMPAGNANO, Anna Rosa; VALADARES, Paulo. *Dicionário Sefaradi de Sobrenomes*. São Paulo: Fraiha. 2004, p. 348-349.

⁵⁸ Em italiano, a letra S, seguida de vogal tem uma pronúncia próxima a do Z, em português, ou seja, Osimo se pronuncia em italiano muito similarmente a Ozmo em outros idiomas como o português.

⁵⁹ BURDELEZ, I. The Role of the Ragusan Jews in the History of the Mediterranean Countries. *Mediterranean Historical Review*, v.6, n. 2: p. 190-197. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09518969108569622?journalCode=fmhr20>. Acesso em: 15 jan. 2018.

⁶⁰ STRAMIGIOLI, A. Gli Ebrei E La Vita Economica Di Osimo Nel Cinquecento. *Quaderni storici delle Marche*. 1967. v.2, N. 4 (1), p. 43-65.

⁶¹ LEBEL, Jennie, op. cit., p. 8.

⁶² STRAMIGIOLI, A., op. cit., p. 52-53, 58 e 63.

anos, nascido entre 1829 e 1830, na cidade de Belgrado. A partir desse dado, é possível afirmar que a família vivia na Sérvia pelo menos desde a década de 1820.⁶³

Em 1861, foi promulgada uma lei restringindo a permanência de judeus em cidades do interior da Sérvia, sendo a moradia permitida apenas em Belgrado. Aqueles que tivessem nascido em outras cidades ou lá morassem há mais de vinte anos, conquistavam o direito de permanência. Por conta dessa lei, judeus da cidade de Pozarevac escreveram uma carta ao Príncipe Milan, regente sérvio, protestando contra a ordem de expulsão que receberam em 12 de abril de 1861, dando aos mesmos apenas sete dias para deixar a cidade. Entre os que assinaram essa carta estavam Jakov e Mordehaj Ozmo, que diziam estar em Pozarevac há dezessete anos e serem originários de Belgrado.⁶⁴

Através da inscrição na lápide de Mordehaj Ozmo no cemitério de Belgrado, é possível confirmar que Jakov era seu pai. Uma informação conflitante nessa lápide diz que Mordehaj era um comerciante de Pozarevac (*trgovac iz Pozarevac*) e não de Belgrado como no documento de 1861. Pela lápide é possível saber que Mordehaj nasceu entre 1836 e 1837, ou seja, teria entre 23 a 25 anos em 1861. Mas se ele tivesse nascido em Pozarevac, não teria feito parte do grupo que protestou contra a carta de expulsão da cidade nem teria dito que estava na cidade há 17 anos, já que se beneficiaria do fato da lei garantir permanência aos nascidos naquelas cidades há mais de 20 anos⁶⁵. Essa diferença pode ser explicada pelo fato de que em muitas lápides da época era usada a expressão sérvia *iz* (de), sem que significasse obrigatoriamente “nascido em”. Muitas vezes, a expressão servia para lembrar onde a pessoa mantinha seu comércio, onde vivia, etc.

Não encontramos nenhum registro sobre o destino dos judeus dessas cidades afetadas pela ordem de expulsão de 1861. Há uma referência indireta no censo de Pozarevac de 1862, informando a religião dos moradores. Nenhum deles declarou sua religião como judaica, o que poderia indicar que os judeus não habitavam a cidade naquela data.⁶⁶

Em 1876, Mordehaj Ozmo aparece novamente em documentos oficiais. Em uma carta enviada pelo Consulado Austríaco ao Ministério de Negócios Exteriores da Sérvia, é

⁶³ SEPHARDICGEN, “*Census of Jewish Family Heads In Beograd, Serbia in 1856*”. Disponível em: <http://www.sephardicgen.com/databases/BelgradeCensus1856SrchFrm.html>. Acesso em: 15 de maio de 2018.

⁶⁴ RADENIC, A. Jevreji u Srbiji, Narodni poslanici jevreji u skupstini Srbije 1878-1888. In: SAMARDZIK, R. (Org.). *Zbornik 6*. Beograd: Federation of Jewish Communities in Yugoslavia, 1992. p.3.

⁶⁵ A imagem da lápide está disponível em:

http://makabijada.com/dopis/gradovi/grobgd/aleja/New/IMG_1863.JPG. Acesso em: 10 de maio de 2018.

⁶⁶ RADENIC, A., op. cit., p. 4.

citado um telegrama encaminhado por Mordehaj, no qual ele reclamava que “...as autoridades municipais de Smederevo interferiram na operação de sua loja e ordenaram que ele fechasse a loja imediatamente ou ele seria preso e expulso de Smederevo...”. Trata-se de uma situação similar àquela vivenciada por ele em 1861, em Pozarevac⁶⁷. Mordehaj é o remetente desse telegrama, pois seu nome consta de uma lista de expulsão da qual consta o nome de Rafael Ozmo, seu irmão mais novo. Assim como em Pozarevac, não existem fontes que deem conta do destino das famílias afetadas pela ordem de expulsão de 1876. Entretanto, o mais provável é que tenham fixado residência em Belgrado, já que essa limitação de moradia constava de ambas as ordens, de 1861 e 1876.

Rafael Ozmo foi o avô paterno de Streia, relação que pode ser comprovada através da fotografia da lápide de Samuel Rafael Ozmo, pai de Streia, no cemitério de Belgrado⁶⁸. Samuel nasceu em 11 de dezembro de 1874, em Belgrado e sua cerimônia de circuncisão (*Brit-Mila*) ocorreu na “Nova Sinagoga” (*El Kal Nuevo*), oficiada por Samuel ben Haim⁶⁹. De acordo com Jennie Lebel, essa sinagoga era a segunda mais importante na cidade e estava localizada no antigo bairro judaico de Dorcol. Construída na década de 1870 foi destruída por bombardeios austríacos durante a Primeira Guerra Mundial. A construção da sinagoga mais antiga de Belgrado, a “Stara Sinagoga” (*El Kal Vjezho*), data do final do século XVII, tendo resistido às duas guerras mundiais. Infelizmente foi destruída pelo regime de Tito em 1952 para atender a um novo plano arquitetônico para Belgrado, sob protestos da pequena comunidade sobrevivente ao Holocausto.⁷⁰

⁶⁷ Importante ressaltar que, nenhuma das duas ordens tinha um fundo eminentemente antissemita, mas contra todos os que não tinham fé cristã ortodoxa. Para mais detalhes, vide Anexo A: *a questão da comunidade e do antissemitismo*. LEBEL, Jennie, op.cit, p. 132-133.

⁶⁸ A imagem da lápide está disponível em <http://www.makabijada.com/dopis/gradovi/grobgd/aleja/desno/DSCF7960.JPG>. Acesso: 10 mai. 2018.

⁶⁹ Registro 4846 do *Livro de Nascimentos da Comunidade Judaica de Belgrado*, disponível na base de dados do Museu Judaico de Belgrado, acessado no local em 4 Jul. 2016. Segundo Lebel, o nome do Rabino dessa sinagoga era Samuel ben Eliah e não Samuel bem Haim. No registro é possível confirmar que o pai de Samuel era Rafael ben Jakov Ozmo. LEBEL, Jennie, op. cit., p. 223.

⁷⁰ Idem, p. 223.

Sinagoga antiga (*Stara Sinagoga - El Kal Vjezho*). Belgrado. Final do século XIX. Fotografia desconhecido. Disponível em: <http://www.makabijada.com/izvestaj/images/kal.jpg>. Acesso em: 15 mar. 2018

Nascido em Belgrado, Samuel fez parte do grupo de judeus expulsos de Smederevo em 1876, apesar de ter fixado residência em Belgrado. É provável que Rafael tenha retomado ao menos suas atividades comerciais na cidade de Smederevo, a partir de 1888, quando a limitação de moradia foi revogada. De acordo com Streia, sua família era proprietária de “fazendas de aves” em Smederevo bem antes do seu nascimento em 1910. Ela dizia lembrar que a família possuía vagões de trens onde o nome Ozmo era representado como “0zm0”, a primeira e última letra simbolizando ovos.⁷¹

1.2. A família Russo

O sobrenome Russo é bastante comum entre os judeus sefaraditas⁷², tendo sido identificado pelos autores do *Dicionário Sefaradi de Sobrenomes* em vinte e oito comunidades pesquisadas⁷³. Ele não é exclusivamente judaico e, portanto, suas possíveis origens não possui nenhuma relação com a religião. Podemos considerar três explicações para esse sobrenome, ou seja:

⁷¹ Cf. informações reunidas e sistematizadas por Emil Eskenazy Lewinger a partir das lembranças de Streia Eskenazy.

⁷² Em muitos documentos pesquisados o sobrenome é escrito como Ruso, mas optamos pela grafia Russo por ser a mais comum na língua portuguesa.

⁷³ FAIGUEBOIM, Guilherme; CAMPAGNANO, Anna Rosa; VALADARES, Paulo, op. cit., p. 378.

1. A palavra “*Russiānus*” do Latim Medieval, vinda de “*rōdhr*”, que em antigo Nórdico significava “remadores”, indicava o grupo *Viking* fundador dos Principados Russos no século IX. Independentemente da religião, famílias provenientes dessa região passaram a receber esse sobrenome⁷⁴;
2. O sobrenome tem relação com algum antepassado que, por ser ruivo (*Rosso*, em Italiano), recebeu esse apelido e o adotou como seu sobrenome, conforme citado no *Dicionario Sefaradi de Sobrenomes*⁷⁵;
3. Especificamente em relação aos judeus dos Balcãs, em meados do século XIX ocorreu uma imigração de famílias judias oriundas da cidade de Ruse, na Bulgária (*Rousse*, *Rustschuk* ou *Rusçuk* em outros idiomas), adotando a sua origem como sobrenome.⁷⁶

Os mais antigos membros da família Russo, dos quais se tem evidência documental, estão registrados no Censo Escolar Judaico de Niš, de 1895, identificados como familiares que viviam na casa de Solomon Russo, então com 31 anos: sua mãe Estreia, de 48 anos, sua esposa Bukas, de 30 anos, suas filhas Klara e Vinuca, de 12 e 9 anos e seu filho Moša (Moshe), de 5 anos. No mesmo censo, existem mais três famílias Russo, mas não há evidências de parentesco entre as mesmas e a família aqui pesquisada. Vinuca Russo era a mãe de Streia.⁷⁷

Salomon Russo possuía uma vida comunitária muito ativa. Segundo Milic, ele era comerciante e, em 1893, tornou-se presidente da *Srpsko-jevrejska trgovacka zadruga u Nisu* (Cooperativa de Crédito de Comerciantes Sérvio-Judeus)⁷⁸. Durante as décadas de 1910 e

⁷⁴ *The American Heritage Dictionary of the English Language*. Disponível em: <https://ahdictionary.com/word/search.html?q=%20RUSSIAN>. Acesso em: 18 Jan. 2018.

⁷⁵ FAIGUEBOIM, Guilherme; CAMPAGNANO, Anna Rosa; VALADARES, Paulo, op. cit., p. 378.

⁷⁶ Informação fornecida por Jasna Ciric, em contato via Messenger, em 14 de abril de 2016. Segundo Bakardjieva, a comunidade judaica de Russe tem suas origens em 1792, durante a Guerra Austro-Otomana, quando judeus sefaraditas fugiram de diversas cidades sob o domínio otomano que caíram em mãos dos austríacos. Desde meados do século XVII, existia um grande comércio entre essa cidade, Vidin, também na Bulgária e as cidades de Belgrado e Niš, na Sérvia. Comerciantes sefaraditas usavam a facilidade de transporte que o Rio Danúbio trazia para se instalarem em portos do rio, abrindo novas fronteiras de comércio e, posteriormente, espalhavam suas famílias por essas cidades. BAKARDJIEVA, Teodora. *The Jewish community in Rousse*. Disponível em: <http://sefarad.org/lm/035/6.html>. Acesso em: 18 jan. 2017.

⁷⁷ ELMUNDOSEFARAD - *Evidencija Niske Crkveno Skolske Jevrejske Opstine Racunajuc* (Registro da escola religiosa da comunidade judaica de Nis). Disponível em: <http://elmundosefarad.wikidot.com/evidencija-niske-crkveno-skolske-jevrejske-opstine-racunajuc>. Acesso em 01 ago. 2016.

⁷⁸ MILIC, D. Participation of jews in serbian banking, In: SAMARDZIK, R. (org). *Zbornik 6*. Beograd: Federation of Jewish Communities in Yugoslavia, 1992, p. 173-174.

1920, presidente da comunidade judaica de Niš incentivando a relação da mesma com as autoridades locais. Nessa época, a comunidade contava com 537 membros.⁷⁹

Identificamos diversos documentos assinados por Salomon Russo, tanto em Sérvio (quando se dirigia a autoridades locais), como em Ladino (quando se comunicava com outras comunidades judaicas sefaraditas) e Búlgaro (a região de Niš esteve alguns anos sob domínio búlgaro durante a Primeira Guerra Mundial, tendo sido recuperada pela Sérvia em 1919). Como exemplo, reproduzimos a seguir uma dessas cartas de aasinadas por Salomon Russo endereçada às autoridades locais.

⁷⁹ ELMUNDOSEFARAD – *Statistika* (Estatísticas da comunidade judaica de Nis). Disponível em: <http://elmundosefarad.wikidot.com/statistika>. Acesso em: 20 Mai. 2018.

34

1

Црквено - Школска Јеврејска
Општина у Нишу.

№ 63.

קומונה ישראלית ניש.

14/XI

До Г-на Нишк. Я
Окр. училищ. Училищ.
Мур

Поспокум Училищ. Я.

Приложени су наредбених прѣписа.
издаме исправнихъ въ мѣстоу въ пош. № 1433
отъ 29/XI м.г. гдѣ просятъ за
отпущеніемъ и кнасею въ прогимназію
срѣднѣи математиче за прѣпожаланіе
отъ наставникъ отъ насъ Еврейск. учил.
и емоу да се даде изобрѣтеніе и да по-
мѣи прѣпожаланіемъ

Изъясненіе
Поздравленіе

Carta de Salomon Russo endereçada às autoridades locais. Escrita em Búlgaro cursivo em papel timbrado da Comunidade Judaica de Niš, Sérbia, s.d. Arquivo Pessoal de Jasna Ciric/ Niš.

Salomon faleceu em 1926 em Niš, onde está sua lápide, uma das únicas em bom estado de conservação no cemitério judaico, parcialmente destruído durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo Jasna Ciric, o cemitério permaneceu abandonado até o início do século XXI, tendo seu terreno sido utilizado desde os anos 1950 por famílias ciganas Roma. Na lápide se lê a inscrição em sérvio “*O túmulo foi mandado construir pelas filhas Klara e Vinuca*”. Como o túmulo de Sara Bukas, sua esposa, também é de 1927, quando da construção da *Matzeivá* de Salomon, é provável que ela já também tivesse falecido.⁸⁰

Túmulo de Salomon Russo no Cemitério Judaico de Niš, Sérbia
Fotógrafo: Jasna Ciric, s.d. Acervo pessoal da fotógrafa.

⁸⁰ *Matzeivá* é o nome que se dá ao tumulo definitivo que se constrói para os judeus, normalmente um ano após a sua morte. Lista dos túmulos do Cemitério Judaico de Nis. Disponível em: <https://kehilalinks.jewishgen.org/Nis/dcmnts/cemetery.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2017.

Streia nunca mencionou o avô, apesar dele ter falecido quando ela já era uma jovem adulta e apenas um ano antes de seu casamento com Nissim em 1929. É possível que, pelo fato de Salomon viver em Niš e a família de Streia em Belgrado, pelo menos a partir de sua adolescência, o contato dela com o avô tenha sido pequeno. Por outro lado, durante as nossas conversas para o registro de suas lembranças, ela sempre falava da *Baba Bukas* (vovó Bukas), que era alegre e, ao mesmo tempo, severa. Da família Russo, Streia também mencionava a tia Klara, irmã mais velha de Vinuca, sua mãe. Segundo Streia, somente a família de Klara cumpria de maneira integral os costumes alimentares judaicos (*kashrut*). Ela contava que quando Klara e sua família vinham visita-los em sua casa, sua mãe Vinuca tinha que reorganizar tudo para recebe-los, como mandar vir carne e outros alimentos adequados à tradição *kasher*. Streia lembrava que ela e seus irmãos eram “convidados” à preparar a mesa, retirar dos armários os pratos, copos e talheres especiais usados para receber as visitas e depois ajudar a lavar e guardar os utensílios.⁸¹

O irmão mais novo de Vinuca, Moša (Moshe) faleceu com vinte e três anos. Seu nome consta do livro memorial dos judeus mortos na Primeira Guerra Mundial na Sérvia⁸². Fez parte do grupo de soldados que se feriu na travessia de montanhas na Albânia, para onde o exército sérvio foi “empurrado” pelo austríaco. Alguns dos feridos (provavelmente apenas os oficiais) foram levados do continente para um hospital em Vidu, na ilha de Corfu, que ficou conhecida como “A tumba azul”, pois morreram tantos soldados nesse hospital que, por falta de túmulos e locais para enterrar, eram lançados ao mar. Durante uma ameaça de invasão à ilha pelos austríacos, os feridos foram novamente transferidos, desta vez para Argel, domínio francês⁸³. Moša faleceu em agosto de 1918, tendo sido o único judeu sérvio enterrado no cemitério militar de Argel.

⁸¹ Não foram encontrados dados adicionais sobre Klara e sua família. Sabemos que ela faleceu durante a Segunda Guerra Mundial. A busca na base de dados do Yad Vashem revela apenas três nomes de mulheres chamadas Klara, falecidas em Belgrado ou Nis, com idade que Klara teria em 1942, ou seja, aproximadamente 58 anos. Entretanto, nesses registros do Yad Vashem, não há nenhuma informação extra que possa confirmar que uma dessas falecidas tivesse sido a irmã mais velha de Vinuca. Cf. informações reunidas e sistematizadas por Emil Eskenazy Lewinger a partir das lembranças de Streia Eskenazy.

⁸² JIM – Jevrejski Istorijski Musej. *Spomenika 1912-1918*. Beograd: Federation of Jewish Communities of Serbia, 2014, p.18.

⁸³ JANICIJEVIC, U. *Let get lost - Over the Damned Mountain*. Disponível em: <https://www.lets-get-lost.com/2011/10/over-the-damned-mountains-1914/>. Acesso em: 07 jan. 2017.

Barco com corpos de soldados mortos que seriam jogados no mar, próximo a ilha de Vidu, entre 1914-1918. Fotografia desconhecida. Disponível em: <https://www.lets-get-lost.com/2011/10/over-the-damned-mountains-1914/> . Acessado em: 01 Jul. 2017.

1.3. A família Eskenazy

O sobrenome Eskenazy também é muito comum entre os judeus sefarditas, sendo citado pelo *Dicionário Sefaradi de Sobrenomes* com presença do mesmo em mais de trinta países. Em hebraico, o nome se refere a aqueles que vêm da Europa Ocidental⁸⁴. Nissim Eskenazy faleceu em 1978 e, infelizmente, não compartilhou nenhuma memória familiar.

A família Eskenazy também aparece registrada no Censo Escolar Judaico de Niš, de 1895. Nesse censo, são informados os familiares que viviam na casa de Nissim Eskenazy (que chamaremos de Nissim Senior), de 56 anos: Mazal, sua segunda esposa, de 45 anos e seus filhos Menahem, (22), Haim (20), Vintura (18), Mazal (15), Ester (13) e Malkuna (5). O mesmo censo, informa quais os membros que habitavam a casa de Avram Nissim

⁸⁴ Existem diversas grafias para o nome como Eskenazi, Askenazi, Eshkenazi, Eshquenazy, etc. Adotaremos aquela que está nos documentos de Nissim e Streia. FAIGUEBOIM, Guilherme; CAMPAGNANO, Anna Rosa; VALADARES, Paulo, op. cit., p. 251.

Eskenazy, filho de Nissim Senior, de 24 anos, juntamente com ele: sua esposa Ester (24), a mãe Bukas (40, provavelmente a primeira esposa de Nissim Senior) e o irmão Josef (15).⁸⁵

Haim Eskenazy, pai de Nissim, casou-se duas vezes. O registro de seu segundo casamento, em 1925 em Belgrado, traz a informação de que ele nasceu na cidade de Leskovac, em 1874. Isso indica, indiretamente, que a família Eskenazy, antes de 1895, data do censo, pode ter vivido em diversas cidades e, em 1874, vivia em Leskovac⁸⁶. Importante lembrar que a comunidade de Leskovac era bem menor que a de Niš: os primeiros números conhecidos, de 1890, mostram 112 judeus morando na cidade. O cemitério judaico foi destruído durante a Segunda Guerra Mundial e, apenas nos últimos anos, foi criado um memorial em seu lugar. Entre os escombros há um pedaço de uma lápide muito rústica com o nome de Mika Eskenazy, que pode ser um parente próximo de Nissim Senior, talvez um irmão ou sobrinho que tenha ficado em Leskovac quando a família se mudou para Niš.⁸⁷

⁸⁵ Apesar da informação do censo dizer que José tinha 15, é mais provável que ele tivesse na verdade 25 anos e ocorreu um erro de transcrição do censo, visto que Nissim já tinha filhos mais velhos do segundo casamento. ELMUNDOSEFARAD - *Evidencija Niske Crkveno Skolske Jevrejske Opstine Racunajuc* (Evidências do registro da escola religiosa da comunidade judaica). Disponível em: <http://elmundosefarad.wikidot.com/evidencija-niske-crkveno-skolske-jevrejske-opstine-racunajuc>. Acesso em: 01 Ago. 2016.

⁸⁶ Registro 37/1925 do Livro de Casamentos da Comunidade Judaica de Belgrado, base de dados do Museu Judaico de Belgrado, acessado no local em 4 Jul. 2016.

⁸⁷ ELMUNDOSEFARAD - *Projekat Preseljenja Jevrejskog Groblja U Leskovcu Uspesno* (Projeto de reforma do antigo cemitério judaico de Leskovac). Disponível em: <http://elmundosefarad.wikidot.com/projekat-preseljenja-jevrejskog-groblja-u-leskovcu-uspesno-z>. Acesso em: 15 set. 2017.

Memorial do Cemitério Judaico de Leskovac, s.d. Fotografia: Jasna Ciric, Disponível em: <http://elmundosefarad.wikidot.com/projekat-preseljenja-jevrejskog-groblja-u-leskovcu-uspesno-z> . Acesso em: 15 Set. 2017.

Ao contrário da família Russo, que tem sua vida documentada detalhadamente em Niš, há pouca informação sobre a vida da família Eskenazy na cidade. Além das já citadas informações do Censo Comunitário de 1895, seus nomes apenas aparecem em outras listas comunitárias, como votações e listas de doadores. Nissim Senior e a esposa Mazal faleceram em Niš, conforme registrado na lista do Cemitério Judaico da cidade, mas não são conhecidos registros fotográficos de suas lápides nem seu estado de conservação⁸⁸. Não foram encontrados outros registros de demais membros da família Eskenazy na cidade de Niš. Isso pode indicar que migraram para outras cidades ou mesmo para outros países, mas, até o momento, não dispomos de nenhuma informação sobre o destino dos demais filhos de Nissim Senior, se tiveram descendentes e se algum membro de suas famílias sobreviveu ao Holocausto.

⁸⁸ Nomes estão na lista dos túmulos do Cemitério Judaico de Nis, Disponível em: <https://kehilalinks.jewishgen.org/Nis/dcmnts/cemetery.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2017

1.4. A família Romano

O sobrenome Romano é bastante comum entre os judeus sefaraditas. Citado no *Dicionário Sefaradi de Sobrenomes*, aparece praticamente em todas as comunidades onde sefaraditas habitaram⁸⁹. A origem do sobrenome remete aos judeus de origem Romaniota, comunidade que provavelmente chegou ao território da atual Grécia antes da época da destruição do Segundo Templo de Jerusalém, vindo junto com os exércitos de Alexandre e seus sucessores, a partir do século III A.C⁹⁰. Portanto, eles estariam na região do Império Otomano muito antes da Inquisição e da migração dos judeus sefaraditas- muito mais numerosos - e com os quais os Romaniotas se uniram, mesmo que, em alguns casos, mantendo costumes próprios.

Em relação à Sérvia, não foram encontradas fontes que demonstrem a existência de comunidades, cultos ou qualquer elemento da cultura Romaniota. Portanto, é mais provável que as famílias Romano migraram de outros locais do Império Otomano para a Sérvia já “sefaradizadas”. Tratar-se-iam de famílias que seguiam costumes sefaraditas há algumas gerações e apenas mantinham tal sobrenome.

Ao contrário das demais famílias aqui citadas, não encontramos documentos sobre as origens da família Romano. Através de informações da Base de Dados do Museu Judaico de Belgrado e do Yad Vashem, chegamos à provável lista de filhos do casal Samuel Romano (sua lápide não indica as datas de nascimento e falecimento) e Rica Romano Elias (1860-1938), avôs maternos de Nissim, ambos enterrados no cemitério judaico de Belgrado. Seriam seus filhos: Matilda, nascida em 1880 (mãe de Nissim), Gavra, em 1886 (morto no Holocausto), Nehama, em 1887 (destino desconhecido), Avram, em 1888 (faleceu em 1890), Ruben, nascido em 1890 (morto no Holocausto) e Simon, nascido em 1893. O último,

⁸⁹ FAIGUEBOIM, Guilherme; CAMPAGNANO, Anna Rosa; VALADARES, Paulo, op. cit., p. 377.

⁹⁰ Segundo M. H. Ikonomopoulos os Judeus Romaniotas, ou os judeus nativos da Grécia, vivem em solo grego há mais de 2.300 anos. A primeira evidência documentada de sua presença data do estabelecimento da cidade de Salonica (Tessaloniki), quando judeus de Alexandria foram convidados por Kassandros, cunhado de Alexandre Magno para se estabelecer nessa cidade. Esses judeus passaram por um processo de helenização, com a adoção da língua grega. O termo Romaniota não foi cunhado antes do século IV D.C. provavelmente entre essa data e o século XI D.C. Apesar de ainda existirem algumas poucas comunidades Romaniotas no mundo, a maioria foi dizimada durante a Segunda Guerra Mundial. IKONOMOPOULOS, M.H. The Romanioite community of New York. *Journal of Modern Hellenism*. v. 23-24: p. 141-168. Disponível em: <http://journals.sfu.ca/jmh/index.php/jmh/issue/view/20>. Acesso em: 25 jan. 2017.

juntamente com a sua família, fez parte do único grupo de refugiados judeus recebidos pelos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial.⁹¹

1.5. A família de Samuel Ozmo e Vinuca Russo

Nenhum registro do casamento de Samuel Ozmo e Vinuca Russo foi localizado nos arquivos do Museu Judaico de Belgrado. O fato de existirem registros desde 1865 pode indicar que eles se casaram em alguma outra comunidade da Sérvia, provavelmente em Niš, onde o pai de Vinuca, Salomon Russo, era figura central da comunidade judaica. O casal teve cinco filhos: Lenka, nascida em 1903 (não se sabe onde nasceu), os irmãos gêmeos Rafael e Isaac, nascidos em 1906 em Niš e as irmãs gêmeas Streia e Debora, nascidas em 1910, em Smederevo (no caso dos últimos quatro, há registro no Museu Judaico de Belgrado)⁹². Nesse sentido, é possível inferir que entre o nascimento de Rafael e Isaac e o nascimento de Streia e Debora, a família se mudou de Niš para Smederevo.

Durante as décadas de 1910 e 1920, Samuel Ozmo ocupou o cargo de presidente do Banco de Produção de Belgrado (Београдска продуктна банка). Os bancos surgiram na Sérvia após 1869 como instituições de empréstimo para agricultores e pequenos industriais, capitalizadas por dezenas, ou em alguns casos, centenas de sócios. Nesse sentido, seriam mais similares às cooperativas de crédito que existem atualmente do que aos bancos comerciais tradicionais. As comunidades judaicas locais estiveram envolvidas no processo de instituição de bancos desde o século XIX, com a fundação do Banco Comercial de Belgrado, em 1893 e da Cooperativa de Comerciantes Serbo-Judaica de Niš, também de 1893. Posteriormente, nas décadas de 1900 e 1910, grupos de judeus fundaram outros

⁹¹Disponíveis em: <https://yvng.yadvashem.org/nameDetails.html?language=en&itemId=2026595&ind=0> (Gavra Romano) e <https://yvng.yadvashem.org/nameDetails.html?language=en&itemId=3890616&ind=1>. (Ruben Romano). Acesso em 11 jan. 2019. Importante ressaltar que esses refugiados somente receberam permissão e visto de entrada para os Estados Unidos após o fim da Segunda Guerra Mundial, tendo permanecido até esse momento em campo de refugiados fechado na cidade de Oswego, NY. Optamos por não reconstituir em detalhes a trajetória de membros da família Eskenazy que integraram o grupo de refugiados de Oswego, pois essa história envolve, entre outras questões, a relação dos americanos com os judeus europeus e o Holocausto, deixando em aberto para futuras pesquisas. GRUBER, Ruth, op. cit., p. 356.

⁹² Registros 1252 (Rafael- registro 120 de Smederevo), 1263 (Isaac, registro 120a de Smederevo), 1680 (Streia – registro 103 de Smederevo) e 1681 (Debora, registro 104 de Smederevo). Todos do Livro de Nascimentos da Comunidade Judaica de Belgrado, base de dados do Museu Judaico de Belgrado, acessado no local em 4 Jul. 2016. Não foi encontrado o registro de Lenka, a irmã mais velha. Como Rafael e Isaac nasceram em Nis, provavelmente foram registrados a posteriori em Smederevo, visto que eram mais velhos que Streia e Debora, mas tinham números maiores no registro judaico da cidade.

pequenos bancos, como o Banco Mercúrio e o Banco Colonial. É também desse período a entrada no país de bancos estrangeiros, mais capitalizados, e que mudaram o panorama bancário do país, já que não tinham mais as famílias judias como principais acionistas. Ao contrário, o capital vinha das grandes potências da época, como a França (que traz ao país o Banco Franco-Sérvio) e, posteriormente já nos anos trinta, a Alemanha, que trouxe para o país o *Deutsche Bank*.⁹³

Durante a Primeira Guerra Mundial, toda a estrutura organizacional das comunidades judaicas da Sérvia foi transferida de Belgrado para Niš⁹⁴. Entre as evidências documentais encontradas, há uma lista de reunião comunitária judaica, realizada em Niš em 1916, na qual consta a assinatura de Samuel Ozmo. Tal registro comprova que, mesmo que a família morasse em Smederevo, Samuel Ozmo estava envolvido com as atividades da comunidade judaica em Niš. Sabemos que residiam em Smederevo, pois os nomes de Lenka, Rafael e Isaac constam da lista de alunos do colégio *Dimitrije Davidovic* para o ano letivo de 1916. No entanto, não trazem os nomes de Streia e Debora. Também consta nessa lista o endereço da família, Brandenburg 23, sendo esse o mesmo endereço de outra família judia, os Alfandari. De um total de 358 alunos matriculados em 1916 nessa escola, 15 eram judeus.⁹⁵

Como cidadãos sérvios, todos os filhos de judeus frequentavam escolas públicas e complementavam sua educação com formação judaica. Apenas em Belgrado existia uma instituição onde os alunos iam aprender judaísmo, hebraico, cultura judaica, etc. Essa escola deixou de funcionar durante a Primeira Guerra Mundial, reabrindo após seu término. Em cidades menores, como Smederevo, a educação judaica era realizada em escolas sabáticas ou em escolas informalmente instaladas nas sinagogas ou nas residências de membros da comunidade.

⁹³ MILIC, D., op. cit., p. 168-182.

⁹⁴ LEBEL, Jennie, op. cit., p. 186.

⁹⁵ PAVLOVIC. L. Prilog Izucavanju Istorije Smederevskih Jevreja In: SAMARDZIK, R. (Org.), *Zbornik 4*. Beograd: Federation of Jewish Communities in Yugoslavia, 1979, p. 79-80.

7017-382

Anexo da Reunião e engagem no-pas. anexo anexo.						
1	Samuel Ozmo					
2	Tenente Ozmo					
3	Tenente Ozmo					
4	Tenente Ozmo					
5	Tenente Ozmo					
6	Tenente Ozmo					
7	Tenente Ozmo					
8	Tenente Ozmo					
9	Tenente Ozmo					
10	Tenente Ozmo					
11	Tenente Ozmo					
12	Tenente Ozmo					
13	Tenente Ozmo					
14	Tenente Ozmo					
15	Tenente Ozmo					
16	Tenente Ozmo					
17	Tenente Ozmo					
18	Tenente Ozmo					
19	Tenente Ozmo					
20	Tenente Ozmo					
21	Tenente Ozmo					
22	Tenente Ozmo					
23	Tenente Ozmo					
24	Tenente Ozmo					
25	Tenente Ozmo					
26	Tenente Ozmo					

Lista de presença de reunião na comunidade judaica em Nis em 1916. No original, destaque no nome de Samuel Ozmo. Arquivo Pessoal de Jasna Ciric. Acesso em: 15 Abr. 2016.

Segundo Streia, seus estudos foram feitos em Belgrado. Assim, é provável que a família tenha se mudado de Smederevo para Belgrado em 1919, após a Primeira Guerra Mundial, quando as irmãs começaram a estudar. A irmã Debora e ela estudaram até o

término da Escola Comercial (equivalente ao nosso Ensino Médio), algo que apenas passou a ser mais comum entre mulheres sefarditas sérvias em princípios do século XX.⁹⁶

Debora Medina (nascida Debora Ozmo, quarta da esquerda, última fila) e Streia (segunda da direita, segunda fila), com colegas da Escola Comercial. Belgrado, c. 1925. Fotografia desconhecido. Acervo Pessoal de Debora Medina Mandilovic/SP.

São conhecidos os documentos relativos aos casamentos de quatro dos cinco irmãos (base de dados do Museu Judaico de Belgrado) e a sepultura de Samuel Ozmo, morto em 1924, quando Streia e Debora tinham apenas treze anos.

Lenka, irmã mais velha de Streia, casou-se com Isaac Levi no Templo Beth-Israel em Belgrado. O casal teve um filho, Samuel-Mile, nascido em 1928 em Belgrado⁹⁷. Isaac Levi era filho de David Levi-Fortuna, búlgaro que chegou a Sérvia em fins do século XIX como mascate e que, em vinte anos, teve grande progresso financeiro (dai a inclusão de Fortuna, no sentido de sorte, ao seu nome). Ele se tornou o acionista principal do *Kolonijalna Banka*, um dos grandes bancos sérvios existentes antes da Segunda Guerra Mundial⁹⁸. A família Levi manteve laços com a família Eskenazy durante várias décadas, pelo menos desde o

⁹⁶ Cf. informações reunidas e sistematizadas por Emil Eskenazy Lewinger a partir das lembranças de Streia Eskenazy.

⁹⁷ Não foram encontrados nem o registro de casamento de Isaac Levi e Lenka Ozmo, nem o registro de nascimento de Samuel. Sua data de nascimento vem do banco de dados do Yad Vashem.

⁹⁸ Milic. D., op. cit., p. 176.

casamento de Lenka e Isaac, sendo companheiros de fuga e refúgio durante a Segunda Guerra Mundial. Schelly Levi, uma das entrevistadas para essa pesquisa, é neta de David Levi-Fortuna.

Túmulo de Samuel Ozmo no Cemitério Judaico de Belgrado (Ala principal, túmulo 31). Fotografia desconhecido. Disponível em: <http://www.makabijada.com/dopis/gradovi/grobgd/aleja/desno/DSCF7960.JPG>. Acesso em: 15 Jan. 2018

Famílias Eskenazy, Ozmo, Medina e Levi. Local não identificado, fins dos anos 1920. Fotografia desconhecido. Acervo pessoal de Streia Eskenazy / SP.

Como era o costume entre os sefaraditas daquela época, os homens se casavam mais tarde, dedicando-se, inicialmente, aos negócios da família. Isaac Ozmo, irmão de Streia, se casou com Erna Herčler (Hertzler) em 29 de abril de 1937 e não tiveram filhos⁹⁹. Ela vinha de uma família ashkenazita de Virovitica, na Croácia, filha de Hugo e Hermina Herčler. Apesar da origem croata, é possível que a família Hercler estivesse estabelecida em Belgrado há algum tempo. Dois documentos comprovam essa presença: uma Nota Fiscal emitida pela *Loja de Manufatura Central*, de Hugo Herčler datada de 1936 e um outro documento de liquidação da mesma empresa pelos alemães em 1943.¹⁰⁰

⁹⁹ Registro 891/1937 do Livro de Casamentos da Comunidade Judaica de Belgrado. Base de dados do Museu Judaico de Belgrado, acessado no local em 4 Jul. 2016.

¹⁰⁰ Milosavljević, O. Potisnuta-istina-Kolaboracija-u-Srbiji-1941-1944 In: *Ogledi*, v. 7, *Helsinki Committee for Human Rights in Serbia*. 2009. p.79. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/161921594/Olivera-Milosavljevic-Potisnuta-istina-Kolaboracija-u-Srbiji-1941-1944>. Acesso em: 30 jan. 2018.

Горанг (препорука):

6460

9843/

ЦЕНТРАЛ
 МАНУФАКТУРНА
 РАДЊА

ХУГО ХЕРЦЛЕР И ДРУГ
 ТЕЛЕФОН БР. 23-436 ПОШТАНСКИ ФАК 19
 ЧЕКОСЛОВ. РАЧУН БР. 84163
 Београд, Вука Караџића улица број 11

РАЧУН

Београд 18-XI-1936

Виндосова Антонин-Николи
 Јанков. Виндосова Ема-Марија
 Ојтми оренити Виндосовеле

Количина	ПРЕДМЕТ	МЕР.	АНГАРА	
			Цена	Износ
1	ноћна	1/5	25	25
3	ноћна	1/5	64	192
3	ноћна	1/5	45	135
3	ноћна	1/5	26	78
4	ноћна	1/5	26	104
				1103
	Дарца			11
				1114

Осим се плаћају за своје давање или исплате.

Nota Fiscal da *Loja de Manufatura Central*, de Hugo Hercler e outro, Belgrado, 1936. Disponível em: <https://bit.ly/2Hdmg8m> (link resumido). Acesso em: 10 jan. 2018.

O irmão gêmeo de Isaac, Rafael Ozmo casou-se com Dina-Ela Levi, em 24 de março de 1935¹⁰¹ e teve um filho, Samuel-Mile, nascido em Belgrado em 1937¹⁰². Dina Levi era de Skopje, na Macedônia, um dos centros do judaísmo sefardita da região. Assim como no caso da família Herčler, há elementos que indicam que a família de Dina esteve radicada em Belgrado durante alguns anos, como pudemos constatar pelo túmulo de Duda-Rejna Levi, avó de Dina, falecida em 1924.

¹⁰¹ Registro 558/35 do Livro de Casamentos da Comunidade Judaica de Belgrado. Base de dados do Museu Judaico de Belgrado, acessado no local em 4 Jul. 2016.

¹⁰² Registro 23/37 do Livro de Nascimentos da Comunidade Judaica de Belgrado. Base de dados do Museu Judaico de Belgrado, acessado no local em 4 Jul. 2016.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial e a união dos países da região formando primeiro o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, e depois a Iugoslávia, a partir dos anos 1920, Belgrado projetou-se como o mais importante centro comercial e industrial da região, passando a atrair muitas famílias judias que se mudaram para a cidade ou, ao menos, procuravam manter no local algum membro representando os negócios da família.¹⁰³

Debora Ozmo, irmã gêmea de Streia casou-se com Leone Medina, filho de Alfredo Medina e Klara Simon, em 9 de abril de 1933, e não tiveram filhos¹⁰⁴. Os Medina eram uma das mais antigas famílias sefaraditas da Sérvia, sobrenome que nos remete aos judeus que escaparam da Inquisição na Península Ibérica. No entanto, as referências que localizamos essa família na região da Sérvia datam do início do século XIX¹⁰⁵, enquanto que na região dos Balcãs/Império Otomano há registros desde o século XVI¹⁰⁶. A família de Klara Simon, mãe de Leone, era de Niš e lá se fixou em fins do século XIX, vindos provavelmente de Pristina, no Kosovo. A família Medina tinha fortes ligações comerciais com Viena, onde existia uma comunidade sefaradita estabelecida desde fins do século XVIII. Alguns dos irmãos de Alfredo, pai de Leone, fixaram residência na cidade no início do século XX.¹⁰⁷

Streia Ozmo se casou com Nissim Eskenazy em 29 de dezembro de 1929¹⁰⁸. Apesar de não ter conseguido preservar nenhuma fotografia do seu casamento, Streia dizia com orgulho que tinha sido um dos acontecimentos mais importantes do ano na comunidade

¹⁰³ Registro do Túmulo do Duda-Rejna Levi, de 1924, Quadra VII, Fila 7, túmulo 154. Disponível em: <http://www.makabijada.com/dopis/gradovi/grobgd/vii/6do9/7/DSCF3829.JPG>. Acesso em: 15 Set. 2017.

¹⁰⁴ Registro 629/1933 do Livro de Casamentos da Comunidade Judaica de Belgrado. Base de dados do Museu Judaico de Belgrado, acessado no local em 4 Jul. 2016.

¹⁰⁵ LEBEL, Jennie, op.cit., p.108-109.

¹⁰⁶ Rav Samuel ben Moshe de Medina (conhecido como o Maharashdam), de Salonica – 1506-1589. JVL-JEWISH VIRTUAL LIBRARY. *Croatia Virtual Jewish History Tour*. Acesso em: 20/03/2017 em <http://www.jewishvirtuallibrary.org/croatia-virtual-jewish-history-tour>.

¹⁰⁷ STUDEMUND-HALÉVY, M. COLLIN, G. Sefarad sur les rives du danube - Vienne et la littérature judéo-espagnole. *MEAH*, v. 57, p.149-211. Segundo os autores, em 1763 havia apenas 17 judeus sefaraditas em Viena e, cinquenta anos mais tarde, em 1813, já eram mais de cem famílias com cerca de quinhentos membros. Entre os judeus sefaraditas dos Balcãs, era bastante comum fixar negócios em Viena, enviando algum membro da família, normalmente um jovem solteiro, que por lá se casava com um membro de outra família, criando assim laços que tinham tanto o sentido familiar como comercial. Na base de dados de nascimentos e casamentos dessa comunidade são encontrados diversos membros originários de Belgrado e outras cidades da Sérvia como os Medina, Bararon, Almuli, Almulzino, Eskenazy, Benvenisti, Kalmi, etc. Informações acessadas em <http://www.sephardicgen.com/databases/viennaBirthsSrchFrm.html> e <http://www.sephardicgen.com/databases/viennaWeddingsSrchfrm.html> em abril de 2017. Entre os membros da família Medina, que fixaram residência em Viena, encontrava-se Rachel Medina Thaler, tia de Leone, casada com o jurista Dr. Eduard Thaler, originário de Trencin na região da Eslováquia. A família permaneceu na cidade até alguns anos antes da anexação Austríaca pelos nazistas, quando fugiram para os Estados Unidos.

¹⁰⁸ Registro 45/1929 do Livro de Casamentos da Comunidade Judaica de Belgrado. Base de dados do Museu Judaico de Belgrado, acessado no local em 4 Jul. 2016.

judaica, com a presença de vários parentes de outras cidades e que ela chegou à sinagoga em uma carruagem puxada por cavalos.¹⁰⁹

Casamento de Debora Ozmo e Leone Medina na Sinagoga Bet Israel. Belgrado, 9/4/1933. Fotografia desconhecido. Acervo Pessoal de Debora Medina/SP.

1.6. A família de Haim Eskenazy e Matilda Romano

Haim “Mika” Eskenazy e Mazal “Matilda” Romano se casaram em 27 de fevereiro de 1900, na antiga Sinagoga de Belgrado (*Stara Sinagoga, El Kal Vieszhu*)¹¹⁰. O casal teve quatro filhos, todos nascidos em Belgrado, nas seguintes datas: Samuel, em novembro de 1900, Sarina, em maio de 1902, Nissim, em janeiro de 1904 (a Sérvia naquela época ainda usava o calendário Juliano e no registro a sua data de nascimento é em dezembro de 1903) e Lea/Lili, em junho de 1908.¹¹¹

¹⁰⁹ Cf. informações reunidas e sistematizadas por Emil Eskenazy Lewinger a partir das lembranças de Streia Eskenazy.

¹¹⁰ Registro 8/1900 do Livro de Casamentos da Comunidade Judaica de Belgrado. Base de dados do Museu Judaico de Belgrado, acessado no local em 4 Jul. 2016.

¹¹¹ Apenas nos documentos da Comunidade Judaica de Belgrado, a irmã mais nova é identificada como Lea. Nos demais documentos e relatos posteriores, ela é conhecida como Lili, nome que doravante adotaremos. Apesar de terem nascido em Belgrado, a base de dados do Museu Judaico não tem os registros de nascimento

A família Eskenazy era ligada à manufatura têxtil, pelo menos durante todo o período em que viveu em Belgrado, entre 1897 e 1941¹¹². Existem três fontes históricas que comprovam essa ligação. Primeiro, um cartão postal de 1905, com Haim e Matilda, sentados à frente de outras mulheres, que provavelmente são funcionárias da *Manufatura Mecânica de Bordados e Tricôs Mika Eskenazy*. A segunda é o testemunho de Streia, afirmando que os Eskenazy eram fornecedores de roupas para o Exército Sérvio durante a Primeira Guerra Mundial¹¹³. A terceira é uma página do inventário de encerramento das atividades da empresa *Manufatura Samuel Eskenazy e Irmão*, que será detalhada em tópico a seguir.

“Saudações de Belgrado – Manufatura de Bordados e Trico Mika Eskenazy”, Cartão postal. Belgrado, entre 1903-1905. Fotografia desconhecido. Acervo da Biblioteca Central de Belgrado, utilizado por Jelena Perac em jun. 2009 como parte do acervo da exposição “Cartões Postais Comerciais” no Museu de Artes Aplicadas de Belgrado em 2009.

Não é conhecido registro documental sobre a educação dos filhos da família Eskenazy Romano. Segundo o relato de Streia, os jovens Samuel e Nissim fizeram seus estudos médios e superiores na Suíça. Samuel se graduou em Engenharia Química ou

dos filhos de Haim e Matilda. Entretanto, em seus registros de casamento consta a informação que eram nascidos na cidade.

¹¹² Como o censo de Niš registra que Haim morava nesta cidade em 1895 e ele se casa em Belgrado em 1900, assumimos a data de mudança para a cidade entre 1897-9.

¹¹³ Quando perguntada sobre qual era o tipo de roupa fornecida pela empresa, Streia dizia não se lembrar. Cf. informações reunidas e sistematizadas por Emil Eskenazy Lewinger a partir das lembranças de Streia Eskenazy.

Farmácia, já que essa foi sua ocupação após a Segunda Guerra Mundial até seu falecimento. Nissim era formado em Administração e Comércio¹¹⁴. Samuel, casou-se em 12 de junho de 1927 com Alis Levic¹¹⁵ e tiveram uma filha, Matilda¹¹⁶. Alis Levic era filha de Avram e Paula Levic, sendo seu pai importante figura da história da Sérvia na Primeira Guerra Mundial¹¹⁷. Samuel e Alis se divorciaram em 1935 e Alis casou-se novamente com Ernst Sekel, sobre o qual não conhecemos mais detalhes.

Sarina casou-se com Bencion Aron, com quem teve duas filhas Sofija e Matilda¹¹⁸. Bencion Aron era de uma família de comerciantes búlgaros da cidade de Vidin, que se estabeleceram em Belgrado em fins do século XIX. Seu pai Isaac e o tio Nissim tornaram-se conhecidos pelo envolvimento em causas comunitárias judaicas na cidade, sendo que nos arquivos do Museu Judaico de Belgrado foi encontrado um documento no qual a família aparece como a maior doadora da comunidade judaica em diversos anos da década de 1930¹¹⁹. Bencion faleceu em 1933.¹²⁰

A filha mais velha de Bencion Aron e Sarina Eskenazy, Sofija (posteriormente chamada Shulamit) participava ativamente do movimento sionista de tendência política de esquerda *Hashomer Hatzair* e, como uma boa parte de seus companheiros, antes da Segunda

¹¹⁴ Nesse período, na Suíça, Nissim sofreu um acidente aeronáutico, que lhe custou a perda de um rim e influenciou todo seu estilo de vida até o seu falecimento, sendo um dos poucos homens daqueles tempos que não fumava ou bebia. Também se submetia a tratamentos em estações de águas várias vezes ao ano. Provavelmente, é também desse acidente que veio a recusa de Nissim e Streia a viajarem de avião. Mesmo em viagens como São Paulo a Buenos Aires ou Montevideu, eles sempre utilizavam navio e, posteriormente, ônibus. Cf. informações reunidas e sistematizadas por Emil Eskenazy Lewinger a partir das lembranças de Streia Eskenazy.

¹¹⁵ Registro 16/1927 do Livro de Casamentos da Comunidade Judaica de Belgrado Base de dados do Museu Judaico de Belgrado, acessado no local em 4 Jul. 2016.

¹¹⁶ Não foi encontrado o registro de nascimento de Matilda, apenas um registro no Yad Vashem informando que ela nasceu em abril de 1927. Como eram raríssimos os casos de nascimento de crianças antes do casamento na comunidade sefaradita, é provável que sua data correta de nascimento seja abril de 1928.

¹¹⁷ Sobre Abram Levic, vide Anexo A: *A questão da comunidade e do antissemitismo*.

¹¹⁸ Não foi encontrado o registro desse casamento, mas como a filha mais velha, Sofija nasceu em janeiro de 1923, provavelmente o casamento ocorreu entre fins de 1921 e princípio de 1922. Matilda nasceu em 1925. A data de nascimento de Sofija está no seu documento de emigração de Israel. Disponível em: <https://bit.ly/2EGAOvi> (link reduzido do site MyHeritage). Acesso em: 15 Jun. 2016. A data de nascimento de Matilda, em seu registro de vítima da Shoa, preenchido por sua irmã Sofija, Disponível em: <https://yvng.yadvashem.org/nameDetails.html?language=en&itemId=1063589&ind=1>. Acesso em: 15 jun. 2016.

¹¹⁹ Tajtacak. David. *Beogradski Jevreji I Njihova Zanimanja (Od Kraja 19. Veka Do Ii Sv. Rata)*. Disponível em <http://www.makabijada.com/dopis/gradovi/grobgd/000/tajtacak.htm> Acesso em: 31 jan. 2018.

Relatório de doadores da comunidade judaica de Belgrado sob a guarda do Museu Histórico Judaico de Belgrado, sem número de registro. Acesso no local em 04 Jul. 2016.

¹²⁰ Base de dados do Cemitério Judaico de Belgrado. Disponível em: <http://www.makabijada.com/dopis/gradovi/grobgd/ix/5/DSCF3157.JPG>. Acesso em: 04 Jul. 2016.

Guerra Mundial emigrou para a Palestina¹²¹. Para a família, que buscava integração com a sociedade sérvia, isso foi um choque. Segundo Streia, a mãe e os tios de Sofija rasgaram suas vestes quando souberam da notícia, simbolizando o costume judaico da *Keriá*, quando se rasgam as vestes pela morte de um familiar próximo.¹²²

Lili casou-se em 10 de janeiro de 1932, com Rudolf Magrisso¹²³, e não tiveram filhos. Rudolf era descendente de uma tradicional família sefaradita que, assim como os Medina, tinha suas raízes nos judeus que escaparam da Inquisição na Península Ibérica. Durante os séculos XVIII e XIX, os rabinos-chefes de Belgrado foram seu bisavô, Azriel Jehiel Magrisso, que ocupou o cargo de 1781 até seu falecimento em 1791 (depois de um longo período como prisioneiro dos Turcos que haviam recuperado a cidade de ocupantes Austríacos); e seu avô, Josua Rafael Magrisso. Não é conhecida documentação sobre o período no qual Josua Rafael atuou em Belgrado¹²⁴. A matriarca Matilda morreu muito jovem, em 1925, com 44 anos.

¹²¹ Desde o início do movimento sionista, a direção da comunidade judaica esteve nas mãos, tanto de diretorias sionistas como anti-sionistas, que pregavam a maior integração possível com o país onde viviam. Para mais detalhes sobre a história do sionismo na Sérvia vide Anexo A: *Sionismo na Sérvia*.

¹²² Cf. informações reunidas e sistematizadas por Emil Eskenazy Lewinger a partir das lembranças de Streia Eskenazy.

¹²³ Registro 3/1932 do Livro de Casamentos da Comunidade Judaica de Belgrado. Base de dados do Museu Judaico de Belgrado, acessado no local em 4 Jul. 2016.

¹²⁴ LEBEL, Jennie, op. cit., p. 67-68.

Túmulo de Matilda Eskenazy no Cemitério Judaico de Belgrado, s.d. Fotografia desconhecida. Disponível em: <http://www.makabijada.com/dopis/gradovi/grobgd/aleja/DSCN0051.JPG>. Acesso em: 04 Jul. 2017.

Não há informações que confirmem se Matilda chegou a conhecer a casa que a família Eskenazy construía nos anos 1920 na Rua Cara Urosa, 11, no bairro de Zuruk, em Belgrado, a apenas um quarteirão de distância de onde ficava a Sinagoga Bet Israel. O que se sabe é que na portada da casa há um brasão com o monograma de Haim Eskenazy e a data de 1927. Não foi encontrada nenhuma informação sobre a residência anterior dos Eskenazy Romano, ou seja, não é possível saber se eles já residiam em Zuruk ou se ainda residiam no bairro judeu de Dorcol. A casa da Rua Cara Urosa hoje abriga uma ONG americana.¹²⁵

¹²⁵ A partir de 1927, a vida da família se centrou no imóvel descrito. Entre diversos documentos encontrados como listas telefônicas, comprovantes de pagamentos a comunidade judaica, listas de imóveis de judeus publicadas pelos nazistas, etc. todos citavam esse endereço. Por ser um imóvel grande, é possível que em alguns períodos até a Segunda Guerra Mundial, vários membros da família Eskenazy morassem no mesmo local.

Residência da família Eskenazy, à Rua Cara Urosa, 11. Belgrado, s.d. Fotografia não identificado. Google Maps. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@44.8213172,20.4556439,3a,90y,262.12h,105.84t/data=!3m6!1e1!3m4!1sOv793hxbPdJ1MAvQoe30Q!2e0!7i13312!8i6656>. Acesso em: 15 Jul. 2018.

Haim, que na época do falecimento de Matilda ainda era bastante jovem, com apenas 48 anos, casou-se, pela segunda vez, com Mazal Melamed, também viúva¹²⁶. O casamento durou apenas quatro anos, já que Haim faleceu em 1932. O casal não teve filhos.

¹²⁶ Registro 37/1925 do Livro de Casamentos da Comunidade Judaica de Belgrado. Base de dados do Museu Judaico de Belgrado, acessado no local em 4 Jul. 2016.

Túmulo de Haim Eskenazy no Cemitério Judaico de Belgrado, s.d. Fotografia desconhecido. Disponível em:

<http://www.makabijada.com/dopis/gradovi/grobgd/xii/DSCN1345.JPG>. Acesso em: 04 Jul. 2017.

1.7. A família de Nissim Eskenazy e Streia Ozmo

Segundo Streia, era esperado que o casal tivesse filhos rapidamente. Ela dizia que esse não era o plano deles¹²⁷. Nissim tinha tino comercial, destacando-se como homem de vendas na empresa da família, a *Manufatura de Bordados e Tricôs Mika Eskenazy*¹²⁸. Após a Primeira Guerra Mundial, o Reino dos Serbios, Croatas e Eslovenos (posteriormente Iugoslávia) viveu uma época de progresso. Desde 1930, Streia e Nissim passaram a viajar pela Europa, num misto de lua-de-mel estendida e busca de novas oportunidades comerciais para a empresa. Com o falecimento do pai Haim, em 1932, a empresa passou a se chamar *Fabrika Vateitekstilnerobe Ing. S. Eskenazy & K.* (Manufatura Textil de Roupas Samuel Eskenazy e Irmão). Samuel se tornou o diretor presidente, Nissim o diretor comercial e Rudolf Magrisso, cunhado de Samuel e Nissim, casado com Lili, assumiu o cargo de diretor

¹²⁷ Cf. informações reunidas e sistematizadas por Emil Eskenazy Lewinger a partir das lembranças de Streia Eskenazy.

¹²⁸ Mesmo após Segunda Guerra Mundial, Nissim sempre trabalhou com vendas de produtos têxteis, tanto no Uruguai, como na Argentina.

administrativo. Vivetta, filha única do casal, nasceu em 30 de dezembro de 1934, exatamente cinco anos após o casamento de Nissim e Streia.¹²⁹

Relação de pessoal empregado na *Fabrika Vateitekstilnerobe Ing. S. Eskenazy & K.* circa 1942. Arquivo do Museu Judaico de Belgrado. Acesso em: 05 jul. 2016.

Em meados de 1938, os diretores decidiram que a empresa deveria buscar novas oportunidades, já que os mercados europeus onde atuavam começavam a sentir as tensões que culminariam na Segunda Guerra Mundial. Em fins de abril de 1939, Nissim, Streia e Vivetta viajaram para os Estados Unidos e se estabeleceram em New Haven, no Estado de Connecticut. Menos de seis meses depois, a Alemanha invadiu a Polônia. A família decidiu voltar para a Europa no começo de 1940, pois ainda não era certo o alcance que a guerra tomaria. Segundo Streia, eles não queriam deixar os familiares para trás em um momento difícil como aquele e, ainda mais, por ela ser muito apegada à mãe Vinuca¹³⁰. Eles viveram por pouco mais de um ano em Belgrado, até a invasão alemã em seis de abril de 1941.

¹²⁹ Registro de nascimento não encontrado no Livro de Nascimentos da Comunidade Judaica de Belgrado. De acordo com Barbara Panic, parte dos registros dos últimos anos antes da guerra foram perdidos ou capturados pelos nazistas.

¹³⁰ Cf. informações reunidas e sistematizadas por Emil Eskenazy Lewinger a partir das lembranças de Streia Eskenazy.

II. RUPTURA

“O Holocausto é a ruptura que rompe a Filosofia”.

Emil Fackenheim¹³¹.

Como teriam reagido os judeus à ruptura que foi a invasão alemã à Iugoslávia em abril de 1941? Era possível que eles, a maioria sobreviventes da Primeira Guerra Mundial, que demonstraram civismo pelo seu país e que eram cidadãos plenos desde 1920, imaginarem que estariam apenas a alguns dias de serem fichados e a algumas semanas de serem aprisionados e condenados à morte, simplesmente por serem judeus? O que pode ter levado alguns judeus, mesmo antes que medidas de restrição fossem aplicadas a eles em grande escala, a decidirem deixar o país ou ao menos as grandes cidades de imediato?

O filósofo Emil Ludwig Fackenheim, autor do livro *To Ment the World: Foundations of Post-Holocaust Jewish Thought*, reconhece que, mesmo depois de décadas do Holocausto, o pensamento se encontra em um impasse. Todo o conhecimento acumulado nos anos pós-guerra não conseguiu dar conta de entender a radicalidade do mal, exposta pelas atrocidades de Auschwitz. Nesse sentido, a decisão dos que conseguiram escapar poderia ter sido algo pensando ou “simplesmente” algo instintivo?¹³²

2.1. A ocupação alemã de Belgrado

A vida dos judeus iugoslavos ou dos imigrantes judeus radicados na Iugoslávia mudou radicalmente a partir de abril de 1941, quando o antissemitismo cresceu como política de Estado a partir da ocupação do país pela Alemanha. Para compreendermos as razões da fuga de muitas das famílias aqui citadas, devemos levar em consideração o clima de medo e terror que, em poucos dias, tomou conta de todos estigmatizados como “Jude”. No entanto, é importante lembrar, que em outubro de 1940, o governo da Iugoslávia havia aprovado duas leis de exclusão, que alteraram o cotidiano e as condições de sobrevivência dos judeus no país: a primeira fixava uma cota para os judeus nas escolas secundárias e nas

¹³¹ FACKENHEIM, Emil. *To Ment the World: Foundations of Post-Holocaust Jewish Thought*. New York: Schocken Books, 1982, p. 266.

¹³² HAMBLET, W. A Pathological Goodness: Emmanuel Levinas' Post-Holocaust Ethics. *Minerva - An Internet Journal of Philosophy*. v. 10. 2006, p. 172-196. Disponível em: <http://www.minerva.mic.ul.ie/vol10/Goodness.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2019.

universidades, e a segunda proibia os judeus de comercializar e vender determinados gêneros alimentícios¹³³. As cotas atingiram profundamente a comunidade judaica já que, apesar de ser uma minoria entre a população total (menos de 0,5% da população), tinham uma presença expressiva nas universidades (mais de 5,0%).

A situação para os judeus na Iugoslávia agravou-se ainda mais após 25 de março de 1941, por ocasião da assinatura de um pacto de colaboração com os membros do Eixo, firmado em Viena entre Hitler e o Primeiro-Ministro iugoslavo Dragica Cvetkovic. Nesse momento, as tropas alemãs já se preparavam para invadir a Grécia e estavam estacionadas na Bulgária e Romênia, organizando-se para a *Operação Barbarossa*, de invasão da União Soviética, que ocorreria em alguns meses.¹³⁴

Dois dias depois ocorreram demonstrações contra o pacto em diversas cidades iugoslavas, culminando com um golpe de Estado que, em 29 de março, destituiu Cvetkovic e nomeou um gabinete militar. No dia seguinte, foi comunicado a Hitler que a Iugoslávia permaneceria neutra, que o golpe era um assunto interno e que as demais cláusulas do pacto permaneceriam inalteradas. Na mesma noite, Hitler convocou seu gabinete de conselheiros e ordenou a invasão imediata da Iugoslávia, utilizando tropas já estacionadas na Bulgária e Romênia. Essa ação incluiu uma ordem para atrasar a *Operação Barbarossa* (invasão a União Soviética) por quatro semanas. A operação foi denominada *Retribuição 25* (*Unternehmen 25*), em uma clara alusão ao rompimento do pacto em Viena¹³⁵. A Iugoslávia foi atacada em 6 de abril de 1941 e Belgrado bombardeada pela Força Aérea Alemã (*Lutwaffe*) durante três dias seguidos. Nesse primeiro ataque, estima-se que houve entre 2.000 e 3.000 mortos, 15.000 feridos. 627 edifícios foram totalmente destruídos, 1.601 muito afetados e 6.829 parcialmente afetados.¹³⁶

Os ataques aéreos foram seguidos por invasão por terra no mesmo dia 6, que se estendeu até o dia 11. No dia 15 de abril, o 2º Exército Alemão (*Wermacht*) já dominava Belgrado, estabelecendo na cidade o Comando Central de Ocupação. A Iugoslávia se rendeu

¹³³ Para detalhes, vide Anexo A: *A ascensão do Nazismo e suas repercussões na Iugoslávia*.

¹³⁴ LEBEL, Jennie. op. cit.p. 280. Não é conhecida nenhuma estimativa de quantos judeus morreram nesse bombardeio, mas foram encontrados pelo menos uma dezena de relatos na Base de Dados do Yad Vashem, de famílias judias que morreram soterradas pelo bombardeio.

¹³⁵ Idem, p. 280-281.

¹³⁶ UPOZNAJTE Beograd: 72 godine od najstrasnijeg bombardovanja prestonice. *Telegraph*. Edição Online, 06 abr. 2013. Disponível em: <http://www.telegraf.rs/vesti/beograd/632987-upoznajte-beograd-72-godine-od-najstrasnijeg-bombardovanja-prestonice-foto>. Acesso em: 22 abr. 2017.

incondicionalmente em 17 de abril. Antes do final de abril, o país deixou de existir, sendo dividido entre os países membros do Eixo e o Estado Independente da Croácia.

Mapa 1- Ocupação da Iugoslávia pelo Eixo entre 1941 e 1944. Fonte: Wikimedia Commons. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fascist_occupation_of_yugoslavia.png?uselang=pt-br#/media/File:Axis_occupation_of_Yugoslavia_1941-43.png. Acesso em: 15 jan.2017.

Com a mesma rapidez que as tropas da *Wermacht* invadiram Belgrado, os serviços secretos (*SD -SIPO* e *SD-GESTAPO*) e paramilitar (*SS*) alemães ocuparam a cidade e começaram a implementar políticas de cunho racista, aplicadas também nas demais cidades da Sérvia. Segundo Ristovic, no dia seguinte ao estabelecimento do Comando Central em Belgrado, em 16 de abril de 1941, o comandante da *SIPO* decretou o registro mandatório de todos os homens judeus na Comissária de polícia local¹³⁷. Durante o processo de registro, foram distribuídas faixas amarelas com *JUDE / JEBREJIIH* escrito em preto, que deveriam

¹³⁷ RISTOVIC, Milan. The persecuted and their abettors: solidarity and help for the jews in Serbia. In: *Israeli-Serbian Academic Exchange in Holocaust Research*, 2006, Jerusalem. *Anais... Muzej žrtava genocida*, 2006, p. 209-250.

ser usadas pelos judeus sobre a manga da roupa, no antebraço esquerdo¹³⁸. Adicionalmente, eles receberam um documento onde era definida a obrigatoriedade do porte da faixa e as penas pelo seu descumprimento.

Registro dos homens judeus em Belgrado, 16 de abril de 1941. Fotografia: Neubauer. Bundesarchiv. Disponível em: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/81/5a/0a/815a0adca06f2c4137fef5e00f912127.jpg>. Acesso em: 15 mai. 2017.

No dia seguinte ao bombardeio, o responsável pela “questão judaica”, Dr. Gustav Berger, entrou em Belgrado, antes da própria *Wermacht*. O grupo que ele dirigia, Comando Rosenberg (*Sonderkommando Jugoslawien de Einstzstabes RR-Reischleiter Alfred Rosenberg*), era o responsável por catalogar e confiscar todos os bens materiais, históricos e culturais das comunidades judaicas e os transferir para o Instituto de Estudos da Questão Judaica (*Institut NSDAP zur Ezforschung der Judenfrage*), parte do Museu da Nova Alemanha.¹³⁹

Algumas horas após a chegada de Berger, o Rabinato Central da Iugoslávia, em Belgrado, já havia sido invadido e boa parte de seu material saqueado. Além de listagens de membros, os nazistas levaram os originais dos tratados assinados entre a comunidade judaica e o governo Sérvio/Iugoslavo. Isso era parte da estratégia nazista de não apenas

¹³⁸ LEBEL, Jennie, op. cit., p. 286.

¹³⁹ Idem, p. 281.

eliminar os judeus enquanto seres humanos, mas apagar a sua história. Segundo Anders Rydell (apud Michael Roth), era motivo de orgulho para oficiais nazistas destruir material judaico, como por exemplo, tratados talmúdicos ou cartas históricas. Por outro lado, a simples destruição desses documentos não era suficiente. Antes disso, segundo o autor, era necessário estudar esses "segredos" judaicos. Alfred Rosenberg, principal ideólogo do nazismo, liderou uma equipe de pesquisadores empenhados em reescrever a história dos judeus da perspectiva nacional-socialista, algo como “Estudos Judaicos sem Judeus”.¹⁴⁰

Foi encontrada a lista dos pagadores de taxas à comunidade, que permitiria aos nazistas definir prioridades em termos de buscas e extorsão. Segundo Berger tal lista era apenas uma confirmação e/ou complementação das informações já conhecidas pelos invasores, visto que os bancos alemães operavam na Iugoslávia desde a segunda metade dos anos 1930 e, entre seus principais clientes, estavam alguns judeus.¹⁴¹

Além do registro no dia 16 de abril de 1941, sabe-se também que em 26 de abril a convocação se estendeu a todos os membros da comunidade¹⁴². Em 26 de maio, os alemães tinham 8.968 judeus registrados, dos quais 7.441 adultos e 1.527 crianças e adolescentes.¹⁴³

Lebel sugere uma divisão cronológica para o “tratamento da questão judaica” na Sérvia e, especialmente, em Belgrado:¹⁴⁴

- **Primeira fase:** entre abril a agosto de 1941, os nazistas, com suporte de colaboradores locais, se concentraram no processo de identificação, registro e marcação dos judeus locais. Estigmatizados por tais marcas, os judeus iugoslavos – assim como já acontecera na Alemanha, Áustria e Polônia, por exemplo – perderam seus direitos como cidadãos e como seres humanos. Além de terem suas ideias vigiadas e censuradas, perderam o direito de ir-e-vir e encaminhados para trabalhos forçados nas ruas de Belgrado;
- **Segunda fase:** entre agosto a novembro de 1941, os nazistas confinaram todos os homens adultos maiores de 14 anos na localidade de Topovške Šupe,

¹⁴⁰ ROTH, Michael. How Nazis destroyed books in a quest to destroy European culture. The Washington Post. Edição online. 24. Fev.2017. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/opinions/how-nazis-destroyed-books-in-a-quest-to-destroy-european-culture/2017/02/24/244aee94-cdf3-11e6-a87f-b917067331bb_story.html?noredirect=on&utm_term=.8b00cc953746. Acesso em: 09 jan. 2019.

¹⁴¹ LEBEL, Jennie, op. cit., p. 282.

¹⁴² Idem, p. 288.

¹⁴³ Há alguma controvérsia sobre o número total de judeus em Belgrado em 1941: Lebel diz que eram 11.870 e Ristovic diz quem eram 12.000. LEBEL, Jennie. op. cit. p. 290; RISTOVIC, Milan. Jews in Serbia during World War Two: Between the final solution to the Jewish question, In: FOGEL, M.; RISTOVIC, KILJANIN, M. (Orgs.). *Serbia. Rightous among Nations*, Belgrade:, JOZ. 2010, p. 10.

¹⁴⁴ LEBEL, Jennie, op.cit., p. 283-284.

transformando os mesmos em reféns e os executando quase que diariamente, em vingança contra atos de sabotagem, que já ocorriam corriqueiramente na região. Segundo Ristovic, o número de judeus mortos nessa fase é bastante controverso, já que não havia um controle apurado das execuções e o campo foi usado também para executar sérvios ortodoxos, ciganos e outros grupos. O autor estima que aproximadamente 5.000 judeus morreram em Topovska Supa, a maioria fuzilada em localidades próximas ao campo¹⁴⁵;

- **Terceira fase:** entre dezembro de 1941 e maio de 1942, todas as mulheres, crianças e idosos além de alguns homens que tinham sobrevivido à segunda fase foram levados ao campo de extermínio de Sajmiste (8 a 12 de dezembro) e executados em câmaras de gás moveis instaladas em caminhões adaptados trazidos da Ucrânia (entre fevereiro e maio de 1942). Segundo Lebel, em 31 de janeiro de 1942 havia em torno de 6.500 prisioneiros no campo, no final de abril do mesmo ano restavam 1.884. Em 24 de maio de 1942, Franz Rademacher, especialista em questões judaicas informou que “A questão judaica na Sérvia não é mais relevante”, um indicativo de que os prisioneiros que restavam tinha sido executados entre abril e maio de 1942.¹⁴⁶

Uma série de documentos relacionados aos judeus foi confeccionada pelos alemães durante a primeira fase, muitos dos quais baseados nos registros já existentes, seja na Alemanha ou na própria Sérvia. Entre os que se encontram disponíveis, acreditamos que os mais importantes para este nosso estudo são:

- **Lista de judeus de Belgrado:** organizada por ordem do Comando Militar da Sérvia que, em 30 de maio de 1941, submeteu ao crivo nazista os nomes de todos os judeus ativos e suas esposas (*Anmeldung*). Dessa lista onde constam 3.498 nomes, há aproximadamente 10% de ciganos. Lista compilada por Veselinovic em 1992¹⁴⁷;

¹⁴⁵ RISTOVIC, Milan, op. cit., p. 13.

¹⁴⁶ Para mais detalhes sobre as três fases vide Anexo A: *Evolução das medidas raciais nazistas*. LEBEL, Jennie, op. cit., p. 325, 329.

¹⁴⁷ Não constam nessa lista os nomes de Nissim ou de seu irmão Samuel. VESELINOVIC, J. Spisak Jevreja I supružnika jevreva koji su prema naredbi vojnog zapovednika u srbiji od 30. Maja 1941. In: SAMARDZIK, R. (org.). *Zbornik 6*. Beograd: Federation of Jewish Communities in Yugoslavia, 1992, p. 372- 406.

ANMELDUNG — ПРИЈАВА

über die Vermögensverhältnisse
о имовини

Рубена Романо, дил. пр.

aus Belgrad, wohnhaft in der Strasse
из Београда, са станом у улици

Принајској № 8
Бр.

gemäss der Verordnung des Militärbefehlshabers in Serbien vom 30. Mai 1941.
а према Наредби Војног Заповедника у Србији од 30 маја 1941 год.

I. IMMOBILIEN — НЕПОКРЕТНОСТ

genau anführen, wo sich das Vermögen befindet mit Grundbuch-Angaben:
означити тачно, где се имање налази са земљишно-књижним подацима:

у Београду у Принајској
улици бр. 8, Пружена зграда
од 1 стана од 2 собе, припад-
на м. к. к.

Матрица бр. 6215 издања 3-III-1926
бр. повер. за осн. зем. књига Р 668
П 3240

Површ. земље 310,82 м

у т

ИАБ-6-к 273-350

Primeira página do registro de Ruben Romano junto ao Comando Militar da Sérvia (Anmeldung). O registro completo está no Anexo E. Disponível em: <https://www.holokaust.arhiv-beograda.org/sajmiste/?prezime=romano&ime=ruben&lang=en>. Acesso em: 26 jul. 2018.

- **Registros de inventários para liquidação de propriedades judaicas:** dentre as quais identificamos o registro da família Eskenazy, datado de maio de 1941, incluindo dados sobre a casa onde viviam na Rua Cara Urosa, n. 9, e os ativos da *Fabrika Vateiteksilnerobe Ing. S. Eskenazy & K.* Junto aos nomes de Nissim e Samuel não constava nenhuma anotação adicional informando que eles já não estavam em Belgrado em fins de maio e, provavelmente, o inventário foi feito à revelia;
- **Anúncios publicados em jornais locais:** convocavam credores e devedores de empresas liquidadas a comparecerem ao endereço da mesma para negociar com prováveis interventores (*Komesar*). Um desses anúncios publicados no periódico *Ponedeljak* em 18 de agosto de 1941 diz respeito à empresa de Arthur Werber, parente distante das famílias aqui estudadas. No ano de 1943, outro anúncio cita a liquidação da empresa de Hugo Hercler, mais de dois anos após a invasão alemã.¹⁴⁸;
- **Fichas de residentes permanentes de Belgrado:** usadas como suporte pelos alemães para prender os judeus que, na terceira fase, seriam enviados ao campo de concentração de Sajmiste.

2.2. O destino da família Eskenazy

Em menos de cinco semanas, desde a invasão alemã a Belgrado em 6 de abril de 1941, provavelmente já não existia mais oportunidade real de escapatória nem de existência digna para a grande maioria dos judeus. É nesse intervalo de tempo que procuramos saber quais foram as providências tomadas por Nissim e Streia Eskenazy para escapar da ameaça nazista. Sabemos que, dos aproximadamente 12.000 judeus que viviam em Belgrado em 1941, em torno de 9.000 registraram-se junto aos setores de controle alemão. Pode-se

¹⁴⁸ Durante pesquisa no Museu Judaico de Belgrado, foi permitido acessar alguns registros detalhados, entre os quais constava o inventário de liquidação das propriedades da família Eskenazy, como citado acima. Não foi permitido tirar cópias ou fotografar os documentos. Sobre os anúncios ver: MILOSAVLJEVIĆ, Olivera. Potisnuta-istina-Kolaboracija-u-Srbiji-1941-1944. In: *Coleção Ogledi*, v.7, Helsinki: Committee for Human Rights in Serbia. 2006. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/161921594/Olivera-Milosavljevic-Potisnuta-istina-Kolaboracija-u-Srbiji-1941-1944>. Acesso em: 30 jan. 2018.

estimar que, cerca de 2.900 a 3.000 judeus não se apresentaram às convocações, diferença que pode ser explicada por três fatores:

- Famílias judias que já teriam deixado Belgrado antes de 16 de abril de 1941;
- Famílias judias que, mesmo ainda estando em Belgrado no período dessas duas convocações, decidiram não atender às mesmas;
- Erros de contagem, em um momento histórico no qual não existiam sistemas computadorizados, os registros civis eram manuais, etc.

Diante dessas possibilidades, alguns questionamentos podem ser feitos: é possível que Nissim, que mantinha muitos contatos com o exterior, já tivesse informações sobre o que ocorria com os judeus no resto da Europa? Teriam eles já deixado a cidade no momento desses registros ou teriam optado por não se registrar? Em nenhuma das listas de judeus de Belgrado há referências aos membros da família Eskenazy que sobreviveram ao Holocausto. A resposta a essa questão não é conhecida. Entretanto, identificamos alguns relatos que se assemelham às experiências vivenciadas pela família Eskenazy, dentre os quais o de Schelly Levi, Gabi Deleon, Dr. Paja Ciner, Vera Robicek-Siporen, Josef Bencion-Papo, etc.¹⁴⁹

O relato de Schelly Levi, por exemplo, traz informações detalhadas sobre a forma como a família deixou a cidade. Segundo ela, que tinha na época quatro anos, seu pai Aron Levi era oficial da reserva do exército iugoslavo e já tinha sido convocado para ficar de prontidão em 30 de abril de 1941, já que as notícias que chegavam da Alemanha eram que Hitler tinha ficado furioso com a “traição” do governo da Iugoslavia. Preocupado com o destino da sua família, Aron pagou um guia para levar a mulher e filhos para fora de Belgrado no dia 4 de abril de 1941. O acordo que tinha com sua mulher era que, independentemente do que ocorresse, eles iriam se encontrar em Belgrado. Quando, na semana seguinte, Aron Levi foi desmobilizado, começou o seu trajeto para retornar à cidade. Em uma parada, encontrou um amigo que, ciente do que haviam combinado, informou-lhe que sua família já não mais se encontrava na cidade e indicou-lhe o destino tomado pela mulher e filhos. Em meados do mês de abril, a família se reuniu novamente nas proximidades de Sarajevo. Schelly recorda-se de que o grupo que viajava com eles era de mais ou menos onze ou doze pessoas, mas não se lembra, exatamente, quem eram essas

¹⁴⁹ Entre outros, os testemunhos de Gabi Deleon (p.211-220), Dr. Paja Ciner (p. 221-234), Vera Robicek-Siporen (p. 261-264) e Josef Bencion-Papo (p. 475-489). JHM – Jewish Historical Museum. *We Survived*. Belgrade: Federation of Jewish Communities of Serbia, v. 3, 2006.

pessoas, se outros membros da família Levi ou se os Eskenazy estavam nesse mesmo grupo.

150

Belgrado começou a ser bombardeada às sete horas da manhã do dia seis de abril de 1941. Segundo Gabi Deleon, o bombardeio, que seria apenas o primeiro, durou três horas ininterruptas e, após esse momento, diversas famílias fugiram da cidade, buscando abrigo em vilas e pequenas cidades nas imediações de Belgrado. Ainda não havia qualquer relação dessa fuga com origem étnica, já que, como vimos anteriormente, as primeiras medidas antissemitas foram tomadas pelos nazistas dez dias após esse primeiro bombardeio, apesar de já existirem duas medidas de restrição estabelecidas pelo governo iugoslavo em fins de 1940¹⁵¹. Por exemplo, Josef Bencion-Papo disse ter encontrado conhecidos sérvios em algum ponto do caminho entre Sarajevo e a Dalmácia, também fugindo dos ataques alemães.

O tempo para a fuga foi bastante curto, já que após algumas horas de aparente calma, quando vários habitantes de Belgrado ainda saíam de casa para verificar o que havia ocorrido, ocorreu um segundo ataque alemão, que durou mais três horas e no qual morreram algumas famílias judias de Belgrado, segundo fichas preenchidas no Yad Vashem. Vários relatos indicam que, na noite de 6 de abril e nos dias subsequentes, algumas famílias fugitivas enviaram “emissários” a Belgrado, normalmente o pai ou filho mais velho da família, com o objetivo de apanhar tudo o que fosse possível, principalmente dinheiro e outros pertences de valor, como joias. Paja Ciner conta que o seu pai o enviou para buscar, além dos pertences financeiros, os melhores pares de sapatos que a família tinha¹⁵². Em outro relato, jovens ligados ao Movimento Juvenil *Hashomer Hatzair*, que haviam fugido após o bombardeio da manhã do dia 6 de abril de 1941 e se escondido em um estábulo a aproximadamente 15 km de Belgrado, retornaram a cidade no dia 8 para coletar alimentos que sabiam ter ficado em um centro comunitário.¹⁵³

¹⁵⁰ Testemunho de Schelly Levi - sobrevivente do Holocausto – Depoimento colhido pelo pesquisador em quatro entrevistas, via *Skype* e *WhatsApp*, nos dias 2 de fevereiro de 2016, 4 de abril de 2017, 10 de janeiro de 2018 e 02 de abril de 2018.

¹⁵¹ Para mais detalhes, vide Anexo A: *Evolução das medidas raciais nazistas*.

¹⁵² Entre os mais de cem relatos escritos e vídeos assistidos para essa pesquisa, não foi encontrado nenhum relato de família de sobreviventes que permaneceu em Belgrado por mais de alguns dias após o ataque alemão de 6 de abril de 1941 e que, apenas com o aprofundamento das medidas antissemitas, decidiu deixar a cidade. Há casos, como o Dr. Paja Ciner, nos quais as famílias até voltaram por um período a Belgrado, sempre de maneira incógnita, mas por não mais de alguns dias. Cf. testemunho do Dr. Paja Ciner publicado na Coleção *We Survived*, v. 3, p. 221-234.

¹⁵³ Cf. testemunho de Armando Moreno, publicado na Coleção *We Survived*, op. cit., v. 2, p. 445-446.

É possível assumir que Nissim, Streia e Vivetta deixaram a cidade num intervalo de tempo que vai de alguns dias antes até alguns dias depois de 6 de abril de 1941. Suas trajetórias e estratégias de sobrevivência são contadas em conjunto com as de Debora Medina, irmã de Streia e seu marido Leone; Samuel Eskenazy, irmão de Nissim; Lilly Magrisso, irmã de Nissim e seu marido Rodolfo; Simon Romano, primo de Nissim, sua esposa Klara e seus filhos Samuel e Zacharia, todos membros da família Eskenazy que conseguiram deixar Belgrado e que sobreviveram à guerra.

Os membros da família Eskenazy que conseguiram deixar Belgrado, mas não sobreviveram a guerra foram Lenka Levi, irmã de Streia, seu marido Isaac e o filho Samuel Mile, cujas histórias serão retomadas no Capítulo III - Travessia ou Travessias?.

A única membra da família que não deixou Belgrado e para a qual temos informações sobre como pode ter sido morta é Vinuca Ozmo, mãe de Streia, para a qual encontramos uma ficha de identificação pessoal, apresentada na página a seguir. Na segunda página da ficha é possível ver duas alterações de residência após a ocupação alemã de Belgrado, tendo como último endereço a partir de agosto de 1941, o da residência dos Eskenazy, onde ela deve ter vivido durante cerca de dois a três meses com Matilda, segunda esposa de Haim, pai de Nissim.¹⁵⁴

¹⁵⁴ Apesar de existir um registro no qual a data de falecimento de Vinuca é em novembro de 1941 (a lista Yizkor de Belgrado, acessada no Museu Judaico de Belgrado em 04 de julho de 2016), não são conhecidas evidências para essa data. Como o Campo de Sajmiste, onde a maioria de mulheres, crianças e pessoas idosas começou a operar apenas a partir do início de dezembro de 1941 e, as execuções apenas começaram em fevereiro de 1942, Vinuca pode ter morrido antes de ser levada para o campo.

сopстBеник куће
sopstvenik kuće

хотел
hotel

његов стан
njegov stan

ПРИЈАВА — PRIJAVA
ПРИЈАВЉУЈЕ СЕ: — PRIJAVLJUJE SE:

Улица, број, спрат — Ulica, broj, sprat	Кнез Милешић 15
Име породично и рођено. За удату или удовицу и рођено име мужа и девојачко породично име Ime porodično i rođeno. Za udatu ili udovicu i rođeno ime muža i devojачко porodično ime	Озмо Викин дошол.
Занимање — Zanimanje	учр.
Држављанство — Državljanstvo	1885 год.
Дан, месец и година рођења Dan, mesec i godina rođenja	Миле
Место рођења, срез, земља Mesto rođenja srez, zemlja	Београд
Завичајна општина, срез, земља Zavičajna opština, srez, zemlja	удова
Брачно стање — Bračno stanje	појеније
Вера — Vera	Соломон
Рођ. име оца и мајке, и мајчино девојач. презиме Rođ. ime oca i majke, i majčino devojачко prezime	Уи
Ранији стан у Београду: улица и број, или у ком другом месту: село, срез, Бановина Raniji stan u Beogradu: ulica i broj, ili u kom drugom mestu: selo, srez, Banovina	

ЖЕНА И ДЕЦА ИСПОД 18 ГОДИНА — ŽENA I DECA ISPOD 18 GODINA

Рођено име и девојачко породично име жене и рођено име деце Rođeno ime i devojачко porodično ime žene i rođeno ime dece	мушко muško	женско žensko	Дан месец и година рођења Dan, mesec i godina rođenja	Место рођења Mesto rođenja

НАПОМЕНА: 18-III-36 пријав. заседао др Мунер Самуел
NAPOMENA:

Станар — Stanar

(датум)
(datum)

(место)
(mesto) 5-IV-24

Власник куће-управитељ-становалац
Vlasnik kuće-upravitelj-stanodavac

Primeira página da ficha de residente permanente de Vinuca Ozmo na qual constam seu endereço, nome e sobrenome, data e local de nascimento, cidade de residência, estado civil, religião e nome dos pais. A segunda parte da ficha servia para registrar dados da esposa e de filhos menores de 18 anos. Belgrado, 5 de abril de 1924. Disponível em <http://www.arhiv-beograda.org/holokaust/sajmiste/?prezime=ozmo&ime=vinka&lang=en>. Acesso em: 26 Fev. 2018.

[illegible]

Segunda página da ficha de residente permanente de Vinuca Ozmo, mostrando os endereços onde ela morou a partir de 1924. Belgrado, 5 de abril de 1924. Disponível em: <http://www.arhiv-beograda.org/holokaust/sajmiste/?prezime=ozmo&ime=vinka&lang=en>. Acesso em: 24 Fev. 2018.

Não existem informações precisas sobre como morreram os demais membros da família. Supõe-se que Isaac Ozmo e Rafael Ozmo, irmãos de Streia, tenham morrido no campo de concentração de Topovške Šupe, entre agosto a novembro de 1941. No campo de concentração de Sajmiste, entre dezembro de 1941 e maio de 1942, teriam morrido: Dina Ozmo (esposa de Rafael) e seu filho Samuel; Erna Ozmo (esposa de Issac) e seus pais Hugo e Klara Hercler; Matilda Eskenazy, segunda esposa de Haim Eskenazy; Sarina Bencion,

irmã de Nissim e sua filha Matilda; Matilda Eskenazy, filha de Samuel, irmão de Nissim, e Alis, a mãe de Matilda, ex-esposa de Samuel.

III. TRAVESSIA OU TRAVESSIAS?

Travessia ou Travessias? O que a família de Nissim e Streia passou a viver desde a saída de Belgrado até o encontro de um provável porto seguro não pode ser traduzido na forma singular pela palavra “travessia”. Apesar de ser um único processo de fuga, trata-se no mínimo, de três travessias, cada qual finalizado em um local diferente, onde a família imaginava ter encontrado a segurança. Comparadas com o momento da ruptura - em consequência da ocupação da Iugoslávia pela Alemanha e a aplicação de um conjunto de leis antisemitas e ações genocidas - essas travessias foram acompanhadas de momentos de relativa tranquilidade, meses ou até anos, que acabaram sendo novamente rompidos por um novo desenrolar no palco da guerra.

Podemos nos referir a três momentos distintos de rupturas seguidas por travessias:

- **Primeiro momento:** quando a família Eskenazy fugiu de Belgrado em direção à costa da Dalmácia, controlada pelos italianos, e lá permaneceu por oito a nove meses;
- **Segundo momento:** iniciado pela decisão italiana de evacuar os judeus da Dalmácia no final de novembro de 1941, quando a família Eskenazy foi transferida de Split para a cidade de Bardi (Parma) na Itália, onde permaneceu por cerca de dois anos;
- **Terceiro momento:** abalado pela invasão nazista ao norte da Itália, no final de 1943, momento que a família Eskenazy se dividiu: Nissim e Streia rumaram para a Suíça e Vivetta para a região de Como, no norte da Itália. Nesses locais eles ficaram abrigados até o término da guerra na Itália entre abril e maio de 1945.

3.1. De Belgrado a Dalmácia

De acordo com relatos de sobreviventes na coleção *We Survived*, dois foram os principais percursos utilizados pela maioria dos judeus para se chegar da Sérvia até a Dalmácia ocupada pelos italianos¹⁵⁵:

¹⁵⁵ Importante ressaltar que foram diversas as estratégias de fuga e sobrevivência dos judeus de Belgrado e da Iugoslávia como um todo, envolvendo não somente a Itália, mas também a Albânia, o Egito, a Hungria e outros. Para mais detalhes, vide Anexo A: *Evolução das medidas nazistas – terceira fase*.

Mapa 2- Iugoslávia dividida entre os países do Eixo e o Estado Nacional Croata (NDH). Adicionadas duas possíveis rotas de fuga entre Belgrado e Split. Fonte: Wikimedia Commons. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fascist_occupation_of_yugoslavia.png?uselang=pt-br#/media/File:Axis_occupation_of_Yugoslavia_1941-43.png. Acesso em: 15 jan. 2018.

O primeiro percurso (1) teria sido via férrea entre Belgrado e Sarajevo e de lá, também por via férrea para Split. Alguns testemunhos informam, que nas primeiras semanas da guerra, enquanto as medidas antissemíticas ainda não estavam em vigor, era possível que judeus utilizassem *laissez-passer* verdadeiros, que autorizavam a viagem para Split, valendo-se do fato de que tinham parentes na cidade destino¹⁵⁶. Há também relatos de uso de documentos falsos, como identidades em nome de sérvios ortodoxos. Essa via férrea foi mantida durante a guerra, já que servia para movimentação de tropas do Eixo e de aliados. Outros, possivelmente, fizeram o mesmo percurso por via rodoviária, parando em cidades,

¹⁵⁶ Cf. testemunho de Nada Neumann, In: Coleção *We Survived*, op. cit., v. 2, p. 267-269.

algumas vezes por apenas algumas horas, outras durante vários dias¹⁵⁷. Segundo Schelly Levi, sua família fez uma parada na cidade de Uzice, na metade do caminho entre Belgrado e Sarajevo. Ela diz não se lembrar se foram alguns dias ou semanas.¹⁵⁸

O segundo percurso era via Montenegro (2), região dominada pelos italianos, e de lá, via mar, até Split. Esse percurso era mais complexo, pois a região é montanhosa e, na época, não contava em muitos trechos com caminhos rodoviários, devendo ser percorridos a pé, com o auxílio de guias locais que, normalmente, extorquiam os refugiados. Por outro lado, essa mesma precariedade de rotas não permitia um controle eficiente dos italianos que dominavam a região, tornando a travessia “mais tranquila” até a chegada à Baía de Kotor, de onde os refugiados embarcaram para Split.¹⁵⁹

Segundo o historiador Jozo Tomasevic, o fluxo de refugiados para a região da Dalmácia controlada pelos italianos aumentou muito a partir de maio de 1941, momento em que o efeito das medidas antijudaicas começou a ser sentido em toda Iugoslávia, tanto na região dominada pelos croatas (incluindo a Croácia e a Bósnia) como na região dominada pelos alemães (a Sérvia). Tomasevic cita um documento de 17 de setembro de 1941, de Giuseppe Bastianini - governador da Dalmácia - para Mussolini, no qual afirma que, naquele momento, existiam quatro mil judeus em Split e antes da anexação italiana da região dalmata menos de mil. Segundo Bastianini, quinhentos judeus estavam alojados na Ilha de Korcula e quinhentos já haviam sido transferidos para a Itália. Para Tomasevic, o número de refugiados poderia então ser estimado entre quatro a cinco mil. Entretanto, mesmo com o documento de Bastianini, o número de refugiados poderia ser bem maior, visto que existia um contingente considerável que teria entrado na região com documentos falsos e continuava fora do controle das autoridades italianas¹⁶⁰. Para Voigt, não menos de três mil e oitocentos refugiados judeus teriam se refugiado em toda a Dalmácia, dos quais apenas 723 estavam lá legalmente registrados em agosto de 1941.¹⁶¹

Tomasevic explicita que existiam elementos na lei italiana que permitiram que os judeus, especialmente os mais ricos, fossem transferidos para a Itália continental, onde

¹⁵⁷ Cf. testemunho de Estera-Stela Margalit, In: Coleção *We Survived*, v. 5, p. 283-303.

¹⁵⁸ Cf. testemunho de Schelly Levy.

¹⁵⁹ Cf. testemunho de Alexander Masic, In: Coleção *We Survived*, v. 5, p. 208-222.

¹⁶⁰ TOMASEVIC, Jozo. *War and revolution in Yugoslavia, 1941-1945: occupation and collaboration*. Stanford, CA: Stanford University Press, 2000, p. 597.

¹⁶¹ VOIGT, Klaus. *Il rifugio precario Gli esuli in Italia dal 1933 al 1945*, v.2. Firenze: La Nuova Italia, 1993, p. 260.

estariam relativamente mais seguros que na Dalmácia, a poucos quilômetros de áreas ocupadas pelos alemães e pelos colaboradores croatas Ustashe¹⁶². Pizzuti afirma que as regras fascistas previam que somente aqueles que pudessem "viver por sua conta" tinham direito de entrar na Itália. No entanto, ela considera que algumas pessoas, apesar de não declararem posses suficientes para viverem às suas custas, acabaram sendo autorizadas a entrar no país. Para a autora, as decisões fascistas em relação a esse assunto eram bastante confusas e nas áreas iugoslavas ocupadas pelos italianos, cada governador (prefeito) se comportava de uma maneira peculiar. Segundo ela, até o momento não é conhecido nenhum documento oficial italiano que tenha detalhado claramente as regras de quem podia ou não ser transferido para a Itália, muito menos o que significava para o governo italiano "viver por sua conta".¹⁶³

É de difícil compreensão essa postura do governo italiano que, a partir de 1941, resolveu aumentar a segurança de judeus estrangeiros refugiados na Dalmácia ocupada. Lembramos aqui que, desde 1-2 de setembro de 1938, Mussolini havia aprovado um conjunto de leis racistas e antisemitas, entre as quais a expulsão de judeus estrangeiros, como analisou Anna Rosa Campagnano em seus estudos.¹⁶⁴

Segundo Klaus Voigt, as transferências de judeus da Dalmácia para a Itália foram pequenas durante meados de 1941, contabilizando cerca de 40 no mês de maio, mas com o aumento do contingente na segunda metade de 1941. É possível, portanto, que o governador Bastianini tenha tentado eliminar o que ele via como problema, que era ter uma quantidade crescente de refugiados na província que governava. Para o autor, a notícia de que, entre novembro e dezembro de 1941, um total de 1.045 refugiados havia sido transferido da Dalmácia para a Itália resultou na entrada de um novo contingente de refugiados na província. Em janeiro de 1942, uma instrução do Ministério do Interior Italiano suspendeu qualquer nova transferência.¹⁶⁵

¹⁶² TOMASEVIC, Jozo, op. cit., p. 597.

¹⁶³ PIZZUTI, Anna. *Gli Ebrei in Fuga*. Disponível em: <http://www.annapizzuti.it/jugoslavia/j03.php>. Acesso em: 15 Maio 2017.

¹⁶⁴ CAMPAGNANO, Anna Rosa. *In Defesa de la Razza*. São Paulo: Edusp, 2011, p. 102-103.

¹⁶⁵ Apesar de Voigt indicar 1.045 refugiados transferidos para a Itália a partir de Split, o documento oficial sob a guarda do Arquivo Histórico de Roma, cita 1.095 refugiados transferidos. Adotaremos para nossa dissertação esse último número. VOIGT, Klaus, op. cit. p. 261. Archivio Centrale dello Stato. *Elenco del Ebrei rifugiati a Spalato e da Spalato internati in località del Regno*. Roma, Ministero dell'Interno, Direzione Generale Pubblica Sicurezza, Cat. A16 (Stranieri e ebrei stranieri), busta 15, fascicolo SPALATO. Fotografia: Anna Pizzuti. s.d.

No começo de 1942, a população judaica na Dalmácia era de, pelo menos, três mil pessoas. Em meados de 1942 o governo italiano decidiu internar os refugiados em ilhas do Adriático. Chegou a estar em discussão a sugestão de Gian Galeazzo Ciano, Ministro das Relações Exteriores da Itália Fascista (1936-1943), de se criar um campo de concentração nos moldes alemães na própria Dalmácia ocupada.¹⁶⁶

A partir desse momento, os refugiados foram distribuídos por cerca de dez localidades dentre os quais a Ilha de Kraljevica (chamada Porto Ré pelos italianos) e, posteriormente, a ilha de Rab (chamada Arbe pelos italianos). Pode-se dizer que, pelo menos em parte, esse foi um grupo “de sorte”. Apenas alguns dias após a capitulação italiana em setembro de 1943, *partisans* iugoslavos invadiram a ilha de Rab e transferiram em torno de 90% dos presos, dos quais 2.700 judeus, para os territórios dominados pelo grupo na Croácia. A maioria desses refugiados transferidos, incluindo boa parte da família Lewinger, permaneceu sob a proteção dos *partisans* e sobreviveu à guerra. Os pouco mais de 210 presos judeus que se recusaram ou não tinham condições físicas para deixar o campo foram capturados pelos alemães, que somente conseguiram chegar a Rab alguns dias após os *partisans*. Todos foram enviados e assassinados em Auschwitz no começo de 1944.¹⁶⁷

A Família Eskenazy

A trajetória percorrida pela família Eskenazy para alcançar a Dalmácia não é conhecida. Como já dito anteriormente, esse percurso deve ter sido feito nas primeiras semanas que sucederam o bombardeio de Belgrado, em abril de 1941, já que nas semanas seguintes as medidas restritivas aos judeus tornavam a fuga muito difícil. Como o grupo no qual a família Eskenazy esteve integrada a partir da Dalmácia, chegou a Split através do caminho de Sarajevo (Cf. trajeto 1, Mapa 2) é provável que esse também tenha sido o caminho percorrido pela família.

Sobre o destino dos Eskenazy durante o período em que estiveram na Dalmácia ocupada (provavelmente entre abril ou maio até dezembro de 1941), a única informação

¹⁶⁶ VOIGT, Klaus, op.cit., p. 263.

¹⁶⁷ Segundo Svob, dos judeus que permaneceram em Split e região, parte conseguiu ser transferida para Bari, na Itália e parte acabou sendo presa e enviada para a região dominada pelos croatas ustashe e morta no campo de concentração de Jasenovac, nos anos de 1943 e 1944. SVOB, M. Židovi u antifašističkom otporu In: *Cendo. Research and Docummntation Center*. Disponível em: <http://www.cendo.hr/Dokumentacija.aspx>. Acesso em: 09 Set. 2018.

oficial conhecida é uma lista de judeus transferidos de Split para a cidade de Korcula, na ilha de mesmo nome, na qual aparecem registrados os nomes de Nissim, Streia e Vivetta.¹⁶⁸

Vivetta Eskenazy (ao centro, a criança menor) e soldados não identificados. Piazza Vitorio Emanuele, cidade de Korcula, ilha de Korcula, 1941. Fotógrafo desconhecido. Acervo de Streia Eskenazy/SP.

Segundo Aleksander Masic, ele e sua família também foram enviados a ilha de Korcula. Em seu testemunho, ele diz que foi o prefeito de Split que tomou a decisão de enviar cerca de 700 judeus à ilha entre agosto e setembro de 1941, já considerando que em Split estavam ocorrendo muitos incidentes com os refugiados.¹⁶⁹

Para Schelly Levi, cuja família também esteve nessa mesma na ilha, a mudança de Split foi uma decisão familiar. Segundo ela, seu pai Aron optou por deixar a cidade e levar a família para a ilha de Korcula, pois entendia que Split era muito pequena e desorganizada para abrigar aquele número de refugiados e que em Korcula eles teriam mais segurança e oportunidades. Segundo Schelly, eles estiveram na ilha desde meados de maio de 1941 e somente a deixaram para ser transferidos para a Itália, junto com outros parentes. No entanto, não se recorda quem eram esses parentes e se a família Eskenazy fazia parte do

¹⁶⁸ *Elenco degli ebrei rifugiati a Spalato Internati a Curzola Capoluogo*. Acervo do Arquivo Histórico de Roma.

¹⁶⁹ Cf. testemunho de Alexander Masic, In: *Coleção We Survived*, op. cit., v 5, p. 208-222.

grupo¹⁷⁰. Sabe que todos estavam relativamente isolados na ilha, apesar de manterem contato com amigos e familiares que permaneceram em Split. Seu pai havia “arranjado” um local para que o irmão (tio de Schelly) Isaac e família, sua esposa, Lenka Ozmo, irmã mais velha de Streia, e o filho do casal Samuel/Mile pudessem também se refugiar na ilha. Schelly Levi lembrou-se também que eles deveriam ter chegado em uma balsa, em um dia combinado com seu pai Aron, mas nunca apareceram.¹⁷¹

Streia nunca mencionou que sua irmã Lenka Ozmo pudesse ter estado com eles durante parte do percurso entre Belgrado e a Dalmácia¹⁷². Seria possível que ela não soubesse da presença de sua família em Split? Por outro lado, no álbum de fotografias do acervo de Streia, entre a página onde está a foto de Vivetta em Korcula e as páginas com fotos do refúgio na Itália, há uma página dedicada à memória de Lenka, Isaac e Samuel Levi. Isso poderia significar que Streia, de alguma maneira, soube do destino dos três ainda durante a guerra? Há também três fichas comunitárias na base de dados do Yad Vashem, indicando que Lenka e família fizeram parte de um grupo deportado diretamente de Split para o campo de extermínio croata de Stara Gradiska, em 1943¹⁷³. Entretanto, não há informações de onde e como Lenka e família viveram nesse intervalo entre 1941 e 1943. Como algumas fichas comunitárias foram preenchidas com os supostos locais de morte e como existem também informações de que cerca de duzentos judeus capturados em Split foram reencaminhados para Belgrado, onde foram presos e executados no campo de Sajmiste, outra possibilidade é considerar que Lenka e família fizeram parte desse último grupo.¹⁷⁴

¹⁷⁰ O fato dos Levi estarem na ilha de Korcula desde maio de 1941, antes de setembro, quando o prefeito de Split decidiu enviar judeus para a ilha, poderia indicar que a decisão de mudar para lá foi realmente de caráter pessoal e não ter ligação com questões político-operacionais italianas. Cf. testemunho de Schelly Levi.

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² Cf. informações reunidas e sistematizadas por Emil Eskenazy Lewinger a partir das lembranças de Streia Eskenazy.

¹⁷³ Fichas comunitárias localizadas na Base de Dados do Yad Vashem. Disponíveis em: <https://yvng.yadvashem.org/nameDetails.html?language=en&itemId=11429706&ind=15>, https://yvng.yadvashem.org/index.html?language=en&s_lastName=levi&s_firstName=&s_place=split&s_dateOfBirth=&s_inTransport; e <https://yvng.yadvashem.org/nameDetails.html?language=en&itemId=1024570&ind=11>. Acesso em: 20 jan. 2019.

¹⁷⁴ ROMANO, Jasa. *Jews of Yugoslavia 1941-1945. Victims of Genocide and Freedom Fighters*. Súmaro em ingles de *Jevreji Jugoslavije 1941-1945. Zrtve Genocida I Ucesnici Narodnosloodilckog Rata*. Belgrade: Federation of Jewish Communities of Yugoslavia, 1980, p. 581 (8).

3.2. Da Dalmácia (Split) a Bardi

Entre o fim de novembro e o fim de dezembro de 1941, 1.095 refugiados judeus foram transferidos de Split para Fiume (atual Rijeka, na Croácia) em seis viagens com a embarcação *AC Cattaro*.¹⁷⁵

Mapa 3 - Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Adicionada a rota percorrida pela embarcação *AC Cattaro* entre Split e Fiume.

Fonte: Stamp World History. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/486177722267603982/?lp=true>. Acesso em: 10 Set. 2018.

A base de dados de Anna Pizzuti revela que havia 9.151 judeus refugiados internados na Itália durante a Segunda Guerra Mundial em 751 localidades diferentes¹⁷⁶. Desses, 1.803 estiveram sob o regime de campo de confinamento fechado/concentração, na localidade de Ferramonti de Tarsia, na província de Cosenza, e os demais foram distribuídos em 750

¹⁷⁵ Archivio Centrale dello Stato. *Elenco del Ebrei rifugiati a Spalato e da Spalato internati in localita del Regno*. Roma, Ministero dell'Interno, Direzione Generale Pubblica Sicurezza, Cat. A16 (Stranieri e ebrei stranieri), busta 15, fascicolo SPALATO.

¹⁷⁶ Estes cálculos têm como base as informações disponíveis em: <http://www.annapizzuti.it/public/dbcompleto.pdf>. Acesso em: 15 Ago. 2018.

localidades, sob o regime de *confino libero*. Não eram propriamente prisioneiros, pois viviam em casas de famílias ou tinham que alugar com suas posses, casas disponibilizadas pelos moradores locais. Por outro lado, não podiam deixar a cidade (ou uma região bem próxima) onde moravam, devendo se apresentar todos os dias a *Questura*, a polícia local, para comprovar a presença.¹⁷⁷

Segundo Voigt, os decretos e circulares que definiram o confinamento de judeus estrangeiros que ainda estavam em território italiano datam de 1940¹⁷⁸. Para abrigá-los, seriam construídos diversos campos de concentração, sendo o primeiro o de Ferramonti. Inicialmente, previa-se o confinamento nos municípios (*confino libero*), apenas para mulheres, visto como uma solução transitória, a ser usada até que houvesse espaço suficiente nos campos em construção para famílias e mulheres solteiras.¹⁷⁹

Ainda segundo Voigt, em 15 de maio de 1940, um telegrama do Ministério do Interior da Itália convocou prefeitos de vinte e cinco províncias do centro e norte a enviarem no prazo de cinco dias uma lista de locais adequados para internamento, além de indicarem a sua capacidade¹⁸⁰. As listas deveriam estar em comum acordo com as autoridades militares, a fim de evitar que os locais escolhidos estivessem dentro da zona de segurança militar. Em um primeiro momento, mulheres e crianças internadas foram chamadas para se apresentarem na sede policial da província definida pelo Ministério da Justiça portando um documento (*foglio di via obbligatorio*). Com base nesse registro, seria indicada a cidade onde ficaram confinadas e, geralmente, encaminhadas no mesmo dia. A partir de novembro de 1941, quando começaram as transferências da Dalmácia, as autoridades decidiram que era preferível reunir grupos maiores, incluindo também homens adultos, pois os campos de concentração ainda não estavam prontos para abrigá-los. Esses grupos viajaram sob escolta, em vagões especiais, desde os portos onde as embarcações provenientes de Split aportavam até a capital provincial e, de lá, enviados aos seus destinos, normalmente em ônibus ou caminhões.

¹⁷⁷ Segundo alguns relatos de sobreviventes, era possível caminhar até pequenas distâncias das cidades, por curtos intervalos de tempo. Por exemplo, Lea Sorger diz que o seu grupo podia se distanciar até quatro quilômetros da cidade onde viviam. Cf. testemunho de Lea Sorger, publicado na Coleção *We Survived*, v. 3, p. 270.

¹⁷⁸ Decretos e circulares disponíveis em: <http://www.annapizzuti.it/normativa/testocircolari40.php>. Acesso em: 15 Jan. 2018.

¹⁷⁹ VOIGT, Klaus, op.cit., p. 82-88.

¹⁸⁰ Klauss Voigt não cita a fonte dessa informação.

De acordo com Voigt, numa primeira fase de internação, até agosto de 1941, não parecia difícil encontrar moradia, mas depois a situação deteriorou-se, apesar do internamento ser estendido às províncias do norte da Itália. O motivo foi o deslocamento para o campo da maioria dos habitantes das cidades italianas bombardeadas, seja porque suas casas foram destruídas ou para protegê-los de futuros bombardeios. As prefeituras dessas localidades enviavam cartas e telegramas ao Ministério do Interior apelando para que não fossem enviados mais refugiados. O Ministério passou então a requisitar mandatoriamente residências de qualquer nível de conforto. Mesmo sendo “agraciados” com um confinamento mais brando, os internados ficavam em casas quase sempre pobres e miseráveis, tendo que se adaptar a esse regime, em alguns casos por mais de três anos.¹⁸¹

A chegada de refugiados judeus a essas pequenas localidades era algo bastante inusitado para os moradores. Gabriel de Leon conta que quando sua família chegou à cidade de Roza, na província de Vicenza, os habitantes ficaram incrédulos, pois para eles judeus eram personagens do Novo Testamento e, a maioria deles, nunca tinha visto fisicamente um judeu. Segundo esse testemunho, como receber os judeus significava ao mesmo tempo cumprir ordens vindas de Roma e garantir que algum dinheiro ajudasse a vida da cidade, seu grupo, que era de cinco refugiados, foi recebido na estação de trem pelo comandante do *carabinieri* e seus dois auxiliares, além do padre local acompanhado do seu sacristão. As reações da população, em geral, variaram desde receber de braços abertos até um total desprezo e desconfiança. Esse último foi o tratamento que o grupo de Gabriel De Leon recebeu dos membros locais dos *Camicie Nere* (Milícia Voluntária para a Segurança Nacional), ligados ao partido fascista).¹⁸²

A vida dos refugiados internados permaneceu relativamente inalterada desde fins de 1941 até julho de 1943, com a queda do regime fascista italiano. A partir de 8 de setembro do mesmo ano, com a assinatura do armistício pela Itália - invadida pelos Aliados pelo sul e a consequente invasão alemã ao norte do país - a situação se deteriorou sobremaneira. Desse momento em diante, os judeus que viviam na Itália (ao menos aqueles que estavam ao Norte da linha de armistício) tinham voltado à “estaca zero”, ou seja, novamente corriam risco de ser deportados pelos alemães.

¹⁸¹ Idem. p. 83.

¹⁸² Cf. testemunho de Gabriel De Leon, publicado na Coleção *We Survived*, op. cit., v. 3, p. 215-216.

A família Eskenazy

A família Eskenazy participou da sexta (e última) viagem do *AC Cattaro*, que deixou Split em 15 de dezembro de 1941 em direção a Fiume. Nissim, Streia e Vivetta Eskenazy foram registrados, respectivamente, com os números 983, 984 e 985; Lilly e Rodolfo Magrisso com os números 946 e 947; e Sima, Clara, Samuel e Zacharia Romano com os números 971, 972, 973 e 974.¹⁸³

De Fiume, os membros da família Eskenazy foram internados nas seguintes cidades:

- Nissim, Streia e Vivetta fizeram parte de um grupo de quinze refugiados internados da localidade de Bardi, na província de Parma¹⁸⁴;
- Lilly e Rodolfo Magrisso, irmã e cunhado de Nissim fizeram parte de um grupo de vinte e sete refugiados internados na localidade de Bedônia, também em Parma¹⁸⁵;
- Sima Romano, primo de Nissim e sua família fizeram parte de um grupo de dezessete refugiados internados na localidade de Zibello, também em Parma.¹⁸⁶

Não há registro da presença de Debora e Leone Medina, irmã e cunhado de Streia na cidade de Split, mas seus nomes constam da lista de refugiados. Inicialmente eles foram internados em Canelli, região de Asti e, posteriormente, transferidos como prisioneiros para Ferramonti de Tarsia. Por não terem sido registrados em Split, é possível que tenham percorrido outra rota para alcançar a Itália.¹⁸⁷

¹⁸³ Archivio Centrale dello Stato, op. cit., p. 42-44.

¹⁸⁴ Informações disponíveis em [http://www.annapizzuti.it/database/ricerca.php?a=show&sid=6776](http://www.annapizzuti.it/database/ricerca.php?a=show&sid=6776;); <http://www.annapizzuti.it/database/ricerca.php?a=show&sid=6769>; e <http://www.annapizzuti.it/database/ricerca.php?a=show&sid=2461>. Acesso em: 15 Jan. 2017.

¹⁸⁵ Informações disponíveis em <http://www.annapizzuti.it/database/ricerca.php?a=show&sid=5731> e <http://www.annapizzuti.it/database/ricerca.php?a=show&sid=5730>. Acesso em: 15 Jan. 2017.

¹⁸⁶ Informações disponíveis em <http://www.annapizzuti.it/database/ricerca.php?a=show&sid=2003>; <http://www.annapizzuti.it/database/ricerca.php?a=show&sid=5724>; <http://www.annapizzuti.it/database/ricerca.php?a=show&sid=5725>; e <http://www.annapizzuti.it/database/ricerca.php?a=show&sid=5726>. Acesso em: 15 Jan. 2017. O número de refugiados internados por localidade está disponível em <http://www.annapizzuti.it/database/rubricaloc.php>. Acesso em: 15 jan. 2017.

¹⁸⁷ Informações disponíveis em <http://www.annapizzuti.it/database/ricerca.php?a=show&sid=8630> e <http://www.annapizzuti.it/database/ricerca.php?a=show&sid=387>. Acesso em: 15 jan. 2017.

Os quinze refugiados em Bardi (da esquerda para a direita). Primeira fila: Schelly Levi, Vivetta Eskenazy, David-Dido Levi; segunda fila: Josef Bencion, Rachel Bencion (nascida Danon), Riki Finzi Kabiljo, David-Dico Levi, Vojka Bencion, Lilly Bencion, Streia Eskenazy, Elsa Levi (nascida Bencion); terceira fila: Laura Levi (nascida Modiano), Avram Levi, Nissim Eskenazy, Aron Levi. Bardi, Parma, circa 1943. Fotografia desconhecida. Acervo pessoal de Schelly Levi/Miami.

Dos quinze refugiados alojados em Bardi, quatorze formavam um só núcleo familiar, incluindo as famílias Bencion, Levi e Eskenazy. A única que não pertencia ao grupo era Riki Finzi Kabiljo. Ela era uma judia de Sarajevo, que esteve em Bardi por pouco mais de nove meses, sendo depois transferida para a cidade de Agliano, na província de Asti. Os documentos sobre essa cidade mostram que lá estavam internados vários membros das famílias Finzi e Kabiljo, o que pode significar que Riki esteve em Bardi “por engano” ou temporariamente e, posteriormente, conseguiu sua transferência.¹⁸⁸

Pouco se sabe sobre a vida dos refugiados em Bardi além do relato de Schelly Levi. Segundo ela, os adultos não tinham empregos fixos, viviam de alguma ajuda que recebiam do governo e pequenos “bicos”. As mulheres cuidavam das casas e dos filhos e mantinham

¹⁸⁸ Segundo Gabriel De Leon, uma lei permitia que famílias de refugiados que estivessem separadas se reunissem em um único local. Talvez tenha sido essa lei que garantiu a reunião de Riki com seus familiares. Por outro lado, não foi encontrada documentação que indique a existência de tal lei, podendo ter sido apenas uma liberalidade de administradores italianos. Cf. Testemunho de Gabriel De Leon, Coleção *We Survived*, v. 3, p. 217.

algum contato com a população local, que em muitos casos era limitado pela barreira do idioma. Segundo Schelly, seu pai Aron e o irmão Avram, depois de algum tempo em Bardi, perceberam que na aldeia havia muitas abelhas soltas e que ninguém as cultivava para obter mel. De alguma maneira, eles conseguiram ir até uma cidade próxima, compraram um livro com instruções sobre como construir um apiário e começaram a produzir mel que trocavam em Bardi por pão, galinhas, manteiga, etc. Ela diz não se lembrar se Nissim também participava desse negócio.¹⁸⁹

Quanto às crianças, Schelly diz que nem ela nem seu irmão David-Dido iam à escola em Bardi. Apesar de David ter oito anos em 1943, apenas mais tarde (quando já na Suíça) ele foi inscrito em uma escola. Como Vivetta era apenas seis meses mais velha que David, provavelmente também não frequentou escola enquanto refugiada. A partir de relatos de outros sobreviventes refugiados em outras cidades na Itália, é possível imaginar que as crianças eram educadas de maneira informal pelos próprios membros do grupo, já que a maioria, incluindo as mulheres, tinha pelo menos formação equivalente ao atual ensino médio.¹⁹⁰

Infelizmente, nada se sabe sobre as atividades dos demais membros do grupo de refugiados de Bardi, David-Dico Levi de 11 anos, Vojka e Lilli Bencion, respectivamente de 17 e 20 anos. Segundo Schelly, possivelmente as duas irmãs Bencion, suas tias, tivessem terminado os estudos antes de deixar Belgrado e ajudavam as famílias. Disse não se recordar se David-Dico ia à escola, se ajudava os pais, etc.¹⁹¹

Além da fotografia mostrada anteriormente, existem imagens conhecidas dos refugiados em Bardi relacionadas a momentos de lazer das crianças. Em algumas dessas

¹⁸⁹ Cf. Testemunho de Schelly Levy. Nos testemunhos de Gabriel DeLeon e Dina Kattan é possível identificar passagens muito semelhantes: A vida era muito modesta, os refugiados viviam de pequenos “bicos” dos adultos que complementavam um ínfimo valor/cupons dados pelo regime italiano para a sobrevivência dos refugiados, as crianças não iam à escola, etc. Cf. Testemunho de Dina Kattan, publicado na Coleção *We Survived*, v.3, p. 244-245. Segundo Lea Sorger a ajuda italiana era de pouquíssimas liras por adulto por dia e ficou conhecida posteriormente como “One Dollar a Day”. Cf. Testemunho de Lea Sorger, publicado na Coleção *We Survived*, v. 3, p. 269. Koljanin afirma que os refugiados recebiam oito liras por dia, menos que o necessário para a alimentação, valor complementado por um fundo de trinta mil liras mensais distribuídas pela DELASEM (*Delegazione per l'Assistenza degli Emigranti Ebrei*) e mais oitenta mil lira que o governo iugoslavo no exílio enviava, via Vatican. Somadas e divididas, essas ajudas equivaliam a menos de doze liras por mês por refugiado. KOLJANIN, Milan. *Escape from the Holocaust. Yugoslav jews in Switzerland (1941-1945)*. *Journal of Historical Researches*, v. 26: p. 167-177. Disponível em: <http://istrazivanja.ff.uns.ac.rs/index.php/istr/article/view/1554>. Acesso em: 20 jul. 2018. p. 169.

¹⁹⁰ Cf. Testemunho de Schelly Levy.

¹⁹¹ Idem.

fotos identificamos Schelly, Vivetta e David-Dido escorregando na neve, jogando bolas de neve uns nos outros, ou então, Vivetta nadando no rio no verão, etc.

Vivetta nadando no rio (primeira à direita, dentro do rio). Bardi, circa 1943. Fotografia desconhecido. Acervo de Streia Eskenazy/SP.

Vivetta, Schelly e Dico. Bardi. circa 1943. Fotografia desconhecido. Acervo de Schelly Levi/Miami.

Apesar de Bardi, Zibello e Bedônia não distarem mais do que algumas dezenas de quilômetros uma da outra, não há evidências de que os membros da família Eskenazy mantiveram contato durante o período que estiveram nessas localidades. Um indicativo dessa falta de comunicação é o fato que uma grande parte dos refugiados de Zibello e Bedônia, entre os quais membros da família Eskenazy, foram selecionados para fazer parte

do único grupo de judeus recebido pelos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial e, por outro lado, nenhum refugiado de Bardi fez parte desse grupo.

3.3. De Bardi a Suíça e a Gabiatti

A imobilidade italiana entre julho e setembro de 1943, apesar do relativo conforto que ainda trazia aos judeus que viviam no centro e norte do país (acima da linha definida pelo armistício de Cassibile), acabou levando à morte dezenas de milhares de judeus italianos e refugiados de outros países após setembro de 1943. Para o historiador Michele Sarfati é impossível dizer se teriam ocorrido menos mortes, mas sabemos que entre 2.500 e 3.000 judeus que estavam abaixo da linha de armistício, refugiados no campo de Ferramonti di Tarsia e outras cidades do sul do país, principalmente em Nápoles, sobreviveram à guerra. Por outro lado, aproximadamente 43.000 pessoas classificadas como “judias”, que permaneceram no centro e norte da Itália, morreram no Holocausto.¹⁹²

Ainda segundo Sarfati, os apelos da comunidade judaica internacional, que com a queda do fascismo em junho de 1943, já percebia que a invasão alemã custaria milhares de vidas de seus correligionários em perigo, teve pequeno efeito sobre as autoridades italianas. Em fins de dezembro de 1942, refugiados internados em Ferramonti di Tarsia enviaram um apelo ao governo americano, denunciando o que estava ocorrendo com suas famílias que haviam permanecido em territórios ocupados pelos alemães e seus aliados, como os croatas:

...Quase todos entre eles (o apelo é escrito em terceira pessoa) é parente de alguém deportado para a Polônia alguns meses atrás e sabe que não há esperança de vê-los novamente, pois não há mais como voltar daquele inferno desesperador...há dúvida razoável se os miseráveis judeus serão capazes de sobreviver ao processo sistemático de aniquilação. Em pouco tempo, somente existirão os túmulos da população judaica da Europa.¹⁹³

Tratava-se de um pedido desesperado para que os Estados Unidos intercedesse junto aos italianos, através do Vaticano, para que permitissem a transferência dos judeus para a

¹⁹² SARFATI, Michele. Agli ebrei italiani: la salvezza è a sud!. *Diário*, 24 de janeiro de 2003. Disponível em <http://www.annapizzuti.it/public/agli%20ebrei%20italiani%20la%20salvezza%20%E8%20a%20sud.doc>. Acesso em: 15 mar. 2018. p. 17.

¹⁹³ Trecho de carta de Alexander Easterman, representante do WJC para William Godfrey, representante do Vaticano em Londres, de 19 jul. 1943. Texto originalmente em inglês. Idem, p. 18.

África e o Oriente Médio, onde os alemães haviam sido derrotados em novembro de 1942, na Batalha de El Alamein, com a queda do Egito e fim do perigo de invasão da Palestina pelo Eixo. Sarfati detalha uma extensa troca de correspondências entre os membros da comunidade judaica internacional, os americanos e o Vaticano, sem nenhuma ação efetiva por parte dos últimos. Poucos dias antes da queda de Mussolini, em junho de 1943, o Comitê Central do Partido Fascista requereu do *Duce* que “todo cidadão estrangeiro que não consiga justificar sua presença na Itália seja repatriado ou, quando isso não seja possível, enviado para um campo de prisioneiros e não em locais onde tenham liberdade” (provavelmente uma alusão aos *confini liberi*).¹⁹⁴

Com o agravamento da situação, no fim do mesmo mês, a comunidade judaica internacional solicitou à Secretária de Estado Americana que a sua representação na Suíça intercedesse junto ao governo local para que aceitasse os judeus refugiados. Em fins de julho, a resposta da representação americana foi de que não havia riscos eminentes para os refugiados na Itália. Em 10 de julho de 1943, os Aliados tomaram a Sicília e em 3 de setembro do mesmo ano, a Calábria. A comunidade judaica fez novo apelo para que os Estados Unidos intercedessem junto à Itália - sempre através do Vaticano - para que os judeus refugiados em cidades do norte do país fossem urgentemente transferidos para o campo de Ferramonti di Tarsia, que em meados de setembro de 1943 já se encontrava em zona sob controle dos Aliados.¹⁹⁵

Por que alguns judeus internados no norte da Itália optaram por procurar refúgio na Suíça e outros optaram por se dirigir ao sul, em direção à região já dominada pelos Aliados?

Gabriel de Leon, que com os demais refugiados internados em Roza, havia sido transferido para a cidade de Sandrigo, na província de Vicenza, disse que a decisão de fuga em direção ao sul foi tomada coletivamente pelo grupo que, segundo a base de dados de Anna Pizzuti, contava com vinte e sete membros em 1943¹⁹⁶. Em outras localidades, como Bedônia e Zibello, onde estavam alguns membros da família Eskenazy, o trajeto foi o mesmo, em direção ao sul. Entretanto, não são conhecidos testemunhos de refugiados destas duas cidades que atestem algum processo de tomada de decisão coletiva sobre rumar para o

¹⁹⁴ Ibidem, p. 18-19.

¹⁹⁵ Ibidem, p.19-20.

¹⁹⁶ Número de internados na cidade de Sandrigo disponível em <http://www.annapizzuti.it/database/rubricaloc.php>, acesso em: 15 set. 2017. Cf. Testemunho de Gabriel De Leon publicado na Coleção *We Survived*, v. 3, p. 218.

sul da Itália. Segundo a base de dados de Anna Pizzuti, em 8 de setembro de 1943, a maioria dos refugiados de Bedônia já não estavam mais presentes na cidade. Em Zibello, a situação foi semelhante, os dezessete refugiados não eram dados mais como presentes na cidade em 16 de setembro de 1943.¹⁹⁷

Segundo Milan Koljanin, o governo iugoslavo no exílio, procurou interceder junto aos suíços para que recebessem os refugiados. Como a maioria dos refugiados judeus na Itália não tinha mais nenhum tipo de documento, a embaixada iugoslava em Berna enviou alguns passaportes para os seus cidadãos no refúgio. Ao mesmo tempo, com o avanço dos Aliados e a provável derrota dos alemães, os iugoslavos deixaram claro para os suíços que os refugiados ficariam em seu território temporariamente e que no fim da guerra, todos judeus iugoslavos em território suíço retornariam a seu país de origem. Apesar do pequeno número de vistos emitidos pela Suíça até junho de 1943, a partir do mês de setembro vários grupos de refugiados começaram a entrar ilegalmente no país.¹⁹⁸

Ter passaportes iugoslavos e vistos de entrada não significava que os refugiados estivessem a salvo. Era necessário chegar à fronteira da Suíça, atravessando território italiano já dominado pelos nazistas. Segundo Anna Pizzuti, dos 9.171 refugiados judeus internados na Itália, 844 (9,2%) optou por fugir para a Suíça e conseguiu atravessar a fronteira¹⁹⁹. Não é conhecido o número específico de judeus que optaram por essa rota e que foram capturados, sendo apenas possível verificar que 1.060 (11,5%) entre os refugiados judeus internados na Itália foram deportados, muitos capturados nas próprias cidades onde estavam confinados ou provavelmente no caminho da fuga em direção ao norte ou ao sul.²⁰⁰

A família Eskenazy

Por que os refugiados de Bardi optaram pelo caminho do norte, em direção à Suíça e não para o sul, em direção à região já dominada pelos Aliados? Não existe nenhum registro desse processo de tomada de decisão, mas como vimos anteriormente, Nissim e seu irmão

¹⁹⁷ Informações disponíveis em <http://www.annapizzuti.it/pdf/elenco.php?c=Bedonia&p=Parma> e em <http://www.annapizzuti.it/pdf/elenco.php?c=Zibello&p=Parma>. Acesso em: 15 jan. 2017.

¹⁹⁸ KOLJANIN, Milan, op. cit., p.172-174.

¹⁹⁹ Informação disponível em <http://www.annapizzuti.it/public/svizzera.pdf>, acesso em: 19 mar. 2018.

²⁰⁰ Poucos foram os testemunhos de refugiados judeus iugoslavos que relatam em detalhes esse episódio de fuga na Itália. Entre esses, Arni Weininger, refugiado em Nonantola na província de Modena, que juntamente com outros cinco jovens colegas do movimento juvenil judaico *Hashomer Hatzair*, conseguiram atravessar os Alpes em outubro de 1943. Cf. testemunho de Arni Weininger publicado na Coleção *We Survived*, v.3. pp-490-492.

Samuel haviam estudado na Suíça quando jovens e podem ter criado laços que, certamente, os ajudariam a sobreviver nessa fuga. Por outro lado, também como ressaltamos anteriormente, os refugiados de cidades próximas a Bardi, onde estava a família Eskenazy, optaram pelo caminho contrário, em direção ao sul da Itália. Segundo Schelly, Maria, uma moradora de Bardi, se tornou amiga das mulheres do grupo de internados. A mesma conhecia contrabandistas, acostumados com os caminhos para atravessar os Alpes sem ser capturados pelos soldados alemães.²⁰¹

A base de dados de Anna Pizzuti revela que em outubro de 1943, Nissim foi registrado na cidade de Bellagio, cidade no entorno do Lago de Como e próxima à fronteira da Suíça. Nenhum outro refugiado em Bardi tem esse registro. Isso poderia indicar que Nissim se separou do grupo por algum tempo talvez atuando como um “representante” do grupo, indo se encontrar com os tais contrabandistas para combinar detalhes da travessia, enquanto os demais refugiados permaneceram escondidos na cidade?²⁰²

Pode ter existido outro motivo para a saída de Nissim. Segundo Schelly, antes de deixar Bardi, todos os refugiados foram batizados na igreja da cidade e Maria, amiga do grupo, foi a madrinha do batismo²⁰³. Isso pode indicar que os adultos tinham decidido que ao se batizar, poderiam deixar as crianças na Itália, provavelmente cientes do risco que a travessia dos Alpes representaria.

Enquanto a opção de fugir para o norte foi coletiva, aparentemente cada família do grupo de Bardi optou por uma salvação diferente em relação a seus filhos. Segundo Schelly, no último momento, seus pais Aron e Elsa Levi decidiram que David-Dido e ela os acompanhariam na travessia: “Se vamos nós, vamos todos”, era o que seus pais lhe diziam após a guerra²⁰⁴. A família Eskenazy decidiu que Vivetta ficaria na Itália. A viagem de Nissim a Bellagio pode ter sido feita para conhecer o casal que salvaria a filha Vivetta?

No acervo fotográfico de Streia existem diversas imagens dos salvadores de Vivetta, mas sem identificação. Nas legendas eles são sempre *Zio i Zia* (tio e tia, em italiano). Teria existido algum motivo para não colocar seus nomes nas fotos, se depois da guerra Vivetta manteve contatos com eles? As fotos também indicam que eles viviam (ou viveram nesse

²⁰¹ Cf. Testemunho de Schelly Levy.

²⁰² Informação disponível em <http://www.annapizzuti.it/database/ricerca.php?a=show&sid=6776>, acesso em: 28 dez. 2018.

²⁰³ Cf. Testemunho de Schelly Levy.

²⁰⁴ Idem.

período de guerra) na localidade de Galbiate, distante 50km de Milão, na região de Lecco. Sabe-se também que eles matricularam Vivetta em uma escola de freiras, provavelmente um semi-internato. Segundo Streia, durante todo esse período, Vivetta – que falava italiano fluentemente por já morar a dois anos na Itália - era apresentada como uma sobrinha órfã do casal, que morava com eles, que não tinham filhos.²⁰⁵

Senhora não identificada, Zia e Vivetta. Galbiate, 1944. Fotografia desconhecido. Acervo pessoal de Streia Eskenazy/ SP.

O grupo de refugiados de Bardi se separou em algum momento entre o final de novembro e começo de dezembro de 1943. Enquanto os registros indicam que a família Levi-Bencion atravessou a fronteira da Itália com a Suíça em dezembro de 1943, Streia e Nissim atravessam a fronteira apenas em janeiro de 1944²⁰⁶. Reconstruímos a provável rota de travessia através do relato de Schelly que se recordou de nomes de localidades por onde a sua família passou. Ela diz que seu grupo se reuniu em Cernóbio (Itália) e foram levados por

²⁰⁵ Cf. informações reunidas e sistematizadas por Emil Eskenazy Lewinger a partir das lembranças de Streia Eskenazy.

²⁰⁶ Informações acessadas em Swiss Federal Archives. Disponível em: <https://www.swiss-archives.ch/detail.aspx?ID=5174523> e <https://www.swiss-archives.ch/detail.aspx?ID=5176526>. Acesso em: 10 Mai 2018.

guias através de uma rota que cruzava o Monte Bisbino e, pelas montanhas, a primeira localidade suíça alcançada foi Bruzella. A consulta ao Google Maps indica que se trata de uma rota em torno de 10 km, que em condições normais poderia ser feita em aproximadamente três a quatro horas. Segunda Schelly, eles andaram por dois dias e, apenas ao anoitecer da segunda noite, chegaram a Bruzella²⁰⁷. É provável que essa rota tenha sido a mesma seguida por Nissim e Streia, em janeiro de 1944.

Mapa 4: Provável rota do grupo de judeus refugiados de Bardi. Fonte: *Google Maps*, 2018. Detalhamento da provável rota e fronteiras adicionado pelo autor em fevereiro de 2018 baseado no relato de Schelly Levy.

²⁰⁷ Cf. Testemunho de Schelly Levy.

Grupo de refugiados durante a travessia para a Suíça, entre os quais, alguns dos refugiados de Bardi. A família de Schelly Levi é a primeiro na fila. Schelly é a menina que aparece no meio desse grupo. Dez. 1943. Fotografia desconhecido. Acervo pessoal de Schelly Levi/Miami.

Na Suíça e em Galbiate até o final da guerra

Os refugiados que conseguiam cruzar a fronteira da Itália com a Suíça eram encaminhados inicialmente para campos de refugiados (*Flüchtlingslager*). O número de refugiados judeus provenientes da Itália foi de 700, segundo Koljanin, ou de 844, segundo Anna Pizzuti²⁰⁸. No ato da chegada, eles deveriam informar a profissão, se tinham algum contato na Suíça que os pudesse ajudar e, por fim, eram obrigados a permanecer em quarentena por, no mínimo, 21 dias. Caso não tivessem um contato no país, deveriam depositar um valor (*Kautionen*) como garantia da sua permanência no país.²⁰⁹

²⁰⁸ Koljanin faz seu cálculo baseado em três listas disponíveis no Museu Judaico de Belgrado, enquanto que Anna Pizzuti usou a sua própria base de dados de refugiados que estavam na Itália e que foram em direção a Suíça. KOLJANIN, Milan, op. cit., p. 170. PIZZUTI, Anna. *Verso la Svizzera*. Disponível em: <http://www.annapizzuti.it/public/svizzera.pdf>. Acesso em 09 jan. 2019.

²⁰⁹ Cauções já faziam parte da política suíça desde o princípio do século XIX. Quem quisesse se estabelecer em um cantão, deveria depositar um valor que era uma proteção que cada um desses cantões teria para poder receber apátridas que pudessem empobrecer a região. Os que não conseguiam eram retornados aos seus países de origem. Em 1931 foi criada uma lei federal que equalizou as leis cantonais, sob as quais, estrangeiros sem empregos poderiam receber residência temporária se depositassem essas garantias, que normalmente eram

Existiram dois tipos de campos de refugiados: campos de trânsito e campos para longa estadia. A maioria dos refugiados permaneceu nos campos de longa estadia e uma parte dos homens maiores de 16 anos foi enviada a campos de trabalho (*Arbeitslager*), com regimes de trabalho de 44 a 48 horas por semana e passes de saída de um dia a cada duas semanas. Algumas mulheres e a maioria dos menores de 16 anos foram encaminhadas para Casas de Refugiados (*Flüchtlingsheim*), muitas vezes distantes dezenas ou centenas de quilômetros dos campos de trabalho. Para os que proviam garantias foi concedido o regime de livre estada (*Freiplatz*) e esses se estabeleceram em pequenos hotéis e pensões.²¹⁰

Em relação aos judeus iugoslavos refugiados na Suíça, um personagem importante foi o industrial Chaim Baruch. Ele e sua família vieram de Belgrado ainda nos anos 30, estabelecendo-se em Zurique e, em 1943 já era um grande empresário local. De acordo com Koljanin, além de ter atuado junto com as autoridades suíças para permitir a entrada de refugiados judeus iugoslavos, Baruch proveu garantia pessoal para um grupo bastante grande, entre os quais Buki Konfino (que após a guerra se estabeleceu com a família em São Paulo) e Aron Levi, pai de Schelly²¹¹. Para o primeiro e sua família, que estavam no campo de Ringlikon, Chaim Baruch ofereceu garantia para que pudessem sair do campo em outubro de 1943. Com o segundo, houve troca de correspondências em fins de dezembro de 1943, nas quais Aron agradecia a ajuda de Chaim Baruch para a transferência do seu grupo de refugiados para o campo de Girenbad. Aron Levi também dizia que as condições de alojamento e alimentação não eram as melhores, mas que, em comparação com o primeiro campo onde ficaram, em Ringlikon, a situação era sensivelmente melhor²¹². Além desses dois documentos, é conhecida também uma carta enviada por Solomon Mosic para Chaim

contas de poupança ou ações. Também eram aceitas cartas de garantias de bancos em outros países. Na década de 1930, o valor aproximado era de dez a vinte francos suíços por pessoa, mas em 1943 uma família de refugiados de cinco pessoas tinha que depositar em torno de trinta mil francos suíços de garantia. Sobre esses valores, os cantões cobravam taxas de administração de 0,5% a 1,5% ao ano e nenhum rendimento era auferido. Segundo o relatório 934 do *US Department of Labour*, em 1943 (p.45) o salário médio de um trabalhador na Suíça era de aproximadamente 1,7 francos por hora, ou seja, a caução de trinta mil francos equivaleria a quase dez anos de salário de um suíço médio. Em tempos de guerra, poucos poderiam se beneficiar de tal caução. ICES (Independent Commission of Experts Switzerland). *Second World War: Switzerland and Refugees in the Nazi Era*. Bern: ICES, 1999, p. 210-211. Disponível em: <https://www.uek.ch/en/publikationen1997-2000/fb-e.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2018. Os salários médios da época estão em UNITED STATES DEPARTMENT OF LABOR. *Wage Trends and Wage Policies: Various Foreign Countries*. Disponível em: https://fraser.stlouisfed.org/scribd/?title_id=4368&filepath=/files/docs/publications/bls/bls_0934_1948.pdf&start_page=3. Acesso em: 15 abr. 2017.

²¹⁰ KOLJANIN, Milan, op. cit., p. 171.

²¹¹ Idem. p. 172-173. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Cartão de Imigração de Buki Konfin. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:QVJSJ-43N4>. Acesso em: 17 mar. 2018.

²¹² KOLJANIN, Milan, op. cit., p.173.

Baruch, informando que seu grupo do campo de Oberhelfenschwil tinha recebido a ajuda de 50 francos suíços que o governo iugoslavo no exílio havia mandado e que o dinheiro fez o seu grupo se sentir “revitalizado”. Por outro lado, ele também diz saber que existiam vários grupos de refugiados que não tinham recebido auxílio algum, sendo que isso tornava a situação desses refugiados muito precária. Em fevereiro de 1944, eles receberam pacotes de alimentos enviados pelo governo iugoslavo no exílio, através do Egito, mas, naquele momento já não havia mais auxílio financeiro disponível ou o dinheiro não chegava às mãos dos refugiados.²¹³

Outros dois personagens importantes foram Zdravko Beraha, originário de Skopje e Mika Pinto, de Belgrado, que como Chaim Baruch, chegaram à Suíça antes do começo da Segunda Guerra Mundial e auxiliaram os refugiados que chegaram durante a guerra. Segundo Schelly, seus pais conseguiram sair do campo de refugiados através de um empréstimo concedido por Zdravko Beraha. Mika Pinto, por sua vez, atuou durante toda a guerra como contato entre o governo suíço e o governo iugoslavo no exílio.²¹⁴

Como dissemos anteriormente, o percurso dos refugiados na Suíça começava com a separação das crianças dos adultos, já que a condição dos campos não permitia a presença delas. Desde 1942, as autoridades suíças compartilhavam a opinião de que uma atmosfera familiar, em uma casa, ajudaria mais as crianças a encontrar uma vida cotidiana normal do que viver com seus pais em campos de refugiados. Representantes de organizações humanitárias e da imprensa protestaram contra a separação de famílias. “Tirar as crianças das suas mães parece-me um ato de desumanidade”, escreveu o *Israelichische Wochenblatt*. Ainda assim, o princípio de separar pais e filhos, persistiu até o fim da Guerra. No início de 1944, mais de 800 homens e mulheres viviam longe de seus cônjuges e mais de 200 mães esperavam para retirar seus filhos de casas onde viviam e levá-los para morar com elas.²¹⁵

Em fins de 1944, com a sinalização de que combates seriam encerrados, as diferenças ideológicas, políticas e sociais até então existentes entre os judeus iugoslavos também se refletiram na atitude dos refugiados em relação a um possível retorno ao país. Essa se tornou a mais importante questão existencial e, segundo Koljanin, a resposta para muitos foi surpreendente. Apenas um quinto dos refugiados judeus da Iugoslávia na Suíça (em torno de cento e quarenta) pediu a repatriação, enquanto a maioria preferiu voltar para a

²¹³ Idem, p. 173-174

²¹⁴ Cf. Testemunho de Schelly Levy.

²¹⁵ ICES, op. cit, p. 162-163.

Itália, procurando oportunidades de migrar para outros países como os Estados Unidos ou a Palestina.²¹⁶

Dois foram os principais motivos para os refugiados não retornarem a Iugoslávia, seu país de origem:

- 1) De caráter pessoal: com o fim da guerra, os refugiados perceberam que, provavelmente, eram os únicos sobreviventes de suas famílias e aqueles que ficaram no país seguramente teriam sido mortos;
- 2) De caráter político: as forças que dominaram o país foram majoritariamente de orientação comunista e, conhecendo o histórico soviético, os que tinham bens e propriedades certamente não os recuperariam.²¹⁷

Para os judeus que optaram por permanecer no Sul da Itália, a situação foi um pouco diferente. Parte considerável começou a retornar para a Iugoslávia em fins de 1943, ainda durante a guerra, unindo-se aos *partisans*. Outros voltaram dias após a liberação de Belgrado em outubro de 1944, ainda que a guerra continuasse em outras regiões do país. Estes logo perceberam que todos os judeus que não conseguiram fugir tinham sido mortos pelos alemães e nada mais restava de suas propriedades, destruídas pela guerra, ou estavam ocupadas por outras pessoas. A informação começou a circular entre aqueles que continuavam refugiados em outros países. Havia também um grupo considerável de sionistas que, como terceira opção, decidiram emigrar ilegalmente para a Palestina.²¹⁸

A família Eskenazy

Existem apenas algumas fotos e relatos que nos remetem aos dois locais onde a família seguramente residiu na Suíça: Lugano e Lausanne.

Uma fotografia da região de Lugano (conforme anotação no verso da foto) registrou Streia e Laura Levi junto a um grupo de mulheres. Chama atenção o fato de Streia, uma mulher que sempre foi muito elegante, estar usando sapatos bastante rústicos, adequados

²¹⁶ KOLJANIN, Milan, op.cit., p. 175.

²¹⁷ Idem, p. 174-175.

²¹⁸ A Base de Dados de Atlit, a prisão inglesa para imigrantes ilegais, revelou em torno de cinquenta nomes de judeus iugoslavos que por lá passaram entre 1940-1948. Não foi encontrado registro de outros judeus iugoslavos que possam ter entrado na Palestina sem serem presos. Disponível em: <http://en.maapilim.Org.il/>, acesso em 20 fev. 2018.

para as longas caminhadas e temperaturas da Suíça, apesar de estar usando um casaco que parece ser de peles.

Streia e Laura Levi (em primeiro plano à frente do grupo), em local próximo a Lugano (Suíça), meados de 1944. Fotografia desconhecido. Acervo pessoal de Streia Eskenazy/SP.

Segundo testemunho de Streia, o paradeiro final da família Eskenazy foi a cidade de Lausanne, onde eles moraram em uma pensão, localizada na região montanhosa da cidade. Durante todo o tempo que permaneceram por lá, aproximadamente 13 meses, nunca receberam notícias de Vivetta, que estava na Itália²¹⁹. Schelly conta que todos adultos de sua família também se estabeleceram em Lausanne após alguns meses.²²⁰

Na foto a seguir, vemos Nissim e Streia, em Lausanne, com algumas pessoas do grupo que estava com eles em Bardi, na Itália. Essa é uma evidência que os Eskenazy se reencontraram com os Bencion-Levy, em algum momento do ano de 1944.

²¹⁹ Cf. informações reunidas e sistematizadas por Emil Eskenazy Lewinger a partir das lembranças de Streia Eskenazy.

²²⁰ Cf. Testemunho de Schelly Levy.

A partir da esquerda: Hella e Rudi Melamed, Lili Bencion, Nissim, Vojka Bencion e Streia. Lausanne, meados de 1944. Fotografia desconhecida. Acervo pessoal de Streia Eskenazy/SP.

Os refugiados que deixaram os campos não tinham uma fonte de renda garantida pelo governo. Segundo Schelly, seus pais conseguiram alugar um quarto em um apartamento e, inicialmente, seu pai tentou trabalhar em uma fazenda colhendo feno, mas como não era um camponês acostumado com o serviço pesado de colheita, foi logo dispensado pelos fazendeiros que o contrataram. Seu pai encontrou um negócio em Lausanne: a fabricação artesanal de sacolas de compras, que eram pouco usadas na época, visto que as pessoas normalmente levavam carrinhos de compra ao mercado. Ela diz que eram apenas algumas poucas vendas, mas ajudava a família Levi a ter alguns francos suíços a mais no bolso. Não se sabe se Nissim também participou desse negócio.²²¹

Enquanto os adultos viviam em Lausanne, Schelly e David-Dico foram alojados numa casa de dois irmãos e suas esposas, num vilarejo chamado Grosch, na região oriental da Suíça. Segundo Schelly, eles foram muito bem tratados durante os quase dois anos que lá estiveram. As regras e direitos que tinham eram exatamente as mesmas dos demais filhos dos casais. Além disso, a comunidade judaica também providenciou para que eles tivessem

²²¹ Idem.

um professor particular, que lhes ministrava aulas de Cultura e Língua Hebraica uma vez por semana.²²²

Não foram todas as crianças refugiadas que receberam uma boa acolhida. Apesar de em geral os suíços terem demonstrado solidariedade com os refugiados e do fato que morar nessas residências significasse considerável melhora em relação ao ambiente desolador dos campos, a vida nas casas não era sempre harmoniosa. Muitos dos anfitriões viam o aluguel de quartos apenas como uma fonte de dinheiro e há relatos de que as crianças viviam uma vida de muitas privações nessas casas.²²³

Ao final da guerra, já não havia mais nenhum membro da família Eskenazy na Iugoslávia e havia apenas um membro dos Levi, que lutou com os *partisans*. Segundo Streia, tratava-se de uma decisão muito dolorosa, mas, ao mesmo tempo muito simples²²⁴. Apesar do novo governo iugoslavo, comandado por Tito, ter revogado as leis-antisemitas em 20 de outubro de 1944 e, no mesmo dia, assinada lei que restituiria as propriedades a todos os aproximadamente 1.000 judeus que tinham ficado na Iugoslávia e estendendo a mesma aos que desejassem voltar do estrangeiro, retornar para o país provavelmente nunca fez parte dos planos da família Eskenazy²²⁵. Além disso, Vivetta tinha ficado na Itália e Nissim e Streia não tinham notícias sobre o seu destino. Segundo Streia, a volta para a Itália foi muito tensa. Ela contava com certo orgulho que, durante os quase 15 meses que não sabiam nada sobre Vivetta, toda sexta-feira Nissim e ela jejuavam, “celebravam” um *Yom Kipur* próprio, uma tentativa de se aproximar espiritualmente da única filha que tinham forçosamente deixado para trás.²²⁶

Vivetta já tinha uma nova vida na Itália. Foi um processo bastante doloroso para as três partes, inclusive para o *Zio* e a *Zia*, o casal que a escondeu enquanto os pais estavam na Suíça. Vivetta manteve contato com os seus protetores até a morte dos mesmos nos anos 1980. Apesar da relativa tranquilidade, Vivetta passou por uma experiência traumática no colégio de freiras onde estudava. Streia contava que, por algum tempo, a filha tinha

²²² Ibidem.

²²³ ICES, op. cit., p.163.

²²⁴ Cf. informações reunidas e sistematizadas por Emil Eskenazy Lewinger a partir das lembranças de Streia Eskenazy.

²²⁵ PETERSEN, H.C. SALZBORN, S. *Antisemitism in Eastern Europe: History and Present in Comparison (Politische Kulturforschung)*. Bern: Peter Lang AG, 2010, p. 90.

²²⁶ Cf. informações reunidas e sistematizadas por Emil Eskenazy Lewinger a partir das lembranças de Streia Eskenazy.

vergonha da sua origem e sofria pesadelos constantes, pois as freiras contavam histórias horripilantes sobre os judeus, que ficaram em sua memória.²²⁷

²²⁷ Idem.

IV. REFÚGIO(S)

O passaporte é a mais nobre
parte do ser humano
Bertold Brecht²²⁸.

A experiência de exílio de Bertold Brecht, ainda em 1940, expressa a importância vital que um aparentemente simples ato burocrático pode ter na vida de seres humanos, mais ainda na vida de sobreviventes como os judeus após a Segunda Guerra Mundial. Portar um passaporte poderia ser um primeiro sinal de pertencimento e de reconhecimento de cidadania, considerando que muitos haviam sido expulsos de seus países de origem e classificados como apátridas²²⁹. Esse documento, certamente, abriria portas para a participação social e possível interação do indivíduo em uma determinada sociedade.

Em uma Europa destroçada pela guerra, seria evidente que muitos e, principalmente os sobreviventes judeus, teriam que recuperar o direito a uma identidade, começando por seus documentos. Talvez assim, poderiam começar a se sentir novamente parte da humanidade, condição que lhes tinha sido arrancada pelo nazismo. No entanto, parte considerável dos refugiados judeus tinha motivos para não querer voltar ao seu país, movidos por seus sentimentos de repulsa e trauma. Como fazer? Continuar como apátridas, vivendo em um estado de limbo ou um temporário “não status”, um não pertencimento a qualquer quadro humano moderno, como muito bem definiu Rürup?²³⁰

A família Eskenazy

A apatridia era a situação vivenciada por Nissim, Streia e Vivetta, que permaneceram em Milão na Itália após o final da Segunda Guerra Mundial. Como a maioria daqueles que

²²⁸ BRECHT, Bertold. Sobre Passaportes. In: *Conversas de refugiados*. São Paulo: Editora 34, 2017, p.11.

²²⁹ São cinco as razões para a apatridia: Ações de Estados contra seus cidadãos, ou seja, na maioria dos Estados europeus a lei permitia ao governo a expatriação de nacionais; Leis Nacionais contraditórias, fruto das mudanças geopolíticas que foram ocorrendo durante o período entre meados do século XIX e o fim da Segunda Guerra Mundial, com diversas populações e locais mudando de soberania por diversas vezes; Nacionalidade das mulheres que, até 1957, era uma cidadania derivada da cidadania de quem “ela pertencia”, ou seja, as solteiras tinham a nacionalidade dos pais e as casadas, a nacionalidade do marido; Inconsistências das leis sobre nacionalidade de filhos de estrangeiros nascidos em determinados países; Apatridia *de facto*, ou seja, pessoas que poderiam demonstrar com documentos a cidadania de uma dada nação, mas que, por diversas razões, se recusavam a afirmar a sua cidadania em certos países. RÜRUP, M. Lives in Limbo: Statelessness after Two World Wars. *Bulletin of the German Historical Institute*, 49, 2011, p. 113.

²³⁰ Idem, p. 113.

sobreviveram ao Holocausto, qualquer lugar que garantisse um mínimo de dignidade já era um prêmio. Como deixar para trás um mundo onde as incertezas eram constantes?

As poucas informações conhecidas sobre a vida dos Eskenazy nesse período pós-guerra vêm exatamente do momento em que a família tentava recomeçar a vida, longe da sua pátria de origem. Com o auxílio da Cruz Vermelha Internacional, conseguiram encontrar um país que lhes servisse de abrigo. Quem sabe uma nova pátria de acolhimento ou, ainda que provisório, um lugar de trânsito?

Os primeiros vestígios dessas conquistas podem ser identificados através da Ficha Consular de Qualificação de Nissim, emitida pelo Consulado Geral do Brasil em Livorno, em 27 de novembro de 1946. Através deste registro, constatamos que a família Eskenazy indicou como endereço domiciliar a Via Tripoli, 24, em Florença²³¹. O campo nacionalidade foi preenchido como apátrida e, para obtenção do visto, Nissim apresentou um passaporte emitido pela Cruz Vermelha Internacional, emitido em Milão em outubro de 1946. Esta é uma das raras pistas que nos levam aos possíveis caminhos seguidos pela família Eskenazy em busca de um refúgio. Há também fotos dos Eskenazy em seu refúgio em Milão. Uma delas mostra Vivetta e prováveis amigos, na comemoração de seus 12 anos.

²³¹ Documento obtido na base de dados familysearch, Arquivo Brasil, Cartões de Imigração. 1900-1965. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33SQ-G5YD-97RN?i=73&cc=1932363>. Acesso em 20 fev. 2018. Apesar de esse endereço constar da ficha consular, não encontramos qualquer evidência documental sobre a família Eskenazy em Florença.

Vivetta (ao centro), cercada por amigos, na comemoração de seus 12 anos. Milão. Acervo pessoal de Streia Eskenazy/SP.

As famílias Eskenazy e Medina embarcaram em Genova no vapor *San Giorgio* que, em 1947, realizava a sua primeira viagem na linha da América do Sul e Austrália²³². Essas informações podem ser confirmadas a partir da lista de passageiros. É possível perceber que a família Eskenazy se declarou católica, enquanto a família Medina se declarou judia. Na mesma lista, primos da família Medina se declararam cristãos ortodoxos²³³. Segundo Schelly Levi, sua família - que também veio para a América do Sul após alguns anos, dirigindo-se primeiro para a Argentina e posteriormente para a Colômbia onde se estabeleceram - continuou se declarando católica até o momento em que a religião foi abolida dos documentos e registros pessoais.²³⁴

²³² O vapor *San Giorgio*, originalmente conhecido como *Principessa Giovana*, foi construído em 1923 como um navio de carga e que em 1926 foi adaptado para o transporte de passageiros, fazendo a rota Europa-América do Sul desde essa época até o início da Segunda Guerra Mundial, quando foi utilizado como navio de transporte de tropas e navio-hospital até que em 1947 é rebatizado como *San Giorgio* e volta a fazer a linha da América do Sul e Austrália até 1952. Informações sobre o navio disponíveis em <http://www.novomilenio.inf.br/rossini/sts1950.htm>. Acesso em: 30 mar. 2018.

²³³ ARQUIVO NACIONAL. Sistema de Informações do Arquivo Nacional. *Relação de passageiros do vapor San Giorgio (BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.34432 - Dossiê)*. Disponível em: http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1161110&v_aba=1. Acesso em: 15 Jan. 2018.

²³⁴ Cf. Testemunho de Schelly Levy.

O fato de muitos refugiados ocultarem a sua identidade religiosa tornou-se prática comum entre os judeus oriundos de países dominados pelos nazistas, onde a violência e o terror foi um dos elementos propulsores da fuga. Segundo a historiadora Tucci Carneiro, no caso do Brasil, tal postura se deveu à imposição da política imigratória restritiva e antisemita adotada pelos governos Vargas e Dutra entre 1937 e 1950. A autora mostra que, mesmo após 1945, com o fim da guerra e as pressões internacionais, o Brasil continuou mantendo uma *política das aparências* em relação à questão de refugiados judeus. Enquanto o país buscava parecer ser diplomático no relacionamento com a questão nas mesas de negociação com outros países, mesmo que se abstendo ou votando contra os assuntos que não eram de interesse de seu governo, mantinha uma política de “circulares secretas” entre membros do Ministério das Relações Exteriores e a Presidência, circulares essas de teor notoriamente racista e contrário à aceitação de judeus no Brasil.²³⁵

Coincidência ou não, quando os Eskenazy já estavam em trânsito para o Brasil, ainda circulavam telegramas de diplomatas brasileiros no exterior consultando o Itamaraty e recebendo respostas negativas. Segundo Tucci Carneiro, o conceito adotado pela diplomacia brasileira de *perigo judaico em trânsito* ainda era uma realidade em fevereiro de 1947, quando milhões de deslocados de guerra continuavam a perambular miseravelmente pela Europa em busca de um refúgio²³⁶. Ainda segundo a autora, para os representantes do Itamaraty, os refugiados eram uma *massa de elementos exóticos*, cuja entrada deveria ser dificultada. Alegavam que mal haviam conseguido resolver *o quisto da imigração japonesa* e que não desejariam agravar tal situação com a entrada de elementos judeus, gente capaz e do trabalho, mas em geral, com fraco poder de assimilação²³⁷. Para os Eskenazy, manter a filiação católica nos documentos parecia então ser uma decisão prudente. Por que os Medina não fizeram o mesmo?

²³⁵ “A mim, me parece que não convirá. É sabido que entre os milhares de refugiados e pessoas deslocadas, cujo futuro depende da OIR, há um número considerável de judeus, de doentes, de gente sem lei nem rei, que seremos obrigados a receber, a reboque de um número muito limitado de imigrantes de real utilidade para nós”. Trecho do Ofício de A. Camillo de Oliveira, chefe do Departamento Político e Cultural para o secretário geral do MRE, Rio de Janeiro, 14 fev. 1947. Citado por CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Cidadão do Mundo: O Brasil Diante do Holocausto e dos Judeus Refugiados do Nazifascismo (1933-1948)*. São Paulo: Perspectiva: Fapesp. 2010, p. 354 e 356.

²³⁶ Idem, p. 320.

²³⁷ Idem, p. 347.

Vivetta (1ª mulher à esquerda) e Streia (3ª à direita) a bordo do vapor *San Giorgio*, fevereiro de 1947. Fotografia desconhecida. Acervo Pessoal de Streia Eskenazy/SP.

As famílias Eskenazy e Medina desembarcaram no Rio de Janeiro em 20 de fevereiro de 1947, onde se estabeleceram no bairro de Santa Tereza. Como a maioria dos refugiados e sobreviventes do Holocausto chegaram ao Brasil sem praticamente nenhum dinheiro. Nem Nissim nem Leone conseguiram se estabelecer como comerciantes, pois não dispunham de capital para abrir o seu próprio negócio. Outras dificuldades se impunham, dificultando o processo de adaptação a nova pátria: não dispunham de qualquer apoio comunitário, como acontecia com os imigrantes judeus de origem alemã, polonesa, russa, romena, etc. Lembramos aqui o importante acolhimento oferecido pela CIP- Congregação Israelita Paulista que, fundada em 1936 por refugiados e imigrantes alemães, oferecia o suporte necessário aos recém-chegados, garantindo creches para as crianças, aulas de português, hospitais, atualização dos documentos, e espaço para as práticas judaicas. Neste espaço, a maioria dos judeus refugiados e sobreviventes do Holocausto tinha oportunidade de se comunicar em alemão, principalmente, e em iídiche e italiano²³⁸. Em outras associações, bairros ou sinagogas, muitos se comunicavam em iídiche, idioma desconhecido da maioria dos judeus vindos dos Balcãs. Para estes, de origem sefardita, o ladino (vide anexo A – *Fim do Século XIX até a década de 1930*) era, na maioria das vezes, insuficiente para se

²³⁸ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.). *Olhares de Liberdade. CIP: espaço de resistência e memória*. São Paulo: CIP, 2018.

comunicar com os brasileiros. Segundo Streia, o conhecimento do francês, que naquela época fazia o papel de idioma internacional, ajudava na comunicação em algumas situações, mas, no dia-a-dia, a conversação era muito difícil.²³⁹

Alguns poucos conterrâneos, como as famílias Castro e Masijah - judeus de Skopje, na Macedônia, que haviam chegado um pouco antes ao Brasil e já estavam estabelecidos na cidade, providenciaram ajuda para as famílias Eskenazy e Medina. Entretanto, a situação não melhorou e o clima quente do Rio de Janeiro também não agradava as famílias. Ainda em 1947, os Eskenazy decidiram se mudar para o Uruguai e os Medina para São Paulo.

Em ambos os casos, além das questões pessoais, outros imigrantes fizeram parte do processo de convencimento das famílias. A passagem de um navio proveniente da Europa, que ia em direção ao Uruguai, trazendo algumas famílias iugoslavas, inclusive alguns refugiados que estavam junto com eles em Bardi, na Itália, os levou a embarcar em direção ao novo destino. A família Eskenazy recebeu a cidadania uruguaia em dezembro de 1948. Pelos próximos dezoito anos, Nissim trabalhou como representante comercial de indústrias têxteis nesse país e Vivetta voltou a estudar, concluindo o Liceu, equivalente ao nosso Ensino Fundamental em 1950, o Preparatório, equivalente ao nosso Ensino Médio, em 1953, ingressando posteriormente na Faculdade de Arquitetura, onde se formou em 1959.

Durante o curso de arquitetura, no ano de 1954, Vivetta e um grupo de amigos estudantes passaram algumas semanas em São Paulo, onde participaram das comemorações dos 400 anos da fundação de São Paulo. Eles vieram especialmente para conhecer uma das maiores obras arquitetônicas já realizadas na América Latina: o Parque do Ibirapuera, projetado por Oscar Niemeyer. Vivetta se hospedou na casa dos Medina, que na época moravam na Rua Cásper Líbero, no centro da cidade.

A família Medina, depois que deixou o Rio de Janeiro, optou por radicar-se em São Paulo onde Leone começou a buscar oportunidades de negócios. Nessa época, atuava no bairro do Bom Retiro, um pequeno grupo de sobreviventes judeus iugoslavos, com os quais Leone manteve contato até o seu falecimento, em 1978. Entretanto, foi no bairro da Vila Mariana, onde residiam, que Leone Medina montou e operou, durante alguns anos, uma pequena farmácia. Posteriormente, já morando no centro, Leone começou a produzir artefatos farmacêuticos descartáveis, usando uma tecnologia suíça que ainda era desconhecida no Brasil. Leone mantinha sociedade em alguns negócios com Rodolfo Sprung, que também conviveu com a família como refugiado no campo de Ferramonti, na

²³⁹ Cf. informações reunidas e sistematizadas por Emil Eskenazy Lewinger a partir das lembranças de Streia Eskenazy.

Itália. Através dele, Leone conheceu Ivan Lewinger, de Zagreb, com o qual Vivetta se casou em 1964 em São Paulo.

A família Lewinger teve uma travessia totalmente diversa da família Eskenazy e Medina. Antes da guerra, viviam em Zagreb. Era uma família ashkenazita que, como muitas da região da Croácia, migraram do “centro” do Império Austro-húngaro para as “periferias” a partir dos atos que permitiram a presença de judeus nessas regiões (vide anexo A – *Croácia e Eslovênia*). Viveram em cidades como Szeged e Pecs, na atual Hungria e, em Stadschlaining, na atual Áustria, antes de imigrar para a região da Croácia, primeiro para as cidades de Krizevci, Karlovac e Osijek, estabelecendo-se em Zagreb, no início do século XX.

Os Lewinger conseguiram escapar da cidade de Zagreb nos primeiros dias da promulgação do NDH, que formalizava a Croácia como estado facista aliado da Alemanha, em 1941. Eles viveram em diversos campos de refugiados até chegarem ao campo de Krajlevica (cuja história já foi descrita anteriormente no Capítulo “Travessia ou Travessias”), de lá transferidos para o campo de Rab, onde permaneceram até a capitulação italiana em 1943. Todos os membros da família Lewinger, com exceção da tia mais velha de Ivan e seu marido, conseguiram sair do campo e permaneceram até o fim da guerra em território *partisan*, algumas vezes em cidades, outras escondidos em florestas da Croácia. Somente em agosto de 1945 conseguiram retornar a Zagreb, aproveitando-se da retomada da cidade pelos *partisans* em 8 de maio de 1945, um dia antes do rendição nazista e do fim da Segunda Guerra Mundial na Europa. Permaneceram em Zagreb até fins de 1949, quando participaram da *Aliyah Bet*, operação que levou a maioria dos judeus que ainda moravam na Iugoslávia para Israel²⁴⁰. A família Lewinger não se adaptou à dura vida de Israel e decidiu imigrar para a América Latina, com um visto para o Paraguai. Desembarcaram em 5 de maio de 1952 na cidade de Santos, com um visto de trânsito de trinta dias²⁴¹. Foram morar em uma pensão no Guarujá, propriedade de três irmãs judias iugoslavas que, de alguma maneira, ajudavam os imigrantes a tentar se estabelecer no país. Foi lá que decidiram ficar no Brasil e obtiveram, dois meses depois, a autorização de permanência definitiva no país.

Em meados de 1964, Leone e Debora Medina, que não tinham filhos e que tratavam Vivetta como tal, apresentaram-na a Ivan Lewinger. Ivan foi visitar os Eskenazy em Montevideu e, alguns meses depois, em 18 de junho de 1965, eles se casaram na Sinagoga

²⁴⁰ IVANKOVIC, M. *Jevreji u Jugoslaviji 1944 – 1952*. Kraj ili novi početak, 2003, p. 397.

²⁴¹ FAMILYSEARCH, "Brasil, Cartões de Imigração, 1900-1965," base de dados com imagens. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:KC6H-99B>. Acesso em: 5 aug. 2017.

Beth-El em São Paulo. Vivetta Eskenazy passou a se chamar Vivetta Lewinger. Seus pais, Nissim e Streia, se mudaram para São Paulo em 7 de junho de 1966, onde permaneceram como aposentados até a suas mortes, respectivamente em 3 de outubro de 1978 e em 12 de fevereiro de 1999. Vivetta Lewinger faleceu prematuramente em 30 de agosto de 1988, na mesma data de nascimento de Streia e Debora Ozmo. Durante os próximos dez anos que Streia viveu após a morte de Vivetta, o dia 30 de agosto, que deveria ser de júbilo, transformou-se em data de lamento para a família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar a história dos judeus e do judaísmo da antiga Iugoslávia, majoritariamente na região da Sérvia, nas cidades de Belgrado e Niš, é um desafio. Em primeiro lugar pela ausência de fontes que, no seu conjunto, reúnam um volume considerável de informações fidedignas sobre a vida comunitária e, especificamente sobre os fatos que, a partir de 1941 alteraram radicalmente a vida da comunidade judaica nesse país. Fica evidente que vários arquivos foram destruídos pelos perpetradores nazistas e colaboracionistas, enquanto que muitos documentos pessoais foram alterados e/ou se perderam ao longo das travessias forçadas. Nem sempre, diante de tanta violência, era interessante guardar os originais, cuidados que poderiam comprometer as estratégias de fuga de famílias inteiras.

Acredito, em comum acordo com Tucci Carneiro, orientadora desta dissertação, que o preenchimento deste vácuo na memória coletiva das comunidades judaicas dispersas na Diáspora somente será possível através de estudos pontuais como este. Daí a nossa opção por elaborar micro-histórias em torno das famílias de Nissim Eskenazy Romano, Streia Ozmo Russo de Eskenazy e Vivetta Eskenazy, sobreviventes do Holocausto, que imigraram para o Brasil em finais dos anos 1960. Através de documentos e testemunhos, tivemos a oportunidade de reconstituir as raízes de quatro famílias tipicamente sefarditas: Eskenazy, Romano, Ozmo e Russo.

Diante das dificuldades e soluções encontradas e apresentadas, esta experiência de escrita e rememoração pode incentivar o desenvolvimento de outras pesquisas na mesma direção. A lacuna historiográfica não tem medidas fechadas, mas consideramos importante reconstituir esses percursos históricos tão fragmentados como o do grupo do qual fez parte a família Eskenazy. São micro-histórias que, no seu conjunto, ampliam o círculo das investigações realizadas pelo Núcleo de Estudos Arqshoah/LEER-USP, além de somar elementos às propostas metodológicas para a continuidade de pesquisas sobre o tema em questão: a história e a memória dos sobreviventes do Holocausto. No caso específico dos judeus iugoslavos, existem duas fontes principais, a coleção *We Survive*, de cinco volumes, apenas parcialmente traduzida para inglês e raramente encontrada fora dos países que formavam a Iugoslávia, e a base de dados de vídeos de testemunhos de sobreviventes iugoslavos do *USC Shoá Foundation*, acessível localmente na sede do museu na Califórnia.

Em língua portuguesa há alguns testemunhos, entre os quais o de Ruth Tarasantchi, a ser publicado em 2019 na coleção *Vozes do Holocausto*, organizado por Tucci Carneiro.

A experiência da rememoração conjunta com a testemunha Schelly Levi, única sobrevivente ainda viva do grupo de refugiados do qual a família Eskenazy fez parte durante a Segunda Guerra Mundial, mostrou como é possível usar ferramentas de informação e documentos oficiais para trazer à tona dados não conhecidos e/ou esquecidos. Um bom exemplo é a reconstrução que fizemos do possível caminho percorrido pelo grupo de refugiados entre a Itália e a Suíça em fins de 1943. Usando a ferramenta *Google Maps* e buscando nomes de locais lembrados por Schelly, pudemos traçar a mais provável rota de fuga seguida pelo grupo. Outro exemplo é o uso de documentos oficiais, como o relatório sobre os refugiados judeus na Suíça durante a Segunda Guerra Mundial, consultado conjuntamente com Schelly, usado para sanar dúvidas sobre lembranças bastante distantes sobre como tinha sido sua acolhida familiar, durante sua permanência na Suíça.

No que diz respeito à disponibilidade de informações sobre a comunidade judaica na Sérvia, acreditamos que a pesquisa nos levou a um conjunto de fontes que, certamente, são as mais antigas que se conhecem até o presente momento: conseguimos retroceder até fins do século XVIII²⁴². Esses mesmos dados que poderiam ser obtidos através de evidências físicas, como túmulos de cemitérios judaicos, não estão mais disponíveis, pois os mesmos foram destruídos e sobre eles, as cidades foram reconstruídas e, em alguns casos, várias vezes.

A partir das informações reunidas nesta pesquisa, pressupomos que continuam raras as fontes históricas conhecidas sobre as origens das famílias Eskenazy, Ozmo, Russo e Romano em arquivos na Sérvia. Uma possibilidade seria a busca de arquivos em locais de onde as famílias poderiam ter vindo, como Osimo, na Itália; Ruse, na Bulgária ou até mesmo em algum arquivo otomano, em Istambul, que guarde informações sobre os judeus de Belgrado até o século XVIII.

Tendo em vista as lacunas encontradas em vários arquivos, durante a pesquisa optamos por colaborar com informações sobre judeus iugoslavos, adicionando ou corrigindo informações em arquivos já existentes. Tais acréscimos, certamente, ajudarão outros pesquisadores abrindo novos caminhos para a reconstituição dessa memória. Cito aqui o

²⁴² LEBEL, Jennie, op. cit., p.1.

caso da base de dados de Anna Pizzuti, pesquisadora que reconstituiu os caminhos dos judeus que se refugiaram como internados na Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Apesar de reunir registros detalhados sobre essas trajetórias, raras são as informações sobre o destino desses refugiados após a Segunda Guerra Mundial. Desde 2016, todas as informações que consegui reunir sobre esse momento histórico, assim como informações relativas a descendentes desses refugiados, foram encaminhadas à citada base de dados.

Constatamos situação semelhante na Base de Dados do Yad Vashem que, ao tratar dos judeus iugoslavos que morreram no Holocausto, apresenta muitas incongruências, visto que foi construída a partir dos registros oferecidos por alguns poucos sobreviventes e/ou pesquisados em arquivos comunitários. Nesse sentido- entendendo que esta pesquisa integra um processo contínuo de construção da memória coletiva e individual- tenho procurado enviar ao Yad Vashem todas as correções e novas informações encontradas, desde datas incorretas, até o caso de pessoas que não morreram no Holocausto e tinham o seu nome ali citado, como o próprio Nissim Eskenazy, um dos personagens da história que investigamos. Desde 2016, realizamos quase mil contatos através da internet e das redes sociais. No entanto, apenas uma pequena parte teve relação direta com a família Eskenazy. Tal constatação coloca em evidência a questão do tempo, visto que muitos sobreviventes já faleceram sem deixar qualquer registro ou até mesmo um arquivo pessoal sob a guarda de seus familiares.

É nesta direção que insistimos em descrever e discutir o processo de apagamento da memória que não foi um ato exclusivo dos nazistas, e que parece manter-se em narrativas do presente, como alerta Vidal Naquet em *Assassinos da Memória*. Reafirmamos aqui a nossa crença na memória coletiva que tem papel fundamental para a reconstituição dos traumas gerados pelos aparatos repressivos do Estado, fato também enfatizado por Jacques Le Goff²⁴³. Especificamente no caso das ex-repúblicas iugoslavas, como já vimos anteriormente, Ivan Ceresnjes em *The destruction of the memory of jewish presence in eastern Europe. A case study: former Yugoslavia*, traz a tona a questão de países que estiveram sob regimes comunistas depois da Segunda Guerra Mundial, nos quais as tragédias de grupos étnicos foram considerados apenas parte do sofrimento da nação como um todo²⁴⁴. Vidal Naquet lembra o que dizem Nadine Fresco e Jacques Baynac:

²⁴³ VIDAL NAQUET, Pierre, op. cit., p.117-134 ; LE GOFF, Jacques, op.cit., p. 426.

²⁴⁴ CERESNJES, Ivan, op.cit.

Estranhos esses historiadores que, ao invés de dedicar-se a ‘saber do desenvolvimento exato dos acontecimentos’, intitulam-se juízes de ‘provas convincentes’ de um processo que só acontece porque negam a existência do objeto do litígio e que, na hora do veredicto serão, portanto, necessariamente levados a declarar falsas todas as provas contrárias ao a priori a que não renunciavam.²⁴⁵

Esse sentimento esta reaparecendo na região e as lacunas de informação sobre o Holocausto, sejam elas qualitativas ou quantitativas, acabam por abrir espaço para os integracionistas e revisionistas do Holocausto, principalmente neste momento em que observamos o recrudescimento do antissemitismo e do crescimento dos partidos de extrema-direita na Europa e nos Estados Unidos. É importante trazer o contexto citado por Vidal Naquet para os nossos dias e lembrar que as mídias virtuais se tornaram as principais formas de divulgação revisionista. São páginas e blogs na Internet, comunidades no Facebook e grupos de trocas de mensagem no Whatsapp que espalham desinformação rapidamente e “facilitam” a divulgação desses revisionismos.²⁴⁶

No caso específico iugoslavo, há uma onda de artigos, livros e páginas da Internet que tentam alterar o ocorrido na região, minimizando a quantidade de judeus mortos nos campos de concentração, como em Jasenovac ou, ao menos, dizendo que os judeus lá mortos foram apenas uma ínfima parte de um grupo muito maior de prisioneiros dos campos. Através da busca de erros específicos em bases de dados alimentadas há mais de 70 anos, ainda sob o estrondoso peso do Holocausto sobre os sobreviventes judeus, revisionistas tentam fazer com que essa mínima fração de erros apareça aos olhos do público no lugar de uma enorme maioria de acertos que não serão divulgados. Alguns excluem voluntaria ou involuntariamente informações específicas sobre os métodos de extermínio e as condições específicas pelas quais os judeus e os ciganos passaram no campo em nome de um “martírio nacional”²⁴⁷. Não se trata de um caso exclusivo dos países que formaram a Iugoslávia.

²⁴⁵ VIDAL NAQUET, Pierre. Os Assassinos da Memória. In: *Os Assassinos da Memória – O revisionismo da história*. Campinas: Papirus. 1988, p. 172.

²⁴⁶ NEW online generation takes up Holocaust denial. *The Guardian*, Online Edition. 22 jan. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2017/jan/22/online-conspiracy-theories-feed-holocaust-denial>. Acesso em: 12 jan. 2019.

²⁴⁷ HUTINEC, Goran. *Croatian Book on Jasenovac Distorts Holocaust History*. Disponível em: <http://www.balkaninsight.com/en/article/croatian-book-on-jasenovac-distorts-holocaust-history-09-03-2018>. Acesso em: 3 jan. 2019.

Casos similares ocorreram em diversos países que passaram pelo Holocausto, principalmente na Polônia²⁴⁸ e Hungria.²⁴⁹

É no sentido de trazer informações verídicas que evitem que a História seja reescrita de forma deturpada, que pesquisas como esta se fazem necessárias, somando informações aos testemunhos do Arqshoah. Entendemos que a produção de novos conhecimentos é uma forma de investir contra o negacionismo e os silêncios propositais da História, além de contribuir para que os sobreviventes do Holocausto reencontrem suas raízes. Que as trajetórias das famílias Ozmo, Russo Eskenazy e Romano sirvam como ponte de partida para a (re)escrita da história dos judeus iugoslavos.

²⁴⁸ GESTERFELD, Manfred. The World Confronts Poland's Holocaust Revisionism. *The Algemeiner*, edição online. 13 mar. 2018. Disponível em: <https://www.algemeiner.com/2018/03/13/the-world-confronts-polands-holocaust-revisionism/>. Acesso em: 12 jan. 2019.

²⁴⁹ KIRCHIK, James. Hungary's Ugly State-Sponsored Holocaust Revisionism. *Tablet Magazine*. 13 mar. 2017. Disponível em: <https://www.tabletmag.com/jewish-news-and-politics/227312/hungary-kirchick-end-of-europe>. Acesso em: 12 jan. 2019.

ARQUIVOS e BIBLIOTECAS

BASE DE DADOS

AMERICAN HERITAGE DICTIONARY OF THE ENGLISH LANGUAGE. Disponível em: <https://ahdictionary.com/>. Acesso em: 10 mar. 2018.

ANCESTRY –Referências Histórico-Genealógicas. Disponível em: www.Ancestry.org. Diversos acessos.

ANNA PEZZUTI - Ebrei stranieri internati in Italia durante il periodo bellico. Informações sobre os judeus refugiados que foram internados na Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Disponível em: <http://www.annapizzuti.it/index.php>. Diversos acessos.

ARQSHOAH- Arquivo Digital sobre Holocausto e Antissemitismo, LEER-Universidade de São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: www.arqshoah.com. Acesso em: 5 set. 2017.

ATLIT-Atlit detention camp. Base de dados de imigrantes detidos na prisão inglesa de Atlit. Disponível em: <http://en.maapilim.Org.il/>, acesso em 20 fev. 2018.

EL MUNDO SEFARAD – informações e listas de membros das comunidades judaicas na antiga Iugoslávia. Disponível em: <http://elmundosefarad.wikidot.com>. Diversos acessos.

ESCALATING INTO HOLOCAUST – Base de dados sobre o Campo de Concentração de Sajmiste. Disponível em: <http://www.arhiv-beograda.org/holokaust/?lang=en>. Acesso em 15 fev. 2017.

FAMILY SEARCH – informações sobre indivíduos, comunidade, fichas de migração para o Brasil, etc. Disponível em: <http://familysearch.org>. Diversos acessos.

LIFE UPON DEATH – JEWISH CEMETERY ZEMUN. Cemitério judaico de Zemun. Disponível em: http://joz.rs/grobljeweb/index_en.html. Acesso em: 22 abr. 2017.

MONTEFIORE ENDOWMENT – Censos de populações judaicas. Disponível em: <http://www.montefiorecensuses.org/search/Default.aspx>. Acesso em: 10 mar. 2017.

NIŠ KEHILA LINKS – Comemoração da comunidade judaica de Niš. Planilha de túmulos do cemitério judaico da cidade. Disponível em:

<http://kehilalinks.jewishgen.org/Niš/dcmnts/cemetery.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2017

SEPHARDICGEN – Censo de 1856 das famílias judaicas em Belgrado, Serbia in 1856.

Disponível em:

<http://www.sephardicgen.com/databases/BelgradeCensus1856SrchFrm.html>. Acesso em: 15 mar. 2017.

SWISS FEDERAL ARCHIVES – Registros de estrangeiros na Suíça. Disponível em:

<https://www.swiss-archives.ch/volltextsuche.aspx>. Acesso em 11 jan. 2019.

YAD VASHEM – World Holocaust Remembrance Center – Frequently Asked Questions.

Disponível em: <http://www.yadvashem.org/holocaust/faqs>. Acesso em: 25 jan. 2017.

FONTES

Censos e Listas Populacionais

___ da escola religiosa da comunidade judaica de Nis de 1895 (Evidencija Niske Crkveno Skolske Jevrejske Opstine Racunajuc).

___ dos chefes de famílias judaicas de Belgrado de 1856.

___ de refugiados de Split internados em Curzola. *Elenco degli ebrei rifugiati a Spalato Internati a Curzola Capoluogo*. Archivio Centrale dello Stato. Roma

___ de Judeus refugiados em Split e de Split internados em localidades do reino. *Elenco del Ebrei rifigutiati a Spalato e da Spalato internati in localita del Regno*. Roma, Archivio Centrale dello Stato. Roma. Ministero dell'Interno, Direzione Generale Pubblica Sicurezza, Cat. A16 (Stranieri e ebrei stranieri), busta 15, fascicolo SPALATO.

___ de judeus de Belgrado em Amsterdam, 1691. Autor: Desconhecido. Arquivo Histórico de Amsterdam. Arquivo 334 (Portuguese Jewish Community), Record 219. Page 2.

___ de judeus e esposas, que por ordem do Exército, apresentaram seus bens ao mesmo em 30 mai. 1941. *Spisak Jevreja I supruznika jevreva koji su prema naredbi vojnog zapovednika u srbiji od 30. Maja 1941*. Compilado por Veselinovic em 1992.

Correspondência

___ de Salomon Russo endereçada às autoridades locais de Niš. Escrita em Búlgaro cursivo em papel timbrado da Comunidade Judaica de Niš.

___ de Alexander Easterman, representante do WJC para William Godfrey, representante do Vaticanoe em Londres, de 19 jul. 1943.

Documentos Comerciais (Notas Fiscais, Inventários, etc)

Nota Fiscal da Loja de Manufatura Central, de Hugo Hercler e outro, Belgrado, 1936.

Relação de pessoal empregado na Manufatura Ing. Samuel Eskenazy e irmão. Arquivo do Museu Judaico de Belgrado. circa 1942

Fotografias

Sinagoga Bet-Israel. Belgrado. s.d . Fotografia desconhecido.

Sinagoga antiga (Stara Sinagoga - El Kal Vjezho). Belgrado. Final do século XIX. Fotografia desconhecido.

Túmulo de Salomon Russo no Cemitério Judaico de Niš, Sérbia Fotografia: Jasna Ciric, s.d. Acervo pessoal da fotógrafa/ Niš.

Barco com corpos de soldados mortos que seriam jogados no mar, próximo a ilha de Vidu, entre 1914-1918. Fotografia desconhecido.

Memorial do Cemitério Judaico de Leskovac. Fotografia: Jasna Ciric, s.d.

Debora Medina (nascida Debora Ozmo) e Streia Eskenazy (nascida Streia Ozmo) com colegas da Escola Comercial. Belgrado, c. 1925. Fotografia Desconhecido. Acervo Pessoal de Debora Medina Mandilovic/SP.

Túmulo de Samuel Ozmo no Cemitério Judaico de Belgrado (Ala principal, túmulo 31).
Fotógrafo desconhecido.

Famílias Eskenazy, Ozmo, Medina e Levi. Local não identificado, fins dos anos 1920. Fotógrafo desconhecido. Acervo pessoal de Streia Eskenazy / SP.

Casamento de Debora Ozmo e Leone Medina na Sinagoga Bet Israel. Belgrado, 9/4/1933.
Fotógrafo desconhecido. Acervo Pessoal de Debora Medina/SP.

“Saudações de Belgrado – Manufatura de Bordados e Trico Mika Eskenazy”, Cartão postal.
Belgrado, entre 1903-1905. Fotógrafo desconhecido. Acervo da Biblioteca Central de Belgrado.

Túmulo de Matilda Eskenazy no Cemitério Judaico de Belgrado, s.d. Fotógrafo desconhecido.

Residência da família Eskenazy, à Rua Cara Urosa,11. Belgrado, s.d. Fotógrafo não identificado.
Google Maps.

Túmulo de Haim Eskenazy no Cemitério Judaico de Belgrado, s.d. Fotógrafo desconhecido.

Registro dos homens judeus em Belgrado, 16 de abril de 1941. Fotógrafo: Neubauer.
Bundesarchiv.

Vivetta Eskenazy (ao centro, a criança menor) e soldados não identificados. Piazza Vitorio
Emanuele, cidade de Korcula, ilha de Korcula, 1941. Fotógrafo desconhecido. Acervo de Streia
Eskenazy/SP.

Os quinze refugiados em Bardi,Parma, circa 1943. Fotógrafo desconhecido. Acervo pessoal de
Schelly Levi/Miami.

Vivetta nadando no rio (primeira à direita, dentro do rio). Bardi, circa 1943. Fotógrafo
desconhecido. Acervo de Streia Eskenazy/SP.

Vivetta, Schelly e Dico. Bardi. circa 1943. Fotógrafo desconhecido. Acervo de Schelly
Levi/Miami.

Senhora não identificada, Zia e Vivetta. Galbiate, 1944. Fotógrafo desconhecido. Acervo pessoal
de Streia Eskenazy/ SP.

Grupo de refugiados durante a travessia para a Suíça, entre os quais, alguns dos refugiados de
Bardi. Dez. 1943. Fotógrafo desconhecido. Acervo pessoal de Schelly Levi/Miami.

Streia e Laura Levi (em primeiro plano à frente do grupo), em local próximo a Lugano (Suíça),
meados de 1944. Fotógrafo desconhecido. Acervo pessoal de Streia Eskenazy/SP.

Hella e Rudi Melamed, Lili Bencion, Nissim, Vojka Bencion e Streia. Lausanne, meados de
1944. Fotógrafo desconhecido. Acervo pessoal de Streia Eskenazy/SP.

Vivetta (ao centro), cercada por amigos, na comemoração de seus 12 anos. Acervo pessoal de
Streia Eskenazy/SP.

Vivetta (1ª mulher à esquerda) e Streia (3ª a direita) a bordo do vapor San Giorgio, fevereiro de
1947. Fotógrafo desconhecido. Acervo Pessoal de Streia Eskenazy/ SP.

Jevreska Ulica (Rua dos Judeus) Dorcol, Belgrado, fins do século XIX. Fotógrafo: M
Jovanovitch.

Jevreska Ulica (Rua dos Judeus) Dorcol, Belgrado, década de 1930. Fotógrafo desconhecido.

Rei Petar (ao centro) na cerimônia de lançamento da pedra fundamental da nova sinagoga de Belgrado, 1907. Fotografia Desconhecido.

Avram Levič, circa 1930. Fotografia Desconhecido.

Recepção a Ussishkin em Belgrado, David Albala é o primeiro à direita na primeira fila. 1930. Fotografia Desconhecido.

Hitler e Cvetkovic durante a reunião em 25 de Março de 1941 em Viena. Fotografia: Heinrich Hoffmann. Arquivos Serbianna.

Imagem aérea do bombardeio de Belgrado em 6 de abril de 1941. Fotografia Desconhecido. Jornal Telegraph, de Belgrado.

Edifício de Belgrado, destruído pelo bombardeio de 6 de abril de 1941. Fotografia Desconhecido. Fonte: Bundesarchiv.

Civis utilizam bonde em Belgrado com os dizeres “Proibido para Judeus” ("Für Juden Verboten"). Fotografia desconhecido. Fonte: United States Holocaust Memorial Museum.

Trabalhadores forçados (incluindo judeus). Belgrado. Mai. 1941. Fotografia Desconhecido. Fonte: Chronicles of the Vilna Ghetto.

Vista de rua de Smederevo após a explosão de 5 de junho de 1941. Fotografia Desconhecido. Fonte: Wikimedia.

Campo de concentração de Banjica. Fotografia Desconhecido. 1942.

Representação de visita a Topovške Supa. Autor: Silva Vujovic. s.d.

Sajmiste, circa 1937, quando ainda era um pavilhão de exposições. Ao fundo, o centro de Belgrado. Fotografia desconhecido. Fonte: Wikimedia.

Dušegupka (o assassino de almas), veículo utilizado como câmara de gás móvel em Sajmiste. Fotografia desconhecido. Circa 1942. Fonte: Edição Online do Jornal Politika de 20.04.2012

Lápides em cemitérios

Cemitério Judaico de Belgrado

___ De Mordehaj Ozmo, falecido em 1905, avenida principal, lado esquerdo, 21.

___ De Samuel Ozmo, falecido em 1924, avenida principal, lado direito, 31.

___ De Duda-Rejna Levi, falecida em 1924, Quadra VII, Fila 7, 154.

___ De Matilda Eskenazy, falecida em 1925, avenida principal, lado direito, 39.

___ De Haim Eskenazy, falecido em 1932, Quadra XII, Fila 1,

Cemitério Judaico de Niš

___ De Salomon Russo, J080.

___ De Sara Bukas Russo, J110.

Legislação (Leis, Decretos-lei, Circulares Secretas)

Sérbia

Decreto de 04 nov. 1861 sobre limitações de moradia de cidadãos não ortodoxos.

Decreto de 18 já. 1877 sobre limitações de moradia de cidadãos não ortodoxos.

Iugoslávia

Decreto de setembro de 1940 sobre Medidas Relativas aos Judeus e o Desempenho de Atividades com Itens de Nutrição Humana

Decreto 1323/40, de 08. Out. 1940 do Ministério da Educação sobre matrícula de pessoas de descendência judaica na Universidade, Escola Secundária, Colégio de Formação de Professores e Outras Escolas Vocacionais.

Iugoslávia sob domínio nazista

Registro mandatório de homens judeus, decretado pelo Chefe da Polícia Operativa (SIPO), Dr. Wilhelm Fuchs; de 16 abr. 1941.

Ordem aos judeus (permissões e proibições), decretada pelo Coronel Von Kaisenberg, comandante da Brigada Militar de Belgrado de 25 abr. 1941.

ON 17/1941. Ordem aos judeus (registro mandatório de todos adultos), decretado pelo Comando Militar da Sérvia, de 28 abr. 1941.

Itália

Regio decreto-legge di 7 settembre 1938-xvi, n. 1381.*provvedimenti nei confronti degli ebrei stranieri*. (Medidas contra judeus estrangeiros).

Circulares e Telegramas sobre internamento de refugiados em solo italiano.

circolare 443/35615 (minuta e testo definitivo). 20 mai. 1940. Ministro Carmino Senise para prefeitos do reino e questor de Roma.

telegramma n. 442/36838. 25 mai. 1940. Ministério do Interior para prefeitos.

circolare n. 442/37214. 27 mai. 1940. Ministério do Interior para prefeitos e questor de Roma.

circolare n. 443/39910. 31 mai. 1940. Ministério do Interior para prefeitos e questor de Roma.

minuta telegramma. 31 mai. 1940. Ministério do Interior para prefeitos e questor de Roma.

telegramma ministeriale n. 442/38954. 1º jun. 1940. Ministro Bocchini para prefeitos e questor de Roma.

telegramma n. 442/42988. 8 jun. 1940. ACS,Massime M4 Mobilitazione civile para prefeitos e questor de Roma.

circolare n. 443/43778. 10 jun. 1940. ACS,Massime M4 Mobilitazione civile para prefeitos e questor de Roma.

telegramma n. 442/44128. 10 jun. 1940. Ministério do Interior para prefeitos e questor de Roma.

telegramma n. 442/44983. 13 jun. 1940. Ministério do Interior para prefeitos e questor de Roma.

telegramma n. 443/45626. 15 jun. 1940. ACS,Massime M4 Mobilitazione civile para prefeitos e questor de Roma.

telegramma n. 442/47137. 22 jun. 1940. Ministério do Interior para prefeitos e questor de Roma.

Brasil

Ofício de A. Camillo de Oliveira, chefe do Departamento Político e Cultural para o secretário geral do MRE, Rio de Janeiro, 14 fev. 1947.

Lista de passageiros

___do SS Normandie, Maio de 1939. Em destaque os nomes de Nissim, Streia e Vivetta Eskenazy.

___do vapor San Giorgio. Arquivo Nacional.(BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.34432 - Dossiê).

Lista de presença

___de reunião na comunidade judaica em Nis em 1916.

Mapas

___do curso do Rio Danúbio. Fonte: Google Maps.

___da ocupação da Iugoslavia pelo Eixo entre 1941 e 1944. Fonte: Wikimedia.

___da Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Fonte: Stamp World History.

Histórico de Belgrado de 1695, mostrando a localização de Kalamegdan. Autor: H Van Loon.

Memorandos

___de Franz Rademacher para Comando Central em Berlim, de 29 mai. 1942, sobre a Questão Judaica não ser mais relevante na Sérvia.

Orais: Testemunhos

Informações reunidas e sistematizadas por Emil Eskenazy Lewinger a partir das lembranças de Streia Eskenazy. São Paulo, 1990-1999.

___de Jasna Ciric – ex-presidente da comunidade judaica de Niš (Sérvia), via Messenger, durante os meses de março a junho de 2016.

___de Schelly Levi - sobrevivente do Holocausto – Depoimento colhido pelo pesquisador em quatro entrevistas, via Skype e WhatsApp, nos dias 2 de fevereiro de 2016, 4 de abril de 2017, 10 de janeiro de 2018 e 02 de abril de 2018.

___de Barbara Panic - curadora do Museu Judaico de Belgrado, – Depoimento colhido pelo pesquisador nos dias 1º e 2 de julho de 2016, na sede do museu, em Belgrado.

___de Raul Teitelbaum – sobrevivente do Holocausto – Coleção *We Survived*, Vol.2

___de Alexander Masic – sobrevivente do Holocausto – Coleção *We Survived*, v.5.

___de Armando Moreno – sobrevivente do Holocausto - Coleção *We Survived*, v.2.

___de Paja Cine, Dr. – sobrevivente do Holocausto – Coleção *We Survived*, v.3.

___de Gabi Deleon – sobrevivente do Holocausto – Coleção *We Survived*, v.3.

___de Vera Robicek-Siporen – sobrevivente do Holocausto – Coleção *We Survived*, v.3.

___de Josef Bencion-Papo – sobrevivente do Holocausto – Coleção *We Survived*, v.3.

___de Nada Neumann – sobrevivente do Holocausto – Coleção *We Survived*, v.2.

___de Eстера-Stela Margalit – sobrevivente do Holocausto – Coleção *We Survived*, v.5.

___de Lea Sorger – sobrevivente do Holocausto – Coleção *We Survived*, v.3.

___ de Dina Kattan - sobrevivente do Holocausto – Coleção *We Survived*, v.3.

___ de Arni Weiniger - sobrevivente do Holocausto – Coleção *We Survived*, v.3.

Passaportes e Vistos

___ de Buki Konfino. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Cartão de Imigração.

___ de Nissim Eskenazy. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Cartão de Imigração.

___ de Ivan Lewinger. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Cartão de Imigração.

Registros Cíveis

De Nascimento

Comunidade Judaica de Belgrado

___ De Samuel Rafael Ozmo, número 48/49.

___ De Rafael Ozmo, número 1252 (Registro 120 de Smederevo).

___ De Isaac Ozmo, número 1263 (Registro 120a de Smederevo).

___ De Streia Ozmo, número 1680 (Registro 103 de Smederevo).

___ De Debora Ozmo, número 1681 (Registro 104 de Smederevo).

___ De Samuel-Mile Ozmo, número 23/37.

De Casamento

Comunidade Judaica de Belgrado

___ De Haim Eskenazy e Mazal Romano, número 8/1900.

___ De Haim Eskenazy e Mazal Melamed Mandil, número 37/1925.

___ De Samuel Eskenazy e Alis Levic, número 16/1927.

___ De Streia Ozmo e Nissim Eskenazy, número 45/1929.

___ De Lili Eskenazy e Rudolf Magrisso, número 3/1932.

___ De Debora Ozmo e Leone Medina, número 629/1933.

___ De Rafael Ozmo e Dina-Ela Levi, número 558/1935.

___ De Isaac Ozmo e Erna Hercler, número 891/1937.

Registros Militares

Nazistas em Belgrado

___ De Ruben Romano, junto ao Comando Militar da Sérvia (Anmeldung), V350.

Registros de mortos no Holocausto

___ De Lenka Levi, Yad Vashem.

___ De Isaac Levi, Yad Vashem.

- ___ De Samuel-Mile Levi, Yad Vashem.
- ___ De Matilda-Nika Aron, Yad Vashem.
- ___ De Ruben Romano, Yad Vashem.
- ___ De Gavra Romano, Yad Vashem.

BIBLIOGRAFIA

OBRAS

- AMERICAN JEWISH COMITEE. *American Jewish Book*, v.41. p. 325-327. Disponível em: http://ajcarchives.org/AJC_DATA/Files/1939_1940_5_YRForeign.pdf. Acesso em,; 22 abr. 2017.
- AVINERI, Shlomo. *Herzl: Theodor Herzl and the Foundation of the Jewish State*. London: Hachette, 2013.
- BEGOVIĆ, S. *Logor Banjica 1941–1944*. Belgrade: Institut za Savremenu Istoriju. 1989.
- BEINART, Haim. *Los Judios en Espana*. Madrid: Mapfre, 1992.
- BENBASSA, Esther. *Jews of the Balkans: the Judeo-Spanish Community, 14th to 20th Centuries*. Oxford: Blackwell Publishers, 2000.
- BRECHT, Bertold. *Conversas de refugiados*. São Paulo: Editora 34. 2017.
- BROWNING, Christopher R. *Fateful Months: Essays on the Emergence of the Final Solution*. London: Holmes & Meier, 1985.
- CAMPAGNANO, Anna Rosa. *In Defesa de la Razza*. São Paulo: Edusp, 2011.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Cidadão do Mundo: O Brasil Diante do Holocausto e dos Judeus Refugiados do Nazifascismo (1933-1948)*. São Paulo: Perspectiva: Fapesp. 2010.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.). *Olhares de Liberdade. CIP: espaço de resistência e memória*. São Paulo: CIP, 2018.
- CHRISTIANSEN, H.C.; SALZBORN, S. *Antisemitism in Eastern Europe: History and Present in Comparison*. Berna: Peter Lang AG, 2010.
- COHEN, P. *Serbia's Secret War: Propaganda and the Deceit of History*. Texas A&M University Press, 1996.
- CRESWELL, John.W. *Research Design: Qualitative, quantitative and mixed method approach*. 2ed, New York: Sage Publications. 2002.

- CULIBRK, Johan. *Historiography Of The Holocaust In Yugoslavia*. Sérbia: University of Belgrade, 2011.
- DANON, Jakov; STOSIC, Vera. *Memoirs on Holocaust of the jews from Bosanska Krajina*. Banja Luka, Bosnia: Zavod distrofičara. 2010.
- DEL ARCO, Jorge. *Las horas sumergidas*. Sevilla: Algaida poesá. 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5997659.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2019.
- EVENTOV, Yakir. *Toledot Yehudei Yugoslavia. A history of Yugoslav Jews. Vol.1.From ancient times to the end of the 19th century*. Tel-Aviv: Davar, 1971.
- FACKENHEIM, E. *To Ment the World: Foundations of Post-Holocaust Jewish Thought*. New York: Schocken Books.1982.
- FAIGUEBOIM, Guilherme; CAMPAGNANO, Anna Rosa; VALADARES, Paulo (Orgs.). *Dicionário Sefaradi de Sobrenomes*. São Paulo: Fraiha, 2004.
- FREIDENREICH. Harriet Pass. *Jews from Yugoslavia: A Quest for Community*. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1979.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2008.
- GINZBURG, Carlo. *A Micro-História e outros Ensaios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- GOFFMAN, Erwin. *Stigma – Notes on the management of spoiled identity*. New York: Simon & Schuster, 1963.
- GORDIEJEW, Paul Benjamin. *Voices of Yugoslav Jewry (Suny Series in Anthropology and Judaic Studies)*. Albany, NY: State University of New York Press, 1999.
- GRUBER, Ruth. *Haven: The Dramatic Story of 1,000 World War II Refugees and How They Came to America*. New York: Open Road Media, 2010.
- PETERSEN, H.C., SALZBORN, S. *Antisemitism in Eastern Europe: History and Present in Comparison (Politische Kulturforschung)*. Bern: Peter Lang AG, 2010.
- HAKOHEN, Dvora. *Immigrants in Turmoil: Mass Immigration to Israel and Its Repercussions in the 1950s and After*. Syracuse. NY: Syracuse University Press, 2003. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=hCw6v0TFhdMC&printsec=frontcover&hl=p>

- t-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 28 Abr. 2017.
- ICES - INDEPENDENT COMMISSION OF EXPERTS SWITZERLAND. *Second World War: Switzerland and Refugees in the Nazi Era*. Bern: ICES. 1999. Disponível em <https://www.uek.ch/en/publikationen1997-2000/fb-e.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2018.
- JHM – Jewish Historical Museum. *We Survived*. Belgrade: Federation of Jewish Communities of Serbia. v. 2 e 3, 2006.
- JIM – Jevrejski Istorijiski Musej. *Spomenika 1912-1918*. Beograd: Federation of Jewish Communities of Serbia, 2014.
- JIM – Jevrejski Istorijiski Musej. *Zbornik. Studije, Arhivska I Memoarska Grada o Jevrejima Jugoslavie*. Beograd: Federation of Jewish Communities in Yugoslavia. v.4, 1979.
- JIM – Jevrejski Istorijiski Musej. *Zbornik. Studije, Arhivska I Memoarska Grada o Jevrejima Jugoslavie*. Beograd: Federation of Jewish Communities in Yugoslavia. v.6, 1992.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LEBEL, Jennie. *Until 'the final solution'. The jews in belgrade, 1521-1942*. New Jersey: Avoitainu, 2007.
- LUPOVITCH, Howard N. *Jews and Judaism in World History*. Abigdon, UK: Routledge, 2010.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. O 18 de Brumário de Louis Bonaparte In: *Obras Escolhidas*. Lisboa: Avante, 1982.
- MATTAR, Fauze. *Pesquisa de marketing*. São Paulo: Atlas, 1996.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*, 5ª ed., São Paulo: Loyola, 2005.
- MILOSEVIC. B.M. *Jevreji za slobodu Srbije, 1912-1918*. Belgrado: F. Višnjić, 1995.
- MILOSAVLJEVIĆ, Olivera. Potisnuta-istina-Kolaboracija-u-Srbiji-1941-1944 in: *Coleção Ogladi*, v.7, Helsinki: Committee for Human Rights in Serbia, 2006. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/161921594/Olivera-Milosavljevic-Potisnuta-istina-Kolaboracija-u-Srbiji-1941-1944>. Acesso em: 30 jan. 2018.

- PATAI, Raphael. *The Jews of Hungary: History, Culture, Psychology*. Wayne, MI: Wayne State University Press, 1996.
- PETERSEN, H.C., SALZBORN, S. *Antisemitism in Eastern Europe: History and Present in Comparison (Politische Kulturforschung)*. Bern: Peter Lang AG, 2010.
- PREMERL, Nada. *Židovi na tlu Jugoslavije*. Zagreb: MTM, 1988.
- ROMANO, Jasa. *Jews of Yugoslavia 1941-1945. Victims of Genocide and Freedom Fighters (Jevreji Jugoslavije 1941-1945. Zrtve Genocida I Ucesnici Narodnosloodilckog Rata)*. Belgrade: Federation of Jewish Communities of Yugoslavia, 1980.
- SETON-WATSON, R.W. *The southern Slav question and the Habsburg Monarchy*. London: Constable & Co. 1911. Disponível em: <https://archive.org/details/southernslavques00seto>. Acesso em: 20 mar 2017.
- STIVELMAN, Michael. *A marca dos genocídios*. Rio de Janeiro: Imago. 2001.
- TOMASEVIC, Jozo. *War and revolution in Yugoslavia, 1941-1945: occupation and collaboration*. Stanford, CA: Stanford University Press, 2001.
- VIDAL NAQUET, Pierre. *Os Assassinos da Memória – O revisionismo da história*. Campinas: Papirus, 1988.
- VOIGT, Klaus. *Il rifugio precario. Gli esuli in Italia dal 1933 al 1945*. v. 2. Firenze: La Nuova Italia, 1993.
- WIRTH, Louis. *The Gueto*. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 1998.

CAPÍTULOS EM LIVROS

- BÍBLIA, N. T. Atos, Capítulo 18. In: *BÍBLIA*. Português. Versão Online, Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/atos/18>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- JOVANOVIĆ, N. Pregled istorije beogradskih Jevreja do sticanja građanske nezavisnosti, In: SAMARDŽIĆ, R. (Org.). *Zbornik 6*. Beograd: Federation of Jewish Communities in Yugoslavia, 1992. p.115-167.

- MIHAILOVIC, M. Dve stotine godina porodice Hajim Davico U Beograd, In: SAMARDZIK, R. (Org.). *Zbornik 6*. Beograd: Federation of Jewish Communities in Yugoslavia, 1992. p. 249-276.
- MILIC, D. Participation of jews in serbian banking, In: SAMARDZIK, R. (org). *Zbornik 6*. Beograd: Federation of Jewish Communities in Yugoslavia, 1992. p. 168-182.
- MIZRAHI, Rachel. Imigrantes judeus do Oriente Médio e sua inserção em São Paulo e no Rio de Janeiro. In: LEWIN, Helena (Org.). *Identidade e cidadania, Como se expressa o judaísmo brasileiro*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.
- PAVLOVIC. L. Prilog Izucavanju Istorije Smederevskih Jevreja In: SAMARDZIK, R. (Org.). *Zbornik 4*. Beograd: Federation of Jewish Communities in Yugoslavia, 1979. p. 65-86.
- PERIC, M.; STANIC, S. Jevrevi u popisima Stanovnistva XIX i XX Veka, In: SAMARDZIK, R. (Org.). *Zbornik 6*. Beograd: Federation of Jewish Communities in Yugoslavia, 1992. p. 277-309.
- RADENIC, A. Jevreji u Srbiji, Narodni poslanici jevreji u skupstini Srbije 1878-1888. In: SAMARDZIK, R. (Org.). *Zbornik 6*. Beograd: Federation of Jewish Communities in Yugoslavia, 1992. p.1-114.
- RISTOVIC, Milan. Jews in Serbia during World War Two: Between the final solution to the Jewish question, In: Fogel, M., Ristovic, M. Kiljanin, M. (Orgs.). *Serbia. Rightous among Nations*, Belgrade: JOZ, 2010.
- VESELINOVIC. J. Spisak Jevreja I supruznika jevreva koji su prema naredbi vojnog zapovednika u srbiji od 30. Maja 1941. In: SAMARDZIK, R. (org.). *Zbornik 6*. Beograd: Federation of Jewish Communities in Yugoslavia, 1992. p. 372-406.

ARTIGOS

- ALEKSIC, V. The political role of financial institution: Bankverein AG and Aryanization of Jewish property in Serbia”. *Limes plus: geopolitički časopis. Instituto de Ciências Econômicas da Universidade de Belgrado*, v.XII, n. 2: p. 51–63. Disponível em: <http://ebooks.ien.bg.ac.rs/916/>. Acesso em: 10 Mar. 2017.

- AMERICAN JEWISH JOINT DISTRIBUTION COMMITTEE. *Report on the position of Yugoslav Jews*. Disponível em: http://search.archives.jdc.org/multimedia/Documents/NY_AR_45-54/NY_AR45-54_Count/NY_AR45-54_00105/NY_AR45-54_00105_00448.pdf#search='alkalay david'. Acesso em: 06 jan. 2019.
- BAKARDJIEVA, Teodora. *The Jewish community in Rousse*. Disponível em: <http://sefarad.org/lm/035/6.html>. Acesso em: 18 Jan. 2017.
- BARKAY, Rafaela. De quem é a memória: O relato da trajetória de uma família iugoslava nos campos da Itália durante a Segunda Guerra Mundial. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, v.7, n. 12, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/4684>. Acesso em: 20 set. 2016.
- BERGEN, D.L. The Nazi Concept of 'Volksdeutsche' and the Exacerbation of Anti-Semitism in Eastern Europe, 1939-45. *Journal of Contemporary History*, v.29, n. 4: p. 569-582. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/260679.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2017.
- BURDELEZ, I. The Role of the Ragusan Jews in the History of the Mediterranean Countries. *Mediterranean Historical Review*, v.6, n. 2: p. 190-197. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09518969108569622?journalCode=fmhr20>. Acesso em: 15 jan. 2018.
- BYFORD, J. Remembering Jasenovac: survivor testimonies and the cultural dimension of bearing witness. *Holocaust and Genocide Studies*, v.28, n. 1: p. 58-84. Disponível em: <http://oro.open.ac.uk/39787/>. Acesso em: 02 jan. 2019.
- ČALI, Helena. Sedam Decenija od Holokausta. *Politika*. Edição Online, 20 abr. 2013 disponível em: <http://www.politika.rs/scc/clanak/215942/Drustvo/Sedam-decenija-od-holokausta>. Acesso em: 22 abr. 2017.
- CERESNJES, Ivan, The destruction of the memory of jewish presence in eastern Europe. A case study: former Yugoslavia. Disponível em <http://jcpa.org/article/thedestructionofthemoryofjewishpresenceineasterneuropeacastudyformeryugoslavia/>. Acesso em: 10 jan. 2017.

- CVETKOVIC, D. Holocaust in Yugoslavia – An attempt at quantification. In: *Israeli-Serbian Academic Exchange in Holocaust Research*, 2006, Jerusalem. *Anais... Muzej žrtava genocida*, 2006. p. 357-369.
- DANITI, A. O Niskoj Jevrejskoj Zajednici. *Vesnik*, v. 5. Disponível em: <http://elmundosefarad.wikidot.com/o-niskoj-jevrejskoj-zajednici-napisao-rabin-avram-daniti>. Acesso em: 17 mar. 2017.
- DARBY, P.; CLOUGH, P. Investigating the information-seeking behaviour of genealogists and family historians. *Journal of Information Science*, v.39, n. 1: p. 73–84. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0165551512469765>. Acesso em: 23 set. 2016
- DECOL, Rene. Uma história oculta: a imigração dos países da Europa do Centro-Leste para o Brasil. In: *Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. 2000. Disponível em: <http://www.abep.Org.br/publicacoes/index.php/anais/issue/view/32/showToc>. Acesso em: 20 set. 2016.
- EISENSTEIN-BARZILAY, I. The Ideology of the Berlin Haskalah. In: *Proceedings of the American Academy for Jewish Research*, v.25: p. 1-37. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/3622341?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 20 ago. 2016.
- ELMUNDOSEFARAD. *Dva Skandala Vezana Za Niš*. Disponível em: <http://elmundosefarad.wikidot.com/dva-skandala-vezana-za-nis>. Acesso em: 1º mai. 2017.
- ELMUNDOSEFARAD. Evidencija Niske Crkveno Skolske Jevrejske Opstine Racunajuc. Disponível em <http://elmundosefarad.wikidot.com/evidencija-niske-crkveno-skolske-jevrejske-opstine-racunajuc>. Acesso em: 1º ago 2016.
- ELON, M. The Legal System of Jewish Law. *N.Y.U. Journal of International Law and Politics*, v.17: p. 221-244. Disponível em: <https://heinonline.org/HOL/LandingPage?handle=hein.journals/nyuilp17&div=17&id=&page=>. Acesso em: 20 ago. 2016.
- ESTER.RS. *Serbian Holocaust Teaching*. Disponível em: <http://ester.rs/en/>. Acesso em: 22 abr. 2017.

- FREUND, M. David Albala: Serbian warrior, Zionist hero. *Jerusalem Post*, Edição Online, 4 nov. 2013. Disponível em: <http://www.jpost.com/Opinion/Columnists/David-Albala-Serbian-warrior-Zionist-hero-330619>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- GELBER, N.M. The Sephardic Community in Vienna. *Jewish Social Studies*, v.10, n. 4: p. 359-396. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/pdf/4615336.pdf?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 12 set. 2017.
- GESTERFELD, Manfred. The World Confronts Poland's Holocaust Revisionism. *The Algemeiner*, edição online. 13 mar. 2018. Disponível em: <https://www.algemeiner.com/2018/03/13/the-world-confronts-polands-holocaust-revisionism/>. Acesso em: 12 jan. 2019.
- GOLDSTEIN, Ivo. The Jews in Yugoslavia 1918-1941: antisemitism and the struggle for equality. *Jewish Studies at the Central European University*, v.2: p. 51-64. Disponível em: http://web.ceu.hu/jewishstudies/pdf/02_goldstein.pdf. Acesso em: 10 fev. 2016.
- HAMBLET, W. A Pathological Goodness: Emmanuel Levinas' Post-Holocaust Ethics. *Minerva - An Internet Journal of Philosophy*, v.10. 2006: p. 172-196. Disponível em: <http://www.minerva.mic.ul.ie/vol10/Goodness.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2019.
- HASHOMER HATZAIR. *About Hashomer Hatzair*. Disponível em: <http://www.hashomer-hatzair.net/cgi-webaxy/item?181>. Acesso em: 04 jan. 2019.
- HAVE you heard about serbian Chernobil? *Telegraph*. Edição Online, 08 jun. 2016. Disponível em: <https://www.telegraf.rs/english/2180293-have-you-heard-about-serbian-chernobil-2-500-people-died-in-the-explosion-in-smederevo-fortress-in-1941-photo>. Acesso em: 22 abr. 2017.
- HUTINEC, Goran. *Croatian Book on Jasenovac Distorts Holocaust History*. Disponível em: <http://www.balkaninsight.com/en/article/croatian-book-on-jasenovac-distorts-holocaust-history-09-03-2018>. Acesso em: 3 jan. 2019.
- IKONOMOPOULOS, M.H. The Romaniote community of New York. *Journal of Modern Hellenism*, v. 23-24: p. 141-168. Disponível em: <http://journals.sfu.ca/jmh/index.php/jmh/issue/view/20>. Acesso em: 25 jan. 2017.

JANICJEVIC, U. *Let get lost - Over the Damned Mountain*. Disponível em: <https://www.lets-get-lost.com/2011/10/over-the-damned-mountains-1914/>. Acesso em: 07 jan. 2017.

JEWISH VIRTUAL LIBRARY. *Croatia Virtual Jewish History Tour*. Disponível em: <http://www.jewishvirtuallibrary.org/croatia-virtual-jewish-history-tour>. Acesso em: 20 mar. 2017.

KESSLER, Daniel. The Jewish community in nineteenth century Palestine: evidence from the Montefiore censuses. *Middle Eastern Studie*., v.6: pp 996-1000. Disponível em: <https://www.montefioreendowment.Org.uk/machform/view.php?id=11814>. Acesso em: 19 out. 2017.

KIRCHIK, James. Hungary's Ugly State-Sponsored Holocaust Revisionism. *Tablet Maganize*. 13 mar. 2017. Disponível em: <https://www.tabletmag.com/jewish-news-and-politics/227312/hungary-kirchick-end-of-europe>. Acesso em: 12 jan. 2019.

KOLJANIN, Milan. Resenha do livro "Historiography of the Holocaust in Yugoslavia by Jovan Ćulibrk" In: *Jasenovac Committee Of The Holy Assembly Of Bishops Of The Serbian Orthodox Church*. Disponível em: <http://www.jasenovac-info.com/biblioteka/RecenzijaKoljaninEng.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2017.

KOLJANIN, Milan. Escape from the Holocaust. Yugoslav jews in Switzerland (1941-1945). *Journal of Historical Researches*, v.26: p. 167-177. Disponível em: <http://istrazivanja.ff.uns.ac.rs/index.php/istr/article/view/1554>. Acesso em: 20 jul. 2018.

KOSOVO HOLOCAUST. *Concentration Camp "Banjica"-Belgrade*. Disponível em: <http://kosovoholocaust.com/page2/page2.html>. Acesso em: 22 abr. 2017.

LEJENAS H. The Severe Winter in Europe 1941-1942. The Large-scale Circulation, Cut-off Lows, and Blocking. *Journal of The American Metereological Society*, v.70, n. 3: p. 271-281. Disponível em: [https://journals.ametsoc.org/doi/pdf/10.1175/1520-0477\(1989\)070%3C0271:TSWIET%3E2.0.CO%3B2](https://journals.ametsoc.org/doi/pdf/10.1175/1520-0477(1989)070%3C0271:TSWIET%3E2.0.CO%3B2). Acesso em: 15 abr. 2017.

MAIERHOF, G. *Recha Freier. Jewish Women: A Comprehensive Historical Encyclopedia. Jewish Women's Archive*. Disponível em: <https://jwa.org/encyclopedia/article/freier-recha>. Acesso em: 23 abr. 2017

- NEW online generation takes up Holocaust denial. *The Guardian*, Online Edition. 22 jan. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2017/jan/22/online-conspiracy-theories-feed-holocaust-denial>. Acesso em: 12 jan. 2019.
- PIZZUTI, Anna. *Gli Ebrei in Fuga*. Disponível em: <http://www.annapizzuti.it/jugoslavia/j03.php>. Acesso em: 15 Maio 2017.
- PIZZUTI, Anna. *Verso la Svizzera*. Disponível em: <http://www.annapizzuti.it/public/svizzera.pdf>. Acesso em 09 jan. 2019.
- REIS, A.C.; SCHUCHMAN, L.V. A constituição social da memória: lembranças de uma testemunha da II Guerra Mundial. *Psicologia em Revista*, v.16, n. 2: p.388-408.
- RISTOVIC, Milan. The persecuted and their abettors: solidarity and help for the jews in Serbia. In: *Israeli-Serbian Academic Exchange in Holocaust Research*, 2006, Jerusalem. *Anais...* Muzej žrtava genocida, 2006. pp 209-250.
- ROTH, Michael. How Nazis destroyed books in a quest to destroy European culture. *The Washington Post*. Edição online. 24. Fev.2017. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/opinions/how-nazis-destroyed-books-in-a-quest-to-destroy-european-culture/2017/02/24/244aee94-cdf3-11e6-a87f-b917067331bb_story.html?noredirect=on&utm_term=.8b00cc953746. Acesso em: 09 jan. 2019.
- RÜRUP, M. Lives in Limbo: Statelessness after Two World Wars. *Bulletin of the GHI*, v..49: p. 113-134. Disponível em: <https://scholarlycommons.law.wlu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1508&context=wlu>. Acesso em: 15 ago. 2018.
- SARFATI, Michelle. Agli ebrei italiani: la salvezza è a sud. *Diario del mese. n. 1 (ano II)*. 24 jan. 2003, p. 18–22. Disponível em: <http://www.annapizzuti.it/public/agli%20ebrei%20italiani%20la%20salvezza%20%E8%20a%20sud.doc>. Acesso em: 15 mar. 2018.
- SAVIC, C. Sarajevo, 1941: The German Invasion and Occupation. *Serbianna*. Disponível em <http://serbianna.com/analysis/archives/2816>. Acesso em: 1º mai. 2017.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, v.20, n. 1: pp 65-82. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2017.

STRAMIGIOLI, A. Gli Ebrei E La Vita Economica Di Osimo Nel Cinquecento. *Quaderni storici delle March.*, v.2, n. 4 (1): p. 43-65. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/43941870?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 20 fev. 2018.

STUEMUND-HALÉVY, M., COLLIN, G. Sefarad sur les rives du danube - Vienne et la littérature judéo-espagnole. *MEAH*, Vol.57: p.149-211. Disponível em: <http://www.meahhebreo.com/index.php/meahhebreo/article/viewFile/88/80>. Acesso em: 12 fev. 2018.

SUNIC, T., The Destruction of Ethnic Germans and German Prisoners of War in Yugoslavia, 1945-1953. In: *14th IHR Conference*, 2002, Irvine, CA. *Anais...IHR*, 2002. Disponível em <http://www.ihr.org/other/sunic062002.HTML>. Acesso em: 17 jan. 2017.

SVOB, M. Židovi u antifašističkom otporu In: *Cendo. Research and Docummntation Center*. Disponível em: <http://www.cendo.hr/Dokumentacija.aspx>. Acesso em: 09 Set. 2018.

TAJTACAK, David. *Beogradski Jevreji I Njihova Zanimanja (Od Kraja 19. Veka Do Ii Sv. Rata)*. 1971. Disponível em: <http://www.makabijada.com/dopis/gradovi/grobgd/000/tajtacak.htm>. Acesso em: 31 jan. 2018.

TOMIC. Y. Massacres in desmembered Yugoslavia - 1941-1945. *Online Enciclopédia of Mass Violence*. Paris: SciencePo. Disponível em: http://www.massviolence.org/Article?id_article=523. Acesso em: 04 mar. 2017.

UNITED STATES DEPARTMENT OF LABOR. *Wage Trends and Wage Policies: Various Foreign Countries*. Disponível em: https://fraser.stlouisfed.org/scribd/?title_id=4368&filepath=/files/docs/publications/bls/bls_0934_1948.pdf&start_page=3. Acesso em: 15 abr. 2017.

UPOZNAJTE Beograd: 72 godine od najstrasnijeg bombardovanja prestonice. *Telegraph*. Edição Online, 06 abr. 2013. Disponível em: <http://www.telegraf.rs/vesti/beograd/632987->

upoznajte-beograd-72-godine-od-najstrasnijeg-bombardovanja-prestonice-foto. Acesso em: 22 abr. 2017.

TESES E DISSERTAÇÕES

IVANKOVIĆ, M. *Jevreji u Jugoslaviji 1944 – 1952. Kraj ili novi početak*. Tese de Doutorado. Filozofski fakultet u Beogradu. 2008.

KERENJI, E. *Jewish Citizens of Socialist Yugoslavia: Politics of Jewish Identity in a Socialist State, 1944-1974*. Tese de Doutorado. The University of Michigan, 2008.

MARKO, Leslie Evelyn Ruth. *Teatro de Sami Feder: espaço poético de resistência nos tempos do holocausto (1933-1950)*. 2016. Tese (Doutorado em Estudos Judaicos) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Yehudim, djidios, evraioi, židovi, juden.

A história da família judia Eskenazy da antiga Iugoslávia

Volume II

ANEXOS

História dos judeus na região até meados do século XIX

A história dos judeus na região dos Balcãs e, especificamente no que era geograficamente o que se tornou a antiga Iugoslávia, reflete sobremaneira o que foi a história das principais forças dominantes na Europa. Segundo Eventov, existem relatos de judeus na região da Iugoslávia desde o Império Romano, sendo Dubrovnik, na Dalmácia, um importante centro mercantil e estratégico²⁵¹. Após a queda de Roma, pequenas comunidades permaneceram em todo o território. Segundo Lebel, praticamente não há nenhum registro escrito sobre comunidades judaicas na região que seja anterior ao período otomano²⁵². Mesmo os documentos posteriores, em sua maioria não citam fontes que atestem a presença judaica. Em relação a essa precariedade de fontes, Lebel cita um artigo de 1926 do Rabino-Chefe Ashkenazita de Belgrado Ignatz Schlang, ele mesmo um estudioso dessa questão (tradução própria):

*Os judeus de Belgrado mantêm a convicção que seus caros correligionários viveram nessa antiga cidade desde tempos imemoráveis... a falta de documentos escritos, a propósito, é sentida e lamentada por todos os pesquisadores da história de Belgrado.*²⁵³

É possível que com a queda do Primeiro Templo de Jerusalém, em 587 A.C., alguns dos judeus tiveram que abandonar Israel, rumando para a região sul do Balcãs. Mais segura é a afirmação que houve uma migração de judeus na época da destruição do Segundo Templo de Jerusalém, em 70 D.C., em direção a já existentes e desenvolvidas comunidades judaicas na região da Macedônia, provavelmente formadas algumas décadas antes desse evento²⁵⁴. O apóstolo Paulo descreve como judeus da região da Macedônia vieram ao seu encontro.

²⁵⁰ Este anexo trata principalmente da Sérvia, mas como parte da antiga Iugoslávia, em muitos momentos falamos sobre o que ocorreu na região como um todo e não especificamente nos limites geográficos da atual Sérvia ou do que foi a região da Sérvia histórica.

²⁵¹ EVENTOV Yakir, op. cit., p. 431-432.

²⁵² LEBEL, Jennie, op. cit., p. 1.

²⁵³ Idem, p. 1-2.

²⁵⁴ Ibidem, p.1-2.

“E, quando Silas e Timóteo desceram da Macedônia, foi Paulo impulsionado no espírito, explicando aos judeus que Jesus era o Cristo”. Atos 18:5²⁵⁵

Eventos como as Cruzadas, a Peste Negra e a expulsão dos judeus de Buda, em 1376 foram fatores que impulsionaram comunidades judaicas da Europa Central em direção à região dos Balcãs, descendo o rio Danúbio, em direção a Vidin, Plevna e Sofia na Bulgária. Desde o início do século XIV, essas comunidades já estavam sob o domínio otomano e se denominavam *Kehilot Budon*²⁵⁶. Nessa região viviam judeus Romaniotas, que eram chamados pelos que chegavam de *Gregos*. Em 1470, com a expulsão dos judeus da Bavária, pelo Rei Ludwig X, juntou-se a esse grupo um novo, os chamados de *Tudescos* (Tedescos, Alemães, Ashkenaz-Eskenazy). Finalmente, em fins do século XV, juntam-se os judeus expulsos da Península Ibérica, que chegam a essa região via Salônica, os chamados de *Sefaradim*²⁵⁷. Beinart estima que entre 200 a 300 mil judeus deixaram a Espanha, 120 mil na direção de Portugal e o restante em sua maioria em direção ao Norte da África. Posteriormente, de Portugal, emigraram 150 mil. Para o autor, não há registros precisos do rumo desses exilados, mas existem diversos relatos informando que uma parte considerável migrou para as fronteiras do Império Otomano. Comunidades inteiras migraram em um mesmo dia, muitas vezes em um mesmo barco e, provavelmente, radicaram-se num mesmo lugar, conservando suas tradições particulares.²⁵⁸

Para Lebel, não são conhecidas fontes históricas que possam provar que parte dessa migração se deu diretamente em direção a Sérvia, mas, estando Belgrado aproximadamente no meio do caminho fluvial entre Buda (400km) e Vidin (300Km), é possível inferir que algumas populações judaicas acabaram por se estabelecer nessa região²⁵⁹. Para Eventov, apenas é possível atestar historicamente emigrações da Península Ibérica para as principais cidades do Império Otomano, como Constantinopla, Salonica e Safed e dessas para outras regiões como Sérvia, Macedônia e, principalmente Bulgária.²⁶⁰

²⁵⁵ BÍBLIA, N. T. Atos, Capítulo 18. In: BÍBLIA. Português. Versão Online, Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/atos/18>. Acesso em: 10 jan. 2017.

²⁵⁶ LEBEL, Jennie, op. cit., p.2

²⁵⁷ Idem, p. 2-3.

²⁵⁸ BEINART, H. *Los Judios en Espana*. Madrid: Mapfre, 1992.

²⁵⁹ LEBEL, Jennie, op. cit., p. 2.

²⁶⁰ EVENTOV, Yakir, op. cit., p. 420-421.

Mapa 5: Curso do Danúbio. Fonte: Google Maps. Disponível em: https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=16ih_QoK8-lKJoeqfx4bGLE2DGBc&hl=en&ll=45.06964088680724%2C18.25486239062502&z=6. Acesso em: 15 jan. 2017.

Belgrado

Segundo Freidenreich, Belgrado sempre foi uma cidade de considerável importância estratégica e econômica nos Balcãs e teve uma história política bastante tempestuosa. Situada na confluência dos rios Sava e Danúbio, desde o Império Romano funcionou como a fortaleza chave de *Singidunum*. Freidenreich discorre que, depois que os turcos capturaram a cidade em 1521, estabeleceram-na como o centro administrativo da província (*pashaluk*). Sendo o Danúbio a fronteira entre os impérios Otomano e o de Habsburgo, a cidade trocou de mãos várias vezes no período entre os séculos XVII e XIX, até a derrota dos Turcos para o movimento de independência sérvio. Belgrado transformou-se então na capital de um principado autónomo que mais tarde se tornou o reino de Sérvia e, após a Primeira Guerra Mundial, na capital do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, posteriormente Reino da Iugoslávia.²⁶¹

²⁶¹ FREIDENREICH, Harriet Pass, op. cit., p. 26-27.

Mapa 6: Belgrado em 1695. Mapa histórico, ao centro a Fortaleza Kalemegdan. Autor: H Van Loon. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/85009674@N00/sets/72157606009148487/with/2643203691/>. Acesso em: 20 jan. 2017.

Dominando a cidade se encontra o Kalemegdan, fortaleza que se localiza na ponta noroeste, onde o Rio Sava deságua no Danúbio. Para Freidenreich, a primeira referência à presença de judeus na cidade é de 1560, quando se conta que um incêndio destruiu numerosas casas de judeus que viviam na cidade, próximos ao Kalemegdan. Trata-se de uma referência anedótica, não havendo nenhum documento que ateste o incidente.²⁶²

Para Eventov, é possível confirmar a presença de judeus em Belgrado desde fins do século XVI e existem documentos religiosos mostrando que em 1617 Yehuda Lerma fundou uma escola rabínica (*Yeshivá*) na cidade²⁶³. Já para Lebel, a presença de judeus em Belgrado pode ser confirmada principalmente através de duas fontes, ou seja:

- Através de cartas litúrgico-religiosas trocadas entre rabinos de Belgrado e rabinos de outras comunidades. Essa cartas (*Responsa*), tem origem nas regras de *Arba'ah Turim* (quatro colunas) estipuladas pelo Rabbi Yaakov ben Asher, o *Baal ha Turim*, que atuou em Toledo, Espanha, no século XIV²⁶⁴. Segundo Elon,

²⁶² Idem, p. 27.

²⁶³ EVENTOV, Yakir, op. cit., p. 421.

²⁶⁴ LEBEL, Jennie, op. cit., p.14.

a *Responsa* representa a jurisprudência no sistema legal-religioso judaico²⁶⁵. As cartas eram as opiniões dadas por autoridades religiosas (*Halachá*) em todas as áreas da lei judaica, em resposta a perguntas que surgiam sobre situações reais. Até o século XI, as comunidades judaicas olhavam apenas para um centro espiritual quando necessitavam de respostas a dúvidas, inicialmente para Israel e, posteriormente, para a Babilônia. A partir do século XI, cada comunidade judaica tornou-se dependente de seus próprios líderes espirituais e esses, dada a complexidade do sistema legal-religioso judaico, consultavam outras autoridades conhecidas em outras localidades. Segundo Lebel, existem registros dessas trocas de correspondência desde o início do século XVII²⁶⁶. Como exemplos, a autora cita, entre outros:

- Em 1532, Um judeu de Sofia, Bulgária, desaparece em uma viagem a Belgrado e Smederevo (onde foi hóspede de Moshe bem Efraim e Samuel bem Avram Asseo). Um rabino de Salonica, Josef Karo, é chamado para definir se esse desaparecido deve ser considerado morto e se a sua esposa deve ser considerada *Aguná* (mulher desertada), passo fundamental para que a mesma possa se casar novamente;
 - Em 1610, um famoso rabino de Salonica, Chaim Shabetai, opina sobre uma questão que, segundo ele, lhe foi endereçada pela comunidade de Belgrado, sem citar o nome do rabino da comunidade que a enviou;
 - Em 1620, em um tratado denominado *Shaar Yehoshua* (A Porta de Joshua), uma questão que é respondida pelo rabino Joshua Benvenisti tem como remetente a comunidade de Belgrado;
 - Em 1640, o Rabino de Belgrado, Simha HaCohen envia uma carta a um rabino de Salonica, Daniel Istrussa, solicitando conselhos na resolução de um conflito sobre propriedade entre dois membros da comunidade local.
- Através de documentos de não judeus que estiveram ou passaram por Belgrado e que relatam terem tido contato com judeus²⁶⁷:

²⁶⁵ ELON, M. The Legal System of Jewish Law. N.Y.U. *Journal of International Law and Politics*. v.17: p. 221-244. Disponível em: <https://heinonline.org/HOL/LandingPage?handle=hein.journals/nyuilp17&div=17&id=&page=>. Acesso em: 20 ago. 2016.

²⁶⁶ LEBEL, Jennie, op. cit, p. 14-17.

²⁶⁷ Idem, p. 8-13.

- **Jacob von Betzek**, que em meados do século XVI registrou que existiam na cidade “*muitos mercadores Turcos, Raguseanos, Cristãos e Judeus*”;
- O comerciante **Hans Dernschwam**, que anotou em seu diário em 1553 que “*a cidade dos judeus está situada num monte próximo ao rio Sava*”;
- O nobre **Marco Antonio Pigafetta**, que foi membro da expedição de volta ao mundo de Fernão de Magalhães, esteve em 1567 na cidade e relatou em seu diário que “*abaixo da montanha, em direção ao leste, fora das muralhas da cidade há muitas casas turcas, judaicas e sérvias...*”;
- O viajante inglês **Peter Mundi**, que passou por Belgrado em 1º de junho de 1620 e relatou que “*... havia 2.000 casas na cidade, 60 a 70 de judeus, enquanto as demais eram de Cristãos ou Turcos..*”;
- O naturalista e cartógrafo italiano **Conde Luigi Ferdinando Marsigli**, que durante suas viagens pelo Império Otomano em 1680, relatou que além de diversos mercadores alemães e de Ragusa, havia 1.760 judeus em Belgrado, que eles tinham uma sinagoga e que pagavam 500 *reals* em taxas;
- O censo turco de 1570, que coletou dados de Belgrado, Smederevo, Valjevo, Uzice e Rudnic, e que foi coordenado pelo emissário **Bali Mustafa**. Esse censo só levou em conta os civis, pagadores de impostos e revelou que Belgrado tinha 4.503 muçulmanos, 1.503 Cristãos, 960 Ciganos e 100 Judeus. Smederevo tinha 3.366 muçulmanos, 970 Cristãos, 80 Ciganos e 80 Judeus.

Freidenreich mostra que a primeira referência à existência de uma comunidade judaica organizada em Belgrado é um documento de um viajante alemão conhecido como Otendorf, que visitou Belgrado em 1663²⁶⁸. O viajante relatou que “*os judeus possuíam um casa de dois andares, próxima ao Danúbio...onde viviam 800 judeus, tendo lá também sua escola*”. Esse prédio era cercado por um grande jardim e conhecido como *Türkischer Judenhof* (Quarteirão dos Judeus Turcos, provavelmente onde moravam os judeus sefaraditas). Ele possuía 103 quartos, 49 cozinhas e 27 porões (armazéns). Havia outra estrutura, de menor tamanho, conhecida como *Teutscher Judenhof* (Quarteirão dos Judeus

²⁶⁸ FREIDENREICH, Harriet Pass, op. cit., p. 27.

Alemães, provavelmente onde moravam os judeus ashkenazitas), com 47 quartos, 25 cozinhas e 7 porões. Para Freidenreich, tratavam-se de típicos quarteirões judaico-turcos, com ruas estreitas e antigas casas de pedras, empilhadas umas nas outras. As condições sanitárias eram precárias, pois a área ficava próxima ao Danúbio e era constantemente sujeita a enchentes. O exterior das casas não era muito diferente de outras casas turcas, com sólidas paredes de pedra e andares térreos sem janelas.

No documento de Otendorf não há qualquer referência sobre a propriedade desses imóveis, se era propriedade comunitária ou particular. Segundo Freidenreich, é mais provável que não pertenciam aos moradores, já que provavelmente apenas os judeus mais pobres da cidade alugassem quartos lá. Não havia, na época, qualquer restrição à posse de propriedades e, possivelmente, os judeus mais ricos vivessem em outros locais da cidade, entre os cristãos e muçulmanos.²⁶⁹

Outra fonte que atesta, de maneira indireta, a existência de comunidades judaicas em Belgrado faz parte dos Arquivos Nacionais dos Países Baixos. É uma lista, de 1691, apresentando os fugitivos das Guerras Otomanas, que conseguiram alcançar Amsterdam. Com a invasão austríaca a Belgrado em Agosto de 1688, todos aqueles que gozavam da proteção turca, entre eles os judeus, tiveram que deixar a cidade às pressas e os que não fizeram, foram sequestrados e usados como “moeda de financiamento”, pressionando outras comunidades judaicas da Europa, inclusive a de Amsterdam, a pagar resgates para que eles pudessem ser libertados²⁷⁰. Em torno de 600 judeus foram levados para a fortaleza de Osijek na Croácia e para a cidade de Nikolsburg na Morávia, inclusive o rabino-chefe Josef Almosnino, que lá escreveu uma crônica sobre o sofrimento pelo qual os judeus presos passaram (*‘Edut biJehosef’*)²⁷¹. A ocupação de Belgrado terminou com o Tratado de Karlowitz em 1699. O bairro judeu teve a maioria de suas casas e edifícios públicos destruídos. Quando os austríacos retornaram em 1717, encontraram apenas trinta e três famílias judaicas vivendo em Belgrado.²⁷²

²⁶⁹ Idem, p. 28.

²⁷⁰ LEBEL, Jennie, op. cit., p. 40-43.

²⁷¹ Segundo o autor, o trabalho do rabino Almosnino representou o que de mais característico e específico foi escrito em termos de literatura religiosa judaica em Belgrado. Ele pode ter sido um dos principais discípulos do “falso messias” Shabetai Tzvi. EVENTOV, Yakir, op. cit., p. 420.

²⁷² FREIDENREICH, Harriet Pass, op. cit., p.28.

(3451-3459) - P16A001100000

Las Personas que Hay al Presençe de Belgrado —

Meir Cohen Sumugen	Reyna Cohen y Zadiel Cohen	5 Almas
Mosch abenado Sumugen	Abrahel y Sara Subiss	2
Isaïel Valentin Sumugen	Bwla y Aben Samia	5
y Deborah		2
Ab: Apby Sumugen	Oro	2
Joseph Alcora y Sumugen	Judica Alcora y	3
Su hysa Abrahel		
señor Selomô Atramay Sumugen	y Hra Caransa	3
Ab: Levy Sumugen	Sarah Hra Caransa	3
señor Menahem Sulam Sumugen	Abca	2
Joseph Oropo Sumugen	Aben Jayon	3
2 m rapaz		1
Mosch Lemmanna		1
Jôia Cahanet		1
Mazalro y su hysa	Abrahel y pingaz	3
Doña Turada y su hysa	elias Jayon	2
Paloma Vidal y Hra nudo		2
Pexla angela		1
Isaia Sulam		1
Hra de Pinto y su hysa	muram	2
señor Jaedê Malguy y Sumugen	Abrahel y Hra Caransa	3
Abraham Ribaz		1
Selomô de Car	señor	

Lista de judeus de Belgrado em Amsterdam, 1691. Autor: Desconhecido. Arquivo Histórico de Amsterdam. Arquivo 334 (Portuguese Jewish Community), Record 219. Page 2. Disponível em: <https://archieff.amsterdam/inventarissen/inventaris/334.nl.html>. Acesso em: 20 jan. 2018.

Em 1718 foi assinado o Tratado de Paz de Pozarevač, garantindo a cidadãos austríacos e turcos livre residência e direitos a comércio em ambos os seus territórios. Assim, além do retorno de uma parte significativa dos judeus a Belgrado, “Judeus Turcos”, incluindo judeus da Sérvia, que naquela época estava sob domínio Austríaco, estabeleceram-se em Viena, Temesvar (Timisoara-Romênia) e Buda. Mesmo com a liberdade de movimento, a situação dos judeus em Belgrado se deteriorou em relação ao século XVII, com restrições às praticas religiosas. Apenas em 1739, com a saída das tropas Austríacas da

região e o retorno do domínio Turco, foi possível o restabelecimento de uma comunidade judaica ativa, com todas as entidades a ela ligadas.²⁷³

Durante o século XIX, a Sérvia passou por um longo período de revoluções nacionalistas lideradas inicialmente por George Karageorge. Todos aqueles indivíduos ligados aos turcos (inclusive os judeus) foram tratados como inimigos da nação. Mesmo sob a proteção turca, a vida se tornou impraticável para a comunidade e entre 1806 a 1807, a maioria atravessou o rio Sava, para a cidade de Zemun (hoje em dia um bairro de Belgrado, na época território Austríaco) e também para Novi Sad, norte da Sérvia e a Bósnia. Os que ficaram em Belgrado foram convertidos à força, talvez no único episódio antissemita de grandes proporções na história dos judeus da Sérvia antes do Holocausto²⁷⁴. Apesar de esse episódio ser descrito em alguns livros e artigos acadêmicos, não foi encontrado nenhum documento com a lista dos indivíduos que sofreram esse processo de conversão nem qual o destino dos mesmos.

Em 1815, os revolucionários de Karagiorge foram derrotados pelos turcos, que nomearam o Príncipe Milos Obrenovic e firmaram com ele um tratado que permitiu autonomia à Sérvia. Em 1830, é publicada uma “Ordem Imperial”, que reafirmava que os judeus tinham livre direito de residência, comércio, compra e venda imobiliária e que, ao mesmo tempo, teriam os compromissos de qualquer cidadão, como pagamento de taxas²⁷⁵. Essa ordem durou até 1842, quando o Principado foi deposto e novamente o poder foi tomado pelos seguidores de Karagiorge. Os poucos judeus residentes em Belgrado, novamente considerados aliados dos turcos, foram confinados junto a esses últimos na Cidadela do Forte de Kalemegdan e, novamente alguns optaram por abandonar a cidade para viver em territórios austríacos. Desde 1856, quando do pleno retorno dos judeus a Belgrado, até a Segunda Guerra Mundial, o relacionamento das comunidades judaicas com aqueles que estavam no poder foi marcado por uma continua busca e negociação de direitos e deveres.

É de 1856 o primeiro censo judaico que se tem conhecimento em Belgrado. Os documentos originais desse censo fazem parte do Arquivo Central para a História do Povo Judeu em Jerusalém e não são acessíveis digitalmente. Segundo Mathilde Tagger, que criou a base de dados relativa a esses documentos, como o original do censo está escrito em caracteres Latinos Cursivos e na época apenas se usava alfabeto cirílico na Sérvia, é

²⁷³ EVENTOV, Yakir, op. cit., p. 420.

²⁷⁴ Idem, p. 420-421.

²⁷⁵ LEBEL, Jennie, op. cit., p. 72-77.

provável que o mesmo tenha sido encomendado por alguma instituição judaica de caridade ou por algum filantropo, como Sir Moses Montefiori²⁷⁶. O fato de existir documentação da mesma época, relativa a outro censo encomendado por Montefiori, referente ao censo dos judeus da Palestina (incluindo alguns judeus de origem sérvia) reforça a hipótese de Tagger²⁷⁷. O censo de Belgrado contabilizou 307 famílias judias na cidade e um total de 1.471 pessoas.

Outra estimativa é dada por Jovanovic. Segundo o autor em 1834 havia menos de 1.500 judeus em Belgrado, para uma população de aproximadamente 20.000 pessoas. Para o mesmo autor, em 1845 foram recenseados 1.724 judeus. O autor não cita a fonte desses números.²⁷⁸

Niš

Em 1939, o rabino de Niš, Avram Daniti, publicou um artigo na edição n. 5 de “*Vesnik*”, tratando das origens da comunidade judaica da cidade²⁷⁹. De acordo com o autor, a primeira referência histórica de judeus em Niš era um recibo do rabino Eliakhim Geron, *shaliah* (emissário da Terra de Israel), datado do ano de 1717 (5477). Também foram encontrados recibos dos anos de 1754, 1758 e 1765. Em relação à pesquisa da história das *Responso* da comunidade de Niš, o mais antigo relato é o livro *Petah ben David* de Josef David, de Tessalónica, de 1736 (p.81, artigo 86):

‘Em Tammuz 5483 (1723), um rabino de Niš, onde recentemente muitos judeus se estabeleceram, perguntou-me ...’. Há também menção a Niš em alguns outros livros: *Meleh Shalem* de Šemuel Šalem, Tessalónica, 5529 (1769), e *Devar Moshe* de Aaron Moshe Amario, Tessalónica, 5561 (1801)’.

Ainda segundo Daniti, o cemitério judeu em Niš não pode esclarecer a data da fundação da comunidade, pois de acordo com a nota de um escritor anônimo, o cemitério “atual” era o terceiro cemitério em Niš. Para o autor, é importante salientar que este escritor

²⁷⁶ SEPHARDICGEN., *Census of Jewish Family Heads In Beograd, Serbia in 1856*. Disponível em: <http://www.sephardicgen.com/databases/BelgradeCensus1856SrchFrm.html>. Acesso em: 15 de maio de 2018.

²⁷⁷ KESSLER, Daniel. The Jewish community in nineteenth century Palestine: evidence from the Montefiore censuses. *Middle Eastern Studies*. v. 6: pp 996-1000. Disponível em: <https://www.montefioreendowment.Org.uk/machform/view.php?id=11814>. Acesso em: 19 out. 2017.

²⁷⁸ JOVANOVIĆ, N. Pregled istorije beogradskih Jevreja do sticanja građanske nezavisnosti, In: SAMARDZIK, R. (Org.). *Zbornik 6*. Beograd: Federation of Jewish Communities in Yugoslavia, 1992, p.115-167.

²⁷⁹ DANITI, A. O Niskoj Jevrejskoj Zajednici. *Vesnik*. v. 5. Disponível em: <http://elmundosefarad.wikidot.com/o-niskoj-jevrejskoj-zajednici-napisao-rabin-avram-daniti>. Acesso em: 17 mar. 2017.

anônimo conseguiu localizar o túmulo do rabino Rahamim Naftali Gedalja, cuja inscrição era a seguinte: "Rav akolel šel Niš, niftar levet olamo be 19 Tišri 5541" (Rabino da Comunidade de Niš, faleceu e deixou esse mundo em 1781). Daniti diz que buscou esse túmulo por cinco anos sem tê-lo encontrado.²⁸⁰

Entre o fim do século XVIII e o fim do século XIX, as únicas referências históricas à comunidade, além das *Responsas*, são os túmulos desse terceiro cemitério citado por Daniti. O cemitério foi abandonado com o Holocausto, mas no início dos anos 2.000 foi feita uma recuperação parcial do mesmo e, disponibilizada uma listagem referente aos túmulos que ainda continuavam legíveis. É possível verificar que os primeiros túmulos são anteriores ao século XIX, visto que o mais antigo, ainda legível, é de uma pessoa chamada Rahel Gabiel Aron, falecida em 16 de setembro de 1776. Como o túmulo tem o número A012, é provável que o cemitério tenha sido utilizado onze vezes antes do sepultamento do rabino, o que pelo tamanho da comunidade, pode ter demorado alguns anos.²⁸¹

O primeiro censo conhecido da comunidade judaica de Niš é de 1895. Trata-se do recenseamento das famílias que participavam das atividades educativo-religiosas dentro da sinagoga.²⁸²

Croácia e Eslovênia

Apesar dessas duas regiões não terem sido o foco de nossa pesquisa, consideramos importante trazer algumas informações históricas para que se possa entender, como foi dito na introdução, o quão pouco uniforme foi o processo de presença judaica em algumas partes da antiga Iugoslávia.

Segundo a Jewish Virtual Library, existem registros de cemitérios e povoações judaicas na Croácia e Eslovênia desde os tempos dos romanos. Em 1456, todos não católicos, incluindo judeus, foram expulsos e por aproximadamente 200 anos, não há registros históricos de presença judaica, a não ser por isoladas visitas de emissários da

²⁸⁰ Idem.

²⁸¹ NIŠ KEHILA LINKS. *Planilha de túmulos do cemitério judaico da cidade*. Disponível em: <http://kehilalinks.jewishgen.org/Niš/dcmnts/cemetery.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2017.

²⁸² ELMUNDOSEFARAD. *Evidencija Niske Crkveno Skolske Jevrejske Opstine Racunajuc*. Disponível em: <http://elmundosefarad.wikidot.com/evidencija-niske-crkveno-skolske-jevrejske-opstine-racunajuc>. Acesso em: 1º ago 2016.

Republica de Veneza²⁸³. Desde o século XVI, a Croácia e a Eslovênia passaram a fazer parte do Império Habsburgo. Mesmo com essa mudança, a proibição de residência de judeus durou até meados do século XVIII.²⁸⁴

Em 1726 Charles VI, Imperador Habsburgo, introduziu as Leis Familiares (*Familiantengesetze*) que fixavam a população judaica dentro dos limites do Império, sendo 8.451 famílias na Boêmia, 5.106 famílias na Moravia e 119 famílias na Silésia²⁸⁵. Nas demais regiões, incluindo Croácia e Eslovênia, judeus não podiam ter moradia fixa. O objetivo dessas leis era impedir a mobilidade judaica, desencorajar a fertilidade e, ao mesmo tempo, manter uma base estável de contribuintes de impostos.

Essas proibições começaram a ser abolidas com a proclamação do Editto de Tolerância de 1782 (*Toleranzpatent*), pelo Imperador Josef II²⁸⁶. Com esse ato, os judeus passaram a poder habitar em todo o Império, incluindo Croácia e Eslovênia. Por outro lado, esse ato ainda não permitia aos judeus possuir terras, praticar agricultura ou atuarem sob a proteção de guildas, direitos esses conquistados apenas do decorrer da segunda metade do século XIX.

Segundo Patai, a migração judaica nesse período foi uma das maiores da história²⁸⁷. Entre 1880 e 1929, cerca de 950 mil judeus migraram dentro do Império Habsburgo (e, após a Primeira Guerra Mundial, entre as nações que surgiram com a desintegração do império). Zagreb, capital da Croácia, que em 1840 tinha apenas 40 famílias judias, chegou a ter mais de 10.000 judeus antes da Segunda Guerra Mundial. A Croácia como um todo tinha apenas 869 judeus em 1879 e mais de 20.000 em 1900.²⁸⁸

²⁸³ JVL-JEWISH VIRTUAL LIBRARY, *Croatia Virtual Jewish History Tour*.

²⁸⁴ SETON-WATSON, R.W. *The southern Slav question and the Habsburg Monarchy*. London: Constable & Co, 1911. Disponível em: <https://archive.org/details/southernslavques00seto>. Acesso em: 20 mar 2017.

²⁸⁵ LUPOVITCH, Howard N. *Jews and Judaism in World History*. Abigdon, UK: Routledge, 2010. p. 117.

²⁸⁶ AVINERI, Shlomo. *Herzl: Theodor Herzl and the Foundation of the Jewish State*. London: Hachette, 2013.

²⁸⁷ PATAI, Raphael, op. cit., p. 497.

²⁸⁸ JVL, op. cit.

A questão da comunidade e do antissemitismo

Fim do Século XIX até a década de 1930

Segundo Goldstein, historicamente o antissemitismo nunca foi muito presente nas regiões que formavam a antiga Iugoslávia²⁸⁹. Sempre foi um antissemitismo do tipo “Centro Europeu”, mais fortemente ligado a questões burocráticas. Os judeus se defrontavam mais com questões de representatividade e de direitos, do que com um antissemitismo “Europeu Oriental”, como na Polônia e Rússia, onde as populações judaicas eram constantemente estigmatizadas e sofriam violência ativa, que muitas vezes resultava em massacres coletivos (*pogroms*).²⁹⁰

Para Goffman, a estigmatização gera no indivíduo um sentimento constante de inferioridade, ansiedade e, conseqüentemente medo de que outros possam lhe desrespeitar por conta de algo que essa pessoa tenha de diferente²⁹¹. Nesse sentido, todo contato com outros é prejudicado porque a pessoa sabe que não há como “curar” essa sua diferença. Seria essa a situação dos Judeus iugoslavos e, mais especificamente dos Judeus Sérvios?

Como vimos anteriormente, os judeus da Sérvia viviam em bairros próprios desde meados do século XVI. No século XIX passaram a existir dois bairros judaicos em Belgrado, Dorcol e Jaliya, com a grande maioria dos serviços necessários disponíveis dentro dos limites dos mesmos.²⁹²

²⁸⁹ GOLDSTEIN, Ivo. The Jews in Yugoslavia 1918-1941: antisemitism and the struggle for equality. *Jewish Studies at the Central European University*, v. 2: p. 51-64. Disponível em: http://web.ceu.hu/jewishstudies/pdf/02_goldstein.pdf. Acesso em: 10 fev. 2016. p. 51.

²⁹⁰ Historicamente, o termo tem sido usado para denominar atos de violência em massa, espontânea ou premeditada, contra judeus, protestantes, eslavos e outras minorias étnicas da Europa.

²⁹¹ GOFFMAN, Erwin. *Stigma – Notes on the management of spoiled identity*. New York: Simon & Schuster, 1963, p.13.

²⁹² LEBEL, Jennie., op. cit. p. 383.

Jevreska Ulica (Rua dos Judeus) Dorcol, Belgrado, fins do século XIX. Fotógrafo: M Jovanovitch. Disponível em <http://secanja.com/2012/stari-beograd-u-slici/>. Acesso em: 20 mar. 2017.

Jevreska Ulica (Rua dos Judeus) Dorcol, Belgrado, década de 1930. Fotógrafo desconhecido. Disponível em <http://secanja.com/2012/stari-beograd-u-slici/>. Acesso em: 20 mar. 2017.

Não seria esse um sinal de que eram estigmatizados e, conseqüentemente, buscavam autoproteção? Para Lebel, o fato de viverem concentrados numa mesma localidade, não significava que não mantivessem ativas relações com os demais habitantes da cidade nem

tampouco que seu bairro era fechado aos outros habitantes²⁹³. Cada área que compõe as urbes atrai tipos de populações mais adaptadas econômica e socialmente às características físicas e sociais desses locais²⁹⁴. Nesse sentido, Dorcol e Jalila não seriam muito diferentes de bairros como o Chinatown de São Francisco ou o Little Italy, de Nova Iorque.

No início do século XX, os judeus que viviam nessa região eram conhecidos como *los djidios de abajo* (os judeus da parte baixa da cidade, em ladino; *downtown jew*, na nomenclatura de Wirth) enquanto os judeus que iam saindo dessa região para viver “fora do gueto”, normalmente os que melhoravam de vida, eram conhecidos como *los djidios de arriba* (os judeus da parte alta da cidade; *uptown jew*, na nomenclatura de Wirth)²⁹⁵. Em 1921, 65 por cento dos judeus de Belgrado ainda vivia em Dorcol e Jalija.²⁹⁶

A Constituição de 1869 garantia liberdade e direito individual à propriedade e tornava todos os cidadãos sérvios iguais perante a lei e elegíveis a cargos políticos. Não havia nenhuma restrição religiosa para a cidadania e, apesar da Igreja Ortodoxa ser definida como a religião oficial do estado, o exercício de todas as religiões reconhecidas pelo Estado não era apenas permitido, mas também protegido pela lei. Entretanto, esse documento não revogava duas leis anteriores, de 1846 e 1861, que limitavam a moradia de Não-Ortodoxos na Sérvia à cidade de Belgrado. De acordo com a lei de 1861, apenas quem já fosse morador de outras cidades antes da promulgação da lei poderia permanecer nas mesmas. Assim, mesmo suportados pela Constituição de 1869, os judeus da Sérvia ainda não tinham plenos direitos.²⁹⁷

Em nove de junho de 1876, judeus que habitavam algumas cidades menores da Sérvia, como Požarevac, Šabač e Smederevo receberam ordens de deixar as cidades em no máximo trinta dias²⁹⁸. Inicialmente, não se tratava de uma expulsão a força e indiscriminada. Nessa cidade, a lei de 1861 foi aplicada, ou seja, as famílias que tivessem se estabelecido na cidade após essa data, deveriam sair em curtíssimo espaço de tempo. Vários judeus que moravam nessa cidade e seriam expulsos, não se enquadravam nos quesitos necessários, pois a lei não versava sobre judeus que fossem cidadãos de outros países, como a Áustria. Há

²⁹³ LEBEL, Jennie, op. cit, p. 383-384.

²⁹⁴ WIRTH, Louis. *The Gueto*. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 1998, p. 283.

²⁹⁵ GORDIEJEW, Paul Benjamin, op, cit, p. 73-94.

²⁹⁶ FREIDENREICH, Harriet Pass, op. cit., p.34.

²⁹⁷ Idem, p. 32-33.

²⁹⁸ LEBEL, Jennie, op. cit, p.132-133.

registro de diversas cartas de protesto ao embaixador austríaco na Sérvia²⁹⁹. Os reclamantes diziam que a lei de 1861 não se aplicava a eles e que, a seu ver, a lei estaria sendo aplicada mais por disputas comerciais, pelo fato de que os comerciantes locais de origem Ortodoxa se sentiam prejudicados pelos concorrentes estrangeiros. Isso pode significar que se tratava mais de uma coincidência histórico-legal do que de um caso de antissemitismo. O evento gerou um pequeno incidente diplomático entre a Sérvia e a Áustria. Antes do vencimento dos trinta dias dados para a saída, em 30 de junho de 1876, a Sérvia declarou guerra aos turcos e os judeus que estavam na lista de expulsão foram mobilizados para o Exército. Esses deixaram claro que ninguém poderia esperar que eles dessem suas vidas pelo país que os perseguia. A expulsão foi brevemente suspensa, mas, após a saída para a guerra dos que foram convocados, uma nova ordem de expulsão foi dada, incluindo os familiares dos que lutavam. Todas as famílias tiveram que se mudar para Belgrado. A questão de moradia de não-Ortodoxos era tão séria que, mesmo tendo sido assinado um tratado de paz ao fim da guerra com os turcos, em 28 fev. 1877, no qual a igualdade de direitos era concedida a todos cidadãos residentes na Sérvia, o país não aceitou o fim da proibição de moradia de não-ortodoxos fora de Belgrado³⁰⁰. Passaram-se mais de 11 anos até que, na promulgação da nova constituição de 1888, o artigo 18 deixou claro que, apesar da religião ortodoxa continuar sendo a oficial do país, nenhum tipo de limitação a direitos civis poderia ser imputado a qualquer cidadão, independente de sua religião. Dessa maneira, os judeus puderam novamente se estabelecer em qualquer cidade da Sérvia.³⁰¹

A tabela a seguir mostra a evolução das populações judaicas na Sérvia. A relativa diminuição do percentual de judeus em Belgrado com o decorrer dos anos é apenas estatística, ligada a aumento do influxo de moradores não judeus de outras cidades para Belgrado durante esses anos, visto que a população judaica cresceu continuamente no mesmo período. O salto populacional judaico entre 1910 e 1921 é resultado de anexação de algumas regiões da Hungria ao território da Sérvia como resultado da Primeira Guerra Mundial.³⁰²

²⁹⁹ O fato desses indivíduos serem austríacos pode indicar que eram judeus originários de alguma região sob domínio Habsburgo, como a Bósnia.

³⁰⁰ LEBEL, Jennie, op. cit., p. 135.

³⁰¹ Idem, p. 144.

³⁰² FREIDENREICH, Harriet Pass, op. cit., p.32-33.

TABELA 2 – População da Sérvia, de Belgrado e Judeus nessas populações

Ano	População da Sérvia	População Judaica Sérvia	% População	População de Belgrado	População Judaica Belgrado	% População
1874	1.353.890	2.049	0,15%	27.605	1.754	6,4%
1884	1.901.736	4.160	0,22%	35.483	2.177	6,1%
1895	2.312.484	5.102	0,22%	59.115	3.097	5,2%
1900	2.492.882	5.729	0,23%	69.769	3.730	5,3%
1910	2.911.701	5.997	0,21%	89.876	4.192	4,7%
1921	4.133.478	11.814	0,29%	111.739	4.844	4,3%

Fonte: adaptada de PERIC, M.; STANIC, S. Jevrevi u popisima Stanovnistva XIX i XX Veka, In: SAMARDZIK, R. (Org.). *Zbornik 6*. Beograd: Federation of Jewish Communities in Yugoslavia, 1992. p. 277-309.

Como dito anteriormente, *Los djidios de ariba*, aqueles mais bem sucedidos financeiramente, começaram a deixar Dorcol e Jaliya com o intuito de viver em locais considerados mais nobres, levando simultaneamente uma vida onde seriam primeiramente Sérvios e depois Judeus. Essas pessoas financiaram a construção de novos centros comunitários, sinagogas e escolas e também participaram diretamente da vida política da cidade e do país, procurando se integrar definitivamente ao tecido social das cidades onde viviam.

Rei Petar (ao centro) na cerimônia de lançamento da pedra fundamental da nova sinagoga de Belgrado, 1907. Fotografia Desconhecido. Disponível em: <http://www.centropa.org/photo/laying-foundations-synagogue-cara-urosa-street-belgrade>. Acesso em: 15 jan. 2017.

A partir do final da Primeira Guerra Mundial, a “questão judaica” se tornou mais presente. Segundo Goldstein, continuava a não se tratar apenas de antissemitismo; este era apenas uma das facetas do problema³⁰³. Nesse período, mesmo nos momentos nos quais o antissemitismo era praticamente inexistente, ainda parecia presente a desigualdade de direitos, ou seja, ainda não era claro se os judeus podiam ser considerados iguais na vida cotidiana, se eles seriam capazes de atingir os mesmos objetivos profissionais, ter a mesma educação, e assim por diante. Para o autor, houve um período no qual a igualdade perante a lei já havia sido alcançada, mas a plena igualdade, no sentido de que os judeus, sua religião e cultura poderiam ser considerados iguais pela sociedade da antiga Iugoslávia, ainda estava longe de ser alcançada, principalmente pela interferência da Igreja Ortodoxa.

A partir da década de 1920, há uma melhora na relação entre judeus e o poder político. De acordo com Misolevic, a participação dos judeus na Primeira Guerra Mundial, ao lado das tropas Sérvias e contra o exército austro-húngaro foi um dos fatores que levou a essa melhora de relações³⁰⁴. O percentual de soldados e oficiais judeus em relação à população judaica era cinco vezes superior ao dos demais grupos étnicos. Como essa ainda foi uma guerra de combates homem-a-homem, o número de baixas foi altíssimo e as perdas nas famílias judias também foram muito grandes. Existem hoje monumentos aos judeus mortos na Primeira Guerra Mundial em Niš (no centro da cidade) e em Belgrado (no cemitério judaico).

Para Goldstein, essa aproximação tinha a clara intenção de, talvez tardiamente, repetir pela primeira vez na história o fenômeno da *Haskalá* entre sefaraditas, ou seja, uma plena integração com a sociedade local³⁰⁵. Segundo Freidenreich, a assimilação do idioma local foi um processo muito rápido. No censo de 1895, 80% dos judeus sérvios declararam o Ladino como sua língua materna enquanto apenas 3% declararam o Sérvio, tendo o restante declarado o Alemão, Húngaro e outras línguas. Cinco anos depois, apenas 27% declararam o

³⁰³ GOLDSTEIN, Ivo., op.cit., p. 1-2.

³⁰⁴ MILOSEVIC. B.M. *Jevreji za slobodu Srbije, 1912-1918*. Belgrado: F. Višnjić, 1995.

³⁰⁵ A *Haskalá* poderia ser definida pela admiração pelo razão, pela devoção ao espírito humanista de irmandade entre os homens, mas, principalmente, pelo retorno dos Judeus ao “mundo da realidade”, do quais eles estavam afastados pela constante perseguição que sofriam desde a antiguidade. EISENSTEIN-BARZILAY, I. The Ideology of the Berlin Haskalah. In: *Proceedings of the American Academy for Jewish Research*, v.25: p. 1-37. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/3622341?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 20 ago. 2016.

Ladino como língua materna enquanto 46% já declaravam o Sérvio como tal³⁰⁶. Para a autora, uma mudança de tal grandeza em tão pouco tempo poderia ser reflexo de respostas não totalmente honestas ao censo e também indicar uma mudança significativa na identificação dos judeus como cidadãos sérvios. Nas primeiras décadas do século XX, o Ladino efetivamente deixou de ser a língua-franca da comunidade e apenas os mais velhos e, principalmente as mulheres, ainda o utilizavam no dia-a-dia. Os mais jovens já tinham como idioma principal o Sérvio, uma vez que estudavam em escolas públicas.

Outra evidência da intenção de se integrar se deu no campo dos nomes e sobrenomes dos judeus, que começaram a ser “nacionalizados”. Alguns exemplos são mostrados a seguir:

TABELA 3: Nomes judaicos sérvios

Nome judaico	Significado	Nome que passou a ser
Chaim, Haim, Hajim	Vida, em Hebraico	Zhivko (vivo, em Sérvio)
Oru	Ouro em Ladino	Zlata (dourada, em Sérvio)
Moshe	Nome bíblico	Mirko, Moric (europeu)
Nissim	Milagres, em Hebraico	Nidja (apelido para Nicolau)
Azriel	Nome de anjo	Zdravko (tipicamente eslavo)
Yehudá	Nome bíblico	Leon (nome europeu)
Vida	Nome Ladino	Vinuca (tipicamente eslavo)
Samuel	Nome bíblico	Mile, Emil (tipicamente eslavo)

Fonte: registros encontrados no Cemitério Judaico de Belgrado.

Algumas famílias passaram a incluir um “č” no final de seus sobrenomes (lê-se ch), a terminação típica dos eslavos do sul. Alguns exemplos abaixo:

Tabela 3: Exemplos de sobrenomes judaicos e sua adaptação para o Sérvio

Sobrenome Judaico	Sobrenome adaptado
Benavram	Avramovič
Celebon	Celebonovič
Mandil	Mandilovič
De Majo	Demajorovič
Tajtacak	Tajtacakovič
Kario / Karijo	Karič

Fonte: registros encontrados no Cemitério Judaico de Belgrado.

Dois casos merecem detalhamento. O primeiro, de uma das principais famílias judias de Belgrado, que vivia desde o século XVI na cidade, os filhos de Haim ben David, que a

³⁰⁶ FREIDENREICH, Harriet Pass, op. cit., p.38.

partir do século XIX adotaram o sobrenome Davičo (Davizinho), apelido dado pelo Príncipe Miloš a David Ben Haim, um de seus conselheiros³⁰⁷. Outro exemplo bem documentado é de uma família Levi, que passou a se chamar Levič, quando Avraham Levi mudou seu sobrenome para Levič. Ele foi um dos maiores heróis sérvios da Primeira Guerra Mundial. Como Tesoureiro do Ministro das Finanças, ao perceber a iminente invasão austro-húngara a Belgrado, ordenou o esvaziamento do Tesouro Sérvio e seu transporte para a Albânia. Num período onde ouro era o padrão monetário mundial, isso evitou a total falência da Sérvia e permitiu a reconstrução do país quando da unificação Iugoslava após a Primeira Guerra Mundial.

Avram Levič, *circa* 1930. Fotografia desconhecida. Disponível em: <http://www.politika.rs/sr/clanak/367673/Spasilac-trezora-drzavnog-sefa-i-Miroslavljevog-jevandelja>. Acesso em: 25 ago. 2017.

Para Freidenreich, é claro que esses judeus, ao adaptarem seus nomes e sobrenomes, estavam tentando demonstrar patriotismo sem tentar disfarçar sua verdadeira identidade. A autora enfatiza que mesmo com essas mudanças, em geral, os sobrenomes judaicos em Belgrado ainda mantinham as suas formas originais, sendo os mais comuns Alkalaj, Almozlino, Demajo, Kalderon, Konfino, Mevorah, Pijade, Pinto, Romano e, claro,

³⁰⁷ MIHAILOVIC, M. Dve stotine godina porodice Hajim Davico U Beograd, In: SAMARDZIK, R. (Org.). *Zbornik 6*. Beograd: Federation of Jewish Communities in Yugoslavia, 1992, p. 249-251.

Levi e Koen³⁰⁸. Pelo lado dos judeus, ainda existiam alguns limites ao processo de integração na Sérvia. Até a década de 1930, havia poucos casamentos mistos e a assimilação e conversão ao cristianismo eram raras.³⁰⁹

Na Croácia, ao contrário da Sérvia, a situação dos judeus, que apenas tinham chegado à região a partir da década de 1870, nunca melhorou. Além de algum preconceito por serem judeus, o fato de esses antigos imigrantes serem de origens alemã, austríaca e húngara causavam um sentimento de preconceito, pelo custo da Primeira Guerra Mundial, seja no campo econômico como no social e pessoal. Os judeus eram em sua maioria de famílias não religiosas, que vinham de regiões onde a *Haskalá* já tinha acontecido e, mesmo sofrendo estranhamento da população local, adotaram o ambiente local de forma relativamente rápida e, em pouco tempo, passaram a se assimilar, tanto no campo religioso, quanto nos campos da cultura.³¹⁰

Segundo Goldstein, a partir de fins da década de 1910 começaram a ocorrer incidentes antissemitas isolados em algumas das maiores cidades iugoslavas³¹¹. Quando um grupo político queria se lançar em disputa contra outro, usavam judeus como bodes expiatórios, apesar de nenhum partido ou grupo de expressão ter em seus programas cláusulas antissemitas nem estar envolvido nesse tipo de atividade. Os acusados eram normalmente indivíduos de origem judaica e não as comunidades como um todo. Assim, esses incidentes eram encarados como problemas de pequena importância. Alguns desses incidentes compilados por Goldstein:

- Em 1919, os estudantes protestavam no centro de Zagreb contra a ocupação italiana de Rijeka (Fiume) e seus arredores. O protesto era liderado pelo poeta

³⁰⁸ FREIDENREICH, Harriet Pass, op. cit., p. 39.

³⁰⁹ A questão de casamentos mistos era ainda tão rara que em Niš, os primeiros dois casos, nos anos 1920, foram considerados escândalos. Um foi o caso de Ceda Nisim, que se casou com o sérvio ortodoxo Mika e o outro foi o caso da família Mandilovic, cujas três filhas também se casaram com Sérvios. É sintomático que foram entre os casais mistos que sobreviveram mais filhos durante o Holocausto, normalmente quando as mães não eram judias. ELMUNDOSEFARAD. Dva Skandala Vezana Za Niš. Disponível em: <http://elmundosefarad.wikidot.com/dva-skandala-vezana-za-nis>. Acesso em 1º mai. 2017.

³¹⁰ Apesar de existirem diversos censos sobre população judaica na Iugoslávia anteriores a 1940, apenas nesse ano foi feito um censo no qual as comunidades foram classificadas por orientação religiosa. De acordo com o JHM, das 117 comunidades judaicas existentes (e de um total de 69,984 judeus), apenas 12 eram as comunidades ortodoxas (um total de 2,865 membros), ou seja, os ortodoxos representavam 10%, em termos de número de comunidades e apenas 4% em termos de números de membros. Não existem números relativos a processos de assimilação, ao contrário de comunidades maiores e mais organizadas como Viena, onde, desde 1868 era solicitado a todos aqueles que quisessem abandonar o judaísmo que assinassem um processo de renúncia. JHM – Jewish Historical Museum. *We Survived*. Belgrade: Federation of Jewish Communities of Serbia, v. 2: p. 527-530.

³¹¹ GOLDSTEIN, Ivo, op. cit., p.2-4.

Gabriele d'Annunzio, que já era considerado um líder dentro do movimento fascista que nascia na Itália. Quando um dos oradores disse que d'Annunzio era um judeu (o que não era verdade), começaram a se ouvir gritos na multidão, “Abaixo os Judeus!”;

- Em Quatro de outubro de 1919, na mesma Zagreb, manifestantes na Praça Jelacic gritaram slogans antissemitas contra judeus que saíam de uma cerimônia de *Shabat* numa sinagoga próxima. Segundo o autor, tratavam-se de grevistas, atendentes do setor bancário e provavelmente uma das causas para o incidente foi a alegação de que os atendentes de origem judaica não teriam aderido à greve. À época, o jornal comunitário *Židov* (O Judeu) questionou como aquilo podia ser possível, já que era sabido que haviam grevistas de todas religiões e todos eram membros de sindicatos de orientação esquerdista, ligados à Terceira Internacional, que repudiava veementemente o ódio racial;
- Em 1920, Boze Lovric escreveu um artigo no *Savremenik*, importante periódico literário, enfatizando a falta de patriotismo entre os judeus. O periódico tinha entre suas metas a troca livre de ideias, criatividade e sinceridade. Seu lema era “sem liberdade não era possível se alcançar nenhum progresso”. Entretanto, no artigo “A questão judaica como uma questão cultural”, o autor se distanciou dos ideais do periódico e, no estilo da maioria dos panfletos antissemitas da época, o autor dizia que não era contra os judeus como um povo, apenas contestava seu jeito de viver, que incluía não criar raízes, que eram forasteiros que se preocupavam apenas com lucros, que tinham apenas uma “semicultura” e que eram cosmopolitas no pior senso da palavra.

A partir de 1929, com a proclamação de um regime ditatorial pelo Rei Alexandre, os incidentes antissemitas praticamente desapareceram, visto que o governo passou a exercer um forte controle sobre a sociedade como um todo. Em dezembro de 1929, o rei proclamou, por proposta do Ministro da Justiça, a “Lei da Comunidade Religiosa de Judeus”³¹²:

- A liderança das comunidades judaicas deveria ser de indivíduos na sua maioria não ligados à prática rabínica (cinco laicos e um rabino);

³¹² Idem, p. 5.

- Os rabinos membros das lideranças passariam a ser nomeados pelo rei;
- A associação de judeus às comunidades se tornaria mandatória, apesar de não ser permitida nenhuma cobrança por essa associação;
- Estabelecia o mecanismo de financiamento das comunidades, a maioria dos membros deveria pagar taxas comunitárias anuais. Apenas os que fossem reconhecidamente pobres estavam isentos³¹³;
- Seria permitido um máximo de duas comunidades por cidade.

O Sionismo na Sérvia

Desde os primórdios do Movimento Sionista, em fins do século XIX, delegados da comunidade sérvia participaram de todos os congressos. Quando da promulgação da Declaração Balfour, em 2 de novembro de 1917, o governo sérvio no exílio foi o primeiro a publicar um documento de apoio à Declaração, em 27 de dezembro do mesmo ano, enfatizando o direito do judeus a um lar na Palestina³¹⁴. Esse documento é fruto da atuação de David Albala, que era na época representante nos Estados Unidos do governo sérvio no exílio e que, posteriormente, foi o delegado sérvio na Conferência de Paz de Paris, no fim da Primeira Guerra Mundial. Ele foi um dos principais interlocutores de Chaim Weizmann nas discussões sobre a criação de um novo estado judaico. Entre 1917 e o início da Segunda Guerra Mundial, a Sérvia (e posteriormente a Iugoslávia) foi sempre signatária de documentos de suporte à causa sionista e, devido à intensa atividade entre a comunidade judaica no país, alguns dos principais representantes do Movimento Sionista estiveram em Belgrado em busca de apoio e fundos para a causa. Entre eles, podemos citar Nahum Sokolov, Menahem Ussiskin e Vladimir Zeev Jabotinsky.³¹⁵

³¹³ FREIDENREICH, Harriet Pass, op. cit., p. 73.

³¹⁴ FREUND, M. David Albala: Serbian warrior, Zionist hero. *Jerusalem Post*, Edição Online, 4 nov. 2013. Disponível em: <http://www.jpost.com/Opinion/Columnists/David-Albala-Serbian-warrior-Zionist-hero-330619>. Acesso em 10 abr. 2017.

³¹⁵ Theodor Herzl, considerado o pai do sionismo moderno, apesar de nascido em Budapeste, tinha raízes em famílias judias de Zemun e de Belgrado. No cemitério judaico de Zemun é possível encontrar dezenove túmulos de parentes do fundador do Sionismo entre as quais os de seus avos paternos, Simon e Rivka Herzl. As informações foram obtidas na base de dados do cemitério. LIFE UPON DEATH – JEWISH CEMETERY ZEMUN. Cemitério judaico de Zemun. Disponível em: http://joz.rs/grobljeweb/index_en.html. Acesso em: 22 abr. 2017.

Recepção a Ussishkin em Belgrado, David Albala é o primeiro à direita na primeira fila. 1930. Fotografia Desconhecido. Fonte: Lebel, Jennie. op.cit. p. 215.

Em Belgrado, no início dos anos 1930, havia pelo menos 11 grupos e sociedades de caráter sionista, entre as quais podemos destacar o Akiva (movimento juvenil ligado ao sionismo religioso), Bar-Giora (associação de universitários sionistas), Betar (movimento juvenil ligado ao sionismo revisionista de Jabotinsky), Carmel (sociedade feminina sionista), Gideon (escolas “sabáticas” de caráter sionista), *Hashomer Hatzair* (movimento juvenil ligado ao sionismo de esquerda), Keren Yahesod (organização financeira ligada ao movimento sionista), Keren Kayemet Leisrael (Fundo nacional judaico), Tehelet Lavan (movimento juvenil ligado ao sionismo de esquerda) e a WIZO (organização de mulheres sionistas).³¹⁶

Ao mesmo tempo que o movimento sionista se tornou mais forte no país, apareceram acusações de falta de nacionalismo por parte dos judeus sionistas, até mesmo dentro da comunidade judaica. Em 1932, um candidato declaradamente antissionista e nacionalista venceu as eleições comunitárias em Belgrado e, por três anos ocorreram muitos desentendimentos dentro da Comunidade.³¹⁷

O *Hashomer Hatzair* foi o maior e mais ativo Movimento Juvenil de caráter sionista que atuou na Iugoslávia. Criado em 1913 na região da Galitzia, esse grupo de cunho marxista-sionista, foi influenciado pelas ideias de Ber Borochov (fundador do movimento sionista trabalhista) e Gustav Wyneken (intelectual alemão, idealista e prático de reformas na educação), além de ter adotado o espírito do escotismo de Baden-Powell e do movimento alemão Wandervogel, ligado à natureza e a liberdade. Entre os ideais do *Hashomer Hatzair*

³¹⁶ LEBEL, Jennie, op. cit., p. 345-364.

³¹⁷ Idem, p. 197-198.

estava a crença que a liberação da juventude judaica somente poderia ser alcançada pela imigração para a Palestina (*aliyah*), onde os membros fundariam e habitariam em *kibutzim* (plural de *kibutz*)³¹⁸. Em 1939 o movimento contava com 70.000 membros espalhados pelo mundo, dos quais 1.374 na Iugoslávia, 127 deles em Belgrado³¹⁹. O ideal sionista-socialista tinha grande apelo entre os filhos das famílias judaicas da classe média e entre os filhos da *Inteligentzia*, com suas ideias de uma sociedade de iguais, sem classes, que surgiria com a recriação de Israel em terras da Palestina. Os membros eram divididos em grupos por idade e se encontravam semanalmente para debates e palestras. A partir de certa idade (normalmente entre 17 e 18 anos), os jovens eram convidados a vivenciar uma experiência de imersão socialista, morando por um ano em uma comunidade (*Hahshará*) que o grupo possuía na cidade de Galenic, na Croácia, a meio caminho entre Belgrado e Zagreb, como preparação para a vida em um Kibutz na Palestina.

Armando Moreno, um dos sobreviventes entre os membros do *Hashomer Hatzair*, conta que desde 1938 o grupo discutia os rumos da Europa e decidiu acelerar o processo de migração para a Palestina. Neste mesmo ano, já havia um grupo de pelo menos 11 coordenadores (*Madrichim*) que viviam permanentemente na comunidade e que eram responsáveis por receber, treinar e encaminhar os membros do grupo que desejassem imigrar para Israel.³²⁰

A ascensão do Nazismo e suas repercussões na Iugoslávia

Com a chegada de Adolf Hitler ao poder na Alemanha em 1933, iniciou-se o financiamento das atividades de círculos pró-nazistas e antissemitas em diversos países, inclusive na Iugoslávia. Na região da Voivodina (norte de Sérvia), esses círculos eram formados principalmente por membros da minoria alemã³²¹. Foi o próprio Hitler que em 1938 cunhou o termo '*Volksdeutsche*', referindo-se às minorias de origem germânica que habitavam a grande maioria dos países da Europa Oriental³²². Nesse ano, os '*Volksdeutsche*'

³¹⁸ HASHOMER HATZAIR. About Hashomer Hatzair. Disponível em: <http://www.hashomer-hatzair.net/cgi-webaxy/item?181>. Acesso em 04 jan. 2019.

³¹⁹ LEBEL, Jennie, op. cit., p. 353.

³²⁰ Cf. testemunho de Armando Moreno, publicado na Coleção *We Survived*, op. cit. v. II, p. 445-446.

³²¹ GOLDSTEIN, Ivo, op. cit., p. 6.

³²² BERGEN, D.L. The Nazi Concept of '*Volksdeutsche*' and the Exacerbation of Anti-Semitism in Eastern Europe, 1939-45. *Journal of Contemporary History*. v.29, n. 4: p. 569-582. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/260679.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2017.

chegavam a aproximadamente 30 milhões de pessoas, sendo aproximadamente 300.000 na região da Iugoslávia³²³. Relatos de sobreviventes atestam que a participação desses no Holocausto foi, em alguns casos, muito além do simples silêncio com as atrocidades praticadas pelos nazistas e os exércitos colaboradores locais, indo do roubo de propriedades judaicas até a participação ativa na matança, passando pelo mais comum, que era informar o paradeiro de judeus escondidos.³²⁴

A partir de meados da década de 1930 começaram a aparecer publicações com posições antisemitas, como por exemplo:

- *Vremie*, que publicava quase que diariamente reportagens difamatórias contra judeus.

Fac-símile de número do *Vremie*, em destaque matéria “Jeevreji kao Raca” (Judeus como Raça), Data desconhecida, Fonte: Museu Judaico de Belgrado.

- *Zagrebacka senzacija*, tinha como único assunto as reportagens sensacionalistas sobre judeus. Na primeira edição impressa (agosto/1936) o título da capa era: “JUDEUS, GANGSTERS. LADRÕES!”, e no subtítulo: “Força para todos os ladrões judeus”. Eles citavam os seguintes casos (normalmente anedotas e histórias inventadas pela redação). “*Wolf, diretor-geral, bateu repetidamente em*

³²³ SUSIC, T. The Destruction of Ethnic Germans and German Prisoners of War in Yugoslavia, 1945-1953. In: *14th IHR Conference*, 2002, Irvine, CA. *Anais...IHR*, 2002. Disponível em <http://www.ihr.org/other/sunic062002.HTML>. Acesso em 17 jan. 2017.

³²⁴ Na Iugoslávia do pós-guerra, ocorreu uma das mais belicosas vinganças contra essa população, que foi em grande parte expulsa ou considerada “inimiga do povo” e transformada em prisioneira de guerra e utilizada como mão-de-obra escrava para a reconstrução do país. SUSIC, T., op. cit.

*um trabalhador desempregado, pai de seis filhos”, “Herman Goldman, comerciante, roubou 731.492 dinares do estado”, “Os irmãos Vicer estão construindo uma mansão, mas não vão pagar uma multa de 600.000 dinares por prática de mercado negro de câmbio”*³²⁵;

- Em Petrovgrad (Voivodina) o jornal em Alemão *Erwache*, que começou a ser distribuído em 1936 como um panfleto nacional-socialista, tinha como slogan: “os judeus são a nossa tragédia” e “uma luta implacável e inflexível contra judeus e todas as organizações internacionalistas, cujos promotores são os ‘nossos’ judeus e os judeus de outros países”³²⁶;
- Em maio de 1937, o Patriarca Ortodoxo da Sérvia, Varnava, foi entrevistado por um jornal alemão onde expressou sua admiração por Hitler e por sua defesa incansável contra o Bolshevismo³²⁷.

Segundo Goldstein, esses excessos antissemitas eram isolados e não havia ainda um movimento organizado de massas por trás deles. Durante a década de 1930, os autores e editores de tais artigos eram ideologicamente próximos aos movimentos nacionalistas de extrema-direita, mas não formalmente parte deles. Em toda a Iugoslávia, não havia nenhum partido que tivesse um programa explicitamente antissemita e até a invasão alemã ao país em Abril de 1941, não há registros de violência física contra judeus³²⁸. Durante a década de 1930, alguns partidos iugoslavos chegavam a expressar surpresa com a possibilidade de antissemitismo no país. Em 1938, o líder do partido croata campones, Vladko Macek afirmou:

“o antissemitismo é um fenômeno não usual e ridículo e não poderia ocorrer na Iugoslávia... Não há perigo aos judeus em nenhuma parte do país...essa idéia é parte de alucinações de certos círculos”³²⁹.

Em 1939, numa entrevista ao jornal *Petit Parisien*, o primeiro-ministro Milan Stojadinovic negou que medidas anti-judáicas estavam sendo planejadas no país. Por outro lado, talvez em um tom de ameaça, deixou claro que, enquanto os judeus fornecessem

³²⁵ Em busca à base de dados do Yad Vashem, não há nenhuma vítima do Holocausto em Zagreb com o nome Herman Goldman ou com o sobrenome Vicer, o que não significa que não existia alguma família com esse nome que possa ter perecido no Holocausto, que conseguiu se salvar ou que faleceu antes da 2ª Guerra Mundial. Há apenas um homem com sobrenome Wolf (Mijahilo) no Yad Vashem, mas que era um modesto torneiro mecânico e não um diretor geral.

³²⁶ GOLDSTEIN, Ivo, op. cit., p. 10.

³²⁷ Idem, p. 10.

³²⁸ Ibidem, p. 8.

³²⁹ Ibidem, p. 9.

provas de sua lealdade, nada podia ser questionado. Para ele, o futuro dos judeus da Iugoslávia dependia apenas deles mesmos³³⁰. Apesar dessa “garantia”, a situação dos judeus começou a se degradar sobremaneira a partir de meados de 1940, quando o Governo Iugoslavo aprovou dois decretos que restringiam os direitos dos judeus.

O primeiro decreto, de setembro de 1940, foi o "Decreto sobre Medidas Relativas aos Judeus e ao Desempenho de Atividades com Itens de Nutrição Humana", que proibia que judeus fossem proprietários de empresas atacadistas de alimentos³³¹. O segundo, de outubro de 1940, foi o "Decreto sobre a matrícula de pessoas de descendência judaica na Universidade, Escola Secundária, Colégio de Formação de Professores e Outras Escolas Vocacionais", que introduziu o conceito de *numerus clausus* para judeus. O número de estudantes e alunos judeus deveria ser reduzido até que fosse proporcional à percentagem de judeus na população total. Esta medida deveria ser aplicada para o primeiro ano escolar e para o primeiro ano de universidade, já no ano letivo 1940-1941, que tinha começado um mês antes da aprovação da lei. Pode-se dizer que essa lei chegou tardiamente à Iugoslávia, se compararmos com outros países europeus, onde o fenômeno do antissemitismo sempre foi muito mais presente. Por exemplo, na Hungria a lei do *numerus clausus* para judeus foi aprovada nos anos 1919/20, muito antes da ascensão do Nazismo.³³²

Os efeitos foram catastróficos para a comunidade judaica. Por exemplo, na Universidade de Belgrado, de um total de 3.731 alunos matriculados para o ano letivo de 1940-1941, 285 eram judeus (7,6 por cento). Com a medida, o número deveria ser reduzido para 17 alunos (0,46 por cento), ou seja, uma redução de 94 por cento dos alunos judeus. O decreto possuía algumas exceções meritórias, no caso de oficiais militares, participantes de guerras ou ganhadores de medalhas de honra. Assim, 28 outros judeus conseguiram continuar frequentando o curso, mas, mesmo assim, a redução foi de aproximadamente 85 por cento dos alunos judeus³³³. No caso das escolas básicas e secundárias, o efeito também foi catastrófico já que os judeus representavam 0,46 por cento da população iugoslava, enquanto representavam aproximadamente 4,00 por cento dos estudantes em escolas de comércio, 2,57 por cento em liceus (*gimnazija*) e 1,51 por cento em escolas técnicas

³³⁰ *Ibidem*, p. 10.

³³¹ *Ibidem*, p. 10.

³³² PATAI, Raphael, op. cit, p. 474.

³³³ Números calculados a partir de dados de LEBEL, Jennie, op. cit., p. 276.

secundárias. De um total de 1.027 alunos judeus matriculados em escolas de Belgrado, mais de 880 tiveram que deixá-las.³³⁴

O início tardio da guerra na Iugoslávia, 20 meses após a invasão nazista à Polônia, tornou o país uma rota de fuga para refugiados de outros países europeus, principalmente austríacos, alemães e poloneses. Durante os anos de 1938 a 1941, o movimento juvenil *Hashomer Hatzair* participou de uma operação que acolheu centenas de jovens provenientes da Áustria, que através da fronteira dessa última com a Eslovênia, entravam ilegalmente na Iugoslávia. Essa operação era coordenada e financiada por duas das fundadoras do Movimento de Imigração de Jovens para Israel (*Jugend Alijah*), Recha Freier e Henrietta Szold, que desde 1938 atuavam em Viena. Muitos dos jovens que conseguiram chegar à Iugoslávia eram poloneses que tinham sido presos na Alemanha na *Kristalnacht* e ilegalmente liberados dos campos de concentração onde estavam detidos. Recha Freier usou passes nazistas distribuídos a membros do órgão representativo judaico (*Reichsvereinigung der Juden in Deutschland*), destinados a sua saída do país. Seu ato foi descoberto e ela foi demitida do cargo na comunidade judaica. Freier também fez parte de um dos grupos que entrou ilegalmente na Iugoslávia, tendo sobrevivido à Segunda Guerra Mundial³³⁵. Segundo Armando Moreno, os jovens eram recebidos num centro especialmente criado pela comunidade de Zagreb e, quando Freier chegou a esse local, em meados de 1940, já havia em torno de 250 crianças e jovens com idades entre sete e quatorze anos além de uns poucos adultos. A maioria desses jovens sobreviveu a Segunda Guerra Mundial.³³⁶

Raros são os relatos entre os sobreviventes do Holocausto Nazista na Iugoslávia que tratam desses meses antes da invasão alemã de 1941. Quase todos se iniciam apenas alguns dias antes, talvez mostrando que ainda não havia clareza sobre o quão grave seria o processo dentro das fronteiras do país. No Anexo B traduzimos o relatório sobre a situação do judaísmo na Iugoslávia no número 41 (1939-1940) do American Jewish Book, publicado pelo American Jewish Comitee. É possível perceber que, apesar dos temores sobre a deterioração da situação política e social no país, não havia qualquer sinal de que a comunidade judaica da Iugoslávia esperava passar por uma situação similar ao que já ocorria em outros lugares da Europa e o que mais a preocupava naquele momento era a questão dos imigrantes judeus que estavam chegando ao país.

³³⁴ Números calculados a partir de dados de LEBEL, Jennie. op. cit.p. 267.

³³⁵ MAIERHOF, G. *Recha Freier. Jewish Women: A Comprehensive Historical Encyclopedia. Jewish Women's Archive*. Disponível em: <https://jwa.org/encyclopedia/article/freier-recha>. Acesso em: 23 abr. 2017.

³³⁶ Cf. testemunho de Armando Moreno, op. cit., p. 446.

O Holocausto

Existem controvérsias sobre o número de judeus que habitavam a Iugoslávia antes da Segunda Guerra Mundial, bem como sobre o número de sobreviventes. De acordo com Romano, a população judaica em 1939 era de aproximadamente 82.000 pessoas, das quais apenas 15.000 sobreviveram ao Holocausto, ou seja, menos de 20% da comunidade³³⁷. Apesar do autor ser um dos mais respeitados estudiosos do assunto, não há nesse estudo nenhuma referência à origem desses números. *We Survived* traz uma imagem da publicação *Calendário Nacional Judaico* de 1940, onde estão detalhados os números de cada uma das comunidades judaicas existentes no país, totalizando 69.984 pessoas. A somatória de membros das comunidades restantes em 1947 é de 11.924 pessoas, ou seja, os números mostram que menos de 17 por cento da comunidade sobreviveu³³⁸. Em 2006, um estudo quantitativo do Museu do Genocídio de Belgrado, coordenado por Dragan Cvetkovic, compilou todos os estudos anteriores, incluindo além desses dois acima citados, os trabalhos de Vajs (que estimava a comunidade antes da guerra em 71.000 pessoas) e Spektor (que estimava em 80.000). A partir desses números e de censos do governo Iugoslavo, Cvetkovic estabeleceu que havia 73.000 judeus na Iugoslávia antes do início da Segunda Guerra Mundial. Quanto ao número de mortos, seu trabalho procurou calcular apenas números que pudessem ser comprovados, também por censos e, principalmente por listas de campos de concentração e listas de deportação. Para o autor, essas listas poderiam revelar até no máximo 80 por cento dos mortos, visto que muitos morreram em combate, fuzilados fora de campos de concentração, conseguiram fugir temporariamente para países onde até aquele momento os judeus estavam em segurança (como o caso da Hungria, onde 95% das mortes ocorreram apenas a partir de 1944) e em outras circunstâncias que não puderam ser classificadas. Seus números revelam um total de 48.191 mortos identificados.³³⁹

Histórico da invasão Alemã a Iugoslávia

Em 25 de Março de 1941, a Iugoslávia assinou o pacto tripartite onde se comprometia a se unir aos demais países membros do Eixo, ou seja, Alemanha, Itália e Japão. O acordo foi firmado em Viena entre Hitler e o Primeiro-Ministro Iugoslavo Dragica

³³⁷ ROMANO, Jasa, op.cit., p. 573.

³³⁸ JHM – Jewish Historical Museum. op.cit. v. 2, p. 527-531.

³³⁹ CVETKOVIC, D. Holocaust in Yugoslavia – An attempt at quantification. In: *Israeli-Serbian Academic Exchange in Holocaust Research*, 2006, Jerusalem. *Anais...* Muzej žrtava genočida, 2006, p. 357-361.

Cvetkovic. Entre suas cláusulas, o Eixo reconhecia a soberania e integridade territorial da Iugoslávia e que as tropas alemãs não utilizariam a Iugoslávia como caminho para atingir outros países. Nesse momento, as tropas alemãs já se preparavam para invadir a Grécia e estavam estacionadas na Bulgária e Romênia, organizando-se para a Operação *Barbarossa*, de invasão da União Soviética, que ocorreria em alguns meses.³⁴⁰

Hitler e Cvetkovic (primeiro à direita), durante a reunião em 25 de Março de 1941 em Viena. Fotografia: Heinrich Hoffmann. Arquivos Serbianna. Disponível em: <http://serbianna.com/analysis/archives/2816>. Acesso em: 15 mai. 2017.

A partir de 27 de março de 1941, começaram a ocorrer demonstrações contra a assinatura do pacto em diversas cidades da Iugoslávia, culminando em um golpe de estado que em 29 de março destituiu Cvetkovic e nomeou o general Dusan Simovic como primeiro-ministro. Em 30 de março de 1941 Simovic enviou um comunicado a Hitler, deixando claro que a Iugoslávia permaneceria neutra e que o golpe era um assunto interno do país, mas que as demais cláusulas do pacto permaneceriam inalteradas. Do lado alemão, as reações aos atos foram imediatas. Na mesma noite, Hitler convocou seu gabinete de conselheiros, incluindo Goering, Keitel, Jodl e Ribbentrop, demandando deles uma ação imediata, o que significava que a Iugoslávia deveria ser invadida e destruída militarmente e aniquilada enquanto entidade nacional. Essa ação foi seguida de uma ordem para atrasar a Operação *Barbarossa* (invasão a União Soviética) por quatro semanas, utilizando as mesmas tropas já

³⁴⁰ LEBEL, Jennie, op. cit., p. 280.

estacionadas na Bulgária e Romênia, numa operação denominada *Retribuição 25* (*Unternehmen 25*), em uma clara alusão ao rompimento do pacto em Viena.³⁴¹

A Iugoslávia foi atacada em 6 de abril de 1941. Belgrado foi bombardeada pela Força Aérea Alemã (*Lutwaffe*) durante três dias seguidos. Era um domingo e o bombardeio começou às sete horas da manhã, pegando a população totalmente de surpresa. Nesse primeiro ataque se estima que entre 2.000 e 3.000 pessoas morreram 15.000 ficaram feridas e dezenas de milhares desabrigadas. 627 edifícios foram totalmente destruídos, 1.601 muito afetados e 6.829 parcialmente afetados³⁴². Não é conhecida nenhuma estimativa de quantos judeus morreram nesse bombardeio, mas foi encontrada, pelo menos, uma dezena de relatos na base de dados do Yad Vashem, de famílias judias inteiras que morreram soterradas nesses dias, juntamente com muitos membros da população não judia.

Imagem aérea do bombardeio de Belgrado em 6 de abril de 1941. Fotografia Desconhecido. Jornal Telegraph, de Belgrado. Disponível em: <http://s.tf.rs/2013/04/05/Bombardovanje-Beograda-6.-april-1941.jpg>. Acesso em: 22 abr. 2017.

³⁴¹ Idem, p. 280-281.

³⁴² UPOZNAJTE Beograd: 72 godine od najstrasnijeg bombardovanja prestonice. *Telegraph*. Edição Online, 06 abr. 2013. Disponível em: <http://www.telegraf.rs/vesti/beograd/632987-upoznajte-beograd-72-godine-od-najstrasnijeg-bombardovanja-prestonice-foto>. Acesso em: 22 abr. 2017.

Os ataques aéreos foram seguidos por uma invasão por terra, que se iniciou no mesmo dia 6 e se estendeu até o dia 11. No dia 15 de abril, o 2º Exército Alemão já dominava toda a cidade de Belgrado e seu comandante estabeleceu na cidade o Comando Central de Ocupação. A Iugoslávia se rendeu incondicionalmente em 17 de abril. Antes do final de abril, o país deixou de existir e foi dividido entre os membros do eixo e o Estado Independente da Croácia, aliado nazista e responsável direto pela morte dos judeus em seus limites.³⁴³

Edifício de Belgrado, destruído pelo bombardeio de 6 de abril de 1941.

Fotografo Desconhecido. Fonte: Bundesarchiv. Disponível em: http://www.bild.bundesarchiv.de/archives/barchpic/search/_1492959239/?search%5Bform%5D%5BSIGNATUR%5D=Bild+141-1005. Acesso em: 22 abr. 2017.

Evolução das medidas raciais nazistas

Com a mesma rapidez que as tropas da *Wermacht* invadiram Belgrado, os serviços secretos (*SD*, compostos da *SIPO* e *GESTAPO*) e paramilitar (*SS*) entraram na cidade e começaram a implementar políticas de cunho racista. As demais cidades da Sérvia passaram por um processo semelhante. Segundo Ristovic, no dia seguinte à entrada do Exército

³⁴³ A pesquisa sobre o Estado Independente da Croácia e os judeus não faz parte do escopo de nossa pesquisa. A maioria dos judeus iugoslavos mortos durante o Holocausto, principalmente os originários da Croácia e da Bósnia-Herzegovina, foram assassinados em campos de concentração nesse estado. Cvetkovic calcula que dos 18.314 judeus mortos na Croácia e Bósnia-Herzegovina identificados, 14.699 (80,3 por cento) foram mortos diretamente pelo Estado Independente da Croácia, enquanto os Alemães foram responsáveis por 19,1 por cento e demais forças beligerantes por 0,6 por cento. Nas demais regiões da Iugoslávia, incluindo a Sérvia, os Alemães foram responsáveis diretos pelas mortes de 93,1 por cento, enquanto as demais forças beligerantes foram responsáveis por 6,9 por cento. CVETKOVIC, D., op. cit., p. 365.

Alemão em Belgrado, o comandante da *SIPO* (polícia de segurança) já decretava o registro mandatório de todos os judeus na Comissária de polícia local³⁴⁴. Durante o processo de registro, foram distribuídas faixas amarelas com os dizeres *JUDE / JEBREJIIH* em preto, que deveriam ser usadas sobre a manga da roupa, no antebraço esquerdo³⁴⁵. Adicionalmente, os judeus recebiam um documento que definia a obrigatoriedade do porte da faixa e no qual se afirmava que o descumprimento dessa ordem seria punido de acordo com as leis marciais.

Proclamação de registro obrigatório de judeus de Belgrado, 16/04/1941. Fonte: LEBEL, Jennie. op. cit, p. 286.

O responsável pela “questão judaica”, Dr. Gustav Berger, entrou em Belgrado antes da própria Wermacht. O grupo que ele dirigia, o Comando Rosenberg (*Sonderkommando Jugoslawien de Einstzstabes RR-Reischleiter Alfred Rosenberg*), era o responsável por catalogar e confiscar todos os bens materiais, históricos e culturais das comunidades judaicas e os transferir para o Instituto de Estudos da Questão Judaica (*Institut NSDAP zur*

³⁴⁴ RISTOVIC, Milan, op. cit., p. 209-214.

³⁴⁵ LEBEL, Jennie, op. cit., p. 286.

Ezforschung der Judenfrage), parte do Museu da Nova Alemanha³⁴⁶. Apenas algumas horas após a chegada de Berger, o Rabinato Central da Iugoslávia, em Belgrado, já havia sido invadido e boa parte de seu material confiscado. Além dos originais dos tratados assinados entre a comunidade judaica e o governo Sérvio/Iugoslavos, os nazistas encontraram o que mais os interessava, a lista dos pagadores de taxas a comunidade que permitiria aos nazistas definir prioridades em termos de buscas e extorsão, apesar de Berger afirmar que tal lista era apenas uma confirmação das informações já conhecida por eles.³⁴⁷

Segundo Aleksic, desde 1936 os alemães já vinham aumentando seus investimentos no mercado bancário Sérvio. Depois de dois anos de várias tentativas com maior ou menor sucesso, em 1938 conseguiram abrir um banco local, o *Deutsche Bank* em Belgrado, rompendo com o domínio dos tradicionais banqueiros ingleses, franceses e suíços. O fato da maioria das grandes corporações iugoslavas já terem fortes relações com bancos estrangeiros seria mais um motivo para haver um banco alemão local, enfraquecendo a posição dos demais grupos estrangeiros. Ao mesmo tempo, isso permitiria conhecer, enfraquecer e eliminar a presença judaica na economia Iugoslava.³⁴⁸

Lebel sugere uma divisão cronológica para o “tratamento da questão judaica” na Sérvia e, especialmente, em Belgrado, que adotaremos para detalhar o processo³⁴⁹:

- **Primeira fase:** entre abril a agosto de 1941, os nazistas, com suporte de colaboradores locais, se concentraram no processo de identificação, registro e marcação dos judeus locais. Estigmatizados por tais marcas, os judeus iugoslavos – assim como já acontecera na Alemanha, Áustria e Polônia, por exemplo – perderam seus direitos como cidadãos e como seres humanos. Além de terem suas ideias vigiadas e censuradas, perderam o direito de ir-e-vir e foram encaminhados para trabalhos forçados nas ruas de Belgrado;
- **Segunda fase:** entre agosto a novembro de 1941, os nazistas confinaram todos os homens adultos maiores de 14 anos na localidade de Topovške Šupe, transformando os mesmos em reféns e os executando quase que diariamente, em vingança contra atos de sabotagem, que já ocorriam corriqueiramente na região;
- **Terceira fase:** entre dezembro de 1941 e maio de 1942, todas as mulheres, crianças e idosos além de alguns homens que tinham sobrevivido à segunda fase

³⁴⁶ Idem, p.281.

³⁴⁷ Ibidem, p. 282.

³⁴⁸ ALEKSIC, V. The political role of financial institution: Bankverein AG and Aryanization of Jewish property in Serbia. *Limes plus: geopolitički časopis. Instituto de Ciências Econômicas da Universidade de Belgrado*, v.XII, n. 2: p. 51–63. Disponível em: <http://ebooks.iien.bg.ac.rs/916/>. Acesso em: 10 Mar. 2017.

³⁴⁹ LEBEL, Jennie, op. cit., p.283-284.

foram levados ao campo de extermínio de Sajmiste (8 a 12 de dezembro) e executados em câmaras de gás moveis instaladas em caminhões adaptados trazidos da Ucrânia (entre fevereiro e maio de 1942).

Primeira Fase

A implantação de medidas restritivas e raciais contra os judeus sérvios ocorreu de maneira muito rápida. Além das medidas já citadas de 16 de abril de 1941, um novo decreto, muito mais severo, foi publicado em 25 de abril:

- *Os judeus de Belgrado apenas podem comprar comida nos mercados após as 10:30 da manhã* (segundo relatos de sobreviventes, isso deixava quase nada para ser comprado pelos judeus);
- *Os judeus somente podem se abastecer de água em fontes públicas se não houver fila ou se todos os outros cidadãos já tiverem se abastecido* (segundo relatos, praticamente sempre havia filas, o que levava os judeus a ficarem muitas vezes todo o dia aguardando);
- *Os vendedores não podem vender produtos aos judeus por preços acima dos tabelados* (segundo relatos, isso impedia que os vendedores guardassem alguma mercadoria para vender aos judeus, a preços exorbitantes)
- *Judeus que descumprissem essas ordens seriam presos por 30 dias e teriam que pagar uma multa de 10.000 dinares e, caso julgados e condenados, seriam enviados a campos de concentração.*³⁵⁰

A partir do início de maio os judeus foram proibidos de usar transporte público.

Civis utilizam bonde em Belgrado com os dizeres “Proibido para Judeus” (*Für Juden Verboten*). Fotografia desconhecido. Fonte: United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1139931>. Acesso em: 27 jan. 2017.

³⁵⁰ Idem, p. 286-287.

Em 28 de abril foi decretada a “Ordem para os judeus” -com a palavra “judeus”, propositalmente, em letras minúsculas. Como o processo de registro mandatório de 16 de abril não estava ocorrendo na velocidade desejada pelos alemães, uma nova ordem foi emitida. Todos os judeus maiores de dezesseis anos deveriam comparecer às 7:30 do dia 30 de abril, independentemente de suas origens ou isenções (militares). O não cumprimento da ordem seria punido com a pena de morte³⁵¹. Como resultado de ambas as convocações, em 26 de maio, haviam 8.968 judeus registrados, dos quais 7.441 adultos e 1.527 crianças e adolescentes. Não há dados exatos sobre o número total de judeus em Belgrado em maio de 1941, mas há duas estimativas em datas próximas; a primeira da coleção *We Survive*, que apontava 11.780 judeus no início de 1941³⁵². A segunda, de Ristovic, baseada em registros alemães encontrados após a guerra, estimando 12.000 judeus em Belgrado antes do início da guerra³⁵³. Assim, podemos dizer que entre 2.800 e 3.000 judeus não se apresentaram a nenhuma das convocações. Existem algumas explicações para essa recusa, que vão desde o fato de alguns judeus ter fugido de Belgrado antes dessa data até a possibilidade de vários ainda estarem morando na cidade, mas entenderem que não se registrar seria a única maneira de se salvarem.

Entre os documentos conservados, é conhecida uma lista dos judeus registrados possuidores de imóveis. O documento foi utilizado como suporte à “Ordem referente a Judeus e Ciganos”, que continha vinte e dois parágrafos e que está traduzida no Anexo C. Ele serviria de base para as desapropriações dos imóveis judaicos e conta com 3.498 nomes.

354

Apesar de muitos judeus já estarem em regime de trabalhos forçados desde a entrada dos alemães em Belgrado, a partir de 17 de maio de 1941, esses trabalhos se tornaram compulsórios para homens judeus entre 14 a 60 anos e mulheres judias entre 16 a 40 anos. Eles trabalhavam de segunda a sábado das 7:30 às 17:00 e aos domingos das 8:00 às 12:00. Entre suas atividades, deveriam entrar em prédios bombardeados e remover cadáveres (já em decomposição desde o início de abril), sem o auxílio de equipamentos de proteção como

³⁵¹ Ibidem, p. 288.

³⁵² JHM – Jewish Historical Museum. op.cit. v.2, p. 527-531.

³⁵³ RISTOVIC, Milan op. cit.p.214-215.

³⁵⁴ VESELINOVIC, J. op. cit. pp 372-406.

capacetes ou luvas. As mulheres eram destinadas à limpeza de escritórios, sanitários e apartamentos de oficiais alemães.³⁵⁵

Trabalhadores forçados (incluindo judeus). Belgrado. Mai. 1941. Fotografia Desconhecida. Fonte: *Chronicles of the Vilna Ghetto*. Disponível em: http://www.vilnaghetto.com/gallery2/v/europe/Juden_in_Belgrad_1941.jpg.html. Acesso em: 27 jan. 2017.

A situação dos judeus começou a deteriorar rapidamente a partir de 5 de junho de 1941, quando 450 vagões de trem cheios de munições, estacionados na fortaleza de Smederevo explodiram. Como resultado 2.500 pessoas morreram, entre os quais centenas de alemães e, dos 2.500 edifícios da cidade, apenas 25 não foram danificados. Os alemães aproveitaram esse incidente para culpar os judeus, apesar de não existir naquele momento nenhum indício que mostrasse que se tratou de um ato de sabotagem, muito menos que tivesse sido perpetrado por judeus³⁵⁶. No dia seguinte, 600 jovens judeus foram encaminhados à cidade para fazer o trabalho de limpeza de escombros e remoção de cadáveres. Uma parte desses tentou fugir para as florestas, mas foi capturada rapidamente,

³⁵⁵ LEBEL, Jennie, op. cit., p. 297-298.

³⁵⁶ A primeira versão da história é que a explosão se tratou de um acidente, causado pela alta temperatura, o que mais tarde se provou impossível. Algum tempo depois circulavam histórias sobre uma sabotagem comunista, na qual o agente Mustafa Golubic tinha viajado de Moscou e tinha sido visto no dia 4 de junho em Belgrado. Alguns testemunhos dizem tê-lo visto em Smederevo no dia 5 de junho. O que se sabe com certeza que, apenas dois dias depois foi preso no meio de Knez Mihailova, principal rua de Belgrado e executado no dia 11 de junho, apenas seis dias após a explosão em Smederevo. Se esta versão é verdadeira, os comunistas provavelmente não sabiam a quantidade de munição que havia na fortaleza, nem as dimensões do desastre que seria causado. O que eles sabiam é que no dia 5 era dia de mercado e muitas pessoas vinham à cidade. HAVE you heard about serbian Chernobil? *Telegraph*. Edição Online, 08 jun. 2016. Disponível em: <https://www.telegraf.rs/english/2180293-have-you-heard-about-serbian-chernobil-2-500-people-died-in-the-explosion-in-smederevo-fortress-in-1941-photo>. Acesso em: 22 abr. 2017.

enviada para o campo de concentração de Banjica, próximo a Belgrado e, posteriormente, fuzilada.

Vista de rua de Smederevo após a explosão de 5 de junho de 1941. Fotografia Desconhecido. Fonte: Wikimedia. Disponível em: <https://www.telegraf.rs/english/2180293-have-you-heard-about-serbian-chernobil-2-500-people-died-in-the-explosion-in-smederevo-fortress-in-1941-photo>. Acesso em: 05 jan. 2019.

27 de julho de 1941 marca o final dessa primeira fase, quando os homens judeus maiores de 14 anos são convocados a entregar Nissim Almoslino, um jovem farmacêutico de 17 anos, acusado de um suposto (nunca provado) atentado contra instalações alemãs. Ele não foi encontrado e, como vingança, 122 homens foram selecionados e acusados de serem membros subversivos ligados ao partido comunista, mesmo que nenhuma evidência dessas conexões fosse apresentada. Foram fuzilados na mesma noite³⁵⁷. Eles ficaram conhecidos como os “primeiros cem de Belgrado”.³⁵⁸

³⁵⁷ FREIEDREICH, Harriet Pass, op. cit., p. 191.

³⁵⁸ RISTOVIC, Milan, op.cit., p. 13.

Segunda Fase

A partir de Agosto de 1941, judeus de Belgrado e de cidades próximas como Pančevo e Vrsac começaram a ser presos. Os primeiros comboios ocorreram na noite de 14 de agosto. Desde 9 de julho já operava um primeiro campo de prisioneiros, em Banjica nos subúrbios de Belgrado. Esse campo esteve ativo até a saída alemã do país, em três de novembro de 1944. Foi adaptado a partir de uma velha prisão militar sérvia e em julho já operava no modelo dos campos de concentração alemães. Os registros do campo são imprecisos, pois muitos eram levados para lá e fuzilados no mesmo dia, antes mesmo de ser fichados³⁵⁹. Os números oficiais desse campo revelam um total de 23.697 prisioneiros, entre judeus, ciganos, comunistas e, principalmente, prisioneiros militares. Entretanto, existem evidências que em 1944, os alemães obrigaram os prisioneiros do campo a incinerar 68.000 corpos em valas comuns³⁶⁰. Há registros oficiais de que, pelo menos, 688 judeus foram presos nesse campo, dos quais 382 foram comprovadamente executados, sendo 22 deles provenientes da pequena comunidade judaica do Kosovo.³⁶¹

Campo de concentração de Banjica. Fotografia Desconhecido. 1942. Fonte: KOSOVO HOLOCAUST. Concentration Camp “Banjica”-Belgrade. Disponível em: <http://kosovoholocaust.com/page2/page2.html>. Acesso em: 22 abr. 2017.

³⁵⁹ LEBEL, Jennie, op. cit., p. 305.

³⁶⁰ BEGOVIĆ, S. *Logor Banjica 1941–1944*. Belgrade: Institut za Savremenu Istoriju. 1989. p. 36; LEBEL, Jennie, op. cit., p. 305-306.

³⁶¹ COHEN, Phillip J. *Serbia's Secret War: Propaganda and the Deceit of History*. Texas A&M University Press, 1996, p. 49.

Na primeira semana de setembro de 1941, uma nova ordem foi decretada. Todos os homens judeus maiores de 14 anos deveriam se apresentar na sede da Comunidade Judaica de Belgrado. Os alemães então cercaram o prédio e todos os que ali estavam foram enviados primeiramente para a sede da polícia de Belgrado e posteriormente ao novo campo de concentração de Topovške Supa. Segundo Lebel, esse também foi um campo de concentração alemão adaptado em antigas instalações militares sérvias. A autora compara o campo a um “reservatório humano”. Os prisioneiros eram executados em represália às mortes de alemães ocorridas em Belgrado. Para cada alemão morto, cem judeus eram fuzilados. Para cada alemão ferido, cinquenta judeus eram fuzilados.³⁶²

Até o início de Outubro de 1941, ainda era permitido aos familiares se aproximarem do campo, levando víveres e produtos de higiene (caso único entre campos de concentração alemães, segundo Lebel). Ao contrário de Banjica, há diversos relatos de prisioneiros vistos através das cercas. Entretanto, não era permitido fotografar e não é conhecido nenhum registro dos prisioneiros dentro do campo de concentração, apenas imagens dos fuzilamentos. Em 2016, o projeto ESTER.RS, criou uma versão dramatizada do que teria sido Topovške Supa, segundo o testemunho de Pavle Frelih, primo de Aleksandar, o menino do lado de fora do campo no desenho.

Visita a Topovške Supa. Autor: Silva Vujovic. s.d. Disponível em: <http://ester.rs/en/parting-with-the-father/>. Acesso em: 24 jan. 2018.

³⁶² LEBEL, Jennie, op. cit., p. 310-316.

Não é conhecido registro geral de entrada e de morte dos prisioneiros de Topovska Supa, ou seja, não existem números exatos de quantos judeus lá pereceram. Os fuzilamentos não ocorriam no próprio campo. Para evitar o pânico, aos selecionados era informado que eles iriam ser “transferidos para um campo na Áustria”, que não poderiam levar nenhum pertence para evitar tifo e que, ao chegar ao destino, receberiam uniformes limpos. A mesma informação era repassada aos familiares e aos demais homens que continuavam presos³⁶³. São conhecidos apenas dois relatórios de fuzilamento:

- Em 8 de outubro, o comando alemão instrui o tenente Liepe e seu destacamento a fuzilar “no mínimo 2.200 prisioneiros” entre os dias 9 e 11 de outubro, em uma floresta a 12 km da localidade de Kovin, subúrbio de Belgrado. Aos prisioneiros foi dito que eles iriam participar de serviços em estradas e eles ficaram a uma distância de 8 km do local do fuzilamento, para que não ouvissem os tiros e tentassem fugir. No dia 9, foram mortas 180 pessoas e no dia 11, 269 pessoas. Como o Comando Militar percebeu que não conseguiria executar tantos prisioneiros em tão pouco tempo, decidiu tornar os fuzilamentos diários;
- De 1º de novembro um relatório do Tenente Walther informa seus superiores que 600 prisioneiros tinham sido mortos entre os dias 27 e 30 de outubro.

O último comboio de judeus de Belgrado chegou ao campo em 18 de outubro. Dele faziam parte homens que haviam escapado da primeira emboscada de setembro e alguns outros homens que estavam escondidos na cidade ou em hospitais. Segundo Premierl, pelo menos 4.300 pessoas morreram em Topovške Supa, enquanto para Ristovic, foram 5.000 ou mais, a maioria judeus³⁶⁴. No final de outubro de 1941 já não havia praticamente nenhum homem judeu vivo em Belgrado. A exceção era um grupo de 300 a 400 homens judeus que foram utilizados como mão-de-obra para a adaptação do campo de Sajmiste (que será detalhado a seguir). Esses foram executados entre 8 e 12 de dezembro.³⁶⁵

³⁶³ Idem, p. 306-308.

³⁶⁴ PREMIERL, Nada. *Židovi na tlu Jugoslavije*. Zagreb: MTM, 1988; RISTOVIC, Milan, op. cit., p. 216.

³⁶⁵ LEBEL, Jennie, op. cit., p. 317 e 321.

Terceira Fase

Até meados de outubro de 1941, os alemães planejavam a construção de um campo de concentração na ilha fluvial de Zasaciva, no Rio Sava, próxima a Belgrado. Em 23 de Outubro, a ideia foi definitivamente abandonada, pois a ilha sofria inundações constantes do rio. Os alemães decidiram então usar para esse fim um campo que originalmente seria apenas para trânsito de prisioneiros, dentro dos limites do pavilhão de exposições de Belgrado, conhecido com Sajmište. Esse prédio fica a menos de 1 km do centro de Belgrado, como pode ser visto na foto abaixo. Como fica na margem oposta do Rio Sava, em território que na época pertencia ao colaborador Estado Independente da Croácia, a decisão foi tomada em comum acordo entre os nazistas e os croatas. Entre 8 e 12 de dezembro, policiais foram enviados às casas dos judeus registrados ordenando os remanescentes (a grande maioria mulheres, idosos e crianças) a se apresentar na polícia com roupas e comida para um dia (teoricamente, de viagem), trancar seus apartamentos e levar as chaves consigo.³⁶⁶

Sajmiste, *circa* 1937, quando ainda era um pavilhão de exposições. Ao fundo, o centro de Belgrado. Fotografia desconhecido. Fonte: Wikimedia. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Staro_sajmište_3.jpg?uselang=de. Acesso em: 22 abr. 2017.

O número de judeus que morreram em Sajmiste é, ainda hoje, controverso. Segundo Lebel, o número oficial é de que 6.500 pessoas passaram pelo campo. Ela considera esses

³⁶⁶ Idem, p. 322-325.

números incorretos já que a comunidade Judaica de Belgrado tinha aproximadamente 12.000 pessoas antes da guerra e dois terços eram mulheres e crianças (ou seja, em torno de 8.000 pessoas). Além disso, pelo campo passaram também 2.500 judeus da região de Banat, aproximadamente 800 mulheres e crianças judias das comunidades de Niš, Smederevo, Pozarevač e outras cidades menores, 500 judeus de Kovoska Mitra e Novi Pazar e 50 judeus fugitivos, entregues pelos italianos aos nazistas³⁶⁷. Assim, o número de pessoas que passaram pelo campo poderia chegar ao dobro dos oficiais.

O inverno de 1941-1942 foi considerado o pior do século XX (Em Belgrado, as temperaturas mínimas estiveram abaixo de -30°C em quase todo mês de janeiro de 1942)³⁶⁸. Somadas às péssimas condições de vida no campo, as condições climáticas contribuíram para que as mortes em Sajmiste começassem a ocorrer em grande quantidade. Em fins de janeiro de 1942, os números oficiais já apontavam mil prisioneiros a menos (5.500) e em abril, novamente, mil prisioneiros a menos (4.500). Por outro lado, não existem registros de execuções entre dezembro de 1941 e abril de 1942, ou seja, é praticamente seguro que esses mais de 2.000 prisioneiros morreram devido às condições do campo.

Existem poucos estudos detalhados sobre Sajmiste, apesar de sua importância na questão da “Solução Final” dos nazistas. Para Browning, ele foi um laboratório de experimentação de técnicas de extermínio em massa. Além de ser um dos primeiros campos de extermínio nazista, foi nesse campo que, paralelamente a Chelmno, foram usadas em grande escala as câmaras de gás móveis, em caminhões adaptados. Antes, eles tinham sido utilizados na Alemanha com doentes mentais e pacientes de hospitais, mas em escala de dezenas de vítimas³⁶⁹. Sajmiste precede Sobibor, Treblinka, Belzec e Auschwitz. Antes mesmo de Evian, os nazistas já tinham dado a “Solução Final” para os judeus da Iugoslávia.

³⁶⁷ Ibidem, p. 325-326.

³⁶⁸ LEJENAS H. The Severe Winter in Europe 1941-1942. The Large-scale Circulation, Cut-off Lows, and Blocking. *Journal of The American Meteorological Society*, v. 70, n. 3: p. 271-281. Disponível em: [https://journals.ametsoc.org/doi/pdf/10.1175/1520-0477\(1989\)070%3C0271:TSWIET%3E2.0.CO%3B2](https://journals.ametsoc.org/doi/pdf/10.1175/1520-0477(1989)070%3C0271:TSWIET%3E2.0.CO%3B2). Acesso em 15 abr. 2017.

³⁶⁹ Segundo Lebel, a experiência de Sajmiste era tão importante para os nazistas que, apenas 25 anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, no julgamento do comandante do campo, Herbert Andorfer, foi revelado o motivo pelo qual os caminhões saíam de Sajmiste com o escapamento virado para fora e somente após cruzarem o Rio Sava, saindo de território do Estado Independente da Croácia, invertiam o mesmo para dentro da caçamba aonde iam as vítimas. Tratava-se de um projeto altamente secreto do governo alemão e eles não podiam contar com a possibilidade de que os croatas, mesmo sendo seus aliados, parassem um caminhão e descobrissem esse segredo. BROWNING, Christopher R. *Fateful Months: Essays on the Emergence of the Final Solution*. London: Holmes & Meier, 1985; LEBEL, Jennie, op. cit., p. 326.

Dušegupka (o assassino de almas), veículo utilizado como câmara de gás móvel em Sajmiste. Fotografia desconhecida. Cerca 1942. Fonte: ČALI, Helena. Sedam Decenja od Holokausta. *Politika*. Edição Online, 20 abr. 2013 disponível em: <http://www.politika.rs/scc/clanak/215942/Drustvo/Sedam-decenija-od-holokausta>. Acesso em: 22 abr. 2017.

O caminhão para a execução por asfixiamento chegou a Belgrado no início de 1942 e, entre 19 e 22 de Março de 1942 executou 800 pacientes e médicos judeus que foram presos dentro do hospital judaico. Posteriormente, a partir de abril, o caminhão foi utilizado para matar aqueles presos de Sajmiste que se encontravam em pior estado de saúde. Esse processo se repetia diariamente, com exceção dos domingos. Os corpos eram levados para um campo próximo ao monte Avala, onde eram enterrados em valas coletivas cavadas por prisioneiros sérvios que, após enterrarem os corpos eram também fuzilados para que não houvesse a menor possibilidade de que a função dos caminhões fosse descoberta. Hoje no local funciona um memorial às vítimas.³⁷⁰

Em 24 de maio de 1942, Franz Rademacher, especialista na Questão Judaica do Ministério das Relações Exteriores da Alemanha envia um relatório a Berlim com as seguintes palavras: “... a Questão Judaica não é mais relevante na Sérvia. Resta agora, apenas regularizar a situação legal das propriedades”.³⁷¹

³⁷⁰ LEBEL, Jennie, op. cit., p. 326-327.

³⁷¹ TOMIC, Y., op. cit., p. 9.

Em 8 de junho de 1942, Emanuel Schafer, responsável pela SIPO na Sérvia, declarou em uma reunião com o Alto Comando Militar Alemão do Sudeste que “não existem mais judeus na Sérvia...”.³⁷²

As estimativas são de que apenas 50 famílias judias conseguiram sobreviver durante a guerra em Belgrado. Em torno de 1.000 judeus conseguiram deixar a cidade e outras comunidades menores e se esconder no campo ou em cidades onde não havia comunidades judaicas. Dessas, 500 foram capturadas durante a guerra e mortas no campo de concentração de Banjica. Um número similar de militares judeus foi levado nos primeiros meses da guerra a campos de prisioneiros militares na Alemanha e sobreviveram. Após a liberação de Belgrado, em 20 de outubro de 1944, em torno de 500 famílias judias retornaram à cidade.

³⁷³

Apenas nos últimos anos tem sido feito levantamentos mais detalhados sobre a trajetória dos judeus iugoslavos que conseguiram sobreviver à Segunda Guerra Mundial. Através da análise dos testemunhos da coleção “*We Survived*”, é possível disser que as principais estratégias de fuga e de sobrevivência foram:

- Imigrar ilegalmente para a Palestina (apenas até fins de 1940);
- Unir-se aos combatentes partisans;
- Alcançar os territórios dominados pelos italianos e lá permanecer como internados ou clandestinos. Desses territórios, alguns fugiram para a Suíça, Egito e Estados Unidos;
- Alcançar os territórios dominados pelos húngaros (território que serviram para refúgio até 1944, quando os nazistas começaram a deportar judeus húngaros);
- Alcançar a Albânia, que era dominada pelos italianos;
- Esconder-se no próprio território iugoslavo;
- Ter sido preso como prisioneiro político antes de abril de 1941 em prisões que ficavam em território que passou a ser dominado por húngaros após a invasão alemã de abril de 1941;
- Ter sido enviado a campos de concentração (não de extermínio) alemães como prisioneiro militar ou trabalhador escravo;

³⁷² RISTOVIC, Milan, op. cit., p. 270.

³⁷³ Idem, p. 219.

- Ter sido enviado como trabalhador escravo para as Minas de Bor;
- Ter sido enviado como trabalhador escravo para a Ucrânia;
- Possuir passaportes de países neutros, como Espanha ou Portugal.

O Pós-Guerra

Apenas com o fim da guerra, começou a ficar claro o tamanho da tragédia sofrida pelas comunidades judaicas na Iugoslávia. Em junho de 1945, os dirigentes iugoslavos Friedrich Pops e David Alkalay enviaram um apelo às comunidades judaicas do mundo, retratando a dramática situação vivida pelos judeus de seu país. Esse documento pode ser visto no Anexo D. Somente em 1947 foi feito o primeiro censo judaico, onde foram contabilizadas 11.924 pessoas. Das 117 comunidades existentes antes da Segunda Guerra Mundial, apenas 38 sobreviveram e, dentre essas, cinco concentravam 70 por cento dos membros.³⁷⁴

A partir da Declaração de Independência de Israel em 1948, a imigração para o país passou a ser um problema de estado. Como, pela Declaração, qualquer judeu deveria ter o direito de “retorno” a Israel, o influxo e todo processo de absorção se tornou crítico. Nesse sentido, o governo tomou a decisão de convidar comunidades que se encontravam em situação complexa, como a da Iugoslávia, a imigrarem em massa (num evento conhecido como *Aliyah Bet*), tornando o processo de absorção teoricamente mais simples, já que todos os novos moradores podiam passar por um único processo logístico de recebimento e acomodação. Dos quase 12.000 judeus que viviam na Iugoslávia em fins de 1948, 7.000 optaram por imigrar para Israel. A maioria do processo ocorreu em dois meses, Dezembro de 1948, quando houve 4.200 imigrações e Janeiro de 1949, quando houve 2.500 imigrações. Os demais 300 imigraram durante os anos de 1949 e 1950³⁷⁵. Foi um processo bastante traumático, já que o governo iugoslavo somente aceitou a emigração daqueles que abdicassem da sua cidadania. Além disso, nacionalizou os poucos bens imóveis desses emigrantes. Em alguns casos, principalmente no caso de profissionais de primeira necessidade em tempos de pós-guerra, como médicos e engenheiros, o governo iugoslavo proibiu ou adiou ao máximo a emigração.³⁷⁶

³⁷⁴ JHM – Jewish Historical Museum, op.cit., v. 3, p. 545-548.

³⁷⁵ HAKOHEN, Dvora. *Immigrants in Turmoil: Mass Immigration to Israel and Its Repercussions in the 1950s and After*. Syracuse, NY: Syracuse University Press, 2003. p. 59-60. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=hCw6v0TFhdMC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em 28 Abr. 2017.

³⁷⁶ A abdicação de nacionalidade por parte de sobreviventes judeus iugoslavos que imigraram para Israel tem servido atualmente de motivo “extra-oficial” para a negação de pedidos de passaportes croatas solicitados por alguns descendentes. KERENJI, E. *Jewish Citizens of Socialist Yugoslavia: Politics of Jewish Identity in a Socialist State, 1944-1974. Tese de Doutorado*. The University of Michigan, 2008, p. 174-175.

Há poucas informações sobre a imigração de judeus iugoslavos para outros países além de Israel. Entre 1950 a 1953 foram concedidas apenas 134 naturalizações brasileiras a cidadãos iugoslavos³⁷⁷. O que dificulta a pesquisa sobre o assunto é que muitos dos judeus iugoslavos que imigraram para o Brasil eram na época refugiados em outros países, considerados apátridas. Disso decorre o fato de que não é conhecida nenhuma pesquisa sobre os judeus de origem Iugoslava que imigraram para o Brasil.

A partir de 2015, foram disponibilizados, em formato digitalizado, os cartões oficiais de entrada no Brasil, tanto pelo Arquivo Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, como pelo Arquivo Público de São Paulo. Torna-se, assim, possível o levantamento de todos aqueles que se diziam nascidos nos países da antiga Iugoslávia e que imigraram para o Brasil. As fichas não destacam a religião da pessoa, ou seja, a busca por aqueles que seriam de origem judaica somente pode ser feita de maneira empírica, pelo conhecimento dos pesquisadores em relação a prováveis sobrenomes judaicos, nomes típicos de judeus iugoslavos, etc.³⁷⁸

Quanto à memória dos sobreviventes, existem três projetos principais de coleta e arquivamento de informação para a região da Iugoslávia:

- Entre 1989 e 1997, o Arquivo Fortunoff e o departamento de história oral do USHMM (United States Holocaust Memorial Museum) registraram 103 entrevistas com sobreviventes do Holocausto na Sérvia. Dessas, 78 são depoimentos audiovisuais individuais registrados para o Arquivo Fortunoff, enquanto 23 foram registrados pelo USHMM, através do trabalho de Jasa Almulic, sobrevivente e, na época, presidente da comunidade judaica de Belgrado;
- A partir de 1998, a *Shoá Foundation* entrevistou 756 sobreviventes iugoslavos, dos quais 349 eram da Sérvia³⁷⁹;

³⁷⁷ DECOL, Rene. Uma história oculta: a imigração dos países da Europa do Centro-Leste para o Brasil, In: *Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. 2000. Disponível em: <http://www.abep.Org.br/publicacoes/index.php/anais/issue/view/32/showToc>. Acesso em 20 set. 2016.

³⁷⁸ As fichas do Arquivo Histórico Nacional são mais completas em termos de quantidade, já que o Rio de Janeiro era o porto de entrada de praticamente todos os imigrantes, que depois se direcionavam a outros estados. Por outro lado, as fichas do Arquivo Público de São Paulo, possuem informações mais detalhadas sobre a moradia dos imigrantes, bem como anotações sobre cada mudança de endereço, estado civil, etc. Disponíveis em: <https://familysearch.org/search/collection/1932363> e em <https://familysearch.org/search/collection/2140223>.

³⁷⁹ BYFORD, J. Remembering Jasenovac: survivor testimonies and the cultural dimension of bearing witness. *Holocaust and Genocide Studies*, v.28, n. 1: p. 58–84. Disponível em: <http://oro.open.ac.uk/39787/>. Acesso em: 02 jan. 2019.

- A partir do ano 2000, a comunidade de Belgrado passou a catalogar e a transcrever algumas dessas entrevistas já existentes, levantar material do Yad Vashem e, somando-os a novos testemunhos, editar a coleção “*We Survived*”, que atualmente possui cinco volumes, dos quais dois estão traduzidos para o Inglês. O que distingue essa coleção dos esforços anteriores é que as entrevistas estão categorizadas por estratégia de fuga e sobrevivência, o que abre espaço para novos estudos, já que não foram encontrados estudos detalhados sobre as mesmas.

Anexo B - Tradução do relatório sobre a situação do judaísmo na Iugoslávia³⁸⁰.

A situação dos 75.000 judeus na Iugoslávia tem sido e continua a ser ameaçada pela marcha dos acontecimentos internacionais. Dilacerada por graves conflitos políticos, religiosos e nacionalistas, a Iugoslávia se transformou na ponta de lança do Eixo Roma-Berlim na Península Balcânica. A política impopular Pró-Alemanha e Pro-Itália do primeiro-ministro Milan Stoyadinovic foi continuada por seus sucessores.

O desmembramento da Tchecoslováquia e a perda da independência da Albânia tornou a situação internacional da Iugoslávia extremamente grave. Uma política persistente de cerco finalmente forçou a Iugoslávia a uma posição diplomaticamente orbitante de Roma-Berlim. Estes desenvolvimentos culminaram com a visita do (Príncipe) Regente a Berlim no início de junho, onde obteve garantia alemã das fronteiras iugoslavas. Estes acontecimentos suscitaram naturalmente ansiedade entre a população judaica, que temia repercussões internas desfavoráveis e o crescimento dos grupos nacional-socialistas. Esses temores foram intensificados pela contínua agitação nazista e pelos persistentes rumores de que o governo estava prestes a embarcar em uma política anti-judaica.

Após o desmembramento da Tchecoslováquia, a apreensão da população judaica aumentou ainda mais e culminou com um crescente número de conversões. No início de abril, 300 judeus em Zagreb que, embora representassem apenas 3% dos 9.500 judeus da cidade, eram responsáveis por um terço da renda da comunidade judaica, foram supostamente batizados. Estas conversões assumiram proporções que persuadiram o Congresso da Igreja Protestante, realizado em 5 de abril de 1939, a restringir a conversão dos judeus, impondo condições mais severas de batismo.

A incerteza da posição da Iugoslávia naquela época também foi dada como um dos motivos para muitos judeus se prepararem para a emigração. O governo tentou dissipar esses receios, assegurando aos judeus que não havia perigo de qualquer violação de seus direitos. Em uma reunião pública, em setembro de 1938, o Dr. Anton Koroshetz, então Ministro do Interior, declarou: "Compartilhamos com os judeus todos os privilégios que as leis do país nos conferem". Em 2 de novembro, o primeiro-ministro Stoyadinovic assegurou

³⁸⁰ AMERICAN JEWISH COMITEE. *American Jewish Book*, v.41 (1939-1940): p. 325-327. Disponível em: http://ajcarchives.org/AJC_DATA/Files/1939_1940_5_YRForeign.pdf. Acesso em: 22 abr. 2017.

ao Dr. Bukic Pijade, Presidente do B'nai B'rith, que todos os rumores sobre a iminente legislação anti-judaica não tinha fundamento, uma vez que tal ação era contrária à política do Governo, bem como às suas convicções pessoais.

Em 7 de maio, o regente, o príncipe Pavle, recebeu em audiência ao rabino Isaac Alkallay, que o informou sobre o estado da comunidade judaica. Enquanto o regente deixou claro que nada havia mudado em relação aos judeus da Iugoslávia, reiterou que, no que se refere aos judeus estrangeiros, a Iugoslávia não desejava um aumento de suas minorias religiosas ou lingüísticas pela imigração de judeus de outros países. No início de janeiro de 1939, foi relatado que a Iugoslávia estava planejando expulsar todos os refugiados judeus da Alemanha e da Itália, que tinham entrado no país nos últimos cinco anos. Em 6 de janeiro, no entanto, soube-se que o governo havia cancelado as ordens de deportação contra judeus que residiam no país há mais de quatro anos e tinham renovado suas licenças residenciais. Ao mesmo tempo, admitiu-se que a eliminação gradual de judeus estrangeiros da Iugoslávia acontecia há meses. De acordo com as estatísticas publicadas pela União das Comunidades Judaicas, no início de maio, havia um total de 624 famílias judias estrangeiras na Iugoslávia, com 2.182 indivíduos, além de 450 refugiados.

A posição internacional da Iugoslávia não conseguiu minimizar o sentimento pró-francês de grandes setores da sociedade ou desencorajar as persistentes manifestações a favor do restabelecimento das instituições democráticas. Em 24 de abril de 1939, os estudantes democráticos da Universidade de Belgrado, que constituem 90% do corpo estudantil, em um número especial do Mlodost, condenaram o antissemitismo e apelaram a toda a juventude para combater o racismo, considerado o "Túmulos da civilização". Coincidentemente com a visita do regente à Itália, os estudantes de Belgrado adotaram uma resolução amplamente distribuída, pedindo uma solução de problemas internos com base na democracia e na igualdade, através de um acordo fraterno entre eslavos, croatas e eslovenos dentro de seu estado comum.

Grande parte da energia da comunidade judaica foi dedicada a ajudar os refugiados. A comunidade também seguiu com profunda preocupação os acontecimentos na Palestina. Em 27 de abril de 1939, o Sétimo Congresso das Comunidades Judaicas da Iugoslávia ocorreu em Belgrado e aprovou resoluções expressando simpatia com os refugiados em todas as partes do mundo e um desejo de cooperar com a Agência Judaica na

reconstrução da Palestina. Aproximadamente na mesma época, o Ministério das Finanças aprovou um acordo de transferência com a Palestina, segundo o qual potenciais emigrantes poderiam transferir seu capital por meio do comércio entre a Iugoslávia e a Palestina.

Anexo C - Tradução da Ordem Referente aos Judeus e Ciganos.³⁸¹

Parágrafo 1: *Um judeu, no senso de todas as ordens até o momento publicadas e todas que serão doravante publicadas pelo Comando militar da Sérvia, é toda e qualquer pessoa que for descendente de, ao menos, três avós judeus. Os avós são considerados judeus se forem judeus puros racialmente ou pertencer ou ter pertencido à religião judaica. Descendentes de um ou dois avós judeus, que antes de 5 de abril de 1941 tenham pertencido à religião judaica também serão considerados judeus. Judeus por matrimônio, casados com judias, também serão considerados judeus;*

Parágrafo 2: *Os judeus devem se reportar ao Serviço de Registro da Polícia Sérvia em duas semanas da publicação desse documento naquele distrito em que habitam permante ou temporariamente, a fim de ser registrados como judeus. Apenas o chefe da família precisa se reportar;*

Parágrafo 3: *Judeus devem portar uma marca que os identifique. Eles devem portar uma faixa amarela, no antebraço esquerdo;*

Parágrafo 4: *Judeus não podem exercer serviço público. As autoridades sérvias devem imediatamente demitir os que ainda se encontram nessa situação;*

Parágrafo 5: *Judeus não podem exercer as profissões de advogado, médico, dentista, veterinário ou farmacêutico. Advogados que estejam envolvidos em processos não devem mais aparecer perante as cortes. Médicos e dentistas judeus são proibidos de praticar, exceto para tratar de outros judeus. Na entrada de seus consultórios, deve ser apresentado um aviso alertando se tratar de profissional judeu, proibido de tratar de arianos. Veterinários e Farmacêuticos judeus são proibidos de exercer sua profissão;*

Parágrafo 6: *A fim de reparar danos de guerra, trabalhos forçados são mandatários para judeus de ambos os sexos, entre os 14 e 60 anos. O número de judeus que participará desses trabalhos será definido pelos comandantes de distrito ou por aqueles indivíduos determinados pelo Chefe do Comando Militar da Sérvia;*

Parágrafo 7: *Judeus são proibidos de frequentar teatros, cinemas, locais de entretenimento de todos os tipos, banhos públicos, eventos esportivos e feiras públicas. Frequentar*

³⁸¹ Ordem de 30 de maio de 1941, Apud LEBEL, Jennie., op. cit., p. 292-295. Apesar da ordem atingir judeus e ciganos, visto que o livro trata apenas dos judeus de Belgrado, a autora não detalhou os parágrafos da ordem que tratavam de questões específicas da comunidade cigana, ou seja, os parágrafos 18 a 21.

restaurantes também é proibido para os judeus, exceto em certos locais que obtenham autorizações especiais para entrada de judeus do Comando Militar da Sérvia. Esses locais devem ter claramente especificado essas autorizações;

Parágrafo 8: *Judeus não podem ser proprietários de instituições educacionais ou de entretenimento ou serem funcionários das mesmas;*

Parágrafo 9: *Judeus que tenham fugido do território ocupado da Sérvia são proibidos de retornar ao mesmo. Nenhum judeu pode abandonar seu presente domicílio ou residência sem permissão do Comando do Distrito. Todo judeu deve permanecer em seu domicílio entre as 20:00 hrs e as 6:00 hrs do dia seguinte;*

Parágrafo 10: *Todos receptores de rádio pertencentes ou em posse de judeus devem ser imediatamente reportados ao Comando de Área através da municipalidade onde eles residam;*

Parágrafo 11: *Judeus e seus consortes devem reportar as suas propriedades e seus endereços no Comando do Distrito onde eles residam em 10 dias da publicação dessa ordem. Qualquer doação ou venda de propriedade está proibida. Transações concluídas com base nesses termos serão canceladas, com a exceção de valores necessários para a compra de alimentos necessários a preservação da vida;*

Parágrafo 12: *Negócios pertencentes a judeus ou aqueles que ainda o eram após 5 de abril de 1941, devem ser reportados aos Comandos de Área competentes até 15 de junho de 1941. Essas áreas são onde as pessoas físicas possuem residência ou as pessoas jurídicas possuem sua sede. Essa ordem é válida inclusive para negócios de judeus que tenham sua sede fora dos territórios ocupados, para a parte dos negócios efetuado dentro dos territórios ocupados. O relatório deve conter:*

- a) Os nomes e local de residência dos proprietários ou locatários das empresas especificadas para aquelas pertencentes a judeus ou que o foram após 5 de abril de 1941;*
- b) Para empresas que não sejam mais de propriedade de judeus, devem ser especificadas as circunstâncias para o fato;*
- c) O tipo de empresa especificada pelo tipo de bens que comercializa, manufatura ou gerência, indicando seu produto principal;*
- d) Filiais, fábricas e locais auxiliares;*
- e) Faturamento, de acordo com o último imposto de renda;*

f) Valores dos bens armazenados, quantidades de materias primas existentes, ativos fixos, disponíveis e caixa;

Parágrafo 13: *um negócio comercial, no senso desta ordem, é qualquer corporação que participe em processos de manufatura de bens, gerenciamento de bens, processamento de bens e comércio de bens, independentemente da forma legal como essa corporação está registrada. Isso inclui bancos, companhias de seguro, cartórios, casas de cambio e sociedades imobiliárias. Uma corporação judaica é toda aquela na qual os proprietários ou locatários sejam:*

a) Judeus ou;

b) Sociedades onde um dos sócios é judeu;

c) Sociedade limitadas tendo mais de um terço de acionistas judeus ou mais de um terço de suas ações em mãos de judeus ou o gerente seja judeu, ou onde mais de um terço do conselho de diretores seja judeu.

O Representante Econonômico Geral na Sérvia pode declarar uma corporação como judaica se a mesma estiver majoritariamente sobre influência judaica.

Parágrafo 14: *todos os negócios judeus bem como todas as pessoas jurídicas, que não são corporações e que tenham mais de um terço de judeus entre seus membros ou no seu gerenciamento, devem reportar ao seu respectivo Comando de Distrito em 15 de Junho de 1941 os seguintes dados: número de ações pertencentes ou requeridas por judeus; participação dos mesmos; sócios inativos; empréstimos feitos para corporações; propriedades ou interesses imobiliários. O Comando do Distrito no qual esses negócios têm suas sedes ou nos quais estão localizados os imóveis é a autoridade competente para receber esses relatórios;*

Parágrafo 15: *O Representante Econonômico Geral na Sérvia pode cancelar transações legais feitas após 5 de abril de 1941 que tenham entre suas partes pessoas mencionadas nos parágrafos 11 e 14.*

Parágrafo 16: *um comissário pode ser nomeado para todos os negócios judaicos. As estipulações das Regras para Condução de Negócios (Official Gazette no 2, pág.2) se aplicam a ele. Até que não sejam nomeados comissários, nenhum gerente pode conduzir negócios nessas empresas;*

Parágrafo 17: *Os Comandantes de Área podem ordenar aos Chefes de cidades ou municipalidade, nas quais judeus vivam, que apontem um judeu que será cobrado por levar essas medidas em cabo; ...*

Parágrafo de 18 a 21 *se referiam a ciganos;*

Parágrafo 22: *Todo aquele que se opuser às estipulações dessa ordem será punido com prisão, multa ou ambos. Em casos mais extremos, a punição será trabalhos forçados ou a pena de morte.*

Anexo D - Relatório sobre a Situação dos Judeus Iugoslávicos após a Segunda Guerra Mundial ³⁸²

³⁸²AMERICAN JEWISH JOINT DISTRIBUTION COMMITTEE. *Report on the position of Yugoslav Jews*. Disponível em: http://search.archives.jdc.org/multimedia/Documents/NY_AR_45-54/NY_AR45-54_Count/NY_AR45-54_00105/NY_AR45-54_00105_00448.pdf#search='alkalay david'. Acesso em: 06 jan. 2019.

6/25/45 6/28/45
 Report on the position of Yugoslav Jews.

Till the occupation of Yugoslavia by the Nazi criminals the Yugoslav Jews represented a thriving community in every respect. The number of Jews moved between 70 and 75 thousand people. Even in the first days of occupation, the enemy, in agreement with the home collaborators, issued repressive measures against the Jews. In the middle of August 1941 the first group of Jews, intellectuals, was put to death by shooting, as reprisal for one German lorry which was put on fire by the Serb patriots. A little later a concentration camp - Tepevske shupe - was created, into which were sent male Jews. At the same time all the Jews from the northern part of Yugoslavia /Banat/ were transferred to Belgrade, about 3000 men, women and children. Whenever a reprisal was to be made on the innocent inhabitants of Belgrade, besides the numberless persons of non Jewish origin, a large number of Jews were killed - as hostages. In the beginning of December 1941 a concentration camp near Belgrade - called Sajmiste - was established with the purpose of slaughter into which the enemy imprisoned a thousand men and women, while the male Jews were retained in the camps of Tepevske shupe and in Banjica. About 400 sick persons together with the hospital-attendants were in the Jewish hospital in Belgrade. All these Jews, according to the data collected by the authorities, who were imprisoned in the above mentioned camps, were annihilated in the most savage manner, either by shooting or by obtuse iron tools, or by suffocation in special lorries. It ought to be mentioned that the Germans have shot also eight Jews, Yugoslav officers, who were released as sick and having been in hospital service in the war prisoners camp in Osnabruck. -It should not to be stressed that the reactionary and prefascistic collaborators in the country did not even try to protect the innocent women and children.

In the March 1943 a group of 8000 Jews from Macedonia were put in prison in the camp of Skoplje. Until now it is not known where they were murdered but there is no doubt that nobody of these was saved. The tragedy of the Banat, Macedonian and Serbian Jews is complete.

In the Croatian concentration camps of Jasenovac, Gradiška and Lepoglava were interned, besides the numberless non-Jews, political culprits, also Jews from Croatia, Bosnia, Hercegovina and Slavonia. It is probable that a certain number of interned Jews, especially women and children, were murdered in the famous camps in Poland. Meanwhile, the remainder, which did not die from typhoid fever and other sicknesses, were destroyed in the above mentioned camps.

The Jews, from the territories occupied by the Hungarians, were taken, the major part of them, in 1943 for the forced labour in Poland, Austria and Hungary, and the biggest part of them were saved, probably because the German murderers have, by the end of 1943, liquidated the Jews in the occupied Europe and have stepped their mass destruction.

RESEARCH DEPARTMENT
 ENTERED 7/10/45
 ABSTRACTED 8-6-45
 DIGESTED 7/12/45
 JMK

The result is following: 8/10 of Yugoslav Jews have been killed or destroyed and in the best possible case about 2/10 of them have been saved. The Jews who saved their lives, are returning from the concentration camps from Poland, Austria and Hungary and from war prisoners camps from Albania and Italia. They arrive every day, alone or in small groups. These who return are without any means very often naked and barefoot. They find nothing in their ancient lodgings, because the enemy robbed or taken everything they had. Soon after Belgrade was liberated, the Jewish community was established in Belgrade as a central institution for the social welfare of Belgrade and all other Jews in the country. The Belgrade Jewish Community give initiative for the establishment also of other communities. The social aims of the communities are very great, because the needs of the Jews in lodging, feed, material help and medical supplies are enormous, while about the help in clothing, shoes and linen are not to be talked of.

On the application of Jewish community of Belgrade to the Yugoslav Ministry for social welfare the same has allotted a sum of half a million new Dinars for the social welfare of Jews stricken by the war, and in practice their care for the war stricken Jewish population. We cannot put any further claims for help to our Government, because our country has suffered very greatly during war and is full of burnt houses and villages besides the millions of victims caused by the fascist invaders.

On account of that the Yugoslav Jews need urgently abundant help in money and in goods/clothing, shoes and linen/ from the foreign Jewish social welfare organisations, who are helping considerably the other war stricken Jews in Europe. This help will be used first of all for social purposes on a large scale and latter on for rising and rehabilitation of Jewish religious and cultural life. The Jewish community will not be able for long time to collect any means from the few and impoverished members. We regret very much that we are forced to point out that the Yugoslav Jews have been in this respect a little forgotten by the foreign social welfare organisations. On the other side the Yugoslav Jews have from the moment of the Hitler's access to power, when the Nazis began to drive the Jews from Germany, very greatly contributed to diminish the sufferings of many thousands of Jewish refugees. The Jews of Yugoslavia, through the Association of Jewish religious communities headed by Dr Frederic Pops and the Jewish Community of Belgrade headed by Dr David A. Alkalay hereby warmly appeal to all their brothers abroad to turn their look on the terrible and complete tragedy of Jews of this country. They request that it should be taken in consideration that the enemy destroyed a large part of intellectuals of Jewish origin, that many of rabbies, priests and religious teachers have been killed, many of temples have been burnt and ruined, that many institutions for cultural and social work have been whiped out, that the care for social welfare of children and elder people is minimal, due to the lack of means. It is necessary to help urgently, effectively and sufficiently.

This report would not be complete if we did not stress that the position of Jews in the Democratic Federal Yugoslavia is absolutely equal to the position of many other non Jewish citizen of this country.

Following the liberation of our country by the Yugoslav army, all anti-jewish laws, which were brought before and during the occupation were abolished.

As we have mentioned above, in new Yugoslavia the Jews and all other citizens have full freedom for organization in the religious communities, with all other cultural and social institutions, with full liberty for expressing religion and religious teachings. The Yugoslav authorities, which are investigating in every detail the crimes and atrocities of invaders and their helpers, pay a special attention to the Jewish victims. They pay also special attention to the problem of property of the absent and missing Jews and of returning these properties to their owners or to their near relatives.

We beg that due and full attention should be given by the Jewish circles abroad to this report.

For the Association of Jewish religious
Communities of Yugoslavia

and

the Jewish religious Community
of Belgrade

President of the Jewish
Community of Belgrade

Dr Frederic Pops

F. Pops

Dr David A. Alkalay

David A. Alkalay

Anexo E - Registro de Ruben Romano junto ao Comando Militar da Sérvia
(Anmeldung).³⁸³

³⁸³ Disponível em: <https://www.holokaust.arhiv-beograda.org/sajmiste/?prezime=romano&ime=ruben&lang=en>. Acesso em 26 jul. 2018.

ANMELDUNG — ПРИЈАВА

1350

über die Vermögensverhältnisse
о имовини

Бубека Вољана, Суб. ср.

aus Belgrad, wohnhaft in der Strasse
из Београда, са станом у улици

Принајској

№ 8
Бр.

gemäss der Verordnung des Militärbefehlshabers in Serbien vom 30. Mai 1941.
а према Наредби Војног Заповедника у Србији од 30 маја 1941 год.

I. IMMOBILIEN — НЕПОКРЕТНОСТ

genau anführen, wo sich das Vermögen befindet mit Grundbuch-Angaben:
означити тачно, где се имање налази са земљишно-књижним подацима:

у Београду у Принајској
улици бр. 8; припада зграда
од 1 стана од 2 собе, припад.
са и куће.

Матрица бр. 6215 издања 3-III-1926
бр. повер. за осн. зем. књига Р 668
II 3240

Површ. земље 310,32 м²

4/1

ИАБ-6-к 273-350

II. MOBILIEN — ПОКРЕТНОСТ

a) Bargeld:
ГОТОВ НОВАЦ:

214 - 4500.-

наподе се код мене.

b) Kleinodien:
адиђари:

мене

c) Wertpapiere:
хартіје од вредности:

мене

d) Forderungen (nach Wechseln, Obligationen, Büchern u s. w.)
потраживања (менична, облигациона, књижна и т. д.)

мене

e) Hauseinrichtung:
покућанство:

Становна соба (2 креветца, 2 ормана, 2 крсна ситна)
Студентска соба (1 кревет, 1 сто са 6 столица, 1 тубиница)
Дневна соба (2 ормана, 1 крсна ситна, 1 мали орман)
Кухња (мисао, кревет, ситна)
Све се ово налази у притекској кул 8.

f) Übriges Vermögen materiellen Wertes:
остала имовина од материјалне вредности:

По једно одело за сваког члана
погоднице; најпотребније фулбе и
поштељина

Све се налази у притекској
кул 8.

9. Juni 1941
јуни 1941
in Belgrad
у Београду

Eigenhändige Unterschrift
Својеручни потпис подносиоца
des Anmelders
пријаве

Руден Романов

ИАБ-6-К.273-350

ПРАВОБРАНИШТВО
ОПШТИНЕ ГРАДА БЕОГРАДА

Бр. 4114/356

9-11

194/II

БЕОГРАД